

Ciências Sociais



SHULAMITH FIRESTONE escreve aos 25 anos o livro mais radical até hoje surgido do movimento revolucionário feminista.

O método é o mesmo que seguiram Marx e Freud: análise e observação detalhadas da experiência comum. Diferenciação social dos sexos; família, amor romântico, sex-appeal feminino, instinto maternal, todos esses considerados os pilares de nossa civilização, são questionados pela autora com argumentos surpreendentes.



SHULAMITH FIRESTONE

A DIALÉTICA DO SEXO

Tradução de
Maurício de Almeida





Quando refletimos sobre a Natureza em geral, ou sobre a história da humanidade, ou sobre nossa própria atividade intelectual, vemos em primeiro lugar a imagem de um incessante emaranhado de relações e reações, de permutações e combinações, nas quais nada permanece o-quê, onde e como era, mas nas quais tudo se move, toma forma e passa. Vemos portanto em primeiro plano a imagem de um todo, com suas partes ainda mais ou menos mantidas ao fundo; observamos os movimentos, as transições, as conexões, em vez das coisas que se movem e combinam e estão ligadas. Esta concepção do mundo primitivo, naïf, porém intrinsecamente correta, é a mesma da filosofia grega antiga, e foi formulada pela primeira vez com clareza por Heráclito: tudo é e não é, porque tudo é fluido, está constantemente mudando, constantemente tomando forma e passando.

Friedrich Engels

ÍNDICE

I. A DIALÉTICA DO SEXO	11
II. FEMINISMO AMERICANO	25
III. FREUDISMO: UM FEMINISMO DESVIRTUADO	55
IV. ABAIXO A INFÂNCIA	87
V. RACISMO: O SEXISMO DA FAMÍLIA DO HOMEM	125
VI. O AMOR	147
VII. A CULTURA DO ROMANCE	169
VIII. CULTURA (MASCULINA)	181
IX. DIALÉTICA SEXUAL DA HISTÓRIA DA CULTURA	197
X. O FEMINISMO NA ERA DA ECOLOGIA	221
CONCLUSÃO: A REVOLUÇÃO DEFINITIVA	233

I. A DIALÉTICA DO SEXO

As classes sexuais são tão enraizadas, que se tornam invisíveis. A existência dessas classes pode parecer uma desigualdade superficial, facilmente solucionável com algumas reformas, ou talvez com a integração plena das mulheres na força de trabalho. Mas a reação do homem, da mulher e da criança comum — “*O quê? Ora, não se pode mudar isto! Você deve estar louco!*” — está mais próxima da verdade. Falamos de algumas coisas tão profundas quanto esta. Essa reação instintiva é honesta, pois mesmo quando o ignoram, as feministas falam de uma mudança na condição biológica básica. O fato de que uma mudança tão profunda não possa se ajustar em categorias tradicionais de pensamento, p.e., o “político”, ocorre não porque essas categorias não se usem, mas porque não são suficientemente amplas: um feminismo radical as perpassa. Se houvesse um outro termo mais abrangente, do que *revolução*, nós o usaríamos.

Até que fosse atingido um certo nível de evolução e que a tecnologia chegasse à sofisticação atual, questionar condições biológicas básicas era loucura. Por que deveria uma mulher trocar seu precioso lugar no curral, por uma luta sangrenta e sem esperança? Entretanto, pela primeira vez em alguns países, as pré-condições para a revolução feminista existem — na verdade, a situação começa a *exigir* essa revolução.

As primeiras mulheres estão conseguindo escapar ao massacre, e, inseguras e vacilantes, começam a descobrir-se umas às outras. Seu primeiro passo é uma observação cuidadosa, em conjunto, para ressensibilizar uma consciência partida. Isto é penoso. Não importa quantos níveis de consciência sejam atingidos, o problema sempre se aprofunda. Ele se acha em todo lugar. A divisão Yin e Yang penetra toda a cultura, a história, a economia, e a própria natureza; as versões ocidentais modernas da discriminação sexual integram apenas o substrato mais superficial e recente. Intensificar assim nossa sensibilidade em relação ao sexismo traz problemas muito piores do que os que a nova consciência do racismo trouxe para os militares negros. As feministas têm que questionar não só toda a cultura *ocidental*, como a própria organização da cultura, e, mais, até a própria organização da natureza. Muitas mulheres desistem, desesperadas. Se é *necessário* ir tão longe, elas preferem desconhecer o assunto. Outras continuam fortalecendo e expandindo o movimento, sua dolorosa sensibilidade em relação à opressão da mulher existe com um único propósito: eliminá-la finalmente.

Contudo, antes que possamos agir para mudar a situação, precisamos saber como ela surgiu e evoluiu, e através de que instituições ela opera hoje. Citando Engels: “[Devemos] examinar a sucessão dos fatos, a partir dos quais o antagonismo brotou, de modo a descobrir, nas condições assim criadas, os meios de pôr fim ao conflito.” Para a revolução feminista, precisamos de uma análise da dinâmica da guerra dos sexos tão completa quanto para a revolução econômica foi a análise de Marx e Engels sobre o antagonismo das classes. Mais completa ainda. Porque lidamos com um problema mais amplo, com uma opressão que remonta além da história escrita, até o próprio reino animal.

Ao criar esta análise, podemos recorrer ao *método* analítico de Marx e Engels, mas não a suas opiniões sobre as mulheres — eles não sabiam quase nada sobre a condição das mulheres enquanto classe oprimida, reconhecendo-a somente quando isso coincidia com a economia.

Marx e Engels superaram seus precursores socialistas, porque desenvolveram um método de análise ao mesmo tempo *dialética* e *materialista*. Os primeiros a compreender a História dialeticamente, viram o mundo como um processo, como um fluxo natural de ação e reação, de elementos opostos, porém inseparáveis e interpenetrantes. Por terem sido capazes de perceber a História mais como um filme do que como fotos instantâneas, tentaram evitar cair na visão “metafísica” estagnada, que aprisionou tantas outras grandes mentes. Até mesmo este tipo de análise pode ser um produto da divisão sexual, como discutiremos no Capítulo 9. Combinaram esta visão da interação dinâmica das forças históricas com uma visão materialista, i.e., tentaram pela primeira vez dar uma base real à mudança histórica e cultural, traçar o desenvolvimento das classes econômicas, a partir de causas orgânicas. Compreendendo integralmente os mecanismos da História, esperavam mostrar ao homem como dominá-la.

Os pensadores socialistas anteriores a Marx e Engels, como Fourier, Owen e Bebel, não foram capazes de fazer mais do que interpretar moralmente as desigualdades sociais existentes, postulando um mundo ideal, onde os privilégios de classe e a exploração não deveriam existir, simplesmente graças à boa vontade, do mesmo modo como as primeiras pensadoras feministas postularam um mundo onde o privilégio do homem e a exploração não deveriam existir, simplesmente graças à boa vontade. Em ambos os casos — por não terem os pensadores primitivos compreendido realmente como a injustiça social tinha evoluído, mantido a si mesma, ou poderia ser eliminada — suas idéias caíram num vazio cultural, utópico. Marx e Engels, por outro lado, tentaram um enfoque científico da História. Trouxeram o conflito das classes às suas origens econômicas reais, projetando uma solução econômica, baseada em pré-condições econômicas já existentes: a tomada dos meios de produção pelo proletariado levaria a um comunismo, onde o governo se retrairia, não precisando mais reprimir a classe baixa em benefício da classe mais alta. Na sociedade sem classe, os interesses

de todos os indivíduos seriam sinônimos dos da sociedade.

Mas a doutrina do materialismo histórico, por mais que tenha representado um avanço significativo em relação à análise histórica anterior, não foi a resposta completa, como os fatos posteriores o confirmaram. Porque, apesar de Marx e Engels fundamentarem sua teoria na realidade, era ela apenas uma realidade *parcial*. Esta é a definição estritamente econômica do materialismo histórico, tirada de *Socialismo: Utópico ou Científico*, de Engels:

“O materialismo histórico é aquela visão do curso da História que busca a causa *última* e a grande energia móvel de todos os fatos históricos no desenvolvimento *econômico* da sociedade, nas mudanças dos modos de produção e troca, na conseqüente divisão da sociedade em classes distintas, e nas lutas entre essas classes.” (Grifos da autora)

Mais adiante, ele afirma:

“...que toda a história do passado, com exceção dos estágios primitivos, foi a história de lutas de classes; que essas classes conflitantes da sociedade são sempre os resultados dos modos de produção e troca — numa palavra, das condições econômicas de sua época; que a estrutura *econômica* da sociedade sempre fornece a base real, exclusivamente a partir da qual podemos formular tanto a explicação *última* de toda a superestrutura das instituições políticas e jurídicas, quanto a das idéias religiosas, filosóficas e demais idéias de um período histórico dado.” (Grifos da autora).

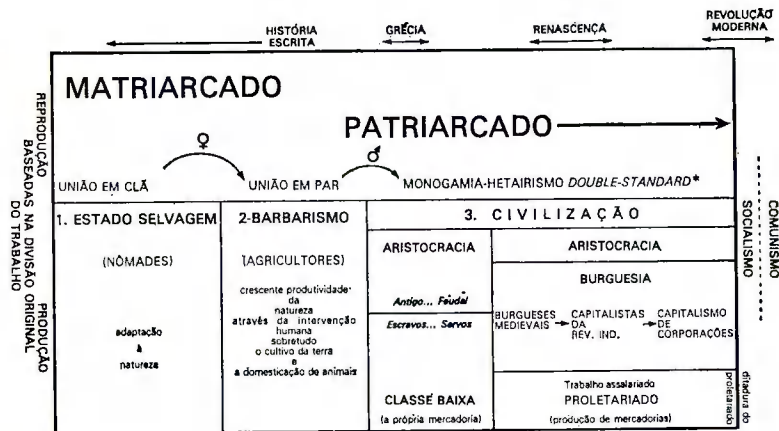
Seria um erro tentar explicar a opressão das mulheres, a partir desta interpretação estritamente econômica. A análise de classes é um belo instrumento de trabalho, mas é limitada. Apesar de correta num sentido linear, ela não se aprofunda o suficiente. Há todo um substrato sexual da dialética histórica que Engels algumas vezes percebe obscuramente. Mas, por ver a sexualidade somente através de um filtro econômico, reduzindo tudo a isto, não é capaz de avaliá-la por si mesma.

Engels observou que a divisão original do trabalho entre o homem e a mulher estabeleceu-se para fins de reprodução; que dentro da família o homem era o proprietário, a mulher os meios de produção, o filho o trabalhador, e que a reprodução da espécie humana era um sistema econômico importante, distinto dos meios de produção.*¹

Mas Engels deu crédito demais a esses reconhecimentos dispersos da opressão das mulheres como uma classe. Na verdade, só admitiu o sistema sexual de classes quanto ele se sobrepunha ou iluminava sua estrutura econômica. Engels não foi bem sucedido nesse aspecto. Contudo, Marx foi pior. Há um reconhecimento crescente

* Ver N.T. à página 260. (N.T.)

1. A correlação que ele estabelece na *Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* entre o interdesenvolvimento desses dois sistemas numa escala de tempo deve ser interpretada como se segue:



dos preconceitos de Marx com relação às mulheres (um preconceito cultural partilhado por Freud, bem como por todos os homens de cultura), perigoso, se tentarmos forçar o feminismo a entrar numa estrutura marxista ortodoxa — congelando em dogmas o que eram apenas *insights* incidentais de Marx e Engels sobre as classes sexuais. Em vez disso, precisamos ampliar o materialismo histórico para *incluir* o que é estritamente marxista, do mesmo modo como a física da relatividade não invalidou a física newtoniana, apenas traçou um círculo a sua volta, limitando sua aplicação — por comparação apenas — a uma esfera menor. Pois um diagnóstico econômico que remonta à propriedade dos meios de produção, e até dos meios de reprodução, não explica tudo. Existe um nível da realidade que não deriva diretamente da economia.

A suposição de que, antes de ser econômica, a realidade é psicosexual, é geralmente acusada de aistórica pelos que aceitam uma visão materialista dialética da História, porque ela parece nos situar antes do ponto em que Marx começou: tateando através de um nevoeiro de hipóteses utópicas, de sistemas filosóficos que podem ser certos ou errados (não há como dizer), sistemas que explicam desenvolvimentos históricos concretos por categorias *a priori* de pensamento. O materialismo histórico, ao contrário, tentou explicar o “conhecer” pelo “ser”, e não vice-versa.

Mas existe uma terceira alternativa ainda não tentada; podemos desenvolver uma visão materialista da História, baseada no próprio sexo.

As primeiras teóricas feministas foram, para uma visão materialista do sexo, o que Fourier, Bebel e Owen foram para uma visão materialista das classes. De modo geral, a teoria feminista tem sido tão inadequada quanto as primeiras tentativas feministas de corrigir o sexismo. Era de esperar que isso ocorresse. O problema é tão vasto que, na primeira tentativa, só a superfície poderia ser examinada, descrevendo-se apenas as desigualdades mais gritantes. Simone de Beauvoir foi a única que chegou perto de uma análise definitiva — que talvez a tenha realizado. Sua penetrante obra *O Segundo Sexo* — que

apareceu recentemente, no início da década de cinquenta, para um mundo convencido de que o feminismo estava morto — pela primeira vez tentou assentar o feminismo em bases históricas. De todas as teóricas feministas, Simone de Beauvoir é a mais completa e abrangente, ao relacionar o feminismo com as melhores idéias da nossa cultura.

Pode ser que esta virtude também seja seu único defeito. Ela é quase que sofisticada demais, culta demais. Onde isto se torna uma deficiência — o que certamente é ainda discutível — é na sua interpretação rigidamente existencialista do feminismo (perguntamo-nos o quanto Sartre teve que ver com isso). E fazemos isso em vista do fato de que todos os sistemas culturais, inclusive o existencialismo, são eles próprios determinados pelo dualismo sexual. Diz ela:

“O homem nunca pensa sobre si mesmo sem pensar no Outro; ele vê o mundo sob o signo da dualidade, *que não é, em primeira instância, de caráter sexual*. Mas, sendo diferente do homem, que se constrói como Mesmo, é certamente à categoria do Outro que a mulher pertence; o Outro inclui a mulher. (Grifos da autora.)

Talvez ela tenha ido longe demais. Por que postular como explicação final o conceito básico hegeliano da alteridade, e então cuidadosamente documentar as circunstâncias biológicas e históricas que empurraram a classe das “mulheres” em tal categoria, sem levar em conta uma possibilidade muito mais simples e mais provável, ou seja, que o dualismo básico brotava do próprio sexo? Não é necessário postular categorias *a priori* do pensamento e da existência — como alteridade, transcendência, imanência — nas quais a História passa então a ser moldada. Marx e Engels descobriram que essas próprias categorias filosóficas originavam-se da História.

Antes de admitir essas categorias, tentemos primeiro desenvolver uma análise, na qual a própria biologia — a procriação — se encontra na base do dualismo. A suposição imediata do leigo, de que a divisão desigual dos sexos é “natural”, pode ser bem fundada. Nós não precisamos, de imediato, enxergar além disso. Ao contrário

das classes econômicas, as classes sexuais brotaram diretamente de uma realidade biológica: os homens e as mulheres foram criados diferentes, e não igualmente privilegiados. Contudo, como Simone de Beauvoir salientou, essa diferença propriamente dita não necessitou do mesmo desenvolvimento de um sistema de classes — a dominação de um grupo por outro — de que necessitaram as *funções* reprodutoras dessas diferenças. A família biológica é um poder de distribuição inerentemente desigual. A necessidade do poder que leva ao desenvolvimento de classes origina-se da formação psicosssexual de cada indivíduo, de acordo com este desequilíbrio básico, e não, como Freud, Norman O. Brown e outros postularam — mais uma vez se excedendo — de um conflito irredutível da Vida contra a Morte, de Eros versus Tânatos.

A *família biológica* — a unidade básica de reprodução homem/mulher/criança, em qualquer forma de organização social — se caracteriza por estes fatos, se não imutáveis, pelo menos fundamentais:

1) que as mulheres, através de toda a História, antes do advento do controle da natalidade, estavam à mercê constante de sua biologia — menstruação, menopausa, e “males femininos”, de contínuos partos dolorosos, amamentação e cuidado com as crianças, todos os quais fizeram-nas dependentes dos homens (seja irmão, pai, marido, amante, ou clã, governo, comunidade em geral) para a sobrevivência física.

2) que os filhos do homem exigem um tempo ainda maior para crescer do que os dos animais, sendo portanto indefesos e, pelo menos por um pequeno período, dependentes dos adultos para a sobrevivência física.

3) que a interdependência básica mãe/filho existiu de alguma forma em todas as sociedades, passadas ou presentes, e conseqüentemente moldou a psicologia de toda mulher madura e de toda criança.

4) que a diferença natural da reprodução entre os sexos levou diretamente à primeira divisão de trabalho baseada no sexo, que está nas origens de toda divisão posterior em classes econômicas e culturais e possivelmente se encontra ainda na raiz de todas as castas (dis-

criminação baseada no sexo e outras características biologicamente determinadas, como a raça, a idade, etc.).

Estas contingências biológicas da família humana não podem ser entendidas como sofismas antropológicos. Qualquer um que observe os animais cruzando, reproduzindo-se e cuidando de seus filhotes terá dificuldade em aceitar a linha da “relatividade cultural”. Porque, não importa quantas tribos se possam encontrar na Oceania nas quais a conexão do pai com a fertilidade seja desconhecida, não importa quantos matrilineariados, quantos casos de inversão do papel sexual, de homens assumindo afazeres domésticos, ou de dores do parto empáticas, fatos que provam somente uma coisa: a surpreendente flexibilidade na natureza humana. Mas a natureza humana é adaptável a alguma coisa, i.e., determinada, sim, por suas condições ambientais. E a família biológica que nós descrevemos existiu em todos os lugares através dos tempos. Mesmo nos matriarcados onde a fertilidade da mulher é cultuada e o papel do pai é desconhecido ou sem importância, embora talvez não o pai genético, existe ainda alguma dependência da mulher e da criança com relação ao homem. E, apesar de ser verdade que o núcleo familiar é apenas um desenvolvimento recente, o qual, como tentarei mostrar, apenas intensifica os castigos psicológicos da família biológica, apesar de ser verdade que através da História houve muitas variações nesta família biológica, as contingências que descrevi existiram em todas elas, gerando distorções psicosssexuais específicas na personalidade humana.

Mas, admitir que o desequilíbrio sexual do poder está baseado biologicamente, não significa perder nossa causa. Nós não somos mais animais há muito tempo. E o Reino da Natureza não reina absolutamente. Como a própria Simone de Beauvoir diz:

“A teoria do materialismo histórico revelou algumas verdades importantes. A humanidade não é uma espécie animal; é uma realidade histórica. A sociedade humana é uma *anti-physis* — no sentido de que ela é contra a natureza; ela não se submete passivamente à presença da natureza, mas antes

assume o controle da natureza em seu próprio benefício. Essa usurpação não é uma operação interna, subjetiva; ela é realizada objetivamente na prática.”

Assim, o “natural” não é necessariamente um valor “humano”. A humanidade começou a superar a natureza. Não podemos mais justificar a conservação do sistema discriminatório de classes sexuais, sob o pretexto de que se originou na natureza. Parece que, exclusivamente por causas pragmáticas, nós precisamos, na verdade, nos desfazer dele (ver o Capítulo 10).

O problema se torna político, exigindo mais do que uma análise histórica abrangente, pois nos damos conta de que, apesar do homem ser cada vez mais capaz de libertar-se das condições biológicas que criaram a tirania dele sobre as mulheres e crianças, ele tem poucas razões para renunciar a essa tirania. Como Engels diz, no contexto da revolução econômica:

“O que se encontra na base da divisão de classes é a lei da divisão do trabalho.” [Note-se que esta própria divisão originou-se de uma divisão biológica básica.] “Mas isto não impede a classe dominante, uma vez predominando, de consolidar o poder, à custa da classe trabalhadora, de transformar sua liderança social numa intensificada exploração das massas.”

Apesar de o sistema de classes sexuais ter-se originado em condições biológicas básicas, isto não garante que, uma vez tendo sido varridas as bases biológicas de sua opressão, as mulheres serão livres. Ao contrário, a nova tecnologia, especialmente o controle da fertilidade, pode ser usada contra elas, para reforçar o sistema de exploração estabelecido.

De modo que, assim como para assegurar a eliminação das classes econômicas, é preciso a revolta da classe baixa (o proletariado) e, numa ditadura temporária, a tomada dos meios de produção, assim também, para assegurar a eliminação das classes sexuais, é preciso a revolta da classe baixa (as mulheres) e a tomada do controle da reprodução: a restituição às mulheres da propriedade

de seus próprios corpos, bem como do controle feminino da fertilidade humana, incluindo tanto a nova tecnologia quanto todas as instituições sociais da nutrição e da educação das crianças. E, assim como a meta final da revolução socialista não era apenas a eliminação do *privilegio* da classe econômica, mas também da própria *distinção* da classe econômica, assim também a meta final da revolução feminista deve ser, ao contrário da meta do primeiro movimento feminista, não apenas a eliminação do *privilegio* do homem, mas também da própria *distinção* sexual: as diferenças genitais não mais significariam culturalmente. (Uma volta a uma *pansexualidade* livre — a “perversão polimorfa” de Freud — provavelmente substituiria a hetero, a homo e a bissexualidade.) A reprodução da espécie por um sexo em benefício dos dois seria substituída pela reprodução artificial (ou pelo menos por uma opção entre as espécies): a forma do nascimento das crianças seria idêntica para o homem e a mulher, ou então, encarando-se de um outro ponto de vista, ambos se sentiriam independentes em relação ao nascimento; a dependência que a criança tem da mãe (e vice-versa) daria lugar a uma dependência muito reduzida de um pequeno grupo mais genérico, e qualquer vestígio de inferioridade com relação aos adultos referente às forças físicas seria compensado culturalmente. A divisão do trabalho acabaria junto com a eliminação total do trabalho (cibernética). A tirania da família biológica seria quebrada.

E, com isto, a psicologia do poder. Como Engels reivindicou para a revolução rigorosamente socialista:

“A existência não simplesmente dessa ou daquela classe dominante, mas de qualquer classe dominante, terá se tornado um anacronismo obsoleto.”

O fato de o socialismo nunca ter chegado ao ponto de realizar esse objetivo declarado não é consequência de pré-condições econômicas não realizadas ou falhas, mas também de que a própria análise marxista foi insuficiente: ela não pesquisou suficientemente fundo as raízes psicosssexuais das classes. Marx estava ciente de alguma coisa

mais profunda do que ele conhecia quando observou que a família continha dentro de si mesma em miniatura todos os antagonismos que mais tarde se desenvolvem em larga escala dentro da sociedade e do estado. Porque, a não ser que a revolução transtorne a organização social básica e a família biológica — o germe da exploração nunca será aniquilado. Precisamos de uma revolução sexual mais ampla do que revolução socialista — que a inclua — para verdadeiramente erradicar todos os sistemas de classes.

Tentamos conduzir a análise de classe um passo à frente, na direção de suas raízes na divisão biológica dos sexos. Não dispensamos os *insights* dos socialistas; ao contrário, o feminismo radical amplia suas análises, dando a elas uma base ainda mais profunda em condições objetivas, explicando com isso muitas das suas questões insolúveis. Como fundamento de nossa própria análise, devemos expandir a definição do materialismo histórico de Engels. A seguir a definição já citada anteriormente, reescrita de modo a incluir a divisão biológica dos sexos, em função da reprodução, que se encontra na ordem das classes:

“O materialismo histórico é aquela visão do curso da História que busca a causa última e a grande energia móvel de todos os fatos históricos na dialética do sexo: a divisão da sociedade em duas classes biológicas distintas, em função da procriação, e as lutas dessas classes entre si; nas mudanças dos modos de casamento, reprodução e educação das crianças; no desenvolvimento análogo de outras classes [castas] fisicamente diferenciadas; e na primeira divisão do trabalho baseada no sexo, que se desenvolveu no sistema econômico de classes.”

A seguir, a superestrutura cultural, bem como a econômica, que não se reportam apenas às classes (econômicas), mas sim a toda a problemática do sexo:

“Toda a história do passado [observe-se que agora podemos eliminar “com exceção dos estágios primitivos”] foi a história de lutas de classes. Essas classes conflitantes da socie-

dade são sempre o produto de modos de organização da unidade da família biológica, em função da reprodução da espécie, bem como dos modos de produção e troca de bens e serviços estritamente econômicos. A organização sexual reprodutora da sociedade sempre fornece a base real, exclusivamente a partir da qual podemos formular a explicação última de toda a superestrutura das instituições econômicas, jurídicas e demais idéias de um período histórico dado.”

E agora a visão de Engels dos resultados da aplicação de um enfoque materialista à História fica mais realista:

“A esfera total das condições de vida que rodeiam o homem e que até agora o regeram passa para o domínio e o controle do homem, que pela primeira vez se torna o verdadeiro e consciente Senhor da Natureza, dono de sua própria organização social.”

Nos capítulos seguintes analisaremos esta definição do materialismo histórico, examinando as instituições culturais que mantêm e reforçam a família biológica (especialmente sua manifestação atual, a família nuclear) e seu resultado, a psicologia do poder, um chauvinismo agressivo, hoje desenvolvido a ponto de nos destruir. Integraremos isto com uma análise feminista do freudismo: porque o preconceito cultural de Freud, tanto quanto o de Marx e Engels, não invalida inteiramente sua percepção. Na verdade, Freud teve *insights* de valor até maior do que os dos teóricos socialistas, pela construção de um novo materialismo dialético, baseado no sexo. Tentaremos, então, correlacionar o melhor de Engels a Marx (o enfoque materialista histórico) com o melhor de Freud (a compreensão do interior do homem e da mulher e do que os forma) para chegar a uma solução ao mesmo tempo política e pessoal, baseada contudo em condições reais. Veremos que Freud observou corretamente a dinâmica da psicologia, no seu contexto social imediato, mas, pelo fato da estrutura fundamental desse contexto social ser básica para toda a humanidade — em diferentes graus — ela aparentava ser nada menos do que uma condição existencial absoluta, que seria insensato questionar. Ela forçou Freud e muitos

de seus seguidores a postular construtos *a priori*, como o Desejo de Morte, para explicar as origens desses impulsos psicológicos universais. Isto, por sua vez, tornou as doenças da humanidade irredutíveis e incuráveis — motivo pelo qual a solução por ele proposta (a terapia psicanalítica), uma contradição em termos, foi tão pobre, comparada com o resto de seu trabalho, e um fracasso tão retumbante na prática — levando os que tinham alguma sensibilidade social e política a rejeitar não só sua solução terapêutica, como também suas descobertas mais profundas.

II. FEMINISMO AMERICANO

Na visão radical feminista, o novo feminismo não representa somente o reviver de um movimento político sério pela igualdade social. Ele é o segundo fluxo da revolução mais importante havida na História. Seu objetivo: a derrocada do mais antiquado e mais rígido dos sistemas de classe/casta já existentes, o sistema de classes baseado no sexo — um sistema consolidado ao longo de milhares de anos, que emprestou aos papéis arquetípicos de macho e fêmea uma legitimidade imerecida e uma permanência aparente. Nessa perspectiva, o pioneiro movimento feminista ocidental representou apenas a primeira investida violenta, os ridículos cinquenta anos que o sucederam representando apenas a primeira contra-ofensiva — o início de uma longa luta pela libertação das opressivas estruturas de poder estabelecidas pela natureza e reforçadas pelo homem. Sob essa luz, lancemos um olhar para o feminismo americano.

1. *O Movimento pelos Direitos Femininos na América*

Apesar de sempre ter havido mulheres rebeldes na História,¹ nunca antes tinham existido as condições que

1. Por exemplo: as feiticeiras devem ser vistas meramente como mulheres envolvidas numa revolta política independente. Durante

possibilitariam às mulheres destruir seus papéis opressivos eficazmente. A capacidade de reprodução da mulher era uma necessidade urgente para a sociedade — e, mesmo que não o fosse, não se dispunha de meios eficazes de controle da natalidade. Assim, até a Revolução Industrial a revolta feminista estava fadada a permanecer no plano pessoal.

A vindoura revolução feminista da era tecnológica foi prenunciada pelas idéias e os escritos de mulheres isoladas, membros das elites intelectuais de sua época: na Inglaterra, Mary Wollstonecraft e Mary Shelley; na América, Margaret Fuller; na França, as Bluestockings.* Mas estas mulheres estavam além de seu tempo. Elas tiveram muita dificuldade em ver suas idéias aceitas até por seus próprios círculos avançados, que dirá pelas massas de homens e mulheres de sua época, que mal tinham absorvido o primeiro choque causado pela Revolução Industrial.

Em meados do século dezenove, contudo, com a industrialização em plena atividade, um movimento feminista maduro estava em andamento. Sempre forte nos EUA — onde tinha se fundado pouco antes da Revolução Industrial, e conseqüentemente sua história ou tradição eram comparativamente pequena — o feminismo foi atizado pela luta abolicionista e pelos ideais latentes da própria Revolução Americana. (A declaração proferida na primeira convenção nacional pelos direitos das mulheres, realizada em Seneca Falls no ano de 1848, foi moldada na Declaração da Independência.)

O primitivo Movimento pelos Direitos das Mulheres Americanas² foi radical. No século dezenove, o fato de as mulheres atacarem a Família, a Igreja (ver *Woman's Bible*, de Elizabeth Cady Stanton), e o Estado (lei) represen-

dois séculos inúmeras mulheres foram queimadas em fogueiras pela Igreja — pois a religião era a política daquele período.

* Expressão coloquial para se referir às mulheres intelectuais. (N.T.)

2. American Woman's Rights Movement, daqui em diante abreviado por W. R. M.

tava para elas atacar os próprios fundamentos da sociedade vitoriana na qual elas viviam — o equivalente a atacar as próprias distinções sexuais em nossa época. Os fundamentos teóricos do primitivo W.R.M. se originaram nas idéias mais radicais da época, sobretudo as dos abolicionistas como William Lloyd Garrison, e de utopistas e livres-pensadores como Fanny Wright. Poucas pessoas sabem hoje que o feminismo primitivo foi um movimento verdadeiramente popular: não ouviram falar das torturantes jornadas empreendidas pelas pioneiras feministas por dentro dos sertões e fronteiras, ou de porta em porta nas cidades para falar sobre os problemas ou para juntar assinaturas em petições que eram recusadas como ridículas pelas Assembléias. Tampouco sabem que Elizabeth Cady Stanton e Susan B. Anthony, as militantes mais ativas do movimento, estavam entre as primeiras a dar ênfase à importância de organizar as mulheres operárias, tendo fundado a Associação de Mulheres Trabalhadoras em setembro de 1868. (Delegadas na Convenção Nacional da União das Classes Trabalhadoras já em 1868, posteriormente elas brigaram por causa da ludibriação das mulheres trabalhadoras pelo — nada mudou — movimento masculino chauvinista das classes operárias.) Outras mulheres pioneiras organizadoras das classes trabalhadoras tais como Augusta Lewis e Kate Mullaney, estavam engajadas no movimento feminista.

Esse movimento radical foi erigido por mulheres que não tinham literalmente nenhum *status* civil diante da lei; que eram declaradas civilmente inúteis depois do casamento, ou que permaneciam legalmente menores se não se casassem; que não podiam assinar testamento nem mesmo ter a custódia de seus próprios filhos depois do divórcio; que não podiam aprender sequer a ler e muito menos eram admitidas na universidade (as mais privilegiadas eram providas de um conhecimento de bordado, pintura chinesa, francês, e da arte do cravo); que não tinham voz política qualquer. Até mesmo depois da Guerra Civil mais da metade desta população do país era ainda legalmente escravizada, literalmente não possuindo sequer as anquinhas que colocavam nos seus "fundos".

As primeiras movimentações dessa classe oprimida, as primeiras exigências incondicionais de justiça encontraram uma violência desproporcionada, uma resistência difícil de entender hoje, em que foram enfraquecidas as fronteiras entre as classes sexuais. Porque, como acontece em geral, o potencial revolucionário do primeiro despertar de consciência foi mais claramente reconhecido pelos que estavam no poder, do que pelos próprios membros da cruzada. Desde o seu início, o movimento feminista trouxe uma séria ameaça à ordem estabelecida, testemunhando com a sua própria existência e a sua longa duração as desigualdades fundamentais de um sistema que tinha pretensões à democracia. Atuando inicialmente juntos, e posteriormente separados, o movimento abolicionista e o W.R.M. ameaçavam arrasar o país. Se, na Guerra Civil, as feministas não tivessem sido persuadidas a abandonar sua causa para trabalhar em assuntos "mais importantes", a história inicial da revolução feminista poderia ter sido menos melancólica.

Nessas circunstâncias, ainda que as forças de Stanton-Anthony lutassem durante mais vinte anos dentro da tradição feminista radical, a espinha dorsal do movimento tinha sido quebrada. Milhares de mulheres, no ímpeto da Guerra Civil, puderam sair de casa para fazer obras de caridade. O único assunto que poderia unir esses bem diferentes campos de mulheres organizadas era a necessidade de voto — mas, como era de prever, elas não concordaram sobre o *porquê* ele era desejável. As conservadoras formaram a Associação pelo Sufrágio das Mulheres Americanas, ou se juntaram aos clubes femininos em expansão, tais como a pia União Moderada das Mulheres Cristãs. As radicais se separaram através da Associação Nacional pelo Sufrágio Feminino, interessada no voto somente como um símbolo do poder político do qual elas necessitavam para alcançar objetivos mais amplos.

Por volta de 1890, tinham sido alcançadas reformas legais adicionais, as mulheres tinham entrado na força de trabalho nas condições que elas ocupam ainda hoje e começado a receber instrução em maior número. Em lugar de um verdadeiro poder político, foi-lhes dado um lugar

derivativo e segregado dentro da esfera pública, como clu-bistas. Mas, embora de fato isto representasse um maior poder político do que antes, era apenas uma versão nova do lugar habitual do "poder" feminino: atrás do trono — uma tradicional *influência no poder* que assumiu uma forma moderna nas táticas de influenciamento e de emba-raçamento. Quando, em 1890, com suas líderes enve-lhecidas e desanimadas, o movimento radical feminista Nacional juntou-se ao movimento conservador Americano para formar a Associação Nacional pelo Sufrágio das Mulheres Americanas (NAWSA), tudo parecia perdido. Tinha vencido o feminismo conservador, com sua concentração em temas básicos, gerais e unificantes como o sufrágio, com sua tentativa de trabalhar dentro da estrutura de poder masculina branca e de aplacá-la — tentando convencer os homens que estavam mais bem informados, contudo com a sua própria retórica ornamental. Traído, o feminismo definhou.

Ainda pior do que as feministas conservadoras era o número crescente de mulheres que, com seu recém-des-coberto bocadinho de liberdade, atiravam-se entusiasticamente em todos os radicalismos do dia, nos vários movimentos de reforma social da Era Progressista, até mesmo quando estes eram estranhos aos interesses feministas. (Considere-se o velho debate sobre as leis discriminatórias de "proteção" ao trabalho para as mulheres.) Margaret Rhondda, líder feminista britânica do período pós-I Guerra Mundial, observou:

"Podemos dividir as mulheres do movimento feminino em dois grupos: as feministas e as reformistas, que não são de modo algum feministas; que não dão um centavo pela igualdade em si mesma... Hoje quase toda organização feminina reconhece que as reformistas são muito mais comuns do que as feministas, que a decisão apaixonada de cuidar de seus próximos, de ser útil a eles a seu modo, é muito mais comum do que o desejo de colocar nas mãos de cada um o poder de cuidar de si próprio."

Essas "reformistas", as mulheres "radicais" de sua época, foram, na melhor das hipóteses, influenciadas pelo

feminismo. Elas não eram nem feministas verdadeiras nem radicais verdadeiras, porque ainda não viam a causa das mulheres como um problema em si mesmo legitimamente radical. Vendo o W.R.M. como apenas tangente a uma outra política mais importante, elas, num certo sentido, viam a si mesmas como homens incompletos: os problemas femininos pareciam-lhes “especiais”, “sectários”, enquanto que os problemas relativos aos homens eram “humanos”, “universais”. Crescendo politicamente dentro de movimentos dominados pelos homens, elas passaram a se preocupar em reformar sua posição dentro desses movimentos, em vez de sair deles e criar seu próprio movimento. A Woman's Trade Union League é um bom exemplo disto: as mulheres politiquieras desse grupo falharam nas incumbências mais básicas, porque foram incapazes de romper seus vínculos com o AFL, movimento intensamente chauvinista masculino, dirigido por Samuel Gompers, que as traiu continuamente. Ou, num outro exemplo, como muitas voluntárias da VISTA, concentradas em fazer “turismo” entre os pobres “ingratos”, se atiraram na imatura instalação do movimento, muitas delas dando suas vidas em troca de nada — apenas para se tornarem as mais severas, exacerbadas, porém dedicadas assistentes-sociais da estereotipia. Ou o Woman's Peace, criado, em vão, por Jane Addams nas vésperas da intervenção americana na Primeira Guerra Mundial, que, ironicamente, mais tarde se dividiu em grupos jingoístas que trabalhavam para a guerra, ou em pacifistas radicais tão ineficazes quanto extremistas.

Esta frenética atividade organizacional feminista da Era Progressista é geralmente confundida com o W.R.M. propriamente dito. Mas a imagem da mulher frustrada e mandona origina-se menos das feministas radicais do que das politiquieras não-feministas, membros de comitês pelas várias causas importantes do dia. Além dos movimentos recém-extintos que mencionamos — a Woman's Trade Union League, a National Federation of Settlements, e a Woman's International League for Peace and Freedom (anteriormente o Woman's Peace Party, iniciado por Jane Addams) — a estrutura inteira da Organized Lady-

hood foi fundada no período entre 1890 e 1920: a General Federation of Women's Clubs, a League of Women Voters, a American Association of Collegiate Alumnae, a National Consumer's League, o PTA, e até o DAR. Embora estas organizações estivessem associadas aos movimentos mais radicais da época, o fato de que sua política era na realidade reacionária e no fim das contas irreal e tola foi em primeiro lugar indicado só por suas visões não-feministas.

Conseqüentemente, a maioria das mulheres que se organizaram no período entre 1890-1920 — período geralmente citado como ponto alto da atividade feminista — não tinha nada a ver com o feminismo. Por um lado, o feminismo tinha-se restringido ao problema do voto — o W.R.M. foi (temporariamente) transformado num movimento pelo sufrágio — e por outro lado as energias das mulheres dispersavam-se em qualquer outra causa radical, menos a sua própria causa.

Mas o feminismo radical estava apenas adormecido. O despertar começou com a volta, proveniente da Inglaterra, de Harrie Stanton Blatch, a filha de Elizabeth Cady Stanton, país onde ela se tinha associado à Woman's Social and Political Union — as Sufragetes inglesas, dentre as quais as Pankhurts talvez sejam as mais conhecidas — contrária às Constitucionalistas (feministas conservadoras). Acreditando ser necessária uma tática combativa para alcançar os objetivos radicais advogados por sua mãe, ela recomendou que se atacasse o problema do voto com a estratégia, que tinha sido posta de lado, da facção Stanton-Anthony: pressão para obter a emenda da Constituição *federal*. Logo as militantes americanas separaram-se da conservadora NAWSA para formar a Congressional Union (posteriormente o Woman's Party), iniciando a ousada tática de guerrilha e a intransigente linha dura, pelas quais em geral se louva, impropriamente, todo o movimento sufragista.

Deu resultado. As militantes tiveram que passar por embaraços, ataques de grupo, espancamento, e até por greves de fome mas no espaço de uma década o voto foi

conseguido. A centelha de feminismo radical era exatamente aquilo de que o movimento sufragista, que se estenuava, precisava para impulsionar sua questão única. Ela proporcionou uma investida nova e sadia (a pressão para alcançar uma emenda nacional, em vez do cansativo método de organização estado-por-estado usado durante trinta anos), uma militância que dramatizou a urgência do problema feminino, e, acima de tudo, uma perspectiva mais ampla, na qual o voto era visto como apenas o primeiro entre muitos objetivos e, portanto, a ser conquistado o mais rapidamente possível. As suaves exigências das feministas conservadoras, que tinham quase declarado que se o voto fosse obtido elas não o usariam, foram bem-vindas como representando longe o menor de dois males, em comparação às exigências do Woman's Party.

Com a obtenção do voto, o *establishment* cooptou o movimento das mulheres. Como sintetizou um cavalheiro daquela época citado por William O'Neil em *Everyone Was Brave*: "No entanto o sufrágio feminino é uma coisa boa, mas só se for para acabar logo com ela." A Sra. Oliver Hazard Perry Belmont, do Woman's Party, incitou as mulheres a boicotarem as eleições: "Poupem seu novo poder. As sufragistas não lutaram durante dezessete anos pela emancipação de vocês para permitir que vocês se tornem escravas dos partidos dos homens." Charlotte Perkins Gilman apoiou isso: "O poder que as mulheres serão capazes de exercer depende de elas não se associarem ao sistema de partidarismo masculino. O sistema político partidarista é um artifício dos homens para encobrir os verdadeiros problemas. As mulheres deveriam lutar pelas medidas que elas querem alcançar, fora da política de partidos. É pelo fato de os velhos partidos políticos se darem conta de que a influência das mulheres dentro dos partidos políticos será tão insignificante, que eles estão tão ansiosos por conseguir que as mulheres se associem a eles."

Mas nada disso teve alguma utilidade. Até a formação de um novo Woman's Party em 18 de fevereiro de 1921, como uma alternativa para os principais partidos

que estavam rapidamente absorvendo a nova força política das mulheres, não pôde ressuscitar o movimento agonizante.⁸

A obtenção do voto pelo movimento sufragista matou o W.R.M. Embora as forças antifeministas parecessem ceder, elas só o fizeram de boca. Elas nunca perderam. Na época em que o voto foi obtido, a prolongada canalização das energias feministas em função do objetivo limitado do sufrágio — visto inicialmente apenas como um passo para o poder político — tinha esgotado completamente o W.R.M. O Monstro Votação tinha engolido tudo o mais. Três gerações tinham transcorrido desde a época do princípio do W.R.M.; as ideadoras do movimento estavam todas mortas. As mulheres que mais tarde se uniram ao movimento feminista para lutar pelo simples problema do voto nunca tinham tido tempo para desenvolver uma consciência mais ampla; naquela altura elas tinham até esquecido para que servia o voto. A oposição tinha imposto a sua vontade.

* * *

De toda essa luta, o que ainda é lembrado? A luta pelo sufrágio — não muito valiosa para as mulheres, como os fatos confirmaram mais tarde — ela só, foi uma incessante guerra contra as forças mais reacionárias da América na época, que, como Eleanor Flexner mostra em *Séculos de Luta*, abrangiam os maiores interesses capitalistas do Norte, i.e., o petróleo, a manufatura, as ferrovias, e os lucros com bebidas alcoólicas; o bloco racista dos Estados do Sul (que, além de sua própria intolerância para com as mulheres, temia conceder o direito de voto a

3. O Woman's Party lutou através de uma depressão e várias guerras, fazendo campanhas para o próximo auxílio legal importante, uma emenda por direitos iguais na Constituição. Cinquenta anos depois as que ainda estão vivas continuam ainda fazendo campanhas. O estereótipo da esposa excêntrica com seu guarda-chuva, empenhada em perseguir uma causa que já tinha sido ganha, é o produto direto da ossificação do feminismo criada pelo Ridículo de Cinquenta Anos.

elas porque emanciparia mais uma *metade* da raça negra, bem como acentuaria a hipocrisia do sufrágio masculino universal), e, finalmente, a própria máquina do governo. O trabalho implicado para obter esse voto deixou as pessoas cambaleando. Carrie Chapman Catt calcula que:

“tirar a palavra “masculino” da Constituição custou às mulheres deste país 52 anos de campanha ininterrupta... Durante esse tempo, elas foram obrigadas a comandar 56 campanhas de plebiscito junto aos homens votantes, 480 campanhas junto aos votantes para conseguir legislaturas com emendas sufragistas, 47 campanhas para conseguir que as convenções constitucionais estaduais inscrevessem o sufrágio das mulheres nas constituições estaduais, 277 campanhas para conseguir que as convenções dos partidos estaduais incluíssem as plataformas pelo sufrágio feminino, 30 campanhas para conseguir que as convenções do partido presidencial adotassem as plataformas pelo sufrágio feminino nas plataformas do partido e 19 campanha sucessivas em 19 Congressos sucessivos.”

Assim, a derrota era tão freqüente, e a vitória tão rara — e além disso alcançada por margens tão reduzidas — que até ler sobre a luta pelo sufrágio é exaustivo, que dirá ter passado e lutado por ela. O lapso dos historiadores nessa área é incompreensível, quando menos perdoável.

Mas, como vimos, o sufrágio foi apenas um pequeno aspecto do que o W.R.M. representava. Centenas de anos de personalidades brilhantes e de fatos importantes foram também apagados da história americana. As mulheres oradoras que se defendiam dos grupos que as atacavam na época em que não lhes era permitido falar em público, para contestar a Família, a Igreja e o Estado, que viajaram por estradas de ferro bem pobres entre as cidades do Oeste falando para pequenos grupos de mulheres socialmente em estado de inanição, foram bem mais dramáticas do que as Scarlett O'Haras e as Harriet Beecher Stowes e todas as Damas que chegaram até o nosso conhecimento. Sojourner Truth e Harriet Tubman, escravas

libertas que voltavam continuamente, com quantias enormes nos seus ombros para libertar outras escravas em suas próprias fazendas, foram politicamente mais eficientes do que o malfadado John Brown. Mas a maioria das pessoas hoje nunca ouviu falar sequer de Myrtilla Miner, Prudence Crandall, Abigail Scott Duniway, Mary Putnam Jacobi, Ernestine Rose, das irmãs Claflin, de Crystal Eastman, Clara Lemlich, de Mrs. O.H.P. Belmont, de Doris Stevens, de Anne Martin. E essa ignorância não é nada comparada ao desconhecimento da vida de mulheres da envergadura de Margaret Fuller, Fanny Wright, das irmãs Grimké, de Susan B. Anthony, Elizabeth Cady Stanton, Harriet Stanton Blatch, Charlotte Perkins Gilman, de Alice Paul.

E no entanto conhecemos Louisa May Alcott, Clara Barton, e Florence Nightingale, assim como conhecemos, em vez de Nat Turner, o triunfo de Ralph Bunche, ou George Washington Carver e o amendoim. A omissão de personalidades vitais nas versões-modelo da história americana em favor desses modelos beatos não pode ser ignorada. Assim como seria perigoso influenciar as crianças negras ainda oprimidas a admirarem os Nat Turners de sua história, assim se passa com o W.R.M.: as lacunas suspeitas em nossos livros de história relativos ao feminismo — ou então a confusão de todo o W.R.M. com o (conservador) movimento sufragista ou com os grupos de mulheres reformistas da Era Progressista — não são meros acasos.

Isto faz parte de um reflexo que nós ainda estamos sofrendo da reação à primeira batalha feminista. Os poucos modelos sólidos fornecidos às moças que cresceram durante este silêncio de cinquenta anos foram modelos cuidadosamente escolhidos, mulheres como Eleanor Roosevelt, da tradição altruística feminina, opostas às gigantes saudavelmente egoístas da rebelião radical feminista. Esse reflexo cultural era de se esperar. Os homens daquela época compreenderam imediatamente a verdadeira natureza do movimento feminista, reconhecendo nele uma séria ameaça ao seu poder público e desavergonhado sobre a mulher. Eles podem ter sido forçados a subornar

o movimento das mulheres com reformas de superfície que as confundissem — uma correção das desigualdades mais gritantes nos livros, umas poucas mudanças na roupa, no sexo, no estilo (“você percorreu um longo caminho, moça”), todas as quais por coincidência beneficiaram aos homens. Mas o poder permaneceu em suas mãos.

2. Um Ridículo de Cinquenta Anos

De que modo o Mito da Emancipação agiu culturalmente durante um período de cinquenta anos, para anestesiar a consciência política das mulheres?

Na década de vinte o erotismo entrou em moda. Começou a gradual identificação do romance com a instituição do casamento (“Love and Marriage, Love and Marriage, go together like a horse and carriage...”),*, que serviu para repopularizar e reforçar a instituição decadente, enfraquecida pelo último ataque feminista. Mas a convalescença não durou muito: as mulheres logo foram reprivatizadas, sua nova solidariedade de classe diluída. As feministas conservadoras, que pelo menos tinham enxergado o caráter social de seus problemas, tinham-se organizado em cooperativas, enquanto que as feministas radicais eram ridicularizadas aberta e efetivamente; finalmente até as mulheres que eram membros de comitês de outros movimentos começaram a parecer ridículas. A campanha cultural tinha começado: a emancipação era um problema de responsabilidade privada; a salvação era pessoal, e não política. As mulheres se lançaram numa longa procura pela “satisfação”.

Aqui, na década de vinte, se situa o início deste obsessivo culto moderno do “estilo”, a procura do fascínio (Você também pode ser Theda Bara), uma doença cultural que ainda hoje desgasta as mulheres — inflamadas pelas revistas femininas do gênero de *Vogue*, *Gla-*

mour, *Mademoiselle*, *Cosmopolitan*. A busca de um estilo “diferente”, pessoal, através do qual se “expressar” substituiu a antiga ênfase feminina no desenvolvimento da personalidade através da responsabilidade e da experiência de vida.

Na década de trinta, após a Depressão, as mulheres se tornaram sóbrias. O melindrosismo não fora obviamente a solução: elas se sentiram ainda mais griladas e neuróticas do que antes. Mas, como o mito da emancipação avançava a todo vapor, as mulheres não ousaram reclamar. Se elas tinham obtido o que queriam e *ainda* estavam insatisfeitas, então alguma coisa deveria estar errada nelas. Suspeitavam secretamente que, afinal, podia ser que elas realmente *fossem* inferiores. Ou podia ser que esta fosse a ordem social legítima: filiaram-se ao Partido Comunista, onde mais uma vez deram uma ênfase extrema aos oprimidos, sendo incapazes de reconhecer que a grande identificação que elas sentiam pela classe operária explorada originava-se diretamente de sua própria experiência de opressão.

Na década de quarenta, havia uma outra guerra mundial em que pensar. Os grilos pessoais foram temporariamente ofuscados pelo espírito do Esforço na Guerra: o patriotismo e o farisaísmo, intensificados por uma propaganda militar ubíqua, foram glorificados em si mesmos. Além disso, os “caras” tinham ido embora. Melhor ainda, seus tronos de poder estavam vazios. As mulheres, pela primeira vez em várias décadas, tiveram empregos sólidos. Verdadeiramente necessitadas pela sociedade em suas potencialidades mais amplas, lhes foi temporariamente concedido um *status* humano, contrário ao *status* “feminino”. (De fato, as feministas se viram forçadas a acolher a guerra como a sua única chance.)

O primeiro grande período de paz e riqueza ocorreu nos últimos anos das décadas de quarenta e cinquenta. Mas, em vez do profetizado ressurgimento do feminismo, depois de tantos becos-sem-saída, havia apenas “A Mística Feminina”, que Betty Friedan documentou tão bem. Esse sofisticado aparato cultural foi veiculado com um propósito específico: as mulheres tinham sido emprega-

* Tradução literal, sem observar a rima: “Amor e Casamento, Amor e Casamento, se combinam com o cavalo e a carruagem”. (N.T.)

das durante a guerra, e agora tinham que estar preparadas para abrir mão de seus empregos. Os novos empregos só tinham existido porque elas tinham sido descobertas como uma força de trabalho excedente que se mostrou conveniente e útil, justamente numa época de crise — e no entanto, não era possível no momento despedi-las abertamente. Isto desmentiria todo o mito da emancipação, cuidadosamente cultivado. Uma idéia melhor foi fazê-las se demitirem por sua própria vontade. A Mística Feminina satisfação admiravelmente ao objetivo. As mulheres, ainda excitadas, ainda buscando (afinal, um emprego numa fábrica não é a idéia masculina do paraíso, mesmo que seja preferível ao inferno enjaulado das mulheres), seguiram ainda um outro caminho falso.

Esse foi talvez pior do que qualquer um dos outros. Ele não oferecia nem a sensualidade (frívola) da década de vinte, a promessa de um (falso) ideal da década de trinta, nem o espírito coletivo (propaganda) da década de quarenta. O que ele ofereceu às mulheres foi respeitabilidade e mobilidade ascendente — junto com o Desencantado Romance, com uma abundância de fraldas e de reuniões do PTA (a Mãe Nutriente de Margaret Mead), discussões familiares, dietas contínuas e ineficazes, dramalhões e comerciais na TV para matar o tédio, e psicoterapia, caso o sofrimento ainda persistisse. *Good Housekeeping* e *Parent's Magazine** dirigiam-se a todas as mulheres da classe média, assim como *True Confessions* se dirigia à classe operária. Os anos cinquenta constituíram a mais desoladora de todas as décadas, talvez a mais desoladora para as mulheres no período de alguns séculos. Segundo a versão 1950 do Mito, a emancipação das mulheres já tinha sido tentada e se revelado deficiente (pelas próprias mulheres, sem dúvida). A primeira tentativa de se libertar de uma sufocante Maternidade Criativa parecia ter fracassado completamente. Toda a consciência autêntica do antigo movimento feminista ti-

nha sido esquecida nessa época, e com isso a consciência de que o sofrimento atual das mulheres era fruto de um reflexo ainda virulento.

Para a juventude da década de cinquenta criou-se um aparato cultural ainda mais sofisticado: o “teenagerismo”, o último disfarce daquele romantismo perseverante, que se empenhava tanto em escorar, através de um decreto cultural, uma estrutura familiar que desmoronava (ver Cap. 7, “A Cultura do Romance”). Jovens de todas as idades sonhavam em fugir das casas enfadonhas de suas mães, através do Romance da Adolescência (“*teenage romance*”). O carro estacionado, uma tradição estabelecida desde a era das melindrosas, tornou-se uma necessidade premente, talvez o arrimo que melhor caracterizou as paixões da década de cinquenta (ver o *environment* de Edward Kienholz, intitulado “Parked Car”*). Os rituais dos encontros amorosos adolescentes comparavam-se na sua formalidade à mais fina tradição cavalheiresca do Sul, a “bela” do século vinte sendo representada pela baliza, Doce Menina-Moça animadora dos Jogos da Primavera. A meta mais alta que uma moça poderia alcançar era a “popularidade”, a antiga “graça” sob uma forma moderna.

Mas os rapazes não conseguiram suportar isso. Os saturantes romantismo e sentimentalismo designados para manter as mulheres no seu lugar provocaram efeitos laterais sobre os homens envolvidos com isso. Se devia haver um ritual de caça-à-mulher, alguns homens também teriam que ser sacrificados a ele. Barbie precisava de um Ken.* Mas namorar era uma droga (“Pai, você pode me emprestar o carro esta noite?”). Certamente deveria haver um meio mais fácil de fazer amor. Frankie Avalon e Paul Anka cantavam para as adolescentes; os rapazes ficavam de fora.

* A mesma prática, na gíria carioca, é conhecida pelo nome de “corrida de submarino”. (N.T.)

* Ver as duas N.T. na pág. 69.

* Do gênero *Casa e Jardim e Pais e Filhos* brasileiros. (N.T.)

Na década de sessenta os rapazes se separaram. Foram para a universidade e para o Sul. Viajaram em bandos pela Europa. Alguns se filiaram ao Peace Corps; outros ficaram marginais. Mas, onde quer que fossem levavam suas seguidoras. Os homens liberados precisavam de brotinhos avançados que pudessem acompanhar seu novo estilo de vida: as mulheres tentaram. Eles precisavam de sexo: as mulheres obedeceram. Mas isso era tudo o que eles queriam das mulheres. Se o brotinho cismasse em exigir em troca algum compromisso fora de moda, ela era tida como “chata”, “fodida” ou, pior ainda, como um “verdadeiro baixo-astral”. Uma gatinha deveria aprender a ser independente o suficiente para não se tornar um entrave para seu homem (em outras palavras, “agarrando-se”). As mulheres não poderiam se matricular tão rápido: cerâmica, tecelagem, artesanato, aulas de pintura, cursos de literatura e psicologia, terapia de grupo, qualquer coisa que pudesse fazer que elas deixassem de ser um peso para seus homens. Elas sentavam-se com lágrimas nos olhos defronte de seus vários cavaletes.

O que não significa insinuar que as “gatinhas” elas próprias não quisessem originariamente fugir da terra-de-ninguém. Não havia nenhum lugar para onde elas pudessem ir. Onde quer que fossem, seja em Greenwich Village c. 1960, Berkeley ou Mississipi c. 1964, Haight-Ashbury ou East Village c. 1966, eram ainda consideradas apenas “brotinhos”, imperceptíveis como pessoas. Não havia uma sociedade marginal para onde elas pudessem fugir: o sistema de classes sexuais existia em toda parte. Imunizadas culturalmente pela reação antifeminista — caso, no longo período de esquecimento, elas tivessem ouvido falar do feminismo de alguma maneira, fora somente através de sua depreciação — elas ainda tinham medo de se organizar em torno do seu próprio problema. Assim, caíram na mesma armadilha que tinha engolido as mulheres das décadas de vinte e trinta: a busca pela “solução pessoal”.

A “solução privada” da década de sessenta, ironicamente, foi em geral tanto o “bico” da política (a política

radical, conseqüentemente mais marginal e idealista do que as arenas oficiais, segregadas, do poder) quanto da arte ou da academia. A política radical deu a cada mulher a chance de fazer suas coisas. Repetindo as da década de trinta, muitas mulheres viram a política não como um meio para construir uma vida melhor, mas como um fim em si mesmo. Muitas se associaram ao movimento pela paz, como sempre um agradável passatempo feminino: inofensivo porque politicamente impotente, ele contudo proporcionou uma saída vicária para a agressão feminina.⁴ Outras se envolveram com o movimento pelos

4. Em janeiro de 1968, 5.000 mulheres inscritas na coligação chamada Jeanette Rankin Brigade — incluindo todos os nomes de mulheres importantes no movimento pela paz e até (cf. Coretta King) no movimento pelos direitos civis, bem como todo grupo importante de mulheres, particularmente os grupos pela paz, como o Women's Strike for Peace — promoveram uma marcha das mulheres pela paz em Washington. A menos que acontecesse de você ser um dos demonstradores, provavelmente você nunca ouviria falar disso. Foi uma obra-prima da irrelevância política. Até os jornais locais mal acharam que ele valesse uma cobertura: que valor noticiário poderia haver numa concentração em massa de galinhas, tão ingênua ao ponto de acreditar que a política fosse meramente uma questão de boa vontade?

E no entanto é difícil imaginar que uma demonstração similar composta de 5.000 esquimós, ou índios, ou de até 5.000 *poodles* circundando a Casa Branca seria tão facilmente ignorada. A reclamação das mulheres por serem um grupo oprimido raramente é sequer levada tanto a sério quanto qualquer grupo minoritário; na verdade as mulheres não constam sequer do mapa político: *somos politicamente invisíveis*. Em 1970, uma marcha de mulheres se torna um protesto significativo só se estiverem presentes escoltas, simpatizantes ou mártires masculinos, ainda que sejam os mais desprezíveis, mais explorados, ou os marginais *lunatic fringe**, pois, sejam legítimos ou ilegítimos, todos os homens são membros da sociedade; as mulheres não.

Se esta demonstração não deu em mais nada, ela exprimiu dramaticamente a contínua falta de poder das mulheres. As mulheres são menos reconhecidas do que eram em 1915, quando eram consideradas uma ameaça, ou pelo menos um incômodo constante. Hoje, cinquenta anos depois do voto ser alcançado,

* *Lunatic fringe* — grupo politizado de idéias anarquistas marginalizado como delinqüente. (N.T.)

direitos civis: mas, embora em geral ele não fosse politicamente mais eficaz do que a sua participação no movimento pela paz, os dias contados das mulheres brancas no movimento negro do início da década de sessenta provaram ser uma experiência mais valiosa em termos de seu próprio desenvolvimento político. Isto é fácil de detectar no movimento de liberação feminino atual. As mulheres que foram para o Sul são em geral muito mais perspicazes, flexíveis e evoluídas politicamente do que as mulheres que entraram para o movimento pela paz, e tendem a se dirigir muito mais rapidamente para o feminismo radical. Talvez porque sua preocupação com o sofrimento dos negros fosse a tentativa na qual as mulheres brancas, desde 1920, mais se aproximaram de encarar sua própria opressão: lutar pela causa dos que são mais visivelmente oprimidos é uma maneira eufemística de dizer que se é oprimido. Assim como o problema da escravidão incitou o feminismo radical do século dezenove, assim o problema do racismo estimulou o novo feminismo: a analogia entre racismo e sexismo tinha sido finalmente inferida. Assim que as pessoas admitissem e se confrontassem com seu próprio racismo, elas não poderiam negar o paralelo. E se o racismo era eliminável, por que o sexismo não o seria também?

* * *

as mulheres não representam sequer um embaraço. Pois, enquanto as mulheres forem politicamente tão impotentes, e o pior, politicamente invisíveis, quaisquer contribuições que possam trazer para "o movimento" serão de valor político insignificante. Seus serviços de datilografia, de mimeografia, de fazer folhetos, de colar envelopes, fazer café e seus serviços emocionais são inegavelmente úteis: eles liberam os homens para realizarem seus próprios objetivos organizacionais. Mas os interesses das mulheres de modo algum determinaram estes objetivos, exceto talvez naqueles poucos casos em que acontece de eles coincidirem com os interesses sectários masculinos. Até que as mesmas 5.000 mulheres estejam prontas para marchar em Washington, dessa vez para protestar contra a sua pura falta de poder — até que elas tenham se constituído por sua própria conta numa séria ameaça ao *status quo* — elas estão fadadas à contínua impotência política.

Descrevi o período de cinquenta anos situado entre o fim do antigo movimento feminista e o início do novo movimento, com o objetivo de examinar os modos específicos pelos quais o mito da emancipação operou em cada década para encobrir as frustrações das mulheres modernas. A tática de encobrir as coisas foi utilizada eficazmente para reprivatizar as mulheres das décadas de vinte e trinta. Depois disso, ela se uniu a uma paralisação da história feminista para que as mulheres se mantivessem girando histericamente num labirinto de falsas soluções: o Mito tinha-lhes negado efetivamente uma saída legítima para suas frustrações. A terapia provava ser um fracasso como saída (ver o capítulo seguinte). Voltar para casa tampouco era uma solução — como provaram as gerações das décadas de quarenta e cinquenta.

Por volta de 1970, as filhas rebeldes dessa geração desperdiçada não sabiam mais o que lhes valeria para todas as finalidades práticas, sequer que tinha existido um movimento feminista. Ficaram apenas os restos desagradáveis da revolução abortada, uma coleção espantosa de contradições nas suas funções. Por um lado, elas tinham o máximo de privilégios legais, a garantia literal de que eram consideradas cidadãs da sociedade com plenos direitos políticos — e no entanto não tinham poder. Tinham oportunidades de se educar — e no entanto não eram procuradas para os empregos. Tinham conseguido as liberdades no vestir e nos hábitos sexuais por elas exigidos — e no entanto ainda eram exploradas sexualmente. As frustrações decorrentes de sua situação sem saída foram exacerbadas pelo desenvolvimento dos *mass media* (ver Capítulo 7), onde essas contradições foram expostas abertamente, e foi enfatizada a fealdade dos papéis femininos, precisamente através dessa característica intensificada que fez dos novos *media* um órgão de propaganda tão vantajoso. As doutrinações culturais necessárias para reforçar as tradições de papéis sexuais tinham-se tornado espalhafatosas, de mau gosto, enquanto que antes tinham sido insidiosas. Bombardeadas em toda parte com imagens de si mesmas odiosas ou eróticas, as mulheres ficaram de início desnorreadas e finalmente enrai-

vecidas com essas distorções (isso seria eu?). Inicialmente, pelo fato de o feminismo ainda ser um tabu, a sua raiva e a sua frustração se contiveram numa atitude de retirada total (Boêmia Beatnik e Geração Flor/Drogas), ou foram canalizadas para outros movimentos dissidentes que não o seu, particularmente o movimento pelos direitos civis da década de sessenta, onde as mulheres mais se aproximaram de um reconhecimento de sua própria opressão. Mas, finalmente, a analogia evidente entre a própria situação e a situação dos negros, unida ao espírito geral de dissensão, acabaram levando ao estabelecimento de um movimento de libertação das mulheres propriamente dito. A raiva revelou-se finalmente como sendo a própria saída.

Mas seria errado atribuir o ressurgimento do feminismo exclusivamente ao impulso gerado por outros movimentos e idéias. Pois, embora eles possam ter agido como catalisadores, o feminismo, na verdade, tem um *momentum* cíclico todo próprio. Na interpretação histórica por nós adotada, o feminismo é visto como a reação feminina inevitável ao desenvolvimento de uma tecnologia capaz de libertar as mulheres da tirania de seus papéis sexuais-reprodutores — tanto a própria condição biológica fundamental, como o sistema de classes sexuais em que se baseia e reforça essa condição biológica.

O desenvolvimento progressivo da ciência no século vinte teria apenas acelerado a primeira reação feminista à Revolução Industrial. (Só o controle da natalidade, por exemplo, um problema para o qual as primeiras feministas não encontraram solução, atingiu a partir de 1920 seu mais alto nível de desenvolvimento na História.) Tentei descrever a dinâmica da contra-revolução que, junto com a crise temporal da guerra e da depressão, dificultou o desenvolvimento do feminismo. Por causa desse obstáculo, os novos desenvolvimentos científicos que poderiam ter ajudado enormemente a causa feminista ficaram nos laboratórios, ao passo que as práticas sociais-sexuais não só continuaram como antes, mas foram de fato intensificadas, em reação à ameaça. Os progressos científicos que ameaçavam enfraquecer ainda mais ou

ameaçavam romper totalmente a conexão entre o sexo e a reprodução quase não foram realizados culturalmente. O fato de a revolução científica não ter tido virtualmente nenhum efeito sobre o feminismo apenas ilustra a natureza política do problema: os objetivos do feminismo nunca poderão ser atingidos pela evolução, mas somente pela revolução. O poder, embora ele tenha se desdobrado, nunca será abandonado sem que haja luta.

3. *O Women's Liberation⁵ Movement*

No espaço de três anos, vimos recriada toda a estrutura política do antigo movimento das mulheres. A profunda divisão entre as feministas radicais e os dois tipos de reformistas, as feministas conservadoras e as politiquieiras, reapareceu sob uma capa moderna. Existem hoje três campos principais dentro do movimento, eles próprios subdivididos. Sintetizemos brevemente estes campos, lembrando-nos de que, nesse período de formação, tanto a política, quanto o quadro de membros de qualquer um dos grupos estão num constante estado de mudança.

1) *As Feministas Conservadoras.* Embora proliferando agora em miríades de organizações similares, esse campo é talvez ainda melhor exemplificado pela pioneira (e conseqüentemente mais radicalmente feminista do que em geral se acredita) NOW, a National Organization of Women, criada em 1965 por Betty Friedan depois da repercussão com a publicação de sua *A Mistica Feminina*. Geralmente denominado o NAACP do movimento das mulheres (e porque de fato ele também está repleto de profissionais experimentadas — que fizeram carreira, que

5. "Liberação" como oposta a "emancipação" para denotar a libertação de toda classificação sexual, em vez de meramente um igualamento dos papéis sexuais. Contudo, eu sempre achei o nome pesado, excessivamente ao gosto da retórica da Nova Esquerda, e me envergonhei em reconhecer qualquer relação com o Feminismo. Prefiro usar "Feminismo Radical".

“se deram bem” — ele é similarmente atacado pelos grupos mais jovens de libertação em virtude de seu “carreirismo”), a NOW concentrou a atenção nos sintomas mais superficiais do sexismo — as desigualdades legais, a discriminação no trabalho, etc.

Assim, na sua política, ela se parece mais com o movimento sufragista da virada do século, a National American Woman Suffrage Association, de Carrie Chapman Catt, com sua ênfase na igualdade entre as mulheres e os homens — legal, econômica, etc., dentro do sistema estabelecido — em vez de na libertação de todos os papéis sexuais, ou no questionamento radical dos valores da família. Como a NAWSA, ela tende a concentrar sua atenção em ganhos políticos isolados, mesmo que às custas dos princípios políticos. Como a NAWSA, ela atraiu um enorme quadro de associados, que controla através de procedimentos burocráticos tradicionais.

Contudo, já para o movimento jovem, é evidente que essa posição, insustentável até em termos de ganhos políticos imediatos — como foi atestado pelo fracasso do último movimento feminista conservador — é mais um vestígio do antigo feminismo (ou, se preferirem, um precursor) do que um modelo para o novo movimento. As inúmeras mulheres que se associaram a ele por falta de um lugar melhor para onde ir, logo se transferiram para o feminismo radical — e, assim fazendo, impuseram à NOW um radicalismo cada vez maior; enquanto que outrora a organização não ousava sequer apoiar oficialmente a revogação da lei do aborto, com medo de afastar aquelas que não conseguiriam ir além de uma reforma, hoje a revogação da lei do aborto é uma das suas exigências centrais.

2) *As Politiqueiras.* As politiqueiras do movimento feminino contemporâneo são aquelas mulheres cuja fidelidade primeira é para com a Esquerda (“O Movimento”), em vez de para com o Women’s Liberation Movement propriamente dito. Como as politiqueiras da Era Progressista, as politiqueiras contemporâneas vêem o feminismo como apenas uma tangente para uma política radical “verdadeira”, em vez de um centro, diretamente

radical em si mesmo. Elas ainda vêem os problemas masculinos, p. ex., o recrutamento, como universais, e os problemas femininos, p. ex., o aborto, como sectários. Dentro da categoria das politiqueiras contemporâneas, existe ainda uma estrutura menor, que pode ser mais ou menos dividida como se segue:

a) *Participação feminina na esquerda.* Hoje, toda facção importante da esquerda, e até mesmo alguns sindicatos — depois de uma resistência considerável — têm seus comitês do *women’s lib* onde discutem o chauvinismo masculino dentro da organização e incitam a um maior poder de decisão das mulheres. As politiqueiras desses *caucus* são reformistas no sentido de que seu objetivo principal é melhorar sua própria situação dentro da arena limitada da política esquerdista. As outras mulheres são, na melhor das hipóteses, o seu primeiro “eleitorado”, sendo os problemas estritamente femininos vistos como nada mais do que um instrumento “radicalizante” vantajoso para recrutar mulheres para a “Luta Maior”. Assim, sua atitude com relação às outras mulheres tende a ser protetora e evangélica, uma aproximação “organizadora”. Eis algumas Black Panthers (mulheres) numa entrevista concedida ao *The Movement*, jornal *underground*, onde, no seu estardalhaço, se expressam de um modo talvez constrangedor para a esquerda branca, mas que, não obstante, é típico (por que tirado dela?) da maior parte da retórica revolucionária branca sobre o assunto:

“É muito importante que as mulheres *que são mais esclarecidas*, que já compreendem os princípios revolucionários, vão até elas e expliquem a elas, e lutem com elas. Temos que reconhecer que as mulheres são politicamente atrasadas e que temos que lutar com elas.” (Grifos da autora)

Ou, além disso, referindo-se a um movimento independente das mulheres:

“Elas perderam de vista a *Luta Fundamental*. Talvez algumas organizações específicas de grupos de mulheres sejam possíveis, porém elas são perigosas: em termos de se volta-

rem para si próprias, em termos de se tornarem pequenas panelinhas *petit bourgeois* em que se fala o tempo todo de *cuidar das crianças*, ou que se tornem uma sessão de reclamações." (Grifos da autora)

Vemos aqui uma recusa total dos negros (e não menos das mulheres), de seus próprios princípios do Black Power quando aplicados a um outro grupo: o direito dos oprimidos de se organizarem em torno de sua opressão *como eles a vêem e a definem*. Diz-se que o movimento Black Power, que tanto instruiu as mulheres sobre as suas necessidades políticas através de paralelos óbvios, seria o último a enxergar este paralelo invertido. (Para uma análise mais profunda do porquê isso acontece, ver o Capítulo 5.) Organizações de origem popular em torno da própria opressão, o fim da liderança e dos jogos de poder, a necessidade de um preparo das massas anterior à luta sangrenta, todos os princípios mais importantes da política radical inesperadamente não se aplicam às mulheres, num *double standard** da pior espécie.

Os grupos de libertação das mulheres que ainda tentam atuar dentro do movimento esquerdista mais geral, não têm nenhuma chance, pois sua linha é ditada de cima, suas análises e táticas são planejadas pela própria classe cujo poder ilegítimo elas contestam. E assim raramente conseguiram fazer mais do que aumentar a tensão que já ameaçava seus debilitados grupos esquerdistas com a extinção. Se algum dia eles se tornarem realmente poderosos, serão dissuadidos com derivativos ou, se necessário, o grupo todo tranquilamente se desintegrará e reorganizará sem elas. Geralmente no fim são forçados a se separar e unir-se ao movimento independente das mulheres.

b) *Politiqueiras de centro*. Trabalhando separadamente, porém ainda sob a proteção masculina, esses grupos são ambivalentes e confusos. Eles vacilam. Sua imi-

tação óbvia da análise, da retórica, da tática e da estratégia da esquerda (masculina) tradicional, sejam elas ou não adequadas à realização de seus próprios objetivos distintos, é contrabalançada por uma série de sentimentalizações sobre as Irmãs Oprimidas Distantes. Sua própria política tende a ser ambígua porque suas fidelidades são estas: se elas não estão mais tão seguras de que é o capitalismo que provoca diretamente a exploração das mulheres, elas não vão tão longe ao ponto de insinuar que *os homens* poderiam ter algo que ver com isso. Os homens são Irmãos. As mulheres são Irmãs. Se é que se deve falar de inimigos de algum modo, por que não deixar isso em aberto e chamá-los de O Sistema?

c) *As politiqueiras feministas*. Esta posição delinea talvez a maior proporção dos grupos anônimos fechados do movimento de libertação das mulheres existentes ao longo do país. É a posição para a qual muitas das centristas finalmente se inclinam. Basicamente é um feminismo conservador com insinuações esquerdistas (ou, talvez, diríamos que é um esquerdismo com insinuações feministas). Embora as politiqueiras feministas admitam que as mulheres devem se organizar em torno de sua própria opressão da maneira como elas a sentem, que elas podem realizar isto de um modo melhor através de grupos independentes, e que a concentração principal de todo grupo *de mulheres* deveria ser nos problemas das mulheres, todo esforço é feito ainda visando adaptar essas atividades às análises esquerdistas existentes e às estruturas prioritárias — nas quais, naturalmente, as mulheres, nunca vêm primeiro.

Apesar da diversidade aparente dentro dessa estrutura, as três posições podem ser reduzidas a um denominador comum: o feminismo é secundário na ordem das prioridades políticas, e deve ser talhado de modo a ajustar-se a uma estrutura política já existente (criada pelos homens). O medo de que se isso não for observado o feminismo adotará uma resolução temerária, tornando-se divorciado da Revolução, revela o receio de que o feminismo não seja uma questão legítima em si

* Ver N.T. à página 260. (N.T.)

mesma, a qual *requer*á (infelizmente) uma revolução para que sejam alcançados os seus objetivos.

E este é o dilema disso: as mulheres politiqueiras são incapazes de desenvolver uma política autêntica porque elas nunca enfrentaram realmente com coragem a realidade de sua opressão *como mulheres*. Sua incapacidade de criar uma análise esquerdista feminista própria, sua necessidade de relacionar o tempo todo o seu problema a algumas "lutas fundamentais", em vez de vê-lo como central, ou mesmo revolucionário em si mesmo, deriva diretamente de seus sentimentos permanentes de inferioridade como mulheres. A incapacidade de colocar as próprias necessidades em primeiro lugar, a necessidade de aprovação masculina — nesse caso, a aprovação do *anti-establishment* masculino — para legitimá-las politicamente, torna-as incapazes de se afastarem de outros movimentos quando necessário, e assim as consigna a um mero reformismo de esquerda, à falta de originalidade, e finalmente à esterilidade política.

Contudo, o contraste com o feminismo radical, a posição mais combativa dentro do movimento de libertação das mulheres, forçou as politiqueiras, bem como as feministas conservadoras, a uma crescente defensiva, e finalmente a um radicalismo cada vez maior. Inicialmente, as mulheres cubanas e o NLF foram os modelos incontestados, idolatrada sua liberdade; hoje existe uma atitude do tipo esperar-para-ver-o-que-dá. Ano passado, as questões puramente feministas nunca eram trazidas à baila sem que fosse prestado um tributo aos negros, aos trabalhadores, ou aos estudantes. Este ano, os porta-vozes da esquerda, em vez disso, falam de um modo empolado e dando importância à abolição da família nuclear. Pois a Irmandade da Esquerda correu para ver o que eles poderiam co-optar — propondo uma declaração contra a monogamia, a cujo sinal de, homens, ao trabalho!, as feministas só poderiam rir amargamente. Mas ainda, enquanto que o SDS não ligava a mínima há alguns anos atrás para um tolo movimento feminino, hoje ele passou a atribuir às suas mulheres um papel cada vez mais

atraente, para impedi-las de abandonarem o movimento, p. ex., a Women's Militia, o "exército de cabelos longos" da facção Weathermen do SDS. Há o início do reconhecimento esquerdista oficial das mulheres como um importante grupo oprimido com seus próprios direitos; alguma compreensão superficial da necessidade de um movimento feminista independente; algum grau de consideração pelos problemas e protestos das mulheres, p. ex., o aborto ou as creches diurnas; e a crescente política de derivativos. E, assim como aconteceu nas primeiras fases do Black Power, há a mesma tentativa de pacificar, o mesmo riso liberal nervoso, a mesma insensibilidade para a sensação de ser uma mulher, dissimulada nos dentes arreganhados de um sorriso do tipo estamos-tentando-ganhar-um-beijo.

3) *Feminismo Radical*. As duas posições que descrevemos usualmente geram uma terceira, a posição feminista radical. As mulheres de suas fileiras classificam-se desde em feministas moderadas desiludidas com a NOW, até em esquerdistas desiludidas com o *women's lib*, e incluem outras que ficaram esperando por esta alternativa, mulheres para as quais nem o feminismo burocrático conservador, nem o dogma esquerdista importado despertaram muito interesse.

A posição *feminista radical* contemporânea é a descendente direta da linha feminista radical do antigo movimento, sobretudo a defendida por Stanton e Anthony, e mais tarde pela militante Congressional Union (subsequentemente conhecida como Woman's Party). Ela vê o problema feminista não só como prioritário para as mulheres, mas também como central para qualquer análise revolucionária mais ampla. Recusa-se a aceitar a análise esquerdista atual, não porque seja excessivamente radical, mas por *não ser suficientemente radical*. Ela vê a análise esquerdista atual como anacrônica e superficial, porque não relaciona a estrutura do sistema de classes econômicas com suas origens no sistema de classes sexuais, que constitui o modelo de todos os outros sistemas de exploração, e assim o germe que deve ser primeiro eliminado por qualquer revolução autêntica. Nos capítu-

los seguintes analisarei a ideologia do feminismo radical e sua relação com outra teoria radical, de modo a ilustrar como só ele consegue colocar em foco as muitas áreas conturbadas da análise esquerdista, fornecendo pela primeira vez uma solução revolucionária completa.

Devemos de imediato observar que o movimento pode reivindicar para si; um potencial revolucionário muito maior, bem como qualitativamente diferente de qualquer outro movimento do passado.

1) *Distribuição. Ao contrário dos grupos minoritários (uma contingência histórica) ou do proletariado (um desenvolvimento econômico), as mulheres sempre constituíram uma classe oprimida majoritária (51 por cento), espalhada uniformemente por todas as outras classes.* Na América, o movimento mais semelhante ao feminismo, o Black Power, mesmo que conseguisse mobilizar imediatamente todos os negros do país, disporia de apenas 15 por cento da população. Na verdade, todas as minorias oprimidas *juntas*, sem supor nenhuma luta faccionária corpo a corpo, não constituiriam uma maioria — a não ser que as mulheres fossem incluídas. O fato de as mulheres viverem com homens, nalguns níveis nossa pior desvantagem — pois o isolamento das mulheres umas das outras foi responsável pela ausência ou pela fraqueza do movimento de libertação das mulheres no passado — é, num outro sentido, uma vantagem: uma revolucionária em cada quarto de dormir não pode deixar de abalar o *status quo*. E se quem está se revoltando é a sua mulher, você não pode escapar para os subúrbios. O feminismo, quando ele realmente atingir os seus objetivos, fará estourar as estruturas mais básicas de nossa sociedade.

2) *Política Pessoal.* O movimento feminista é o primeiro a unir efetivamente o “pessoal” ao “político”. Ele está desenvolvendo um novo modo de relacionamento, um novo estilo político, que finalmente reconciliará o pessoal — sempre a prerrogativa feminina — com o público, com o “mundo exterior”, de modo a reintegrar o mundo com as suas emoções, e literalmente com os seus sentidos.

A dicotomia entre as emoções e o intelecto impediu o movimento estabelecido de desenvolver uma base de massa. De um lado, há os esquerdistas ortodoxos, seja intelectuais abstratos das universidades sem contato com a realidade concreta, seja na sua aparência ativista, militantes do *machismo*, tolerantes na sua ação pouco preocupada com a eficácia política. De outro lado, há a Nação Woodstock, a Revolta Jovem, a Geração Flor e Drogas dos Hippies, os Yippies, os Crazies, os Motherfuckers, os Mad Dogs, os Hog Farmers e outros, que, embora compreendam que a velha panfletagem e a análise marxista não funcionam mais — que o problema é muito mais profundo do que meramente a luta do proletariado, que praticamente constitui a vanguarda americana — contudo não dispõem de nenhuma análise histórica própria com a qual substituí-la; na verdade, são apolíticos. Assim, o movimento está soçobrando, seja ele marginal, estilizado e ineficaz devido a sua análise rígida e anacrônica, seja carecendo de uma base histórica e econômica séria onde há um apelo para o movimento de massa. É “escapista”, em vez de revolucionário.

3) *O Fim da Psicologia do Poder.* A maioria dos movimentos revolucionários é incapaz de praticar entre si o que pregam. Cultos intensos à liderança, facciosismo, *ego trips*, difamações são muito mais a regra do que a exceção. O movimento das mulheres, na sua curta história, tem um registro um pouco melhor do que a maioria nessa área. Um de seus principais objetivos declarados é a democracia interna — e ele não mede esforços (muitas vezes absurdos) para perseguir essa meta.

O que não quer dizer que ele seja bem sucedido. Há muito mais retórica do que realidade nesse assunto, muitas vezes disfarçando hipocritamente os mesmos velhos estratagemas e jogos de poder — freqüentemente com novas e complexas variações femininas. Mas é demais exigir que, dadas as suas raízes profundas nas classes sexuais e na estrutura familiar, alguém nascido hoje seria capaz de eliminar a psicologia do poder. E, embora seja verdade que muitas mulheres nunca tenham assumido o papel dominante (poder sobre os outros), existem

muitas outras que, identificando sua vida com a dos homens, encontram-se na posição especial de terem que erradicar, ao mesmo tempo, não só suas naturezas submissas, mas também suas naturezas dominadoras, esvaindo-se de um lado e de outro.

Mas se existe algum movimento revolucionário que possa conseguir estabelecer uma estrutura igualitária, este é o feminismo radical. Questionar as relações básicas entre os sexos e entre pais e filhos é trazer os modelos psicológicos de dominação-submissão às suas próprias origens. Examinando politicamente esta psicologia, o feminismo será o primeiro movimento a lidar com o problema de um modo materialista.

III. FREUDISMO: UM FEMINISMO DESVIRTUADO

Se tivéssemos que mencionar a corrente cultural que mais caracteriza a América no século XX, esta seria a obra de Freud e as disciplinas que se originaram dela. Não existe ninguém que não seja hoje atingido por esta visão da vida humana, seja através de incursões na “psique”; seja através de terapia pessoal, uma experiência comum às crianças da classe média; ou seja, geralmente, através de sua penetração na cultura popular. O novo vocabulário entrou em nossa fala cotidiana, de modo que o homem comum pensa em termos de ser “doente”, “neurótico” ou “esquizado”; ele checka periodicamente o “desejo de morte” de seu “id” e a “fraqueza” de seu “ego”; as pessoas que o rejeitam são egocêntricas; admite que tem um “complexo de castração”, que “reprimiu” um desejo de ter relações com sua mãe, que se envolveu e ainda se envolve numa “rivalidade com os irmãos”, que a mulher “inveja” seu pênis; e provavelmente vê em toda banana ou cachorro-quente um “símbolo fálico”. Suas discussões conjugais e seus processos de divórcio se realizam em jargão psicanalítico. Na maioria das vezes não está bem certo sobre o que esses termos significam, mas, se não o sabe, pelo menos pode estar certo de que seu “querido analista” sabe. O vienensezinho de óculos e cavanhaque, cochilando em sua poltrona, é um

clichê do humor moderno (nervoso). Leváramos algum tempo para catalogar o número de caricaturas que se referem à psicanálise. Construímos uma nova simbologia em torno de um divã solitário.

O freudismo se tornou, com seus confesionários e penitências, prosélitos e convertidos, com os milhões gastos na sua manutenção, a nossa Igreja moderna. Não conseguimos atacá-lo sem constrangimento, pois nunca se sabe se, no dia do Juízo Final, ele *pode estar com a razão*. Quem tem certeza de que ele não é tão saudável quanto prega? Quem pode igualá-lo em sua alta capacidade? E quem não se espanta com a sua sagacidade? Quem não odeia o pai e a mãe? Quem não compete com o irmão? Que mulher não desejou ser um menino nalgum momento da vida? E as pessoas ousadas que ainda persistem em seu cepticismo sempre esbarram com essa terrível palavra: *resistência*. Elas são as mais doentes, é óbvio, pois o combatem tanto.

Houve uma reação. Livros foram escritos, floresceram profissões, só a partir das contradições da própria obra de Freud. Algumas ficaram conhecidas por uma crítica a apenas uma parte de sua obra (p. ex., refutando o desejo de morte, ou a inveja do pênis), e outras, mais corajosas, ou mais ambiciosas, atacaram os abusos da totalidade da obra. Teorias críticas abundam em todas as festinhas e coquetéis. Alguns intelectuais vão longe, ao ponto de relacionar a morte da comunidade intelectual na América com a importação da psicanálise. Em oposição à religiosidade do freudismo, foi fundada toda uma escola empírica, o behaviorismo (embora a psicologia experimental sofra de seus próprios tipos de preconceitos*). E, gradativamente, com tudo isso, o pensamento freudiano foi desmontado, seus princípios mais essenciais foram sendo abandonados um por um, até não restar mais nada a ser atacado.

* Um informe muito difundido sobre esse tema do movimento de libertação das mulheres é "Kinder, Küche, Kirche as Scientific Law: Psychology Constructs the Female" (reeditado em *A Psicologia Hoje*, outubro, 1969, com o título de "As Mulheres como Negros"), pelo Dr. Naomi Weisstein.

E contudo ele não morreu. Embora a terapia psicanalítica se tenha mostrado ineficaz, e as idéias de Freud sobre a sexualidade das mulheres tenham-se revelado literalmente erradas (p. ex., o mito do duplo orgasmo de Masters e Johnson), as velhas concepções ainda circulam. Os médicos continuam a praticá-las. E no fim de toda crítica nova encontramos uma homenagem culposa, frente ao Grande Pai que começou tudo. Eles não conseguem matá-lo completamente.

Mas eu não penso que isso seja simplesmente uma falta de coragem em admitir, depois de todos esses anos, que o "rei estava nu". Não creio que isso ocorra só porque eles estejam com isso minando seu ganha-pão. Penso que, na maioria dos casos, foi a mesma integridade que os fez questionar toda a teoria que os impediu de destruí-la totalmente. "Intuitivamente" sua "consciência" lhes diz que não se atrevam a desferir esse golpe final.

Pois ainda sentimos que existe alguma verdade nas teorias de Freud, embora elas não sejam empiricamente verificáveis, embora o freudismo, na prática clínica, tenha levado a absurdos reais, embora, de fato, desde 1913 já se tivesse observado que a psicanálise era a própria doença que ela pretendia curar, criando uma nova neurose no lugar da antiga, e embora se observasse que as pessoas sob terapia pareciam hoje mais preocupadas consigo mesmas do que nunca, tendo chegado a um estado de neurose "perceptiva", repleto de "regressões", de "transferências" cegas de amor, e de solilóquios agonizantes. Embora essas pessoas sob terapia sejam dominadas pela confusão quando lhes perguntam, sem rodeios, "Essas terapias ajudam?", ou "Elas valem a pena?", elas não podem ser menosprezadas completamente.

Freud conquistou a imaginação de todo um continente e de toda uma civilização por uma boa razão. Embora, na superfície, sua teoria fosse inconsistente, ilógica, ou "fora do comum", seus seguidores, com sua lógica, seus experimentos e suas revisões cautelosos, não têm nada de comparável a dizer. *O freudismo está tão saturado e, ao mesmo tempo, é tão impossível de ser*

recusado, porque Freud tocou no problema crucial da vida moderna: a sexualidade.

1. As Raízes Comuns do Freudismo e do Feminismo

1) *O freudismo e o feminismo brotaram do mesmo solo.* Não foi por acaso que Freud começou sua obra no auge do movimento feminista primitivo. Hoje subestimamos a importância das idéias feministas na época. As conversas de salão sobre a natureza dos homens e das mulheres, a possibilidade da reprodução artificial (bebês em tubos de vidro), lembradas em *O Amante de Lady Chatterley*, de D. H. Lawrence, não eram ilusórias. O sexismo era o assunto mais quente da época. Lawrence apenas o captou, acrescentando-lhe sua própria visão. O sexismo também determinou quase que todo o material de G. B. Shaw. A Nora de Ibsen, em *Casa de Bonecas*, não era uma coisa rara. Esse tipo de discussão separava muitos casamentos reais. A descrição maldosa que Henry James fez das mulheres feministas em *As Bostonianas* e as descrições mais condescendentes de Virginia Woolf em *Os Anos* e em *Night and Day* eram tiradas da vida real. A cultura refletia as atitudes e os interesses predominantes. O feminismo era tema literário importante, porque nessa época ele era um problema vital. Pois os escritores escreviam sobre o que viam. Descreviam o meio cultural a sua volta. E nesse meio havia interesse pelos temas do feminismo. A questão da emancipação das mulheres afetava todas as mulheres, quer elas se declarassem a favor das novas idéias, quer as combatessem desesperadamente. Velhos filmes da época mostram a solidariedade crescente das mulheres, refletindo seu comportamento imprevisível, e pondo à prova, de maneira aterradora e geralmente desastrosa, seu papel sexual. Ninguém se mantinha insensível à revolta. E isso não ocorria apenas no Ocidente. A Rússia, nessa época, experimentava acabar com a família.

Na virada do século havia, então, no pensamento social e político, na cultura literária e artística, uma enorme fermentação e idéias relativas à sexualidade, ao casamento, à família, ao papel das mulheres. O freudismo foi apenas um produto cultural dessa fermentação. Ambos, freudismo e feminismo, surgiram como reações a um dos períodos mais presunçosos da civilização ocidental, a Era Vitoriana, caracterizada por sua centralização da família, e, conseqüentemente, por sua exagerada opressão e repressão sexuais. Ambos os movimentos significaram um despertar. Só que Freud foi meramente um diagnosticador daquilo que o feminismo pretendia curar.

2) *O freudismo e o feminismo são farinha do mesmo saco.* A grande façanha de Freud foi redescobrir a sexualidade. Freud viu a sexualidade como a principal força vital. Mostrou que a maneira como a libido se organizava na criança determinava a psicologia do indivíduo (que, além disso, reproduzia a psicologia das espécies históricas). Descobriu que, para se ajustar à civilização atual, o ser sexuado deveria sofrer um processo de repressão na infância. E que, embora todo indivíduo sofra essa repressão, ela é mais eficaz numas pessoas do que em outras, gerando um desajuste maior (psicose) ou menor (neurose), em geral tão intenso que é capaz de arruinar o indivíduo completamente.

O tratamento proposto por Freud é menos importante, e, na verdade, foi a causa do mal atual. Por um processo de trazer à tona as repressões danificadoras, do reconhecimento consciente e da investigação sem restrições, o paciente deve ser capaz de chegar a um acordo com o *id*, de recusar conscientemente, em vez de reprimir inconscientemente os desejos perturbadores do *id*. Esse processo terapêutico se inicia com a ajuda do psicanalista, através da “transferência”, na qual o psicanalista substitui a figura da autoridade original, que está na base da neurose repressiva. Como a religião restauradora ou a hipnose (que, na realidade, Freud estudou, e pela qual foi muito influenciado), a “transferência” se estabelece através do envolvimento emocional, e não através da razão. O paciente se “apaixona” por seu analista. “Pro-

jetando” o problema na suposta tábua rasa da relação terapêutica, ele é capaz de descobri-lo e de curar-se dele. *Só que simplesmente isso não funciona.*¹

Filiado à tradição da ciência “pura”, Freud observou estruturas psicológicas, sem nunca questionar seu contexto social. Dados a sua própria estrutura psíquica e os seus preconceitos culturais — ele foi um tirano intolerante da escola antiga, para quem algumas verdades sexuais devem ter sido caras — dificilmente poderíamos esperar que ele tivesse feito desse tipo de investigação uma parte de sua obra. (Wilhelm Reich foi um dos poucos que seguiram esse caminho.) Além disso, assim como Marx não pôde levar em conta o futuro advento da cibernética, Freud, naquela época, não tinha o conhecimento alucinante das possibilidades tecnológicas, de que hoje dispomos. Mas se devemos ou não censurar Freud pessoalmente, o fato de ele não ter questionado a própria sociedade foi responsável pela grande confusão característica das disciplinas que surgiram em torno de sua teoria. Assediados pelos intransponíveis problemas resultantes da tentativa de pôr em prática uma contradição básica — a resolução de um problema dentro do meio-ambiente que o criou — seus seguidores começaram a atacar cada elemento de sua teoria, um atrás do outro, até que chegassem a “jogar fora a criança, junto com a água da banheira”.

Mas havia algum valor nessas idéias? Reexaminemos novamente algumas delas, desta vez a partir de um ponto

1. R. P. Knight, em “Avaliação dos Resultados da Terapia Psicanalítica”, publicado no *American Journal of Psychiatry*, em 1941, verificou que a psicanálise fracassou com 56,7 por cento dos pacientes que ela observou, e teve êxito com apenas 43,3 por cento. Assim, a psicanálise teve um pouco mais de fracasso do que de êxito. Em 1952, num estudo diferente, Eysenck mostrou uma taxa de melhoria de 44 por cento, em pacientes que tinham feito psicanálise; de 64 por cento, em pacientes que tinham feito psicoterapia; e uma taxa de melhoria de 72 por cento, naqueles que não tinham recebido nenhum tratamento. Outros estudos (Barron e Leary, 1955; Bergin, 1963; Cartwright e Vogel, 1960; Truax, 1963; Powers e Witmer, 1951) confirmam esses resultados negativos.

de vista feminista radical. Acredito que Freud falava de alguma coisa real, embora talvez suas idéias, tomadas literalmente, sejam absurdas. A esse respeito, considere-se que o gênio de Freud foi mais poético do que científico. Suas idéias são mais valiosas como metáforas do que como verdades literais.

Considerando isto, examinemos primeiro a pedra angular da teoria freudiana, o Complexo de Édipo, no qual o menino deseja a mãe sexualmente e deseja matar o pai, reprimindo esse desejo, em função do medo de ser castrado pelo pai.² O próprio Freud disse em seu último livro: “Eu me arrisco a afirmar que, se a psicanálise puder se gabar só da descoberta do Complexo de Édipo, tanto tempo reprimido, isso, por si só, a faria merecer ser incluída entre as precisas aquisições novas da humanidade.” Compare-se isto com o que diz Andrew Salter em “*O Argumento contra a Psicanálise*”:

“Mesmo os que mais simpatizam com Freud acham as contradições do Complexo de Édipo um tanto embaraçosas. Diz o *Dicionário Psiquiátrico*, referindo-se à superação do Complexo de Édipo: ‘O destino do Complexo de Édipo ainda não foi claramente compreendido.’ Acho que podemos falar, com toda a segurança, sobre o destino do Complexo de Édipo. A sorte do Complexo de Édipo será a sorte da alquimia, da frenologia, e da quiromancia. O destino do Complexo de Édipo é o esquecimento.”

Salter é atormentador por todas as contradições habituais de uma teoria que parte do princípio de que o contexto social, a causa do complexo, é imutável. Diz ele:

2. Se eu me ocupo com os meninos antes de me ocupar com as meninas, é porque Freud — na verdade toda a nossa cultura — se ocupa primeiro com o menino. Até para criticar Freud apropriadamente, temos que seguir as prioridades que ele estabeleceu em sua própria obra. Da mesma forma, como o próprio Freud observou, o Complexo de Édipo tem um significado cultural muito maior do que o de Electra. Eu também tentarei mostrar que, na verdade, ele é psicologicamente mais prejudicial, ao menos porque numa cultura dominada pelo homem o dano causado à psique masculina tem conseqüências mais amplas.

"O pensamento de Freud sobre o fim "normal" do Complexo de Édipo sofre de uma inconsistência em sua lógica. Se admitimos que o fim do Complexo de Édipo tem sua origem no medo da castração, não é evidente que a normalidade é atingida como um resultado do medo e da repressão exercidas sobre o menino? E a obtenção da saúde mental através da repressão não entra em contradição flagrante com as doutrinas freudianas mais elementares? (Grifos da autora)

Proponho que o Complexo de Édipo só adquiere sentido, quando visto em termos de poder. Devemos ter em mente que Freud observou que esse complexo era comum a todo indivíduo normal que crescesse na família nuclear da sociedade patriarcal, uma forma de organização social que intensifica os piores efeitos das desigualdades inerentes à própria família biológica. Há provas de que os efeitos do Complexo de Édipo são menores nas sociedades nas quais os homens têm menos poder, e de que o enfraquecimento do patriarcalismo produz muitas mudanças culturais, que talvez possam ser remontadas a esse afrouxamento.

Lancemos um olhar sobre essa família nuclear patriarcal, na qual o Complexo de Édipo aparece tão intensamente. Na família prototípica desse gênero, o homem é o sustento, e todos os outros membros dessa família são, portanto, seus dependentes. Ele concorda em sustentar a esposa, a troca de serviços que ela presta: cuidar da casa, satisfazê-lo sexualmente, e reproduzir. As crianças que ela gera, no lugar dele, são ainda mais dependentes do que ela. Elas são legalmente a propriedade do pai (uma das primeiras campanhas do primitivo W.R.M. foi contra a destituição das mulheres que se divorciavam, de seus filhos), cuja obrigação é alimentá-las e educá-las, e "moldá-las" para terem seu lugar naquela classe da sociedade à qual ele pertence. Em troca disso, ele conta com a continuação do nome e da propriedade, que, geralmente, é confundida com a imortalidade. Ele tem plenos direitos sobre as crianças. Se não for um pai/patrão bondoso, azar o delas. Pois elas não podem escapar a seu poder antes de crescerem, e a essa altura a modelagem psicoló-

gica já terá se firmado. Elas agora estão prontas para repetir a atuação do pai.

É importante lembrar que as versões mais recentes da família nuclear, embora possam velar essa relação essencial, a ponto de ela ficar irreconhecível, reproduzem essencialmente o mesmo triângulo de dependências: o pai, a mãe, o filho. Pois mesmo que a mulher tenha a mesma instrução, mesmo que ela trabalhe (devemos nos lembrar de que, antes das difíceis conquistas alcançadas pelo W.R.M. da época de Freud, as mulheres não iam à escola, nem podiam ter empregos), ela raramente é capaz, dada a desigualdade do mercado de trabalho, de ganhar tanto dinheiro quanto seu marido (e maldito seja o casamento que ela fez). Mas, mesmo que ela pudesse, ainda assim ela seria completamente incapaz de fazê-lo. Pois, tornar as mulheres e as crianças, ambas, totalmente independentes seria eliminar não só a família nuclear patriarcal, mas também a própria família biológica.

Esse é, portanto, o clima opressivo no qual a criança normal cresce. Desde o início, ela é sensível à hierarquia do poder. Sabe que, em todos os níveis, física, econômica e emocionalmente, é completamente dependente, e está, portanto, à mercê dos pais, seja quem eles forem. No entanto, entre os dois, sempre terá preferência pela mãe. Mantém um vínculo com ela, por serem ambas oprimidas. Só que, enquanto a criança é oprimida por ambos os pais, a mãe, pelo menos, é oprimida apenas por um. O pai, do ponto de vista da criança, detém controle absoluto. ("Espere até seu pai chegar do trabalho! Menino, você vai apanhar pra valer!"). A criança então sente que a mãe está a meio-caminho da autoridade e da impotência. Ela pode correr para o pai, se sua mãe estiver tentando ser injusta; mas, se o pai bater nela, a mãe não poderá lhe oferecer muito, além de chá e simpatia. Se a mãe for sensível à injustiça, ela poderá usar de sua astúcia e lágrimas para poupá-la. Mas ela própria usa de astúcia e lágrimas nessa idade, e sabe que essas lágrimas não se comparam com a força genuína. Sua eficácia, de qualquer maneira, é limitada, dependente de muitas va-

riáveis (“mau dia no trabalho!”). Ao passo que a força física, ou a sua ameaça, são um trunfo garantido.

Na família tradicional também existe uma polaridade parental: a mãe deve amar o filho devotamente, enquanto que o pai, por outro lado, raramente se interessa muito pelas crianças certamente não no convívio íntimo. E, mais tarde, quando o filho cresce, ele o ama condicionalmente a sua atuação e a sua realização. Erich Fromm, em *A Arte de Amar*:

“Sempre falamos do amor maternal. O amor maternal é, por natureza, incondicional. A mãe ama a criança recém-nascida, porque é sua filha, e não porque a criança preencha alguma condição específica, ou corresponda a alguma expectativa específica... O relacionamento do pai é bem diferente. A mãe é o lar de que viemos, é a natureza, a terra, o oceano; o pai não representa nenhum lugar natural. Ele tem muito pouca ligação com o filho nos primeiros dias de vida, e sua importância para a criança, nesse período inicial, não pode ser comparada com a da mãe. Mas, embora o pai não represente o mundo natural, representa o outro pólo da existência humana: o mundo do pensamento, das coisas-feitas-pelo-homem, da lei e da ordem, da disciplina, das descobertas e da aventura. O pai é aquele que ensina a criança, que lhe mostra o caminho do mundo... O amor paterno é um amor condicional. Seu princípio é: ‘Eu te amo, *porque* você preenche minhas expectativas, porque você cumpre seus deveres, porque você é como eu.’... Nessa evolução da centralização-em-torno-da-mãe para uma centralização-em-torno-do-pai, e sua síntese final, reside a base da saúde mental e a realização da maturidade.”

Se não fosse esse o caso na época em que ele escreveu o livro, certamente o seria hoje. O livro de Fromm sobre o amor foi traduzido em dezessete línguas, vendendo — como é dito na capa — 1.500.000 exemplares só em inglês. Mais adiante, eu me ocuparei da natureza do amor maternal, que essa citação adota, e do tipo de danos que esse ideal provoca, tanto na mãe, quanto na criança. Por ora, tentarei mostrar apenas de que modo essa polaridade tradicional se relaciona com o Complexo de Édipo.

Freud, ao contrário de outros, não subestimou o que se passa com uma criança antes dos seis anos de idade. Se as necessidades básicas de uma criança são satisfeitas pela mãe, se é alimentada, vestida e acariciada por ela, se é amada “incondicionalmente”, contrariamente ao amor “condicional” do pai — ela raramente o vê e, no caso, só para ser castigada ou para obter a “aprovação masculina” — e se, além disso, sente que ela e a mãe estão unidas contra o pai mais poderoso, a quem têm que agradar e satisfazer, então talvez seja verdade que todo homem normal se identifique primeiro com a mãe.

Quanto a desejar a mãe, sim, isso também é verdade. Mas é absurdo aquilo a que uma leitura literal de Freud pode levar. A criança não sonha ativamente em penetrar a mãe. As possibilidades são de que ela ainda sequer consiga imaginar como se poderia realizar esse ato. Nem ela é fisicamente bastante desenvolvida para ter necessidade de uma descarga orgásmica. Seria mais correto ver essa necessidade sexual de uma maneira generalizada, mais negativa: isto é, só mais tarde, devido à estruturação da família em torno do tabu do incesto, a resposta sexual deverá se separar dos outros tipos de respostas físicas e emocionais. Primeiramente, elas aparecem integradas.

O que acontece aos seis anos, quando se espera do menino que ele comece a “encorpar” e a agir como um homenzinho? Palavras como “identificação masculina” e “imagem do pai” começam a circular. Os brinquedos aconchegantes do ano anterior lhe são arrancados. Ele é levado a jogar futebol. Caminhões e trens elétricos se multiplicam. Se ele chora, é chamado de “maricas”; se corre para sua mãe, é chamado de “filhinho da mamãe”. O pai, de repente, começa a se interessar ativamente por ele (“Você o estragou com mimos!”) O menino teme o pai, com razão. Sabe que, entre os dois, quem tende mais para o seu lado é a mãe. Na maioria dos casos, ele já observou bem nitidamente que o pai faz sua mãe infeliz, fá-la chorar, não fala muito com ela, discute muito com ela, e a maltrata (é por isso que se ele presenciou uma relação sexual, provavelmente a terá interpretado com

base no que sempre deduziu do relacionamento de seus pais, isto é, que o pai está atacando a mãe). Contudo, subitamente espera-se que ele se identifique com esse estranho, meio animalesco. Naturalmente, ele não quer. Resiste. Começa a sonhar com bicho-papão. Começa a ter medo da sombra. Chora quando vai ao barbeiro. Pensa que o pai vai cortar-lhe o pênis. Não se comporta como o homezinho que deveria ser.

Essa é a difícil fase de transição. O que é que, finalmente, convence a criança normal a inverter sua identificação? Fromm expressa-o muito bem: "Mas embora o pai não represente nenhum mundo natural, representa o outro pólo da existência humana; o mundo do pensamento, das coisas feitas-pelo-homem, da lei e da ordem, da disciplina, das descobertas e da aventura. É o pai que ensina a criança, que lhe mostra *o caminho do mundo*. . ." O que finalmente o convence é a promessa do mundo, quando ele crescer. Ele é solicitado a fazer uma transição do estado dos sem poder, isto é, as mulheres e as crianças, para o estado dos potencialmente poderosos, isto é, os filhos (extensões do ego) de seu pai. A maioria das crianças não é tola. *Elas* não pretendem ficar presas nas vidas ruins e limitadas das mulheres. Querem essas descobertas e essa aventura. Mas isso é difícil. Porque, no íntimo, desrespeitam o pai, com todo o seu poder. Simpatizam com a mãe. Mas o que elas fazem então? "Reprimem" a ligação profundamente emocional com a mãe, "reprimem" o desejo de matar o pai, e ascendem ao honroso estado da masculinidade.

Não é de admirar que essa transição deixe um resíduo emocional, um "complexo". Para salvar o próprio pêlo, o menino teve que abandonar e trair a mãe, e unir-se a seu opressor. Sente-se culpado. Seus sentimentos pelas mulheres ficam, em geral, afetados por isso. A maioria dos homens fez uma transição "gloriosa" para a posição de domínio sobre os outros; alguns ainda estão tentando.

Outros componentes da teoria freudiana também se esclarecem, quando examinados à luz do poder, i.e., em termos políticos. O antídoto do feminismo elimina o preconceito sexual que gerou a distorção inicial.

Geralmente, acredita-se que o Complexo de Electra é uma descoberta menos profunda do que o Complexo de Édipo, porque, como em todas as teorias de Freud sobre as mulheres, ele só analisa a mulher como um homem negativo. O Complexo de Electra, com seu intrincado complexo de castração, em resumo, é o seguinte: a menina, do mesmo modo que o menino, desenvolve inicialmente uma fixação pela mãe. Por volta dos cinco anos, quando descobre que não tem pênis, ela começa a se sentir castrada. Para compensar, ela tenta aliar-se ao pai, através da sedução, desenvolvendo, assim, uma rivalidade, e uma subsequente hostilidade à mãe. O superego se desenvolve em reação à repressão do pai. Mas, pelo fato de ser o objeto da sedução dela, ele não a reprime como reprime o filho, e, assim, a organização psíquica básica da menina difere da do irmão; é mais fraca. Diz-se de uma menina que persiste em identificar-se intensamente com o pai que ela regrediu ao estágio "clitoral" da sexualidade feminina. Provavelmente, será frígida ou lésbica.

A característica mais notável dessa descrição, reafirmada em termos feministas, é que *a menina, também, se vincula primeiramente com a mãe* (o que, em si mesmo, nega uma heterossexualidade biologicamente determinada). Do mesmo modo que o menino, a menina também ama à mãe mais do que ao pai, e exatamente pelas mesmas razões: a mãe cuida dela mais intimamente do que o pai, e compartilha de sua opressão. Por volta dos cinco anos, na mesma idade do menino, ela começa a observar conscientemente o maior poder do pai, seu acesso a esse mundo mais amplo e interessante, que é negado a sua mãe. Nesse ponto, ela rejeita a mãe por ser monótona e familiar, e começa a identificar-se com o pai. A situação complica-se mais tarde, no caso de ela ter irmãos, pois, então observa que o pai é mais propenso a permitir que o irmão participe desse mundo, de seu poder, e, no entanto, esse mundo ainda lhe é negado. Ela, agora, tem duas alternativas: 1) Avaliando realisticamente a situação, pode começar a usar da astúcia feminina, ao máximo, na tentativa de roubar ao pai o poder (então, terá que competir com a mãe pelos favores do poderoso), ou 2) Pode

recusar-se a acreditar que a diferença física entre ela e seu irmão implique, para sempre, uma desigualdade de poder correspondente. Nesse caso, ela rejeita tudo que se identifica com a mãe, i.e., a servidão e a astúcia, a psicologia do oprimido, e imita obstinadamente tudo que ela viu seu irmão fazer, e que possibilitou a *ele* o tipo de liberdade e aprovação que ela busca. (Observe-se que eu não digo que ela *finja* uma masculinidade. Essas características não são determinadas sexualmente.) Mas, embora tente desesperadamente ganhar os favores do pai, comportando-se cada vez mais do modo como ele abertamente incentivou o irmão a se comportar, isso não surte efeito *para ela*. Ela tenta com maior empenho ainda. Passa a se comportar como um moleque — e gosta de ser chamada assim. Essa obstinação face a uma realidade ofensiva pode até dar resultado. Por algum tempo. Até a puberdade, talvez. Então ela ficará totalmente sem ação. Não poderá mais negar o sexo. Ele é confirmado pelos homens cheios de desejo a sua volta. É nesse momento que ela, geralmente, desenvolve uma identificação feminina, com uma vingança. (As adolescentes tão “difíceis”, “cheias de segredinhos e risinhos”; no caso dos meninos, essa é a fase da pirralhice importuna.)

Quanto à “inveja do pênis”, mais uma vez é mais prudente vê-la como uma metáfora. Mesmo quando existe uma preocupação real com os órgãos genitais, é evidente que qualquer coisa que distinga fisicamente o homem invejado, será invejada. Pois a menina não pode, realmente, compreender como é que, se ela faz exatamente a mesma coisa que seu irmão, o comportamento dele é aprovado e o dela não. Ela pode ou não estabelecer uma relação confusa entre esse comportamento e o órgão que diferencia o irmão. Sua hostilidade em relação à mãe, mais uma vez, só pode ser compreendida se ligada a uma similaridade genital observada: tudo que a identifica com a mãe, e que ela, tão inflexivelmente, tenta rejeitar, é também rejeitado. Mas é muito menos provável uma menina, por sua própria vontade, atribuir-se o mesmo sexo da mãe do que ver-se como assexuada. Ela pode até orgulhar-se disso. Afinal, não tem protuberâncias óbvias, como

os seios que marcam a feminilidade de sua mãe. E, quanto aos órgãos genitais, seu buraquinho inocente parece não ter nenhuma semelhança com a floresta cabeluda que a mãe tem. Raramente ela sabe sequer que ela *tem* uma vagina, porque ela está vedada. Seu corpo, até agora, é tão ágil e funcional quanto o do irmão, e ela está em harmonia com ele. Ela e o irmão são apenas dois seres oprimidos pela maior força dos adultos. Sem ter uma orientação específica, ela pode iludir-se, durante um longo tempo, de que não acabará por ficar como a mãe. É por isso que ela é tão incentivada a brincar com bonecas, a brincar de “casinha”, a ser bonita e atraente. Espera-se que ela não seja uma das que recusam seu papel, até o último minuto. Espera-se que ela logo se ajuste a ele artificialmente, pela persuasão, e não por necessidade; que a promessa abstrata de um bebê seja um chamariz suficiente para substituir aquele mundo excitante de “descobertas e aventura.” (O mercado de bonecas, em expansão, capitaliza essa ansiedade parental. No que tange à criança, ela gosta de presentes, independentemente de quais sejam as intenções obscuras dos desejos adultos. No entanto, logo que elas compreendem para que servem as bonecas, muitas meninas espertas rapidamente decidem que querem um tipo diferente de *brinquedo*, ou, pelo menos, uma boneca “Barbie”.* Afinal, elas preferem afiar suas garras contra “Ken”** do que representar o papel da Mamãe já-conformada.

À luz dessa interpretação feminista, muitas doutrinas freudianas periféricas, que pareciam absurdas, agora passam a fazer sentido. Por exemplo, Ernest Jones, em *Papers on Psychoanalysis*:

“Em muitas crianças existe um vivo desejo de se tornarem os pais de seus próprios pais... Essa curiosa construção da imaginação... evidentemente está estreitamente relacionada com os desejos incestuosos, uma vez que ela é uma forma exagerada do *desejo plebeu* de ser o próprio pai de si mesmo.”

* Chama-se Barbie a boneca cujo corpo apresenta as características sexuais do sexo feminino. (N.T.)

** Chama-se Ken ao boneco de sexo masculino, representado rapazinho, mas sem pênis. (N.T.)

Tradução feminista: A fantasia das crianças, estando numa posição de poder acima dos pais, domina particularmente a única pessoa que realmente alcançou o poder: o Pai.

Ou Freud, falando sobre o fetichismo:

"O objeto é o substituto do falo da mãe, que o menino acredita estar embutido, e do qual não deseja privar-se."

Realmente, Freud pode tornar-se embaraçador. Não seria muito mais sensato falar do poder da mãe? As probabilidades são de que o menino nem mesmo tenha visto a mãe nua, muito menos que tenha observado de perto a diferença entre o pênis e a vagina. O que ele realmente sabe é que está ligado a sua mãe, e não quer rejeitá-la, sob o pretexto de ela não ser poderosa. O objeto escolhido é meramente o símbolo desse vínculo.

Existem muitos outros desses exemplos, mas eu já cheguei ao ponto que queria. Através de uma análise feminista, toda a estrutura do freudismo — pela primeira vez — adquire pleno sentido, esclarecendo-se até as importantes áreas, relacionadas entre si, da homossexualidade, e da própria natureza do repressivo tabu do incesto — dois assuntos intimamente relacionados, que foram elaborados, durante longo tempo, alcançando muito pouca unanimidade. Podemos compreendê-los, finalmente, apenas como sintomas da psicologia do poder criada pela família.

Durkheim, como Freud, na virada do século, com seu trabalho fundamental sobre o incesto, gerou um conjunto de opiniões contraditórias, que perduraram até hoje. Durkheim acreditava que o tabu do incesto originara-se na estrutura do clã:

"[Muitos fatos tendem a provar] que, no início das sociedades humanas, o incesto não foi proibido, até haver uma divisão em pelo menos dois clãs fundamentais; pois a primeira forma dessa proibição que nós conhecemos, chamada exogamia, parece, acima de tudo, ser correlata a essa organização. A mais recente dessas formas certamente não é primitiva."

E além disso:

"Como a estrutura básica do clã foi um estágio pelo qual todas as sociedades humanas parecem ter passado, e a exogamia esteve estritamente ligada à constituição do clã, não é surpreendente que o estado moral que o clã inspirou e deixou para trás fosse, ele próprio, comum a toda a humanidade. Pelo menos, ele foi necessário para triunfar sobre ela, e para ter particularmente pressionado as necessidades sociais; e isso explica tanto como o incesto foi legitimado, quanto porque esses povos continuaram sendo uma exceção."

Quando a família se tornou o centro do moralismo religioso, e todas as paixões livres foram banidas de seus limites, amarradas às mulheres e ao sexo, o tabu contra o incesto adquiriu bases estáveis e perpétuas.

"na época em que as origens dessa dualidade (entre moralidade e paixão) desapareceram, ela já estava firmemente enraizada na cultura. Toda a vida moral tinha sido organizada como resultado desse desenvolvimento; teria sido necessário destruir toda a moralidade para voltar ao estágio anterior."

Durkheim acrescenta, maravilhosamente: "Se não se tivessem originado na exogamia, a paixão e o amor entre os sexos não se teriam tornado sinônimos." Isto é: para eliminar o tabu do incesto, teríamos que eliminar a família e a sexualidade, como elas são hoje estruturadas.

Isso não seria uma idéia ruim. Pois esta proscrição tradicional, e hoje quase universal, do incesto nos levou a aceitar como "normal" uma sexualidade, onde o potencial individual permanece insatisfeito. Freud descreveu os castigos psicológicos da repressão sexual, provocados pelo tabu do incesto, descobrindo, particularmente, a existência do Complexo de Édipo em todo menino normal, e a de seu correlativo, Electra, em toda menina normal.

A homossexualidade é apenas aquilo que acontece quando essas repressões não "têm êxito" como deviam — isto é, em vez delas serem suprimidas completamente, permitindo ao indivíduo pelo menos funcionar dentro da

sociedade, permanecem na superfície, danificando seriamente o relacionamento sexual do indivíduo, ou até sua psique total. Está fadado a falhar quase sempre um sistema no qual a primeira pessoa a quem a criança responde emocionalmente exigirá dela que reprima uma parte substancial dessas respostas. E, como Ruth Hirschberger observou em *Adam's Rib*:

“É significativo que a mesma mulher que despertou o afeto do menino (e poucas negam o componente sexual em plena expansão) é, também, a primeira a divulgar o tabu contra sua sexualidade... A supressão da sexualidade torna-se o requisito para a afeição da mãe.”

Ora, a homossexualidade masculina provém da recusa da criança, aos cinco ou seis anos, de efetuar a transição da “centralização-em-torno-da-mãe” para a “centralização-em-torno-do-pai” — geralmente uma transição de um estado de amor genuíno pela mãe e desrespeito real pelo pai. (Nos casos em que não há figura paterna, essa transição não é claramente exigida da criança. Muitas vezes, é verdade, dada a guerra entre os sexos que existe na maioria dos casamentos, a mãe incentiva essa vinculação-por-despeito, para vingar-se do pai, negando-lhe a progenitura, único motivo pelo qual ele a tolera. Mas penso que seria bem mais exato dizer que a criança simplesmente substituiu, nos afetos da mãe, o pai indiferente e, geralmente, namorador. Toda mãe, mesmo as mais “ajustadas”, *espera* fazer da maternidade o foco central da vida. Geralmente, o filho é o único substituto que ela encontra para tudo aquilo que lhe foi negado no mundo em geral, nos termos de Freud, o substituto de seu “pênis”. Como podemos então exigir que ela não seja “possessiva”, que ela renuncie subitamente, sem lutar, ao próprio filho que estava destinado a compensá-la da eterna perda desse mundo, entregando-o ao mundo de “descobertas e aventura”?

Embora também se origine da repressão fracassada (dessa vez do Complexo de Electra), a homossexualidade é consideravelmente mais complicada. Lembrem-se de que a menina também se vincula inicialmente à mãe.

Ela pode, devido à rivalidade posterior, nunca aprender a reprimir esse vínculo. Ou pode tentar agir como um menino, para ganhar a aprovação da mãe (infelizmente, as mulheres também preferem os meninos). Inversamente, nos casos em que ela se identifica intensamente com o pai, ela pode recusar-se a renunciar ao desejado privilégio masculino, mesmo depois da puberdade. Em casos extremos, ela imagina *ser* realmente o homem, cujo papel está representando.

E mesmo as mulheres que parecem sexualmente ajustadas, raramente o são, na verdade. Devemos nos lembrar que uma mulher pode ter relações sexuais sem sentir nada; um homem não pode. Embora poucas mulheres, por causa da pressão exercida sobre elas para que se conformem com sua situação, realmente repudiem seu papel sexual completamente, tornando-se lésbicas ativas, isso não significa que a maioria das mulheres se satisfaça sexualmente nas relações com os homens. (Contudo, a sexualidade danificada das mulheres é relativamente inofensiva em termos sociais; ao passo que a doença sexual masculina, ou seja, a confusão da sexualidade com o poder, prejudica os outros.) Essa é uma das razões pelas quais na sociedade vitoriana, bem como durante um longo período antes e depois dela, e inclusive hoje, o interesse das mulheres pelo sexo é menor do que o dos homens. Esse fato é tão desconcertantemente óbvio que levou um conhecido psicanalista, Theodore Reik, a concluir, em 1966, “que o próprio impulso sexual é masculino, até mesmo nas mulheres, porque, num nível de evolução inferior, a reprodução é possível sem os machos.”

Desse modo, vemos que na sociedade baseada na família as repressões originadas no tabu do incesto tornam impossível uma sexualidade plenamente satisfeita para qualquer pessoa, e possível só para poucos uma prática sexual satisfatória. Os homossexuais de nossa época são apenas as maiores vítimas do sistema de sexualidade reprimida que se desenvolve na família. Mas, embora a homossexualidade hoje seja tão limitada e doentia quanto nossa heterossexualidade, breve chegará o dia em que a transexualidade saudável será a norma. Pois, se admitimos

que o impulso sexual é, desde o nascimento, difuso e indiferenciado da personalidade global, e, como vimos, só se torna diferenciado em resposta ao tabu do incesto; e se, além disso, admitimos que o tabu do incesto é hoje necessário apenas para preservar a família; então, se destruirmos a família, estaremos, na verdade, destruindo as repressões que moldam a sexualidade em estruturas específicas. Sendo iguais todos os tipos de sexualidade, as pessoas poderão ainda preferir indivíduos do sexo oposto, simplesmente porque isto é fisicamente mais conveniente. Mas até isso não passa de uma enorme suposição. Porque se a sexualidade em nenhum momento estivesse separada das outras respostas, e se um indivíduo respondesse ao outro de um modo total, que *incluísse* a sexualidade meramente como um dos componentes de sua resposta, então é pouco provável que um fator puramente físico pudesse ser decisivo. Contudo, não temos nenhum meio de saber disso agora.

O fim da diferenciação entre o nível sexual e a personalidade total poderia também ter implicações culturais importantes. Atualmente, o Complexo de Édipo, originário do hoje quase universal tabu do incesto, requer que a criança cedo distinga o “emocional” do “sexual”. Um é considerado pelo pai como uma resposta apropriada para a mãe; o outro, não. Se a criança quiser ganhar o amor da mãe, deve separar o sentimento sexual de seus outros sentimentos (a “sublimação” e as “relações inibidas quanto ao alvo” de Freud). Um desenvolvimento cultural que provém diretamente dessa dicotomia psicológica artificial é a síndrome mulheres boas/mulheres más, com a qual culturas inteiras ficaram doentes. Isto é, a divisão da personalidade é projetada na classe das “mulheres”: as que se assemelham com a mãe são “boas”, e, conseqüentemente, não se deve ter desejos sexuais por elas; as que não se assemelham com a mãe, que não suscitam uma resposta total, são sexuais, e, portanto, “más”. Classes inteiras de mulheres, p.ex., as prostitutas, pagam com a vida por essa dicotomia; outras sofrem em graus diferentes. Uma boa parte de nossa linguagem é designada para degradar as mulheres até o nível em que é permissí-

vel ter desejos sexuais por elas. (“Putá! Tua cabeça está entre as tuas pernas!”) Essa esquizofrenia sexual raramente é superada de todo pelo indivíduo. E, na cultura em geral, desenvolvimentos históricos inteiros, como a própria história da arte e da literatura, foram diretamente por ela. Assim, a honra cortesã da Idade Média, que exaltava as mulheres, exclusivamente à custa de sua humanidade consangüínea — fazendo do sexo um ato baixo, desligado do amor verdadeiro — desenvolveu-se no maneirismo, o culto da virgem na arte e na poesia.

Uma canção da época ilustra a divisão:

Eu não me interesso por estas damas
Que podem ser louvadas e decantadas,
Tragam-me a gentil Açucena,
A livre rapariga do campo,
A Natureza despreza a Arte,
Ela tem uma beleza própria,
Pois quando a acariciamos em suas pétalas ela
[exclama

“Oh, céus, deixe-me”,
Mas quando lhe tocamos o miolo
Ela nunca dirá não.*

A separação entre sexo e emoção está na própria base da cultura e da civilização ocidentais. Se a primeira repressão sexual é o mecanismo básico pelo qual as estruturas de caráter que sustentam a servidão política, ideológica e econômica são produzidas, um fim ao tabu do incesto, através da abolição da família, poderia ter efeitos profundos. A sexualidade seria liberta de sua camisa-de-

* No original:

I care not for these ladies
Who must be wooed and prayed,
Give me kind Amaryllis,
The wanton country maid,
Nature Art disdaineth,
Her beauty is her own,
For when we hug and kiss she cries
“Forsooth, let us go”
But when we come where comfort is
She never will say no.

força, vindo erotizar toda nossa cultura, mudando a sua própria definição.

* * *

Sintetizando brevemente meu segundo ponto-de-vista, de que Freud e o feminismo lidaram com o mesmo material: a hipótese básica de Freud, a natureza da libido e seu conflito com o princípio de realidade, faz muito mais sentido, quando vista em oposição ao pano de fundo social da família (nuclear patriarcal). Tentei reanalisar, em termos feministas, aqueles componentes da teoria de Freud que se relacionam mais diretamente com o sistema familiar: o tabu do incesto e os conseqüentes Complexos de Édipo e de Electra, e sua falha comum em causar um mau funcionamento sexual, ou, em casos graves, o desvio sexual de hoje. Salientei que essa repressão sexual requeria de todo indivíduo que, em benefício da integridade familiar, contribuísse não só para a neurose individual, mas também para a doença cultural corrente.

Está além do objetivo deste capítulo qualquer coisa que seja mais do que um esboço de apresentação. Uma reexposição de Freud, em termos feministas, constituiria, por si só, um livro valioso. Neste capítulo, eu apenas sugeri que o freudismo e o feminismo surgiram na mesma época, em resposta aos mesmos estímulos, e que, essencialmente, eles são feitos da mesma matéria. Examinando os princípios básicos do freudismo, mostrei que eles são, também, a matéria-prima do feminismo. A diferença reside apenas no fato de que o feminismo radical não aceita que o contexto social, no qual a repressão (e, conseqüentemente, a neurose) se desenvolve, seja imutável. A submissão do prazer à realidade, i.e., à repressão sexual, não continuará necessariamente, se eliminarmos a família (biológica).

2. O Freudismo Classifica o Feminismo

As duas idéias principais deste capítulo, primeiro, a de que o freudismo e o feminismo originaram-se das

mesmas condições históricas, e segundo, a de que o freudismo e o feminismo baseiam-se no mesmo conjunto de realidades, acrescentarei uma terceira: *o freudismo classificou o feminismo como o menos importante de dois males.*

Mostramos como o freudismo tocou no mesmo ponto crucial do feminismo. Ambos, simultaneamente, foram respostas a séculos de uma crescente privatização da vida familiar, com extrema submissão das mulheres, e com as repressões sexuais e as neuroses subseqüentes, geradas por essa situação. Freud também foi considerado, em tempos passados, um maníaco sexual, um destrutivo, para a sociedade. Ele foi tão ridicularizado e menosprezado quanto o foram as militantes feministas. Só muito mais tarde é que o freudismo se tornou tão sagrado quanto uma religião estabelecida. De que modo essa inversão se processou?

Consideremos, primeiro, o contexto social do desenvolvimento do freudismo e do feminismo. Vimos que as idéias das primeiras feministas radicais continham os germes da revolução sexual vindoura. Vimos que, embora em muitos casos as próprias feministas não tenham compreendido claramente a importância daquilo em que tinham esbarrado, embora, freqüentemente, não tivessem formulado uma crítica radical feminista da sociedade que fosse completa e consistente — e isto não é de surpreender, dado o clima político da época — a reação da sociedade contra elas indica que seus inimigos sabiam o que elas queriam, mesmo que elas próprias não estivessem seguras disso. A virulenta literatura antifeminista da época, geralmente escrita por homens respeitáveis e honestos em suas próprias áreas de empenho, ilustra a ameaça que as feministas representavam para o estabelecimento. Também mostrei, no capítulo anterior, como o movimento foi redirigido, num esforço exaustivo para obter o voto, e como, desse modo, ele foi desviado e destruído. Seguindo-se ao fim do movimento feminista, com a obtenção do direito ao voto, surgiu a era das “melindrosas”, uma era que lembra muito a nossa, na sua sexualidade pseudoliberada. A rebelião feminina mui-

to difundida, provocada pelo movimento feminista, não tinha nesse momento nenhum rumo a seguir. As mulheres que tinham cortado o cabelo, encurtado as saias e entrado para a universidade, não encontravam um sentido político para sua frustração; em vez disso, elas se extravasavam em maratonas, ou se consumiam cruzando a nado o Canal da Mancha e pilotando aviões, através do Atlântico. Eram uma classe ativa, que não sabia o que fazer com a consciência. Diziam-lhes, como ainda nos dizem: "Vocês conseguiram direitos civis, saias curtas, e liberdade sexual. Vocês venceram a sua revolução. O que mais querem?" Mas a "revolução" tinha sido ganha dentro de um sistema organizado em torno da família nuclear patriarcal. E, como Herbert Marcuse mostra em *Eros e Civilização*, dentro dessa estrutura repressiva só pode resultar uma repressão mais sofisticada ("dessublimação repressiva").

"Numa sociedade repressiva, a felicidade e o desenvolvimento produtivo do indivíduo estão em contradição com a sociedade; se eles são definidos como valores a serem realizados dentro da sociedade, eles próprios se tornam repressivos... [O conceito de dessublimação repressiva significa] a liberação da sexualidade nos modos e formas que reduzem e enfraquecem a energia erótica. Nesse processo, a sexualidade se abre a dimensões e relações anteriormente proibidas. Contudo, em vez de ela recriar essas dimensões e relações à semelhança do Princípio da Realidade, a tendência oposta faz valer seus direitos: o Princípio da Realidade estende seu poder sobre Eros. O exemplo mais vigoroso disso é fornecido pela introdução metódica da erotização no comércio, na política, na propaganda, etc."

Na década de vinte criaram-se os estereótipos da "moça que trabalha fora e faz carreira" (*career girl*), da "aluna de colégio misto" (*coed*) e da mulher-de-negócio "machona". Essa imagem da mulher supostamente "liberada" circulou pelo mundo, via Hollywood. Os efeitos desproporcionais da pseudoliberação sobre as mulheres deram aos antifeministas um novo material de combate, e, posteriormente, favoreceram a resistência das so-

ciedades, que ainda declaravam abertamente a supremacia masculina, em pôr "suas" mulheres em liberdade. ("Amamos nossas mulheres do jeito como elas são: *femininas*"). Os recrutas americanos voltaram da Segunda Guerra Mundial com histórias dessas grandes mulheres continentais, que ainda sabiam como fazer um homem se sentir bem. A palavra *castração* começou a circular. E, finalmente, na América, na década dos quarenta, o freudismo assumiu um lugar importante.

Enquanto isso, o freudismo tinha sofrido profundas mudanças internas. A ênfase na teoria psicanalítica deslocou-se para a prática clínica. No capítulo final de *Eros e Civilização*, Marcuse discute as implicações reacionárias dessa mudança. Mostra como a contradição entre as idéias de Freud e a possibilidade de qualquer "terapia" eficaz baseada nelas acabou causando a assimilação da teoria pela prática, para adaptar-se a ela — a psicanálise não pode realizar a felicidade do indivíduo numa sociedade, cuja estrutura só pode, no máximo, tolerar uma felicidade individual, que seja rigorosamente controlada.

"Os conceitos mais especulativos e "metafísicos", não sujeitos a verificação clínica... foram depreciados e descartados deles completamente. Além disso, nesse processo, alguns dos conceitos mais decisivos de Freud (como a relação entre o id e o ego, a função do inconsciente, e o alcance e o significado da sexualidade) foram redefinidos de um modo tal, que seu conteúdo quase foi eliminado... Os revisionistas converteram o enfraquecimento da teoria de Freud numa nova teoria."

O termo que, talvez, melhor caracterize esse revisionismo neofreudiano seja "adaptação". Mas, adaptação a quê? A suposição básica é de que devemos aceitar a realidade na qual nos encontramos. Mas, o que acontece se formos uma mulher, um negro, ou um membro de qualquer outra classe da sociedade especialmente infeliz? Nesse caso, somos duplamente desgraçados. Pois então, não só devemos atingir uma normalidade que, até para os privilegiados, é, como vimos, na melhor das hipóteses, difícil e precária, como também devemos nos

“adaptar” ao racismo ou ao sexismo específicos que limitam nossa potencialidade, desde o início. Deve-se abandonar todas as tentativas de autodefinição ou autodeterminação. Assim, na visão de Marcuse, o processo da terapia torna-se, meramente, “um caminho para a resignação”. Pois, como na freqüentemente citada afirmação de Freud a um paciente seu (*Estudos sobre a Histeria*, 1895), “[Muito se ganhará se conseguirmos, através da terapia] transformar o seu sofrimento histérico na infelicidade cotidiana.”

E, como podem atestar todos os que foram submetidos à terapia, esta é exatamente a situação real. A descrição que Cleaver faz de sua análise, em *Soul on Ice*, fala também da experiência de qualquer outra pessoa oprimida:

“Tive várias seções com um psiquiatra. Sua conclusão foi que eu odiava minha mãe. Como chegou a essa conclusão, eu nunca saberei, porque ele não sabia nada de minha mãe, e, quando me fazia perguntas, eu lhe respondia com mentiras absurdas. O que me revoltou contra ele foi o fato de que ele tinha me ouvido denunciar os brancos, entretanto, toda vez que isso acontecia, ele deliberadamente trazia de volta a conversa para minha vida familiar, para minha infância. Isto, em si mesmo, era correto, mas ele, deliberadamente, bloqueou todas as minhas tentativas de trazer à tona a questão racial, e deixou claro que não estava interessado em minhas atitudes com relação aos brancos. Essa era uma caixa de Pandora que ele não estava interessado em abrir.”

Theodore Reik, talvez o protótipo do Freud de conversa de botequim, exemplifica a obtusidade e a insensibilidade da maioria dos psicanalistas para os problemas reais de seus pacientes. É extraordinário que, com tantos escritores que falam das diferenças emocionais entre os homens e as mulheres, Reik nunca tenha descoberto a diferença objetiva entre as suas situações sociais. Por exemplo, ele observa, de passagem, diferenças como as que se seguem, sem sequer esboçar conclusões adequadas:

“As meninas, de vez em quando, cochicham umas para as outras: “Os homens fazem” isso ou aquilo. Os meninos nunca se referem às mulheres desse jeito.”

“Uma mulher dá muito mais valor ao fato de ser mulher, do que um homem ao fato de ser homem.”

“A maioria das mulheres, quando pede um favor a um homem, sorri. Na mesma situação, os homens raramente sorriem.”

“Ser um dândi [*ladies' man*] significa ser menos homem.”

“Quase todas as mulheres têm medo de que o homem que elas amam a deixe. Mas dificilmente um homem tem medo que uma mulher o deixe.”

“As mulheres, quando em grupo, às vezes dizem: “Meu mestre e senhor deixou-me sair de casa esta noite.” Os homens dizem, referindo-se a elas: “Meu fardo.”

Eis aqui um exemplo casual dessas contribuições neofreudianas à compreensão da sexualidade:

“A primeira impressão que temos de uma jovem que entra numa sala cheia de pessoas é a de uma insegurança encoberta ou bem-disfarçada. Parece que ser possuidor de um pênis protege completamente os homens dessa percepção.”

“Os homens não estão à vontade no universo, e, por isso, têm que explorá-lo. As mulheres que fabricam a série de todos os seres orgânicos, estão à vontade no mundo, e não sentem ânsia em descobrir tudo sobre ele.”

“A mim me parece que a investigação psicanalítica que enfatiza o sentimento de deficiência física que a menina experimenta na região genital descuidou do valor estético dessa deficiência e de seu significado no desenvolvimento da atitude feminina. Suponho que a menina que compara seu órgão genital com o do menino acha feios os seus órgãos. Não só a maior modéstia das mulheres, mas também seu incessante esforço para embelezar e cultivar seus corpos, devem ser entendidos como um deslocamento e uma extensão de seu esforço para compensar sua impressão original de que seus órgãos genitais são feios.”

“Acredito que o asseio tem uma dupla origem: a primeira, nos tabus das tribos, e a segunda, provinda de milhares de anos, a saber, a consciência das mulheres de seu cheiro próprio, especificamente os cheiros ruins causados pela secreção de seus órgãos genitais.”

Eis uma típica interpretação terapêutica:

"[Uma paciente tinha medo de mostrar-me seu livro.] Então, ocorreu-me: essa paciente, que tinha revelado, durante a transferência anterior, indícios claros de um amor transferencial em relação a mim, agora age como se o livro fosse um filho que ela tivesse tido de mim. Age como uma mulher que tem que mostrar, pela primeira vez, seu filho ao marido. Tem medo de que ele possa não gostar do bebê recém-nascido."

Lê-se como um livro de anedotas freudianas.

Em contraste com isso, as pacientes de Reik geralmente se mostraram comovedoramente perceptivas, e até brilhantemente perspicazes. Elas estavam em muito maior sintonia com a realidade de sua situação do que ele jamais foi capaz de estar:

"Uma mulher parece incapaz de expressar seus fortes sentimentos negativos e expressa essa sua incapacidade numa sessão psicanalítica: 'Tenho medo de mostrar essas emoções, porque se eu o fizesse, seria como abrir uma caixa de Pandora... Tenho medo que minha agressividade destruísse tudo'."

"Antes de ela sair, levei-a até a janela, e mostrei-lhe as lojas ao longo da rua, e seus anúncios em letras de neon, e disse: 'Esse não é um mundo das mulheres?' Mas ela não ficou impressionada com isso, e replicou: 'Desça Wall Street e você compreenderá que esse é um mundo dos homens'."

"[Uma paciente observa que] Os homens são estranhos. Eles não nos permitem ser apenas mulheres, eu quero dizer, mulheres com toda a sua franqueza; mas eles, nem por um momento, nos deixam esquecer de que somos apenas mulheres."

Como podem essas mulheres suportar a estúpida misoginia de Reik? Na verdade, elas não o conseguem:

"Quando disse a uma paciente quarentona que ela tinha querido ser um menino, como seu irmão, ela começou a me amaldiçoar e a me injuriar, dizendo: 'Foda-se!' e 'Vá para o inferno!', e outras expressões impróprias para uma senhora."

Mas o doutor acaba vencendo:

"Quando chegou a hora de ir embora, ela demorou-se um pouco mais do que o habitual defronte ao espelho de minha ante-sala, arrumando os cabelos. Eu observei, sorrindo: 'Estou feliz de ainda ver um vestígio de feminilidade'."

Eis algumas outras reações femininas:

"Quando você me ouve durante um longo tempo, sem dizer nada, eu geralmente tenho a impressão de que o que eu digo é uma dessas coisas bobas e sem valor das mulheres. É como se você achasse que não vale a pena falar comigo."

"Uma mulher, criticando seu psicanalista: 'Até a sua espontaneidade é artificial!'"

"A paciente ficou calada por um período mais longo do que o habitual, e depois disse: 'Porra! Eu não sei porque estou aqui! Foda-se você!'"

Não é que essas mulheres não estivessem conscientes de sua situação. Ao contrário, elas estavam no consultório de Reik, por causa de sua consciência. Não havia outro meio de lidar com a sua frustração, porque não há meio de lidar com ela, *a não ser pela revolução*.

Chegamos, agora, ao nosso ponto crucial: a importação do freudismo para que o fluxo do feminismo fosse freado. Nas décadas de vinte e trinta, as mulheres descobriram-se equidistantemente próximas e afastadas de seus papéis tradicionais. Consequentemente, elas não estavam nem isoladas e protegidas do mundo, como antes, nem aparelhadas para enfrentá-lo. Ambas as suas vidas, pessoal e profissional, sofriam com isso. Sua frustração freqüentemente assumia formas histéricas, complicadas pelo fato de que elas eram desprezadas em todo o mundo, até pela pequena falsa liberação que tinham alcançado. A perplexidade das massas com relação a elas levou-as, em bandos, para os psicanalistas. E de onde tinham vindo os psicanalistas? Nessa época, havia uma guerra na Europa, e grande parte da *intelligentsia* alemã e austríaca tinha-se instalado nos Estados Unidos, em busca de uma prática. Ali era o lugar ideal. Toda uma classe de pessoas sofredoras os aguardava. E não eram

somente uns poucos entediados, mulheres ricas sorvidas pela nova religião. Pois a América estava sofrendo várias limitações, por deter uma revolução sexual que já estava bem longe dos estágios iniciais. Surgiram livros com títulos do tipo deste: *Como Viver com um Neurótico* (porque essa classe oprimida está sempre lá na sua cozinha choramingando, queixando-se e resmungando). Logo, os homens também apareceram nos psicanalistas. Bem-educados, cidadãos responsáveis, de modo algum psicóticos. E as crianças também. Inauguraram-se campos inteiramente novos para atender ao afluxo: psicologia infantil, psicologia clínica, terapia de grupo, serviços de aconselhamento matrimonial. Qualquer variante que você possa imaginar, mencione um nome, e verificará que já existe. E nenhuma delas foi suficiente. A demanda multiplicou-se mais rápido do que se puderam abrir novos departamentos nas universidades.

Não é de surpreender que esses novos departamentos fossem logo preenchidos pelas mulheres. Massas de mulheres, em busca de alguma coisa, estudaram apaixonadamente psicologia, na esperança de descobrir uma solução para seus "grilos". Mas, as mulheres que se tinham tornado interessadas em psicologia só porque sua matéria tocava-lhes nos problemas mais íntimos, logo começaram a vomitar jargões sobre o ajuste matrimonial e sobre as responsabilidades do papel sexual. Os Departamentos de Psicologia transformaram-se em centros de recuperação para rapidamente tornarem as mulheres de novo ajustadas a seus papéis tradicionais de esposas e de mães. As mulheres que persistiram em exigir profissões de carreira tornaram-se, por sua vez, instrumentos do sistema educacional repressivo. Seus novos *insights* psicológicos — como aquele balbúcio de Psicologia Infantil, de Assistência Social, e de Educação Elementar — serviram para reprimir uma geração nova de mulheres e de crianças. A psicologia tornou-se reacionária em sua essência, tendo sido corroído o seu potencial como uma disciplina séria pela utilidade dela para os que estavam no poder.

E a Psicologia não foi a única disciplina que se corrompeu. A Educação, o Serviço de Assistência Social,

a Antropologia, todas as disciplinas relacionadas às ciências do comportamento permaneceram, durante anos, pseudociências, sobrecarregadas com uma dupla função: a doutrinação das mulheres, bem como o estudo do comportamento "humano". Escolas de pensamento reacionárias se expandiram. A Ciência Social tornou-se "funcional", estudando o funcionamento das instituições dentro do sistema de valores estabelecido, promovendo, assim, a aceitação do *status quo*.

Não é de surpreender que estes campos tenham permanecido "campos femininos". Os homens logo partiram para a ciência "pura" (exclusivamente masculina). As mulheres, ainda semi-instruídas, atemorizadas com a recente admissão na universidade, ficaram chafurdando na merda pseudocientífica. Pois além da função de doutrinação as ciências do comportamento serviram de represa para impedir as hordas contestadoras das *nouveaux intellectuelles* de serem admitidas nas ciências "verdadeiras" — a física, a engenharia, a bioquímica, etc., ciências que, numa sociedade tecnológica, mantêm uma relação cada vez mais direta com os dirigentes dessa sociedade.

Em consequência, até o acesso à educação de um nível mais elevado, uma das poucas vitórias do primitivo W.R.M., foi subvertida. Geralmente, a única diferença entre a dona-de-casa moderna, instruída na universidade, e seu protótipo tradicional está na gíria que esta usava para descrever o seu inferno conjugal.

* * *

Em suma, a teoria freudiana, repolida, em função de sua nova função de "adaptação social", foi usada para exterminar a revolta feminista. Remendando com *band-aids* as feridas abertas pela revolução feminista abortada, ela conseguiu apaziguar a enorme inquietação social e a confusão de papéis que se sucederam ao primeiro ataque contra a rígida família patriarcal. É duvidoso que a revolução sexual tivesse permanecido paralisada, a meio-caminho, durante metade de um século, sem a sua ajuda; pois os problemas despertados pela primeira onda de fe-

minismo ainda não estão resolvidos hoje. D. H. Lawrence e Bernard Shaw não são hoje menos importantes do que foram em sua própria época. *A Revolução Sexual* de Wilhelm Reich poderia ter sido escrita ontem.

O freudismo foi o “melhor inimigo” do feminismo, porque embora tivesse tocado no mesmo ponto crucial, ele teve uma astúcia que o feminismo não teve — nunca questionou a realidade estabelecida. Embora ambos, em sua essência, fossem explosivos, o freudismo foi sendo gradativamente revisto, para adequar-se às necessidades pragmáticas da terapia clínica. Ele se tornou uma perfeita ciência aplicada, de técnicos de aventais brancos, sendo seus conteúdos destruídos, em função de um objetivo reacionário: a socialização dos homens e das mulheres, num sistema artificial de papéis sexuais. Mas sobrou o suficiente de sua força original para servir de chamariz aos que buscavam uma saída para sua opressão. Isto levou o freudismo, aos olhos da opinião pública, a passar de uma posição de extrema desconfiança e suspeita para seu *status* atual. A psicanálise, como especialidade, é a última palavra em tudo, desde as rupturas conjugais, até os julgamentos criminais nos tribunais. Assim, o freudismo ganhou um terreno que o feminismo tinha perdido: ele floresceu às custas do feminismo, na medida em que agiu como recipiente de sua força destruidora.

Só recentemente começamos a sentir os efeitos de gerações de entoxicamento; meio século depois, as mulheres acordam. Dá-se uma nova ênfase às condições objetivas na psicologia, bem como, nas ciências comportamentais, essas disciplinas, somente agora, décadas depois dos danos terem sido causados, estão reagindo contra a sua longa prostituição, exigindo a verificação científica — apenas um fim à “objetividade” e uma reintrodução aos “juízos de valor”. O grande número de mulheres nesses campos brevemente poderá usar desse fato em seu próprio proveito. E uma terapia que se tivesse revelado mais nociva do que inútil poderia finalmente ser substituída pela única coisa que pode fazer bem: a organização política.

IV. ABAIXO A INFÂNCIA!

Para Nechemia

que ultrapassará a infância, antes que ela seja eliminada

As mulheres e as crianças sempre são mencionadas simultaneamente (“Mulheres e crianças, para trás!”). O vínculo especial que as mulheres têm com as crianças é reconhecido por todos. Contudo, proponho que a natureza desse vínculo não passa de uma opressão compartilhada. E que, além disso, essa opressão está entrelaçada e mutuamente reforçada de modos tão complexos, que seria impossível falar da liberação das mulheres, sem, também, discutir a liberação das crianças, e vice-versa. O núcleo da opressão das mulheres são seus papéis de reprodutora e educadora das crianças. E, por sua vez, as crianças são definidas em relação a esse papel, e são psicologicamente formadas por ele. O que se tornam como adultas, e os tipos de relacionamento que são capazes de estabelecer determinam a sociedade que elas, em última análise, construirão.

* * *

Tentei mostrar como as hierarquias de poder na família biológica, e as repressões sexuais necessárias para mantê-la — especialmente intensas na família nuclear patriarcal — são destrutivas e caras para a psique individual. Antes de continuar a descrever como e porque

isso gerou um culto da infância, vejamos como essa família nuclear patriarcal se desenvolveu.

Em todas as sociedades, até a presente data, sempre houve alguma modalidade da família *biológica*, e, conseqüentemente, sempre houve uma opressão das mulheres e das crianças em graus variados. Engels, Reich, e outros indicam os matriarcados primitivos como exemplos, tentando mostrar como o autoritarismo, a exploração e a repressão sexual originaram-se com a monogamia. Contudo, voltar ao passado, em busca de condições ideais, é muito fácil. Simone de Beauvoir é mais honesta quando, em *O Segundo Sexo*, escreve:

“Os povos que permaneceram sob o domínio da deusa-mãe, os que conservaram o regime matrilinear são também os que pararam num estágio primitivo da civilização . . . A desvalorização da mulher [sob o patriarcado] representa um estágio necessário na história da humanidade, pois não é sobre o valor positivo dela, e sim sobre a fraqueza do homem que seu prestígio é fundamentado. Na mulher estão personificados todos os mistérios perturbadores da natureza, e o homem liberta-se de seu poder quando se liberta da natureza . . . Assim, o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso, nem o resultado de uma revolução violenta. Desde o início da humanidade, a *superioridade biológica* dos homens permitiu-lhes afirmar seu *status* como sujeitos únicos e soberanos; nunca abdicaram dessa posição; outrora, renunciaram a uma parte de sua existência independente, em favor da Natureza e da Mulher; mas, posteriormente, recuperaram-na.” (Grifos da autora)

Acrescenta:

“Contudo, talvez se o trabalho produtivo tivesse permanecido dentro dos limites de sua resistência, a mulher poderia ter realizado com o homem a conquista da natureza . . . através de ambos, homem e mulher . . . mas, por não ter compartilhado de modo de trabalhar e de pensar dele, por ter permanecido escrava dos processos misteriosos da vida, ela não foi reconhecida pelo homem como um ser semelhante a ele.” (Grifos da autora)

Assim, a biologia reprodutora da mulher foi a responsável por sua opressão original e continuada, e não alguma espécie de revolução patriarcal inesperada, cujas origens nem o próprio Freud teve palavras para explicar. O matriarcado é um estágio no caminho para o patriarcado, para a mais plena realização do homem; o homem deixa de cultuar a Natureza, através das mulheres, para conquistá-la. Embora seja verdade que a sorte da mulher piorou consideravelmente sob o patriarcado, ela nunca foi boa; pois, apesar de toda nostalgia, não é difícil provar que o matriarcado nunca foi uma resposta para a opressão fundamental das mulheres. Basicamente, ele não passou de um meio diferente de enumerar linhagem e herança, meio que, embora possa ter trazido mais vantagens para as mulheres do que o patriarcado posterior, não admitiu as mulheres na sociedade como iguais. Ser reverenciado não significa ter liberdade¹; pois o culto ainda se passa na cabeça de outro, e essa cabeça é do Homem. Contudo, voltando ao passado, embora não forneça modelos autênticos, ele tem algum valor para a compreensão da relatividade da opressão: embora essa tenha sido uma condição humana fundamental, ela apareceu sob graus diferentes, em formas diferentes. Mas, através de toda a História, em todos os estágios e tipos de cultura, as mulheres foram oprimidas devido a suas funções biológicas.

A *família patriarcal* é apenas a mais recente de uma rede de organizações sociais “primárias”, todas as quais definiram a mulher como uma espécie diferente, devido a sua capacidade única de parir. O termo *família* foi pela primeira vez empregado pelos romanos, para designar uma unidade social, onde o cabeça governava as mulheres, as crianças e os escravos. Pela lei romana, ele era investido de direitos de vida e morte sobre todos os outros. *Famulus* significa escravo doméstico, e *família* é o número total de escravos pertencentes a um homem.

1. O sofrimento da deusa foi admiravelmente retratado no filme *Devi*, de Satyajit Ray.

Mas, embora os romanos tivessem cunhado o termo, não foram eles os primeiros a desenvolver a instituição. (Leia-se no Antigo Testamento, por exemplo, a descrição da caravana de Jacó e sua família, que viaja para encontrar, depois de longa separação, o irmão gêmeo Esaú.) Esse lar patriarcal primitivo foi apenas uma das muitas variações da família patriarcal que existiram em muitas culturas diferentes até o presente momento.

Contudo, a fim de ilustrar a natureza relativa da opressão das crianças, em vez de comparar essas diferentes modalidades da família patriarcal através da História, examinaremos o desenvolvimento de sua versão mais recente, a família *nuclear patriarcal*. Até mesmo sua curta história, aproximadamente do século XIV em diante, é reveladora. O desenvolvimento de nossos valores familiares mais queridos dependeu de condições culturais, não sendo seus fundamentos de modo algum absolutos. Façamos uma revisão do desenvolvimento da família nuclear — e de sua estrutura “infância” — desde a Idade Média até o presente, baseando nossa análise em *Centuries of Childhood: A Social History of Family Life*, de Philippe Ariès.

A família nuclear moderna é apenas um desenvolvimento recente. Ariès mostra como a família, como a conhecemos hoje, não existiu na Idade Média, desenvolvendo-se gradativamente somente do século XIV em diante. Até então a “família” significava, primordialmente, a linha hereditária legal de uma pessoa, dando-se ênfase à linhagem de sangue, em vez de à unidade conjugal. Com respeito a essas legalidades, como a transmissão da propriedade, sua função primária, havia comunhão de bens entre o marido e a esposa, e comunhão de propriedade entre os herdeiros. Somente por volta do fim da Idade Média, com o aumento da autoridade paterna na família burguesa, foi abolida a comunhão de bens entre o casal, e a comunhão de propriedade entre os filhos deu lugar às leis de primogenitura. Ariès mostra como a iconografia refletia os valores correntes da sociedade na Idade Média: os modelos eram ou composições solitárias, ou grandes agrupamentos de pessoas

alegres em lugares públicos. Há uma escassez de cenas de interior, pois a vida não acontecia dentro de uma “casa”. Pois naquela época não havia abrigo num “grupo primário” privado. Na tradição do lar patriarcal antigo, o grupo familiar era composto de grande número de pessoas, num constante estado de fluxo, e, na classe dos homens pobres, era formado de massas inteiras de servos, vassallos, músicos, pessoas de todas as classes, bem como de muitos animais. Embora o indivíduo pudesse se retirar dessa constante interação social, através da vida espiritual ou acadêmica, mesmo aí havia uma comunidade, da qual ele poderia participar.

Essa família medieval — descendente direta das classes mais altas, e, nas classes mais baixas, nada mais do que um par conjugal plantado no meio da comunidade — gradativamente evoluiu para a família nuclear que conhecemos. Ariès descreve a mudança:

“Era como se um organismo polimorfo rígido se tivesse fragmentado e sido substituído por uma grande quantidade de pequenas sociedades, as famílias, e por uns poucos grupos compactos, as classes.”

Essa transformação provocou mudanças culturais profundas, bem como afetou a própria estrutura psicológica do indivíduo. Até a visão do ciclo vital do indivíduo evoluiu culturalmente, p. ex., a “adolescência”, que nunca tinha existido antes, entrou em uso. O mais importante desses novos conceitos de fases da vida foi a infância.

1. O Mito da Infância

Na Idade Média não havia esse conceito de infância. A visão medieval sobre as crianças era profundamente diferente da nossa. Não se trata apenas de que ela não fosse “centrada na criança”; literalmente, não tinha consciência da criança como distinta do adulto.

Os meninos e meninas da iconografia medieval são adultos em miniatura, refletindo uma realidade social completamente diferente. As crianças, nessa época, *eram* adultos pequenos, portadoras de quaisquer que fossem a classe e o nome com o qual tivessem nascido, destinadas a ascender a uma posição social claramente delineada. Uma criança via a si mesma como o futuro adulto, passando por seus estágios de aprendizado; o adulto era o futuro *self* poderoso de “quando ela era pequena”. Ela avançava nos vários estágios de seu papel adulto quase que automaticamente.

As crianças eram tão pouco diferenciadas dos adultos, que não havia um vocabulário específico para descrevê-las. Elas compartilhavam o vocabulário da submissão feudal. Só mais tarde, com a introdução da infância como um estado distinto, esse vocabulário misturado se diferenciou. A confusão se baseava na realidade: as crianças diferenciavam-se socialmente dos adultos, apenas por sua dependência econômica. Eram tratadas como uma outra classe servente transitória, com a diferença de que, pelo fato de todos os adultos começarem nessa classe, ela não era vista como degradante (um equivalente seria o aprendiz contratado da história americana). *Todas* as crianças eram literalmente servas; este era seu aprendizado para a maturidade. (Assim, durante um longo período depois, na França, servir a mesa não era considerado degradante porque tinha sido praticado como uma arte por toda a jovem aristocracia.) Essa experiência comum das crianças e servos e a tradicional intimidade entre eles foi deplorada até o século XX. Como as classes cresceram cada vez mais isoladas umas das outras, essa intimidade prolongada foi considerada a causa da considerável corrupção moral das crianças das classes alta e média.

A criança era um membro à parte no vasto lar patriarcal, sequer essencial para a vida familiar. Em todas as famílias, a criança era amamentada por um estranho e, depois, enviada para uma outra casa (aproximadamente, dos sete até os quatorze a dezoito anos) para fazer o aprendizado de dono de casa, como mencionei,

geralmente constituindo-se do serviço doméstico, ou o incluindo. Assim, ela nunca desenvolvia uma dependência excessiva dos pais. Eles eram responsáveis apenas pelo mínimo de seu bem-estar físico. E, por sua vez, não “precisavam” dos filhos — certamente os filhos não recebiam afeição da parte deles. Pois, além da taxa de mortalidade infantil, que, por si só, desencorajaria essas demonstrações de afeto, os pais educavam *filhos de outras pessoas* para a vida adulta. E, por serem os lares assim tão extensos, cheios de vários empregados-de-casa, bem como de um constante grupo de visitantes, amigos e clientes, a dependência de uma criança, ou mesmo seu contato com qualquer um dos pais especificamente era limitada. Quando uma relação se desenvolvia, ela poderia ser melhor descrita como avuncular.

A transmissão de uma geração para a outra era assegurada pela participação diária das crianças na vida adulta. As crianças nunca eram segregadas em quartos, escolas ou atividades especiais. Uma vez que o objetivo era preparar a criança para a vida adulta logo que possível, era bastante razoável que essa segregação fosse sentida como um atraso, ou como um bloqueio a uma perspectiva adulta. Logo que possível, a criança era integrada na comunidade, em todos os níveis. Não havia brinquedos, jogos, ou roupas especiais, nem aulas planejadas só para crianças. Os jogos eram partilhados com grupos de todas as idades. As crianças participavam das festividades da comunidade adulta. As escolas (só para habilidades especializadas) conferiam o aprendizado para quem quer que estivesse interessado, qualquer que fosse a sua idade. O sistema de aprendizado era aberto tanto para as crianças, quanto para os adultos.

Depois do século XIV, com o desenvolvimento da burguesia e da ciência empírica, essa situação começou a evoluir lentamente. O conceito de infância desenvolveu-se como um acessório da família moderna. Foi articulado um vocabulário para descrever as crianças e a infância (p. ex., o francês *le bébé*), e um outro vocabulário foi criado especialmente para dirigir-se às crianças. O “infantilês” tornou-se moda durante o século XVII.

(Desde então, ele se expandiu numa arte e num modo de vida. Existem todos os tipos de requintes modernos nessa linguagem infantil. Algumas pessoas nunca passam sem ela, e é usada especialmente com as namoradas, que são tratadas como crianças crescidas.) Os brinquedos para criança não apareceram antes de 1600, e mesmo nessa época não eram usados além da idade de três ou quatro anos. Os primeiros brinquedos eram apenas réplicas, do tamanho das crianças, dos objetos dos adultos: o cavalinho-de-pau substituiu o cavalo real que a criança era muito pequena para montar. Mas, ao fim do século XVII, encontramos a introdução de jogos especiais para crianças. (Na verdade, eles significavam apenas uma divisão: certos jogos, anteriormente partilhados por crianças e adultos, foram cedidos pelos adultos às crianças e à classe baixa, enquanto que outros jogos foram acolhidos, a partir de então pelos adultos, para seu uso exclusivo, tornando-se os “jogos de salão” dos adultos das classes altas.)

Assim, durante o século XVII, a infância, como um conceito novo e da moda, estava “por dentro”. Ariès mostra como a iconografia também reflete a mudança, por exemplo, com o crescimento gradativo das glorificadas pinturas da relação mãe/filho, como *O Infante nos Braços de Maria*, ou, mais tarde, nos séculos XV e XVI, com as pinturas de interiores e de cenas de família, incluindo até retratos individualizados de crianças, e da parafernália da infância. Rousseau, entre outros, desenvolveu uma ideologia da “infância”. Grande importância foi conferida à pureza e à “inocência” das crianças. As pessoas começaram a se preocupar com a exposição das crianças ao vício. O “respeito” pelas crianças, assim como pelas mulheres, desconhecido antes do século XVI, quando elas eram ainda parte da sociedade em geral, tornou-se necessário, agora que elas formavam um grupo oprimido bem definido. Seu isolamento e segregação tinham-se instalado. A nova família burguesa, centrada na criança, impôs uma supervisão constante sobre ela; toda a independência anterior foi abolida.

O significado dessas mudanças é ilustrado pela história da indumentária das crianças. A roupa era um modo de simbolizar a classe e a prosperidade social — e continua sendo, sobretudo para as mulheres. O temor até hoje existente, sobretudo na Europa, de qualquer impropriedade no vestir deve-se, em primeiro lugar, à impropriedade de “dissolver as classes sociais”. E, nos tempos em que as roupas eram caras e a produção em série desconhecida, essa função do vestir era ainda maior. Pelo fato de os trajes descreverem tão vividamente as disparidades de sexo e classe, a história da moda para crianças nos fornece chaves valiosas sobre o que estava acontecendo com elas.

Os primeiros trajes especiais para crianças apareceram no fim do século XVI, data importante na formação do conceito de infância. Inicialmente, os trajes de crianças eram modelados de acordo com os trajes arcaicos dos adultos, à maneira da classe baixa, que também vestia as roupas usadas da aristocracia. Tais arcaísmos simbolizavam a crescente exclusão das crianças e do proletariado da vida pública contemporânea. Antes da Revolução Francesa, quando foram introduzidas calças especiais de marinheiro, que mais tarde passaram a diferenciar a classe baixa, encontramos a mesma indumentária difundida entre meninos das classes altas. Isso é importante, porque ilustra bem nitidamente que as crianças da classe alta constituíam uma classe baixa dentro dessa classe. Essa diferenciação do vestuário funciona para intensificar a segregação e deixa claro que as distinções de classe são também corroboradas por um costume dos séculos XVII e XVIII, inexplicável em outras circunstâncias: deveriam ser usadas duas fitas largas, pelo menino e pela menina, presas à roupa, sobre cada ombro, e estendidas até as costas. Essas fitas aparentemente não tinham outra função senão servir de indicações de indumentária da infância.

A roupa do menino, mais do que as outras, revela a conexão do sexo e da infância com a classe econômica. Um garoto passava aproximadamente por três está-

gios. O menino passava das tiras-de-pano* para vestes femininas; mais ou menos na idade de cinco anos mudava para uma roupa com alguns elementos da roupa do homem adulto, p. ex., o colarinho; e, finalmente, já mais velho, passava a usar todos os emblemas militares. A roupa vestida pelo menino mais velho, na época de Luís XVI, era, ao mesmo tempo, antiquada (gola da Renascença), da classe baixa (calças de marinheiro), e masculinamente militar (jaqueta e botões). O vestuário tornou-se uma outra forma de iniciação à masculinidade, com a criança, em termos modernos, começando a avançar na direção das "calças compridas".

Esses estágios de iniciação à masculinidade, refletidos na história da indumentária infantil, estão claramente ligados ao Complexo de Édipo, como eu o expus no capítulo anterior. Os meninos começavam a vida na classe baixa das mulheres. Vestidos como mulheres, não se distinguiam absolutamente das meninas. Ambos, nesse momento, se identificavam com a mãe, a fêmea; ambos brincavam de boneca. Aproximadamente na idade de cinco anos, são feitas tentativas para afastar o menino da mãe, para encorajá-lo, lentamente, passo a passo, a imitar o pai, p. ex., com a gola masculina. Esse é o período transitório do Complexo de Édipo. Finalmente, o menino é recompensado por libertar-se do feminino, e por transferir suas identificações para o homem, através de um traje especial "adulto", seus emblemas militares constituem uma promessa do futuro e pleno poder masculino adulto.

Que dizer dos trajes das meninas? Eis um fato surpreendente: *o conceito de infância não se aplicava às mulheres*. A menina passava das tiras-de-pano para o vestido feminino adulto. Ela não ia à escola, que, como veremos, era a instituição que estruturava a infância. Na idade de nove a dez anos, agia, literalmente, como uma "mocinha"; sua atividade não diferia da das mulheres adultas. Logo que atingia a puberdade, aos dez ou doze

anos, ela se casava com um homem muito mais velho do que ela.

O sistema de classes, na base do conceito de infância, fica exposto: as meninas e os meninos da classe proletária, ambos, não tinham que ser discriminados por indumentárias características, pois em seus papéis adultos eles seriam subservientes aos homens da classe alta; não era necessária nenhuma iniciação à liberdade. As meninas não tinham razão para passar por mudanças de trajes, quando não havia nada em direção a que elas crescerem. As mulheres adultas estavam ainda numa classe baixa, em relação aos homens. As crianças da classe operária, e isso mesmo até à época atual, eram livres de restrições de indumentária, pois seus modelos adultos também eram "crianças" em relação à classe dominante. Embora os meninos das classes média e alta compartilhassem temporariamente do status das mulheres e da classe operária, gradativamente emergiam dessas classes submissas; as mulheres e os meninos da classe baixa permaneciam aí. Não é tampouco por coincidência que a efeminização das roupas dos meninos foi abolida na mesma época em que as feministas excitaram a opinião pública, no sentido de acabar com as roupas opressivas das mulheres. Ambos os estilos de indumentária estavam inteiramente ligados à submissão das classes e à inferioridade dos papéis femininos. O pequeno Lord Fauntleroy foi-se junto com as anáguas. (Entretanto, meu próprio pai se lembra do seu primeiro dia de calças compridas e até hoje, em alguns países europeus, esses costumes de iniciação no vestir ainda são praticados.)

Podemos também compreender a base de classes do conceito emergente de infância no sistema de educação que o acompanhou. Se a infância fosse apenas um conceito abstrato, então a escola moderna seria a instituição encarregada de estabelecê-la na realidade. Novos conceitos sobre o ciclo vital se organizam, em nossa sociedade, em torno de instituições; p. ex., a adolescência, uma construção do século XX, foi estabelecida para facilitar o recrutamento para o serviço militar.) A educação da escola moderna foi, na verdade, a articulação do

* Usadas para enrolar os bebês. (N.T.)

novo conceito de infância. O ensino foi redefinido. Não sendo mais confiado ao clero e aos letrados, ele se ampliou largamente, para tornar-se o instrumento normal de iniciação social — na evolução da infância até a *maioridade* masculina. (Aqueles aos quais a verdadeira maturidade nunca era solicitada, p.ex., as moças e rapazes da classe operária, não freqüentaram a escola durante vários séculos.²)

Contrariamente à opinião popular, o desenvolvimento da escola moderna teve pouca conexão com a cultura tradicional da Idade Média, bem como com o desenvolvimento das artes liberais e das humanidades na Renascença. (De fato, os humanistas da Renascença foram notados pela inclusão, em suas fileiras, de muitas crianças precoces e mulheres dotas; deram ênfase ao desenvolvimento do indivíduo, qualquer que fosse a sua idade ou sexo.) Segundo Ariès, os historiadores da literatura exageram a importância da tradição humanista na estruturação de nossas escolas. Os verdadeiros criadores e inovadores foram os moralistas e pedagogos do século XVII, os jesuítas, os oratorianos e os jansenistas. Esses homens estiveram à frente da criação de ambos os conceitos de infância e sua institucionalização, e do conceito moderno de edu-

2. Vestígios destes costumes permanecem até em nossos próprios dias. Os garotos da classe operária tendem a se tornar comerciantes, mecânicos, ou equivalentes modernos disso, em vez de se envolverem num *booklarnin**, para eles inútil. Isto é um remanescente da época em que as crianças da classe baixa ainda seguiam um sistema de aprendizado, ao passo que as crianças da classe média tinham começado a freqüentar a escola moderna. (Não é por acaso tampouco que tantos grandes artistas da Renascença foram garotos da classe baixa, treinados nas oficinas dos “mestres”.) Podemos também encontrar remanescentes dessa história no nosso exército atual, onde estão concentrados os extremos da sociedade de classes. De um lado, jovens “escapistas” da classe operária, e do outro, oficiais da classe alta, cadetes militares da aristocracia — pois a aristocracia tanto quanto o proletariado tardaram em adotar a estrutura familiar e o ensino público da burguesia.

* Pronúncia da classe baixa para a palavra *booklearning*, que significa cultura livresca. (N.T.)

cação. Foram os primeiros patronos da fragilidade e da “inocência” da infância; colocaram a infância num pedestal, do mesmo modo como a feminilidade tinha sido posta num pedestal; pregaram a segregação das crianças do mundo adulto. A “disciplina” era a linha mestra da educação moderna, afinal muito mais importante do que a comunicação do saber ou da informação. Pois, para eles, a disciplina era um instrumento de progresso moral e espiritual, adequada menos por sua eficiência em dirigir grupos grandes no trabalho em comum do que por seu valor intrínseco moral e ascético.

Assim, a função da escola tornou-se a “educação das crianças”, acrescida da disciplinadora “psicologia infantil”. Ariès cita *Regulations for Boarders at Port-Royal*, um precursor de nossos manuais de treinamento para professores:

“Deve ser mantida uma vigilância cerrada sobre as crianças, e elas nunca devem ser deixadas sozinhas em lugar nenhum, encontrem-se mau ou bem de saúde... essa supervisão constante deverá ser exercida imperceptivelmente e com uma certa confiança *calculada* para fazê-las pensar que nós as amamos, e que estamos com elas somente para desfrutar de sua companhia. Isso as fará amar sua supervisão, em vez de temê-la.” (Grifo da autora)

Essa passagem, escrita em 1612, já manifesta o tom afetado da moderna psicologia infantil, e a distância peculiar entre adultos e crianças, naquela época esboçada, mas hoje completamente inconsciente.

A nova educação segregava, efetivamente, as crianças do mundo adulto, por períodos de tempo cada vez maiores. Mas essa segregação da criança do mundo adulto — e o severo processo de iniciação exigia que se efetuasse a transição para a vida adulta — indicava um desrespeito crescente, uma subestimação sistemática das capacidades da criança.

A precocidade, tão comum na Idade Média, e ainda durante algum tempo depois, reduziu-se quase a zero

em nossa época.³ Hoje, por exemplo, a proeza de Mozart, de ser uma criança compositora, é quase inacreditável. Na sua própria época, ele não era tão fora do comum. Muitas crianças tocavam e compunham música seriamente nessa época, e também se envolviam em muitas outras atividades “adultas”. Nossas aulas de piano de hoje não são de modo algum comparáveis àquelas. Na verdade, são apenas indicações da opressão infantil — do mesmo modo como os tradicionais “dotes femininos”, como o bordado, eram atividades superficiais — dizendo-nos apenas da submissão da criança aos caprichos dos adultos. É significativo o fato de que esses “talentos” sejam em geral mais cultivados nas meninas do que nos meninos; quando os meninos estudam piano, na maioria das vezes, é porque são excepcionalmente dotados, ou porque seus pais são apreciadores de música.

Ariès cita Heroard, em *Journal sur L'Enfance et La Jeunesse de Louis XIII*, o relato detalhado dos anos de infância do Delfim, escrito por seu médico. Conta como o Delfim tocava violino e cantava na idade de *dezessete meses*. Contudo, o Delfim não era um gênio, mais tarde comprovando não ser, certamente, mais inteligente do que qualquer membro da aristocracia. E tocar violino não era tudo o que ele fazia. O registro da vida infantil do Delfim, nascido em 1601 — de inteligência média apenas — mostra-nos como subestimamos a capacidade das crianças. Descobrimos que, na mesma idade em que tocava violino também jogava *mall*, o equivalente do golfe para os adultos daquela época, bem como tênis; jogava jogos de estratégia militar. Respectivamente aos três e quatro anos, aprendeu a ler e a escrever. Aos cinco e seis, embora ainda brincasse com bonecas (!), praticava arco e flecha, jogava cartas e xadrez (aos seis anos) com os adultos, e jogava muitos outros jogos adultos. Logo que começou a falar, juntava-se como um igual aos adultos, em todas

as suas atividades (tais como eram), dançando profissionalmente, atuando e participando em todas as diversões. Aos sete anos o Delfim começou a usar roupas de homens adultos, as bonecas lhe foram tiradas, e iniciou-se sua educação, sob a orientação de tutores homens; começou a caçar, a andar a cavalo, a atirar e a jogar. Mas Ariès diz:

“Devemos ter cuidado para não exagerar [a importância de seus sete anos]. Apesar de ter parado de tocar, ou de ter parado de brincar com suas bonecas, o Delfim continuou levando a mesma vida de antes . . . Antes dos sete anos, bonecas e brinquedos alemães; depois dos sete, caçadas, equitação, esgrima e possivelmente teatro; a mudança foi quase imperceptível nessa longa sucessão de passatempos que a criança compartilhou com os adultos.”

O que me parece mais evidente nessa descrição é que antes do advento da família nuclear e da educação moderna, a infância era o mínimo possível distinta da vida adulta. A criança aprendia diretamente com os adultos ao seu redor, emergindo, logo que fosse capaz, na sociedade adulta. Cerca dos sete anos, havia alguma diferenciação de papéis sexuais — isto tinha que começar nalgum momento, dado o patriarcado em vigor, mas ainda não era complicado pela posição das crianças como uma classe inferior. Até então, havia uma distinção apenas entre homens e mulheres, e ainda não entre crianças e adultos. Num outro século, esta situação começou a mudar, assim como a opressão das mulheres e das crianças se entrelaçou cada vez mais.

Sumariando, com o início da família nuclear, centrada na criança, tornou-se necessária uma instituição para estruturar a “infância”, que mantivesse as crianças sob a jurisdição dos pais, tanto quanto fosse possível. As escolas se multiplicaram, substituindo a erudição e o aprendizado prático por uma educação teórica, cuja função era “disciplinar” as crianças, em vez de comunicar o saber, para o próprio benefício delas. Desse modo, não é surpreendente que *a educação moderna retarde o desenvolvimento, em vez de acelerá-lo*. Ao afastar as crianças do mundo adulto — os adultos, no fim das contas, são

3. No meio judeu ortodoxo, no qual eu cresci, considerado anacrônico pelas pessoas de fora, muitos meninos ainda iniciam um estudo sério antes dos cinco anos de idade, e em consequência são comuns os prodígios talmúdicos.

meramente crianças em tamanho maior, com uma experiência do mundo — e ao submetê-las artificialmente a uma proporção na qual cada adulto vale por vinte crianças, como poderia ter sido diferente o resultado final de um nivelamento do grupo a uma inteligência mediana (mediocre)? Como se isso não bastasse, depois do século XVIII houve uma rígida separação e distinção de idades (“séries escolares”). As crianças não eram mais capazes de aprender nem com crianças mais velhas e mais informadas. Estavam limitadas, na maior parte de suas horas ativas, a um grupo bem definido da mesma idade,⁴ e, além disso, a um currículo dado “de bandeja”. Essa graduação rígida aumentou o número de níveis necessários para a iniciação na vida adulta, e tornou difícil para uma criança dirigir seus próprios passos. Sua motivação para o estudo passou a se caracterizar por ser dirigida para fora, e por uma consciência de aprovação, assassinas certeiras da originalidade. As crianças, anteriormente vistas simplesmente como pessoas mais novas — do mesmo modo como hoje vemos um fedelho meio crescido em termos de sua maturidade futura — agora eram uma classe bem definida, com suas próprias divisões internas, incentivando à competição: “o garoto mais alto do quarteirão”, “o garoto mais inteligente da escola”, etc. As crianças eram forçadas a pensar em termos hierárquicos, todos avaliados pelo supremo “Quando eu crescer. . .” Assim, o crescimento da escola refletia o mundo exterior, que estava se tornando cada vez mais segregado, de acordo com a idade e a classe da pessoa.

* * *

Concluindo: o desenvolvimento da família moderna significou o desdobramento de uma sociedade ampla e integrada em unidades pequenas, centradas em si mesmas.

4. Isto é levado a extremos nas escolas públicas contemporâneas, onde crianças perfeitamente preparadas para o ensino são recusadas durante um ano inteiro porque sua data de nascimento cai uns poucos dias antes de uma data arbitrária.

Dentro dessas unidades conjugais, a criança tornou-se então importante, pois ela era o produto dessa unidade, a razão de sua subsistência. Tornou-se conveniente mantê-las em casa durante o máximo de tempo possível, e amarrá-las psicológica, financeira e emocionalmente à unidade familiar até o tempo em que estivessem prontas para criar uma nova unidade familiar. Para esse propósito foi criada a Era da Infância. Mais tarde, foram acrescentadas extensões, como a adolescência, ou, em termos americanos do século XX, os *teenagers*, a “juventude universitária”, os “adultos jovens”. O conceito de infância prescrevia que as crianças eram uma espécie diferente da dos adultos não apenas na idade, mas também nas suas características. Uma ideologia foi desenvolvida para provar isso: foram escritos tratados fantasiosos sobre a inocência das crianças e sua proximidade de Deus (“anjos”), conseqüentemente levando à crença de que eram assexuadas, sendo a atividade sexual infantil vista como uma aberração — tudo em contraste violento com o período precedente, quando as crianças eram expostas aos fatos da vida, desde o início.⁵ Pois qualquer admissão da sexualidade infantil teria acelerado a transição para a vida adulta, e isso, na época, tinha que ser retardado a todo custo. O desenvolvimento de roupas especiais cedo exagerou as diferenças físicas entre as crianças e os adultos, e até entre estas e as crianças mais velhas. As crianças não jogavam mais os mesmos jogos dos adultos, nem participavam de suas festividades (hoje, normalmente as crianças não freqüentam jantares elegantes), mas lhes eram consagrados jogos especiais e artefatos próprios (brinquedos). O contar histórias, antigamente uma arte comunitária, foi relegado às crianças, levando, em nossa própria época, à criação de uma literatura infantil específica. Os adultos falavam com as crianças numa linguagem especial, e nunca se lançavam numa conversa séria

5. Ver Ariès, *op. cit.*, Capítulo V, “From Immodesty to Innocence”, para uma descrição detalhada desta exposição, baseada nas experiências sexuais do Delfim, como está registrado no *Heroard Journal*.

na presença delas (“Não na frente das crianças!”). Os “bons-hábitos” de sujeição eram instituídos em casa (“As crianças deveriam ser vistas e não ouvidas.”) Mas nada disso teria atuado no sentido de fazer efetivamente das crianças uma classe oprimida, se uma instituição especial não tivesse sido criada para dar conta do recado completamente: a escola moderna.

A ideologia da escola era a ideologia da infância. Ela funcionava a partir do pressuposto de que as crianças precisavam de “disciplina”, de que eram seres especiais, que tinham de ser tratados de um modo especial (psicologia infantil, educação infantil, etc.), e que, para facilitar isso, elas deveriam ser encurraladas num lugar especial com seus semelhantes, e com um grupo de idade o mais que possível restrito à sua própria idade. A escola foi a instituição que estruturou a infância, segregando efetivamente as crianças do resto da sociedade, e assim retardando seu desenvolvimento para a maturidade e seu desenvolvimento de habilidades especializadas, das quais a sociedade precisava. Em consequência, elas permaneceram economicamente dependentes por períodos de tempo cada vez maiores. Desse modo, os laços familiares permaneceram intactos.

Chamei a atenção para o fato de que existe uma relação profunda entre as hierarquias da família e as classes econômicas. Engels observou que, dentro da família, o marido é o burguês, e a mulher e as crianças são o proletariado. Foram observadas similaridades entre as crianças e toda a classe operária ou outros grupos oprimidos, feitos estudos para mostrar que elas compartilham da mesma psicologia. Vimos como o desenvolvimento das roupas proletárias foi paralelo ao das roupas infantis, como os jogos deixados pelos adultos da classe alta foram jogados pelas crianças e pelos “caipiras”. Dizia-se de ambos que gostavam de trabalhar “com as mãos”, contrariamente às altas cerebrações do homem adulto, abstrações acima deles. Foi-lhes lembrado a ambos que tinham a sorte de serem poupados das preocupações da responsabilidade adulta — e ambos o desejavam de qualquer jeito. As relações com a classe dominante, em ambos os

casos, tinham um quê de medo, de suspeita, disfarçados sob uma leve capa de sedução (o adorável balbúcio, o virar-de-olhos, e o pisa-mansinho).

O mito da infância encontra um paralelo ainda maior no mito da feminilidade. Tanto as mulheres quanto as crianças foram consideradas assexuadas e, portanto, “mais puras” do que o homem. Seu *status* inferior foi mal disfarçado sob um certo “respeito” requintado. Não se discutiam assuntos sérios, nem se faziam injúrias na frente das mulheres e das crianças. Elas eram rebaixadas *abertamente*; isto era feito às suas costas. (Quanto ao *double standard*,* relativo aos xingamentos: Um homem pode xingar o mundo, porque cabe a ele xingar — mas o mesmo xingamento na boca de uma mulher ou de um menor, i.e., um “homem” incompleto a quem o mundo ainda não pertence, é considerado presunçoso, e, conseqüentemente, uma impropriedade, ou pior.) Ambas foram discriminadas com roupas ornamentadas e não-funcionais, e lhes foram atribuídas tarefas especiais (respectivamente, o serviço doméstico e o dever escolar). Ambas foram consideradas mentalmente deficientes (“O que você pode esperar de uma mulher?” “Ele é muito pequeno para entender!”). O pedestal de adoração no qual ambas foram colocadas tornou difícil para que respirassem. Cada interação com o mundo adulto tornou-se para as crianças um dançar conforme a música. Aprenderam a usar de sua infância para obter o que queriam indiretamente (“Ela está tendo um outro acesso de raiva!”), assim como as mulheres aprenderam a usar de sua feminilidade (“Lá vem ela, chorando de novo!”). Todas as incursões no mundo adulto tornaram-se terríveis expedições pela sobrevivência. A diferença entre o comportamento natural das crianças, dentro de seu grupo, e seu comportamento afetado e/ou tímido diante dos adultos confirma isso. Analogamente, as mulheres agem de um modo diferente entre si, do que diante dos homens. Em cada caso, uma diferença física foi ampliada culturalmente, com a ajuda

* Ver N.T. à página 260. (N.T.)

de trajes especiais, educação, hábitos e atividades, até que esse próprio reforço cultural começou a parecer “natural”, e mesmo instintivo, um processo de exagero que permite uma estereotipação fácil. O indivíduo parece, finalmente, ser uma espécie diferente do animal humano, com seu próprio conjunto de leis e comportamentos peculiares. (“Eu nunca compreenderei as mulheres!”... “Você não entende nada de psicologia infantil!”).

A gíria contemporânea reflete esse estado animal. As crianças são “ratinhos”, “coelhinhos”, “gatinhos”; as mulheres são chamadas de “galinhas”, “borboletas”, “vacas”, “éguas”, “cadelas”. Uma terminologia similar é usada para referir-se aos homens, e ainda em maior escala para referir-se aos homens oprimidos, indicando uma difamação do caráter: garanhão, lobo, gavião, veado, macaco. Nesse caso ela é usada muito mais raramente, e geralmente com uma conotação sexual específica.

Pelo fato de a opressão de classe das mulheres e das crianças ser encoberta na fraseologia do “engraçadinho”, é muito mais difícil lutar do que revelar a opressão. O que uma criança pode responder, quando alguma tia idiota resolve encarnar nela, ou quando algum estranho decide bater levemente às suas costas e imitar a fala do bebê? Que mulher tem peito de reagir, quando um estranho que passa por ela viola a sua privacidade, a seu bel-prazer? Se ela responde ao seu “Mas como você está linda hoje!” com “Estaria melhor se não o visse!”, ele rosnará: “O que mordeu essa puta hoje?”, ou pior. Frequentemente, a natureza real desses comentários aparentemente cordiais aparece quando a mulher ou a criança não sorriem em resposta, como deveriam. “Mulher de merda! Eu não te foderia, nem se você se engraçasse pro meu lado!”... Ou: “Pirralhinho nojento! Se eu fosse seu pai, eu te surrava até você ficar roxo!”... A violência é surpreendente. Contudo, esses homens acham que a mulher e a criança devem ser censuradas por não serem “cordiais”. Porque é incômodo para eles saber que a mulher, ou a criança, ou o negro, ou o operário resmungam; os grupos oprimidos devem também aparentar gostar de sua opressão — sorrindo, sem graça, embora sintam um infer-

no por dentro. O sorriso é o equivalente ao pisa-man-sinho da criança/mulher; ele indica a aquiescência da vítima ao seu próprio opressor. (Em meu próprio caso, tive que treinar para me libertar desse sorriso hipócrita, que é como um tique nervoso em toda adolescente. E isso quer dizer que eu sorria raramente, pois, na verdade, eu tinha muito menos razões para sorrir. Minha luta “utópica” pelo movimento de libertação das mulheres: uma campanha de boicote ao sorriso, à qual todas as mulheres responderiam, imediatamente, abandonando seus sorrisos “amáveis”, daí em diante sorrindo somente quando alguma coisa lhes desse prazer. Da mesma maneira, a libertação das crianças exigiria pôr um fim em todos os carinhos não ditados pela própria criança. [Isso, naturalmente, exaltaria uma sociedade, na qual o carinho em geral não seria mais desaprovado; em geral, as únicas demonstrações de afeto que uma criança recebe hoje são essas demonstrações fingidas, que ela pode ainda considerar melhor do que nada.]) Muitos homens não conseguem compreender que suas intimidades fáceis não são vistas como um privilégio. Será que eles já pensaram que a pessoa real, por trás daquele animal neném ou mulher, pode preferir não ser acariciada, e nem mesmo notada por eles naquele momento? Imaginem a própria consternação desse homem, se algum estranho se aproximasse dele na rua, de um modo semelhante, acompanhando seus passos, sussurrando e falando como criança, sem respeito por sua profissão, ou sua “masculinidade”.

Em suma: se os membros da classe operária e dos grupos minoritários “agem como crianças”, é porque as crianças de todas as classes são uma classe baixa, assim como as mulheres sempre o foram. A ascensão da família nuclear moderna, com seu acessório a “infância”, estreitou os laços entre os grupos ainda economicamente dependentes, estendendo e reforçando o que tinha sido apenas uma breve dependência, através dos meios habituais: o desenvolvimento de uma ideologia específica, de um estilo de vida próprio, linguagem, roupas, maneirismo, etc. E, com o aumento e o exagero da dependência infantil, a escravidão das mulheres à maternidade também foi

ampliada até seus limites. As mulheres e as crianças encontram-se hoje no mesmo barco furado. Suas opressões começaram a se reforçar, uma à outra. A mística das glórias do parto, da grandeza da criatividade “natural” feminina, acrescentou-se agora uma nova mística sobre as glórias da própria infância e da “criatividade” da *educação* das crianças. (“Pois bem querida, o que poderia ser mais criativo do que criar uma criança?”) Hoje as pessoas esqueceram o que a História tinha provado: que “criar” uma criança é o equivalente a retardar seu desenvolvimento. O melhor modo de criar uma criança é **DEIXA-LA EM PAZ.**

2. *Nossa Época: o Mito é Exagerado*

Vimos como a crescente privatização da vida familiar trouxe ainda mais opressão aos seus dependentes, as mulheres e as crianças. Os mitos correlacionados da feminilidade e da infância foram os instrumentos dessa opressão. Na Era Vitoriana eles alcançaram proporções tão épicas que as mulheres finalmente se rebelaram — sua rebelião afetou periféricamente a infância. Mas a rebelião foi destruída antes que ela pudesse eliminar esses mitos. Eles ficaram subterrâneos, até reaparecerem numa versão mais insidiosa, complicada pelo consumo de massa. Pois, de fato, nada tinha mudado. No Capítulo 2 descrevi como a emancipação das mulheres foi sutilmente sabotada. A mesma coisa ocorreu com a opressão corolária da “infância”.

A pseudo-emancipação das crianças equipara-se perfeitamente à pseudo-emancipação das mulheres. Embora tenhamos abolido todos os sinais superficiais de opressão — as roupas diferenciadas e pesadas, a palmatória do mestre-escola — não há dúvida de que o mito da infância prospera em proporções épicas, no estilo do século XX. Indústrias completas são construídas para a fabricação de brinquedos especiais, jogos, alimentação para criança, café da manhã infantil, livros e histórias em

quadrinhos infantis, balas atraentes para as crianças, etc. Analistas de mercado estudam psicologia infantil para descobrir produtos que atraiam as crianças de várias idades. Existe uma propaganda, um cinema e uma indústria de TV construídos só para elas, com sua própria literatura especial, programas e comerciais, e até conselhos de censura para decidir exatamente quais os produtos culturais adequados ao seu consumo. Há uma proliferação infindável de livros e revistas instruindo o leigo na requintada arte de educar as crianças (*Parent's Magazine*, do Dr. Spock*). Há especialistas em psicologia infantil, em métodos de educação infantil, pediatras, e todos os ramos especiais de saber que se desenvolveram recentemente para estudar esse animal peculiar. A educação obrigatória floresce e hoje está difundida o suficiente para formar uma inevitável rede de socialização (lavagem cerebral), da qual nem os próprios ricos conseguem escapar totalmente. Passaram os dias de Huckleberry Finn. Hoje, os que fingem ser doentes para escapar ao trabalho, ou que se desligam, têm que gastar todo o tempo para afastar o enxame de especialistas que os observam, os programas governamentais em proliferação, os assistentes-sociais no seu encalço.

Observemos mais de perto a forma moderna que essa ideologia da infância assume. Visualmente, ela é tão robusta, loura e sorridente, quanto um anúncio da Kodak. Como é o caso da exploração das mulheres como um objeto (*ready-made*), como uma classe consumidora, existem muitas indústrias ansiosas por beneficiar-se da vulnerabilidade física das crianças (p.ex., a Aspirina St. Joseph, para crianças). Mas, ainda mais do que sua saúde, a palavra-chave para a compreensão da infância moderna é *felicidade*. Só se é criança uma vez na vida. As crianças devem ser personificações vivas da felicidade (as crianças mal-humoradas, ou entediadas, ou crianças-problema são imediatamente antipatizadas; elas fazem do mito uma mentira). É dever de todos os pais propiciar aos filhos

* Do gênero *Pais e Filhos* brasileiro (N.T.)

uma infância memorável (balanços, piscinas infláveis, brinquedos e jogos, passeios em acampamentos, festas de aniversário, etc.). Essa é a Idade de Ouro, que a criança lembrará quando crescer para tornar-se um robô como o pai. Assim, todo pai tenta dar ao filho tudo o que lhe faltou naquela que deveria ter sido a mais esplêndida fase da própria vida. O culto da infância como Idade de Ouro é tão forte que todas as outras épocas da vida são avalidades em função do grau com que se assemelham a ela num culto nacional da juventude. Os “mais velhos” fazem papel de bobo com sua apologetica invejosa (“É claro que eu tenho o dobro da sua idade, meu caro, mas...”). Há uma crença geral de que o progresso se fez porque, pelo menos em nossa época, as crianças foram libertas da pesada mão-de-obra infantil, e de muitas outras explorações tradicionais das gerações do passado. De fato, existe ainda a lamentação invejosa de que as crianças estão despertando uma atenção excessiva. Elas são mimadas. (O “Quando eu tinha a sua idade...” corresponde ao “Este mundo é das mulheres...”)

O mais importante baluarte desse mito da felicidade é a constante e rígida segregação das crianças do resto da sociedade. O exagero de seus traços distintivos fez delas, como tinha sido planejado, quase que uma outra raça. Nossos parques fornecem a metáfora perfeita de nossa sociedade etariamente segregada. Um *playground* especial para os Tenros Intocáveis, as mães e as criancinhas (raramente encontramos outras pessoas ali, como se isso fosse um tabu), um estádio de atletismo ou uma piscina para crianças, um recanto aprazível para casais jovens e estudantes, e uma área de bancos para as pessoas idosas. Essa segregação etária continua através de toda a vida de cada indivíduo moderno. As pessoas passam a ter muito pouco contato com as crianças, logo que tenham ultrapassado a própria infância. E, mesmo dentro da própria infância, existem segregações etárias rígidas, de modo que uma criança mais velha ficará embaraçada por ser vista com uma criança mais nova. (“Dê o fora! Por que não brinca com gente da tua idade?”) Durante a vida escolar, e em nosso século ela dura muito mais tem-

po, uma criança convive com outras de apenas um ou dois anos de diferença de idade. As próprias escolas refletem essas graduações cada vez mais rígidas: pré-primária, etc., caracterizadas por um sistema complexo de promoções e “formaturas”. Ultimamente, são comuns até formaturas em escolas maternas e/ou em jardins-de-infância.

Assim, na época em que uma criança fica madura para a reprodução, ela não mantém nenhum contato com os que estão fora de seu restrito grupo etário adulto, e certamente nenhum com as crianças. Por causa do culto que a rodeia, ela praticamente não se lembra nem da própria infância, chegando até a bloqueá-la completamente. Mesmo quando criança, ela pode ter tentado amoldar-se ao mito, pensando que todas as outras crianças eram mais felizes; mais tarde, já adolescente, pode ter-se entregado a satisfações desesperadas, atirando-se a “prazeres”, no espírito do “só se é jovem uma vez na vida” — quando, na verdade, a adolescência é horrível de ser atravessada. (Mas a verdadeira juventude não tem consciência da idade — “a juventude é desperdiçada pela própria juventude” e é caracterizada pela espontaneidade verdadeira, justamente pela ausência dessa artificialidade. O armazenamento de uma felicidade que se perdeu é uma idéia que só os mais velhos poderiam ter criado.) Uma tal ausência de contato com a realidade da infância arrasta todo adulto jovem para o mesmo tipo de sentimentalismo em torno das crianças que ele próprio provavelmente desdenhou quando era pequeno. E assim por diante, num círculo vicioso. Os adultos jovens sonham em ter seus próprios filhos, numa tentativa desesperada de preencher o vazio causado pela interrupção artificial da juventude. Mas isso só dura até o momento em que eles se envolvem com problemas de gravidez e fraldas, babás e problemas escolares, predileções e brigas. Então, por um curto período, são obrigados a compreender que as crianças são tão humanas quanto o resto da gente.

Assim, falemos sobre o que a infância *realmente* é, e não sobre o que ela é na mente dos adultos. É claro que o mito da felicidade infantil floresce amplamente, não porque satisfaça às necessidades das crianças, mas

porque satisfaz às necessidades dos adultos. Numa cultura de pessoas alienadas, a crença de que todo mundo tem, pelo menos, um bom período na vida, livre de preocupações e de trabalho, dificilmente morre. E, obviamente, não se pode contar com isso na velhice. Logo, uma pessoa já deve ter passado por ele. Este é o motivo da nuvem de sentimentalismo que envolve toda discussão sobre a infância e as crianças. Todo mundo alimenta algum sonho secreto em seu próprio interesse.

* * *

Assim, a segregação ainda funciona a todo vapor, para reforçar a opressão das crianças, como uma classe. Em que se constitui essa opressão no século XX?

Dependência Econômica e Física. A diferença física natural entre as crianças e os adultos — sua maior fragilidade, seu tamanho menor — é reforçada, em vez de ser compensada, pela nossa cultura atual. As crianças ainda são “menores” perante a lei, sem direitos civis, uma propriedade de um círculo de pais arbitrários. (Mesmo que haja crianças que tenham “bons” pais, existem no mundo tanto pessoas “ruins” quanto “boas”, e é bem mais provável que as pessoas “ruins” cuidem das crianças.) O número de surras e de mortes infantis a cada ano testemunha que as crianças meramente infelizes têm sorte. Ela poderia ser pior. Só recentemente os médicos houveram por bem denunciar essas ocorrências de tal modo as crianças estavam à mercê de seus pais. Contudo, as crianças que não têm pais se encontram ainda em situação pior (assim como as mulheres solteiras, as mulheres sem a proteção de um marido, estão ainda em pior situação do que as mulheres casadas). Não há lugar para elas, a não ser o orfanato, uma espécie de depósito de ferro velho para os indesejados.

Mas a opressão das crianças está enraizada, mais do que tudo, na dependência econômica. Qualquer um que já tenha observado uma criança tentando persuadir sua mãe a lhe dar dinheiro, sabe que a dependência econômica é a base da vergonha da criança. (Parentes que

dão dinheiro, em geral, são mais queridos. Mas asseguraram-se de que o dinheiro seja dado *diretamente* à criança!) Embora ela possa não estar passando fome (nem isso aconteceria, se as crianças tivessem seu próprio emprego; as crianças negras, que engraxam sapatos, pedem esmolas, e cultivam várias negociações, e os garotos brancos da classe operária que vendem jornais são invejados em sua vizinhança), ela é dependente, para a sua sobrevivência, de um *apadrinhamento*, e isso é um estado ruim experimentar. Essa extrema dependência não vale o seu sustento.

É nessa área que descobrimos um dos eixos do mito moderno. Espalhou-se que a infância experimenta grande progresso, trazendo-se imediatamente à memória imagens dickensianas da criança pobre, lúgubre, lutando numa mina de carvão. Contudo, mostramos, na breve história da infância apresentada no início do capítulo, que as crianças da classe média e da classe alta não trabalhavam no começo da Era Industrial, e sim ficavam abrigadas, em segurança, nalgumas escolas maçantes, estudando Homero e gramática latina. As crianças da classe baixa, é verdade, não eram consideradas nem um pouco mais privilegiadas do que os pais, partilhando as torturas desumanas a que todos os membros de sua classe tinham que se submeter. De modo que, na mesma época em que havia Emma Bovarys e Little Lord Fauntleroy ociosos, também havia mulheres destruindo suas vidas e os pulmões em fábricas primitivas de tecidos, e crianças perambulando e mendigando. Essa diferença entre as vidas das crianças de diferentes classes econômicas persistiu até os dias do direito ao voto feminino, e até a nossa própria época. As crianças que eram propriedade da classe média, em função da reprodução, sofreram uma pressão pior do que a nossa. O mesmo aconteceu com as mulheres. Mas elas, para compensar isto, tinham uma *proteção* econômica. As crianças da classe baixa eram exploradas, não particularmente como crianças, mas de um modo geral, como classe. O mito da infância era extravagante demais para ser desperdiçado com elas. Aqui, novamente vemos ilustrado com precisão o grau de arbitrariedade do

mito da infância, criado expressamente para atender às necessidades da estrutura da família da classe média.

Sim, vocês dirão, mas certamente teria sido melhor para as crianças da classe operária que elas, também, tivessem podido viver protegidas por esse mito. Pelo menos, teriam poupado a vida. De modo que elas poderiam esvair a vida espiritual nalguma sala de aula ou escritório? A questão é retórica, como a pergunta sobre se o sofrimento dos negros na América é legítimo, porque seriam considerados ricos em outro país. Sofrimento é sofrimento. Não, precisamos pensar em termos mais amplos aqui. Por exemplo, em primeiro lugar, porque seus pais eram explorados: o que *qualquer pessoa* faz numa mina de carvão? Devemos protestar, não pelo fato de as crianças serem exploradas *como* os adultos, mas pelo fato de que os *adultos* sejam explorados desse jeito. Precisamos começar a falar, não em poupar as crianças, durante alguns anos, dos horrores da vida adulta, mas em eliminar esses horrores. Numa sociedade sem exploração, as crianças, poderão ser parecidas com os adultos (sem nenhuma exploração implícita), e os adultos poderão ser como as crianças (sem nenhuma exploração implícita). A escravidão privilegiada (patronato), que as mulheres e as crianças suportam, não é liberdade. Pois, a autodeterminação é a base de toda liberdade, e a dependência está na origem de toda desigualdade.

Repressão Sexual. Freud descreve a satisfação primitiva da criança: a satisfação do bebê no seio materno, que ele então tenta recuperar durante o resto da vida; como, por causa da proteção adulta, a criança é mais independente do “princípio de realidade”, e lhe é permitido brincar (atividade realizada pelo prazer dela própria, e não para obter qualquer outro fim); como, sexualmente, a criança é polimorfamente perversa, e somente mais tarde é dirigida e reprimida, para tornar-se pronta para o prazer genital adulto.

Freud também mostrou que as origens da neurose adulta se fundavam no próprio processo da infância. Embora a criança prototípica possa ter a *capacidade* de experimentar um prazer puro, isso não significa que ela

possa satisfazê-lo completamente. Seria mais correto dizer que, embora seja propensa, por natureza, ao prazer, no momento em que se torna socializada (reprimida), ela perde essa inclinação. *E isso começa exatamente neste momento.*

O “princípio de realidade” não se restringe aos adultos. Ele se introduz na vida infantil, quase que automaticamente, em sua pequena escala própria. Portanto, enquanto esse princípio de realidade existir, a noção de poupar às crianças seus desgostos será uma farsa. Na melhor das hipóteses, ela pode sofrer um processo repressivo retardado. Porém, mais frequentemente, a repressão acontece, em todos os níveis, logo que a criança possa lidar com ela. Não é como se já tivesse havido um período abençoado, no qual a “realidade” era dispensada. Pois na verdade a repressão começa logo que ela nasce. As bem conhecidas refeições cronometradas pelo relógio são apenas um exemplo extremo. Antes dos dezoito meses, afirma Robert Stoller, se estabelece a diferenciação sexual básica e, como vimos, esse processo, em si mesmo, requer a inibição do impulso sexual dirigido à mãe. Assim, desde o início, é negada a liberdade de ação à sua sexualidade polimorfamente perversa. (Mesmo hoje, com a existência de uma campanha para reconhecer a masturbação como normal, várias crianças são impedidas de brincar com seu próprio corpo, desde a época em que ainda estão no berço.) A criança é instruída a deixar de mamar e a ir ao banheiro o mais cedo possível — duas coisas traumáticas, nos termos da criança. A repressão aumenta. O amor materno, que, idealmente, representa a satisfação perfeita (“incondicional”), é explorado, à maneira do amor paterno: para melhor dirigir a criança para a conduta socialmente aprovada. E, finalmente, é exigida uma identificação ativa com o pai. (Nos lares onde não há pai, a identificação pode ocorrer um pouco mais tarde, quando a criança começa a frequentar a escola.) Daí até a puberdade a criança deve ter uma vida assexuada — ou dissimulada — sem sequer admitir quaisquer necessidades sexuais. Essa assexualidade forçada gera uma frustração, que é responsável pela extrema rebeldia

e agressividade — ou, numa outra alternativa, a docilidade anêmica — que, geralmente, torna as crianças tão irritantes à sua volta.

Repressão Familiar. Não precisamos nos aprofundar nas sutis pressões psicológicas da vida familiar. Cada um que pense na própria família. E, se isso não for suficiente, se por acaso você é hoje aquele um-entre-um-milhão que está realmente convencido de que tem uma “família feliz”, leia alguma das obras de R. D. Laing, particularmente a *Política da Família*, a respeito do Jogo das Famílias Felizes. (“Quanto mais uniformemente elas funcionam, mais difíceis são elas de estudar.”) Laing revela a dinâmica interna da família, explicando sua invisibilidade para o membro normal da família:

“Uma coisa, geralmente, é clara para um estranho: existem, planejadas, *resistências* familiares à descoberta do que está se passando, e há estratégias complicadas para manter todas as pessoas ignorantes, e na ignorância de que são ignorantes. A verdade tem que ser afastada, para que se sustente uma imagem da família. . . Uma vez que essa fantasia existe apenas na medida em que ela está ‘dentro’ de todo mundo que participa dela, qualquer um que a abandone, destruirá a ‘família’ existente dentro de qualquer outra pessoa.”

Eis algumas crianças falando sobre si mesmas. De novo, citamos Reik:

“Ouvi falar de um menino que, até quase os quatro anos, pensava que seu nome era ‘Cale-se’.”

“Um menino presenciou uma briga violenta entre seus pais, e ouviu sua mãe ameaçar seu pai com o divórcio. No dia seguinte, quando voltou para casa, depois da escola, ele perguntou à mãe: ‘Você já se divorciou?’ Mais tarde, lembrou-se que ficara muito desapontado, porque ela não se tinha divorciado.”

“Um menino de nove anos foi interrogado pelo pai, durante a visita que este lhe fez num acampamento, se tinha sentido saudade de casa, e o garoto respondeu: ‘Não.’ O pai, então, perguntou se os outros meninos tinham sentido saudade de casa. ‘Só alguns’, respondeu o garoto, ‘aqueles que têm cachorro em casa’.”

O que é divertido nessas anedotas, se é que elas são divertidas, é a franqueza das crianças, incapazes de compreender, ou aceitar o inferno masoquista de tudo isso.

Repressão Educacional. É na escola que a repressão é cimentada. Quaisquer ilusões remanescentes de liberdade são, hoje, rapidamente afastadas. Toda atividade sexual ou expansão física são barradas. Aqui se realiza o primeiro jogo altamente supervisionado. O prazer natural das crianças em brincar é, então, incorporado, para melhor socializá-las (reprimi-las). (“Larry fez a melhor pintura de dedos! Que menino habilidoso! Sua mãe ficará orgulhosa de você!”) Em algumas escolas liberais, o tempo todo, é verdade, professores gabaritados tentam descobrir temas e atividades que interessem verdadeiramente às crianças. (É mais fácil manter a sala em ordem, desse jeito.) Mas, como vimos, a estrutura repressiva da própria sala de aula, que é segregada, garante que qualquer interesse natural em aprender, finalmente, acabe atendendo aos interesses essencialmente disciplinados da escola. Os jovens professores, que entram no sistema, idealistas a respeito de seu trabalho, logo se indispõem contra ele; alguns desistem desesperados. Se tivessem esquecido que a escola foi uma prisão para eles, se lembrariam novamente de tudo. E, cedo, são obrigados a compreender que, embora haja prisões liberais e prisões não tão liberais, por definição, todas elas são prisões. A criança é obrigada a freqüentá-las; a prova disso, é que nunca vão à escola espontaneamente. (“Fim das aulas, Fim das aulas, Pra casa os bobocas vão voltando, Chega de lápis, Chega de livros, Chega de professores implicando.”*) E, embora educadores esclarecedores tenham projetado sistemas completos de atividades disciplinares inerentemente interessantes, para atrair e seduzir a criança a aceitar a escola, esses sistemas nunca conseguem obter êxito totalmente, pois uma escola que existisse somente para atender à curiosidade das crianças, entendida nos seus próprios termos, e que fosse dirigida por elas próprias, seria uma

* No original: “School’s out, School’s out, Teachers let the fools out, No more pencils, No more books, No more teacher’s dirty looks.” (N.T.)

contradição em seus próprios termos — como vimos, a escola moderna, em sua definição estrutural, existe para implantar a repressão.

A criança despende a maior parte de suas horas produtivas nessa estrutura coercitiva, ou fazendo deveres para ela. O curto tempo que lhe resta, em geral, é absorvido pelos afazeres e obrigações familiares. Ela é forçada a assistir a discussões familiares infundáveis, ou, em algumas famílias “liberais”, a assistir a “conselhos familiares”. Existem parentes para os quais ela deve sorrir, e, geralmente, missas a que ela deve assistir (todas essas horas gastas de má vontade, com preces, pelas crianças). No curto tempo restante, pelo menos em nossa classe média moderna, ela é “supervisionada”, bloqueando-se o desenvolvimento de sua iniciativa e de sua criatividade. Sua escolha de *materiais lúdicos* está determinada (brinquedos e jogos); sua *área de brincadeira* está definida (ginásios, parques, *playgrounds*, *campings*). Geralmente, fica limitada, na sua *escolha dos companheiros de jogos*, às crianças da mesma classe econômica, e, nos subúrbios, aos colegas de escola, ou aos filhos dos amigos de seus pais. Entra para um número de grupos maior do que poderia dar conta (escoteiros, lobinhos, bandeirantes, fadinhas, acampamentos, clubes extra-escolares, e esportes). Selecionam a *cultura* para ela. Na TV, freqüentemente, só lhe é permitido assistir aos programas infantis (Papai Sabe-Tudo), e é proibida de assistir aos filmes (bons) para adultos. Seus livros e sua literatura, geralmente, são tirados de listas desgastadas. (*Grandes Homens e Mulheres Americanas. Crônicas de Babe Ruth. Lassie. Nancy Drew.*)

As únicas crianças que têm a mínima oportunidade de escapar desse pesadelo supervisionado — apesar de serem cada vez em menor número — são as crianças dos guetos e das classes operárias, onde a concepção medieval de comunidade aberta — morando na rua — ainda permanece. Isto é, historicamente, como vimos: muitos desses processos da infância chegaram tarde nas classes baixas, e nunca se firmaram realmente nelas. As crianças da classe baixa tendem a proceder de grandes fa-

mílias nucleares, formadas de pessoas de idades muito diferentes. Mas, mesmo quando isso não acontece, geralmente há meio-irmãos e meio-irmãs, primos, sobrinhas, sobrinhos, ou tias, num meio de parentes em constante mudança. As crianças, individualmente, são muito pouco observadas, e menos ainda supervisionadas; geralmente, podem andar bem longe de casa, ou brincar nas ruas, durante horas. E, na rua, se por acaso a família é pequena, existem centenas de garotos, muitos dos quais já têm seus próprios grupos sociais (*gangs**) formados. Elas geralmente não ganham brinquedos, o que significa que criam seus próprios brinquedos. (Vi garotos dos guetos fazerem escorregas engenhosos de papelão, e colocá-los em casas velhas sem degraus; vi outros fazerem carrinhos-de-mão e roldanas, com pneus velhos, cordas e caixotes. Nenhuma criança da classe média faz isso. Ela não precisa. Mas, em consequência, ela logo perde a engenhosidade.) Elas exploram as regiões bem longe de seus pequenos quarteirões, e, muito mais que seus companheiros da classe média, travam relações com os adultos, num mesmo nível. Nas aulas são rebeldes e indisciplinadas, como, de fato, deveriam ser — pois a sala de aula é um local que faria qualquer pessoa um pouco liberal suspeitar dela. Existe um desrespeito persistente pela escola na classe baixa, pois afinal ela é, na sua origem, um fenômeno da classe média.

Sexualmente também as crianças dos guetos são mais livres. Um rapaz me disse que não conseguia se lembrar de uma idade em que tivesse tido relação sexual com outras garotas, sem isso ser uma coisa natural; todos tinham. Aqueles que ensinam nas escolas das favelas observaram ser impossível refrear a sexualidade das crianças. É uma coisa rotineira; as crianças gostam, e é muito melhor do que uma aula sobre a Grande Democracia Americana, ou sobre a contribuição dos hebreus, com a revelação de Um Deus Único (por que revelar um só?),

* As *gangs* constituem os únicos grupos de crianças de hoje autodirigidos. O termo *gang* soa de um modo ameaçador, por boas razões políticas. (N.T.)

ou sobre o café ou a borracha, como as exportações mais importantes do Brasil. Assim, elas fazem amor nas escadas. E faltam à aula no dia seguinte. Se, na América moderna, a infância livre existe nalgum estágio, isso se dá na classe baixa, onde o mito é menos expandido.

Por que, então, elas “se tornam” piores em situação do que as crianças da classe média? Talvez isso seja óbvio. Mas eu responderei com a minha própria experiência, consolidada por ter morado e ensinado nas favelas. As crianças das favelas não têm inteligência inferior, até atingirem a idade adulta, e até isso é discutível. As crianças da classe baixa são das crianças mais brilhantes, mais atrevidas e mais originais. São assim porque *são deixadas em paz*. (Se elas não se saem bem nas provas, talvez precisemos reexaminar as provas, e não as crianças.) Mais tarde, defrontando-se com um “princípio de realidade” muito diferente do da classe média, são consumidas e destruídas. Elas nunca conseguirão “superar” a sujeição econômica. Assim, é uma opressão do dia-a-dia que gera esses adultos apáticos e sem imaginação, são as restrições onipresentes à expansão de sua liberdade pessoal — e não a infância largada.

Mas as crianças das favelas são apenas relativamente livres. Elas ainda são dependentes e oprimidas como uma classe econômica. Existe uma boa razão para que todas as crianças queiram crescer. Então, finalmente, elas sairão de casa, e (finalmente) terão a oportunidade de fazer o que quiserem. (Existe uma certa ironia no fato de que as crianças imaginam que os pais podem fazer o que querem, e os pais imaginam o mesmo das crianças. “Quando eu crescer...” corresponde ao “Ah, ser uma criança novamente...”.) Elas sonham com amor e sexo, pois vivem o período mais monótono da vida. Geralmente, quando se defrontam com a miséria dos pais, juram firmemente que, quando crescerem, *isso* não acontecerá com *elas*. Constroem lindos sonhos de casamentos perfeitos, ou de não se casarem de jeito nenhum (as crianças mais espertas, que percebem que o erro está na instituição e não nos pais), de dinheiro a ser gasto ao bel-prazer, de muito amor e aprovação. Pretendem apa-

rentar ser mais velhas do que são, e se sentem insultadas quando alguém diz que aparentam ser mais novas do que são. Tentam, furiosamente, dissimular a ignorância das aventuras amorosas, que é a desgraça física peculiar de todas as crianças. Eis um exemplo, tirado de *O Sexo no Homem e na Mulher*, de Reik, das pequenas crueldades às quais elas são constantemente sujeitas:

“Diverti-me com um garoto de quatro anos, a quem eu disse que tinha botado chiclete numa das árvores do jardim de seus pais. Eu comprara alguns pacotes de chiclete e tinha pendurados os chicletes com linhas, no galho mais baixo da árvore. O garoto trepou na árvore, e colheu os chicletes. Ele não duvidou que os chicletes tinham brotado da árvore, nem refletiu sobre o fato de estarem enrolados em papel. Aceitou de bom grado minha explicação de que os chicletes, brotando em épocas diferentes, tinham vários sabores. No ano seguinte, quando eu o lembrei da árvore de chicletes, ficou envergonhado da sua credulidade antiga, e disse: ‘Não fale mais nisso’.

Algumas crianças, numa tentativa de combater esse ridículo constante de sua credibilidade, tentam tirar proveito disso — quando compreendem que sua dolorosa ignorância é considerada “engraçadinha” — do mesmo modo como as mulheres o fazem. Esperando obter abraços e beijos, elas fazem o papel de “burrinhas inocentes”, trocando de propósito o sentido das coisas, mas raramente isso funciona uma segunda vez, o que as deixa perplexas. O que elas não compreendem é que a própria ignorância é considerada “engraçada”, e não suas manifestações específicas. Pois, a maioria das crianças não compreende a ordem arbitrária em que os adultos têm as coisas, explicada imprópriamente, mesmo quando *existe* uma explicação minuciosa. Mas, em quase todos os casos, dado o conjunto de informações com os quais a criança começa, suas conclusões são perfeitamente lógicas. Analogamente, se um adulto chegasse a um planeta estranho e encontrasse seus habitantes construindo fogueiras sobre seus telhados, ele iria imaginar uma explicação para isso; mas, as suas conclusões, baseadas no

seu passado diferente, poderiam provocar riso nos outros. Cada pessoa, na sua primeira viagem a um país estrangeiro, onde não conhece nem as pessoas, nem a linguagem, vive a infância.

* * *

As crianças não são, portanto, mais livres do que os adultos. Elas são sobrecarregadas por desejos, elaborados na proporção direta às restrições feitas a suas vidas limitadas; por uma desagradável sensação da própria insuficiência e ridículo físicos; por uma constante vergonha da dependência econômica, e de outras espécies ("Mãe, eu posso?"); e por uma humilhação, por causa da ignorância natural da prática das aventuras amorosas. As crianças são reprimidas a todo minuto. *A infância é o inferno.*

O resultado disso é a pessoa insegura, e, conseqüentemente, agressiva/defensiva, geralmente antipática, a que chamamos de criança. As opressões econômicas, sexuais e psicológicas revelam-nas tímidas, desonestas, e essas características desagradáveis, por sua vez, reforçam o isolamento das crianças do resto da sociedade. Assim, sua educação, particularmente na fase mais difícil da personalidade, é abandonada de bom grado às mulheres, que tendem, pela mesma razão, a exibir essas características de personalidade. Excetuando a satisfação do ego, ocupada em ter o próprio filho, poucos homens mostram qualquer interesse pelas crianças. E, certamente, não o suficiente para incluí-las em qualquer livro sobre revolução.

Assim, cabe às feministas (ex-crianças e ainda crianças-mulheres oprimidas) revolucionárias fazê-lo. Precisamos incluir a opressão das crianças em todo programa de revolução feminista, ou estaremos sujeitas ao mesmo fracasso de que tão freqüentemente acusamos os homens: de não nos termos aprofundado suficientemente em nossas análises, de nos ter escapado um importante substrato da opressão, meramente porque esse substrato não dizia respeito diretamente a *nós*. Digo isso, sabendo mui-

to bem que muitas mulheres estão enjoadas e cansadas de serem englobadas junto com as crianças. O fato de elas não serem mais responsáveis pelas crianças do que qualquer outra pessoa será uma afirmação crucial para nossas exigências revolucionárias. É só porque desenvolvemos, em nosso longo período de sofrimentos relacionados, uma certa compaixão e compreensão por elas, que não há razão para perdê-las. Sabemos onde as crianças estão, o que estão passando, porque nós, também, ainda estamos sofrendo o mesmo tipo de opressões. A mãe que quer matar o filho, por causa do que teve que sacrificar por ele (um desejo comum) só aprende a amar essa criança, quando compreende que é tão desprotegida e oprimida quanto ela, e pelo mesmo opressor. Então, seu ódio se dirige para fora, e nasce o "amor maternal". Mas iremos mais além. Nossa meta final deve ser a eliminação das próprias condições da feminilidade e da infância, que hoje conduzem a essa aliança dos oprimidos, abrindo caminho para uma condição "humana" totalmente "humana". Ainda não existem crianças capazes de escrever seus próprios livros, de contar suas próprias histórias. Nós teremos que, uma última vez, fazer isso por elas.

V. RACISMO: O SEXISMO DA FAMÍLIA DO HOMEM

"O escravo deve ser liberto e a mulher deve permanecer onde está, mas as mulheres não podem ser libertas e o escravo continua onde está."

Angelina Grimké,
numa carta a Theodore Weld

"O que é preciso, eu acredito, é que todos estes problemas, particularmente o mal-estar entre a mulher branca e o homem negro, sejam revelados, enfrentados e resolvidos... Penso que todos nós, toda a nação, estaríamos em melhores condições se encarássemos tudo isto frontalmente."

Eldridge Cleaver, *On Becoming*

O primeiro livro americano a lidar especificamente com a relação entre o sexo e o racismo foi *Sexo e Racismo na América*, de Calvin Hernton. A popularidade imediata do livro tanto na comunidade negra como na branca confirmou o que todo mundo já sabia há muito tempo: que sexo e racismo estão intrinsecamente entrelaçados. Contudo, sem compreender suficientemente a profundidade dessas relações, Hernton simplesmente descreveu o óbvio: que os homens brancos têm um quê pelas mulheres negras, que os homens negros têm um quê pelas mulheres brancas, que os homens negros não respeitam as mulheres negras, e que os homens brancos

não podem ficar dependentes das mulheres brancas, que as mulheres brancas têm uma simpatia e uma curiosidade secreta pelos homens negros, que as mulheres negras detestam e invejam as mulheres brancas, e assim por diante. Mesmo assim, o livro provocou reações imediatas, como aconteceu depois com os vários livros e artigos sobre o assunto. Por que isso?

O primeiro movimento pelos direitos civis silenciou a verdade durante muito tempo. Cerceado e amarrado, limitou-se a falar em tom baixo sobre o “Problema Negro”. Os negros eram “pessoas de cor”; queriam apenas as mesmas coisas simples que os brancos (sem cor) queriam (“Somos irmãos”). E então os brancos amavelmente filtraram sua visão para encobrir as evidentes diferenças físicas, culturais e psicológicas existentes entre eles. Palavras como “crioulo” foram abandonadas. Afirmações como “Você gostaria que sua irmã se casasse com um negro?” tornaram-se de um mau gosto imperdoável, um sinal de educação inferior. “Você é preconceituoso!”, foi a acusação do ano. E Martin Luther King usou magistralmente essa culpa, voltando a retórica cristã sobre si mesma.

Mas então veio o Black Power. Um estrondo de eu-lhe-pedi-sos foi lançado pela nação, sobretudo pela classe operária, que estava mais próxima dos negros: O que eles querem realmente é o nosso poder — estão atrás de nossas mulheres. A honestidade de Eldrige Cleaver em *Soul on Ice* trouxe uma conclusão ao assunto. A natureza altamente sexual do problema racial foi revelada. Também internamente, o movimento do Black Power cada vez mais se envolvia com um gênero especial de machismo, tanto proclamando ativamente a masculinidade, quanto protestando contra a injustiça racial e de classes.

Mas não foi o elemento *machismo* do movimento Black Power que perturbou seus inimigos. Essa parte do movimento raramente foi questionada pelo *establishment* propriamente dito, ou pelo *estabilishment* liberal (de fato, o papel de Moynihan no “matriarcado negro” pode-se dizer que *criou* esse complexo de castração maciço den-

tro da comunidade negra que ele descreve), ou pela Nova Esquerda. Era altamente compreensível, afinal, que os homens negros finalmente quisessem o que todos os homens queriam: estar acima de suas mulheres. De fato, essa parte era tranquilizadora: os homens negros deveriam começar a se interessar pela beleza negra, em vez da branca (a onda de artigos recentes lamentando o “duplo fardo” da mulher negra e sua carência de um macho que a valorize é suspeita). Eventualmente uma “pureza” da pátria e da família levaria, talvez, ao conservadorismo e ao fatalismo. Não, não foi a masculinidade negra que fez os brancos reagirem — foi o que a masculinidade pretende alcançar com suas ações: o Poder. Os homens negros declaravam-se, agora, abertamente participantes na luta pelo poder masculino: queremos o que vocês alcançaram, chega de saracotear. Os homens brancos respiraram aliviados e começaram a se armar. Eles sabiam como vencer *isto*. Pois, uma vez mais, tratava-se de homens *versus* homens, de uma força poderosa (aparelhada) contra outra. Foram para as frentes de batalha com entusiasmo.

Qual é essa verdade que foi censurada, para tornar o movimento pelos direitos civis aceito pela América Branca? Qual a relação entre o sexo e o racismo, que faz qualquer livro sobre o assunto vender tão bem? Por que só olhar para um negro em geral desperta sentimentos sexuais tão intensos num homem branco? Por que os homens negros desejam ardentemente as mulheres brancas? Por que o preconceito é, geralmente, expresso em termos sexuais? Por que o linchamento (em geral acompanhado de castração) ocorre nas mais extremadas manifestações de racismo?

A conexão entre sexo e racismo é obviamente muito mais profunda do que se pode imaginar. Mas, embora a conexão nunca tenha sido explorada mais do que superficialmente, já com uma década do novo movimento, temos uma nova série de chavões referentes ao sexo e à raça, um novo dogma para os “badalados”. Por exemplo, no Quem é Quem da Opressão, uma hierarquia homem branco-mulher branca-mulher negra-homem-

-negro ainda se encontra em circulação, apesar das recentes estatísticas do Ministério do Trabalho.¹ Além disso há o Antagonismo do Intelecto versus a Carne, desenvolvido por Mailer, Podhoretz, e outros, e continuado por Cleaver, basicamente, a mística da maior virilidade do homem negro. E o Berço Negro da África, e a Grande Mãe Negra em trajes africanos. Mas essa exposição superficial da relação entre sexo e racismo pretendeu apenas encaminhar o problema de um modo diferente, dessa vez atendendo aos interesses do *Antiestablishment* masculino.

Neste capítulo, tentarei mostrar que *o racismo é um fenômeno sexual*. Analogamente ao sexismo na psique individual, podemos compreender totalmente o racismo, em termos das hierarquias de poder da família. No sentido bíblico, as raças não são senão vários parentes e irmãos da mesma Família do Homem. E, semelhante ao desenvolvimento das classes sexuais, a distinção fisiológica da raça tornou-se culturalmente importante, devido exclusivamente à distribuição desigual de poder. Portanto, *o racismo é o sexismo aumentado*.

1. A Família Racial:

Édipo/Electra, o eterno triângulo, o bordel-atrás-dos-bastidores

Lancemos uma olhadela nas relações raciais na América,² um macrocosmo das relações hierárquicas dentro da

1. Em 1969, os homens brancos que tinham trabalhado em tempo integral durante o ano, ganharam uma renda média de 6,497 dólares; os homens negros na mesma situação, \$3,859; e as mulheres negras, \$2,674.

Mas só em alguns círculos radicais, afetados pelo Movimento de Libertação das Mulheres, é que se chega ainda a admitir que as mulheres negras estão "por baixo" economicamente.

2. Eu me ocuparei aqui somente com as relações raciais domésticas com as quais tenho maior familiaridade, embora não

família nuclear. O homem branco é o pai, a mulher branca a esposa-e-mãe, seu *status* depende disso; os negros, como as crianças, são sua propriedade, sua diferenciação física estigmatizando-os como classe servil, do mesmo modo como as crianças formam nitidamente uma classe servil vis-à-vis dos adultos. Essa hierarquia de poder cria a psicologia do racismo, do mesmo modo como, na família nuclear, ela cria a psicologia do sexismo.

Previamente, descrevemos o Complexo de Édipo no homem como sendo a neurose resultante da subserviência forçada ao poder do pai. Apliquemos essa interpretação à psicologia do homem negro. O homem negro, à primeira vista, se identifica, por um fenômeno de simpatia, com a mulher branca, que também é visivelmente oprimida pelo homem branco. Porque ambos foram "castrados" (i.e., tornados impotentes, sem poder) do mesmo modo pelo Pai, existem muitas semelhanças nos tipos de opressão psicológica que cada um sofre, na natureza sexual dessas opressões — e, portanto, na formação conseqüente de seu caráter. Eles mantêm um vínculo específico na opressão, do mesmo modo como a mãe e a criança se unem contra o pai.

Isso é responsável pela freqüente identificação da mulher branca com o homem negro, num plano pessoal, e, num plano mais político, por uma identificação com os movimentos negros, desde o movimento abolicionista (cf. Harriet Beecher Stowe), até o movimento negro atual. A natureza vicária dessa luta contra a dominação do homem branco é afim à identificação vicária da mãe com o filho contra o pai. A mulher não alimenta muitas esperanças na sua própria luta, porque, para ela, tudo está perdido desde o começo. Ela é definida *in toto* como um apêndice do homem branco, ela vive sob a vigilância diária dele, isolada das irmãs; ela tem uma força menos agressiva. Mas a mãe (mulher branca) sabe que, se ela

tenha dúvidas de que a mesma metáfora poderia ser aplicada com a mesma propriedade à política internacional e à do Terceiro Mundo.

não o é, pelo menos seu filho (homem negro) é potencialmente “macho”, i.e., poderoso.

Mas, enquanto algumas mulheres ainda tentam alcançar a liberdade vicariamente, através da luta dos negros, ou de outros grupos racialmente oprimidos (também biologicamente distintos), muitas outras mulheres abandonaram completamente a luta. Em vez disso, preferem aceitar a opressão, identificando os próprios interesses com os dos homens, na vã ilusão de que o poder possa se dissipar. A solução delas foi destruir — em geral por amor — seus fracos egos individuais, para fundir-se completamente com os egos poderosos de seus homens.

Essa identificação inútil é o racismo das mulheres brancas — que, talvez, produza nos homens negros um rancor ainda maior do que o racismo mais facilmente compreensível de seus maridos; pois ele indica uma traição da Mãe. Contudo, esta é uma forma inautêntica de racismo, porque ela surge de uma falsa consciência de classe, da ameaça do que é, no fim das contas, apenas uma ilusão de poder. Se e quando ela é tanto ou mais forte do que o racismo dos homens brancos, ela ainda continua sendo diferente na sua natureza. Ela é caracterizada por uma histeria peculiar que, como o conservadorismo da burguesia negra — ou como a mulher que berra para o marido que ele trata melhor das crianças do que dela — é, em si mesma, o produto direto da precariedade de sua própria situação de (não) classe. Desse modo, o homem negro pode se tornar um bode expiatório do ódio que a mulher sente pelo marido, mas que é incapaz de admitir frontalmente.

Assim, a mulher branca tende a oscilar entre uma identificação vicária com o homem negro e um racismo histérico (mas inautêntico). As mulheres radicais que, como a maioria das mulheres, desconfiam dos homens em geral, particularmente tendem a confiar e a simpatizar com os homens negros — e então geralmente se desiludem amargamente, quando os homens negros tiram partidos delas pessoalmente, ou quando o movimento negro não se modifica prontamente o suficiente para apoiar a causa feminina.

Pois raramente existe amor e simpatia da parte do homem negro. Voltando a nossa analogia: assim como o filho estabelece inicialmente um vínculo de simpatia com a mãe, e logo é exigido, no sentido de transferir sua identificação da mãe para o pai, para erradicar a mulher que existe dentro dele, assim também o homem negro, a fim de “ser um homem”, deve desfazer seu vínculo com a mulher branca e, caso se relacione com ela, o fará somente de um modo degradante. Além disso, devido ao ódio virulento e à inveja que ele tem do Possessor dela, o homem branco, ele deve desejá-la ardentemente, como uma coisa a ser conquistada, a fim de vingar-se do homem branco. Assim, ao contrário da polarização de sentimentos bem definida nas mulheres brancas, os sentimentos do homem negro em relação à mulher branca são caracterizados por uma ambivalência — uma intensa mescla de amor e ódio. Entretanto, por mais que ele decida expressar essa ambivalência, é incapaz de controlá-la a intensidade.

A recente peça de LeRoi Jones, *Dutchman*, ilustra algumas dessas tensões e ambivalências no relacionamento do homem negro com a mulher branca. Elas são personificadas num encontro dentro de um metrô entre Clay, um jovem burguês negro, e Lula, uma loura *vamp*: o desrespeito de Clay por Lula, como o brinquedo do homem branco, misturado com uma atração erótica relutante, a compreensão profunda e imediata que ela tem dele, e, finalmente, a traição dela, terminando literalmente com uma punhalada pelas costas (depois da qual ela grita “curra”, escapando ilesa — podemos supor que para destruir mais outros jovens negros preocupados somente com seus próprios interesses). Essa é uma visão íntima que o homem negro tem da mulher branca. Lula nunca chega a ser uma mulher de verdade, tanto ela é um produto do Complexo de Édipo racial que eu descrevi.

O relacionamento do homem negro com o homem branco, similarmente, reproduz a relação do filho com o pai. Vimos como, num certo momento, a fim de afirmar o ego, o filho deve transferir sua identificação da mulher (sem poder) para o homem (poderoso). Ele odeia o pai

poderoso. Mas lhe é oferecida uma alternativa: se ele realmente efetuar a substituição (nos termos do pai, é claro), será recompensado; se recusar isto, sua "masculinidade" (humanidade) será colocada em questão. Um homem negro, na América, só tem a seguir um destes caminhos:

1) pode ceder ao homem branco, nos termos do homem branco, e ser pago pelo homem branco (Pai Tomismo). *Pai-Homem*

2) pode recusar essa identificação completamente, com o que geralmente se entrega à homossexualidade. Ou pode continuar tentando desesperadamente provar que, se não é "homem" aos olhos da sociedade branca, ao menos não é uma mulher (Complexo de Cafetão). Tratando as "putas" com desrespeito visível, demonstra a todo mundo que está na classe sexual superior.

3) pode tentar derrubar o poder do Pai. Essa tentativa pode, apesar de não necessariamente, encerrar um desejo de *se tornar* o Pai, pela subordinação a sua posição de Poder.

A não ser que o homem negro opte pela primeira escolha, a identificação com o Pai, nos próprios termos do Pai, ele estará sempre sujeito à castração (destruição de sua virilidade, de seu poder masculino *ilegítimo*), particularmente se bulir no tesouro do Pai, o apoio e a personalidade do poder do Pai — sua mulher. Essa castração racial ocorre não só metaforicamente, mas também literalmente, na forma do linchamento.

Apliquemos agora nossa interpretação política do Complexo de Electra à psicologia da mulher negra. Se o homem negro é Filho para a família americana, então a mulher negra é Filha. Sua simpatia inicial pela mulher branca (mãe), seu vínculo de opressão com ela (mãe) contra o homem branco (pai) é complicado por seu relacionamento posterior com o homem branco (pai). Quando ela descobre que o homem branco *possui* esse "mundo de descobertas e aventura", ela, na posição servil de criança, tenta identificar-se com ele, para negar a mulher que existe dentro dela. (Essa pode ser a causa da agressividade muito maior da mulher negra, comparada com a docili-

dade de suas irmãs brancas.) Na tentativa de negar o elemento feminino (sem poder) nela mesma, ela passa a desrespeitar a Mãe (mulher branca). Do mesmo modo que a filha, ela pode reagir contra sua falta de poder, de um dos seguintes modos: pode tentar ganhar diretamente o poder, imitando os homens brancos, tornando-se assim uma "grande realizadora", uma mulher de forte caráter que sobe na vida ("especialmente para uma mulher negra"), ou pode tentar ganhar indiretamente o poder seduzindo o Pai (voilà a "marafona" negra), colocando-se assim numa competição sexual com a mulher branca, pela preferência do Pai — levando-a a odiar e a invejar a mulher branca, que ela agora passa a tentar imitar.

Enquanto isso, o relacionamento do Irmão (homem negro) com a irmã (mulher negra) é feito de rivalidades e desrespeito mútuo. Cada um vê o outro sem poder, como um laço tentando desesperadamente se dar bem com os Pais (homem e mulher brancos). Cada um está a par dos jogos sexuais do outro. É difícil para eles dirigir suas energias eróticas um para o outro. Eles se enxergem, um ao outro, bem demais.

Podemos nos valer, de um outro modo, da família, para esclarecer a psicologia do racismo. Encaremos o racismo como uma forma do Eterno Triângulo. Nessa situação, o homem branco é o Marido, a mulher branca, a Esposa, e a mulher negra, a Outra Mulher. Vimos como esse tipo de dicotomia entre a mulher "boa" e a "má" é, em si mesmo, um produto do Complexo de Édipo. Um homem é incapaz de sentir, ao mesmo tempo, sexo e afeto pelo mesmo objeto, assim ele precisa diferenciar seus sentimentos. Pela esposa e mãe de seus filhos ele sente respeito e afeição; pela "outra" mulher, seu receptáculo sexual, ele sente paixão. A exageração posterior dessa divisão pelas diferenciações biológicas, p.e. cor³, ou

3. Uma ilustração interessante de sua comum e permutável função política é a substituição psicológica da distinção de casta racial pela distinção de casta sexual, p.ex., uma lésbica negra automaticamente assume o papel de homem numa relação lesbiana entre branca-preta.

pelas distinções de classes econômicas torna o *acting out* da própria esquizofrenia sexual muito conveniente. Não precisamos de nos preocupar realmente em degradar nosso objeto sexual, para anular nossa culpa de termos quebrado o tabu do incesto; os atributos dele, por definição, já o degradam. (Talvez o nível de corrupção da psique masculina individual possa ser avaliado pelo grau em que ela deseja a carne negra como alguma coisa de exótica, de erótica, porque proibida.) Embora destinada a pagar o preço desse cisma — a exploração sexual — a mulher negra ao mesmo é liberta da escravidão da estrutura familiar. A mulher branca por sua vez, embora reverenciada em seu papel de Mãe, está permanentemente acorrentada ao próprio tirano privado.

Como as mulheres que compõem esse Triângulo racial sentem umas às outras? Separar e Vencer: ambas desenvolveram sentimentos hostis em relação às outras, as mulheres brancas desrespeitando as “prostitutas” sem moral, e as mulheres negras sentindo inveja dos “pompons” mimados. A mulher negra inveja a legitimidade, o privilégio e o conforto da mulher branca, mas também sente um desrespeito profundo por ela: as mulheres brancas são “putas frígidas”, que têm tudo muito fácil, obrigando as mulheres negras a fazer todo o seu trabalho de mulher branca — desde suprir as necessidades sexuais e passionais de seus maridos e cuidar de seus filhos, até fazer suas tarefas de limpeza (“pau pra toda obra”). Analogamente, o desrespeito da mulher branca pela mulher negra vem misturado à inveja: por causa da maior liberdade sexual da mulher negra, por sua fibra, por sua independência do laço matrimonial. Pois, afinal, a mulher negra não está sob o domínio de um homem, mas é muito dona de seu nariz para fazer o que der e vier, para abandonar a casa, para trabalhar (por mais que se trate de um trabalho degradante), ou para ser “preguiçosa”. Q ue a mulher branca desconhece é que a mulher negra, por não estar sob o domínio de um homem, pode então ser esmagada por todos. Não há alternativa para nenhuma delas, além de escolher entre ser uma propriedade públi-

ca, ou uma propriedade privada. No entanto, porque cada uma acredita que a outra está escapando de alguma coisa, ambas podem ser enganadas, desviando sua frustração uma para a outra, em vez de voltá-la para o inimigo real, “O Homem”.

Se, no teatro sexual da mulher branca, ela representa a Mulher (a propriedade privada do homem), e a mulher negra representa a “Prostituta” (a propriedade pública do homem), que papel o homem negro representa? O de Cafetão. O homem negro é um mero joguete na sexualidade da mulher branca. Pois, como vimos, o homem negro não é um homem completo, tampouco um homossexual (que desistiu completamente da luta pela identidade masculina), mas um homem *rebaixado*. (O fato de cafetão significar um “homem rebaixado” é confirmado pelo fato de que, no código masculino, chamar alguém de cafetão equivale a propor um duelo. Mostrei como os termos degradantes de animais, usados tanto para o homem quanto para a mulher, só ocorrem regularmente na gíria dos guetos — ganhão, vaca, gavião, galinha, égua, etc.) A masculinidade do homem negro é tão mais frágil que a do Homem, que ela só pode se afirmar em termos de seu poder e controle — isto é, maus-tratos — sobre as mulheres, que são ainda menos poderosas do que ele. Pelo fato de as mulheres serem sua arma mais importante na guerra contra o homem branco pela masculinidade, sua relação com elas se corrompe — é, não como a relação do homem com a mulher, do marido com a esposa, mas como a do cafetão com a prostituta. A proteção que ele dá à mulher negra é falsa. Embora, algumas vezes ele possa até protegê-la dos males do mercado, ele o faz visando aos próprios interesses. Mas, mesmo quando o homem negro mais aparenta ser o explorador original dela, é, na realidade, apenas o agente indireto dessa exploração. Pois, embora possa manobrar as éguas de seu “estábulo” umas contra as outras, embora possa tirar o dinheiro delas (fruto suado de sua exploração direta pelo homem branco) e gastá-lo no jogo, embora possa bater nelas e xingá-las, isso nunca o qualificará como um homem verdadeiro. O homem *verdadeiro*, am-

bos sabem disso, é O Homem. Só ele pode conferir legitimidade a ambos, ao homem e à mulher negra. E, além disso, tal como no triângulo Esposa-Prostituta, ele mantém o Cafetão e a Prostituta numa balança, lutando contra cada um deles, *através do outro*. A maioria das tensões destes triângulos sobrepostos aparece na pequena citação de uma mulher negra dirigida ao seu homem, que se segue:

"Naturalmente você dirá 'Como eu posso te amar e querer estar com você, se quando eu chego em casa você parece uma palerma? Pois saiba que as mulheres brancas nunca abrem a porta para seus maridos do jeito que vocês, putas negras, abrem'."

"E eu não poderia adivinhar, não, seu ignorante? Por que elas estariam nesse estado, se têm empregadas como eu, que fazem tudo por elas? As crianças não berram no ouvido dela, ela não fica de pé ao lado do fogão quente; tudo é feito para ela, e seu homem, amando-a ou não, sempre a sustenta... *sustenta*... você ouviu isso, seu negro? SUSTENTA!"

Gail A. Stoke, em "Black Woman to Black Man"
Liberator, December, 1968.

Mas, não é só a relação do homem negro com a mulher negra que é corrompida por sua preocupação com o homem branco. Pois, embora a mulher negra possa dar até a sua última moeda para o homem negro tomar um drinque, *seu* envolvimento real também é com o homem branco. Adiante, a fala do Infiel, tirada da "Alegoria dos Eunucos Negros", de Cleaver:

"Desde então, eu sempre acreditei que, para uma mulher negra, casar-se com um homem branco era como pregar a última estrela na sua coroa. É o máximo de realização aos seus olhos, e aos olhos de suas irmãs. Vejam quantas celebridades de famílias negras se casam com homens brancos. Todas as mulheres negras que não são celebridades desejam sê-lo, só para também poderem se casar com homens brancos. A brancura é o seu sonho dourado. Quando elas beijam você, não é você que elas estão realmente beijando. Elas fecham os olhos e imaginam seu príncipe encantado cor de neve. Ouçam os boatos... Jesus Cristo imaculado é o noivo psíquico

da mulher negra. Você saberá, antes de morrer, que, durante a cópula e no momento do orgasmo, a mulher negra [americana], nas primeiras pontadas de seu espasmo, grita o nome de Jesus. 'Oh, Jesus, estou gozando!', ela grita para ele. E isto o ofenderá. Será como uma faca em seu coração. Seria o mesmo se sua mulher, durante o orgasmo, gritasse o nome de um cara imundo que morasse nas vizinhanças."

Assim, a mulher negra tem tanto desrespeito pelo homem negro quanto por ela — um homem *de verdade* poderia elevá-la pelo casamento, graças a sua classe superior. Ela não pode respeitar o homem negro, porque sabe que ele não tem poder. O homem branco, pelo menos, "sustenta" sua mulher, e não bate nela. O homem branco é civilizado, bom e cortês o tempo todo. Ela não compreende que para ele é interessante ser assim. Desse modo, nem o Cafetão, nem a Prostituta suspeitarão que seu Cortês Homem Branco é o responsável pela destruição de ambos.

Assim, a Família Americana é sustentada pela existência da Casa de Prostituição do gueto negro. O estrupo da comunidade negra na América torna possível a existência da estrutura familiar da comunidade branca em geral, do mesmo modo como a prostituição sexual mantém a respeitável família da classe média. A comunidade negra é o grupo marginal que supre as necessidades sexuais da família branca, mantendo seu funcionamento. E é *por isso* que não existe solidez familiar no gueto.

O modo como esse sistema sexual/racial é recriado tão freqüentemente em miniatura na vida privada revela a profundidade do problema. O lar branco individual é sustentado pela eterna exploração, tanto doméstica quanto sexual da mulher negra. O jovem médio do gueto atua como cafetão, ou então se prostitui como de rotina, sendo seu valor como "homem" avaliado pelo modo como ele é capaz de comandar suas putas — e por quantas ele pode comandar ao mesmo tempo. Ele se torna um mestre da lábia, do papo de segundas intenções. Se é capaz de "amarrar" uma "gatinha" branca, esse é um ponto a mais no seu crédito — pois é um golpe direto no homem branco (Pai). Isso explica a freqüente união da prostituta

branca com o cafetão negro: a mulher branca (mãe) é rebaixada a prostituta junto com a mulher negra, uma bofetada direta no homem branco. Ela é a mais preciosa propriedade do Pai, agora revendida a ele como mercadoria danificada. Quanto à própria prostituta branca — nos poucos casos em que isso foi uma opção — ela exprimiu o máximo de masoquismo. Ela se torna totalmente a presa do homem branco, beijando seus pés, submetendo-se à extrema humilhação: um cafetão negro.

2. “Masculinidade Negra”

Qual a atitude da comunidade negra militante diante dessa degradação psicossocial que é o racismo? Afirmei que o homem negro tem três alternativas para reagir ao poder do homem branco sobre ele.

1) pode submeter-se às condições estabelecidas pelo homem branco (na melhor das hipóteses, torna-se uma celebridade negra — comediante, atleta, ou músico — ou um membro da burguesia negra).

2) pode recusar totalmente a identificação, com todas as conseqüências de ser definido como menos que “um homem” (o rapaz arruinado do gueto que eu descrevi).

3) pode tentar revoltar-se contra o Pai, e destroná-lo, o que *pode* incluir roubar essa posição de poder para si mesmo (organização política pela revolução, sobretudo a militância recente).

O movimento negro escolheu a terceira alternativa, longe de ser a mais saudável. Mas, como pretende pôr isto em prática? Um dos meios é unir-se às forças brancas que estão tentando a mesma coisa.⁴ A família mais uma vez: o homem branco da esquerda é o Filho Legítimo

fraco. O homem negro é o Filho Bastardo valentão, o filho ilegítimo, querendo uma oportunidade para ter esse poder. Os Meio-Irmãos fizeram um acordo: o Irmão deserdado oferece a sua experiência de rua e a força do seu descontentamento para ajudar ao Filho Legítimo mimado e neurótico, em troca de tática, retórica, e sobretudo por uma promessa de uma parte dos direitos hereditários desse filho, quando ele alcançar o trono. Aquilo de que os dois irmãos realmente falam não é de justiça nem de igualdade, mas de poder (masculino).

E quem é a Irmãzinha? Foi permitido às mulheres brancas da Esquerda seguir de perto, ocasionalmente, os homens, se elas fizessem o trabalho sujo. Mas, na maioria das vezes, elas são rebaixadas e excluídas (“pragas”, com suas constantes exigências de inclusão, tendo acesso de raiva diante de qualquer pequena observação “chauvinista masculina”). A Irmã engana a si mesma, identificando-se tão intensamente com o Grande Irmão, que às vezes acredita ser exatamente como ele. Ela percebe que é cada vez mais difícil identificar-se com aquela massa indistinta de mulheres comuns (Mãe), que ela precisa destruir em si mesma, para ganhar a aprovação do Grande Irmão. Ele a encoraja a fazê-lo. Sabe que as ilusões do poder futuro dela a tornarão, afinal, mais dócil. Ela pode ser útil, sobretudo para subornar o Pai.

Além disso, os Irmãos fizeram um pacto de sangue: você me dá suas gatinhas (o Irmão Bastardo satisfaz suas fantasias pela Irmãzinha, enquanto que o homem branco finge não notar), e eu te dou as minhas (o homem branco consegue sua primeira foda verdadeira, enquanto que o Irmão Bastardo contém o riso).

E a irmã negra? Ao procurar conseguir a “legitimidade” dessa vez, os militantes negros masculinos estão reorganizando sua sexualidade, de modo a ficar de acordo com o modelo existente. São feitas anualmente tentativas para instituir a família na comunidade negra, para transformar a comunidade negra de Casa de Prostituição da família branca em Família Negra. A mulher negra está sendo convertida de seu papel anterior de Prostituta em Adorada-Rainha-Negra-Mãe-de-Meus-Filhos. Assim, o Fi-

4. Aqui e em todo o capítulo, eu estou assumindo a posição do Partido Black Panther como representante do Black Power, embora eu esteja muito ciente de que o BPP enfrenta controvérsias violentas com outros grupos do Black Power sobre muitas coisas.

lho Bastardo assumiu o papel de Pai dentro de sua própria comunidade, na expectativa de seu poder futuro. Eis um poster muito circulado, afixado numa vitrine da East Village:

OURO NEGRO

[um perfil marcante, em tamanho grande, de uma mulher negra com cabelo *black power*]

**EU SOU A MULHER NEGRA, MÃE DA CIVILIZAÇÃO,
RAINHA DO UNIVERSO. ATRAVÉS DE MIM O HOMEM
NEGRO CONSTRÓI**

SUA NAÇÃO

“Se ele não proteger sua mulher, ele não construirá uma boa nação. É meu dever ensinar e treinar os jovens, que são o futuro da nação.

Eu ensino a meus filhos, quando eles são bem pequenos, a língua, a história e a cultura.

Eu os ensino a amar e respeitar o pai deles, que trabalha arduamente para que possam ter comida, roupas e casa adequada.

Eu cuido de nossa casa, e torno-a confortável para meu marido.

Eu reflito o amor que ele tem pelas crianças, assim como a Lua reflete a luz do Sol para a Terra.

Eu sento para conversar com meu marido, para resolver os problemas diários e as necessidades de funcionamento de um lar estável e tranquilo.

O melhor que eu posso dar a minha nação são crianças fortes, sadias e inteligentes, que se tornarão os líderes de amanhã.

Eu estou sempre ciente de que o verdadeiro valor de uma nação se exprime através do respeito e da proteção da mulher, portanto eu me conduzo o tempo todo de maneira civilizada, e ensino meus filhos a fazerem o mesmo.

Eu sou a Mulher Negra.”

Mas, essa transformação, quando ela ocorre, baseia-se na fantasia, pois enquanto o homem branco estiver no poder, ele terá o privilégio de definir a comunidade negra

como quiser — os negros são dependentes dele para sua sobrevivência — e as conseqüências psicosssexuais dessa definição inferior continuarão a operar. Assim, o conceito de Família Negra Digna raramente penetra nos círculos da Burguesia Macaqueadora, ou entre os Verdadeiros Adeptos Revolucionários. Na verdade, seria preciso que acreditássemos fanaticamente na Revolução, para rechaçarmos as tendências de mentalidade do atual sistema sexual/racial. Só poderíamos adotar essa estrutura remota, a partir da antecipação visionária segura de um mundo diferente. O fato de que o espírito da juventude do gueto não está ansioso em pôr em prática esta estrutura familiar é compreensível. Diariamente, eles estão à mercê das necessidades sexuais reais da Família Branca; não podem permitir-se deixar de dançar conforme a música dessa realidade terrível, ou esquecer por um momento que mantêm o poder. Nesse aspecto, os revolucionários negros são tão perigosos quanto uma pequena banda de Nat Turners, tentando instituir o casamento nos bairros escravos, em antecipação à rebelião vindora. E todas as advertências em contrário, mesmo as revolucionárias, encontram dificuldade em libertar-se dessa psicologia sexual/racial, revelando-se elas próprias ainda irresistivelmente atraídas pelas “diabas louras”. Pois ela está arraigada muito nas suas psiques, sustentada pelo dia-a-dia das realidades do poder. O próprio Cleaver se debate num conflito:

“Um dia, vi numa revista a fotografia da mulher branca, que tinha flertado [e assim causado a morte dele] com Emmett Till. Enquanto olhava a foto, senti uma ligeira pressão no meio do peito, que em geral experimento quando uma mulher me atrai. Olhei muitas vezes para a fotografia, e, apesar de tudo que ela representava, ela ainda me atraía. Enfureci-me comigo mesmo, com a América, com as mulheres brancas, com a história que tinha gerado essas pressões de sensualidade e desejo em meu peito. Dois dias depois tive um ‘esgotamento nervoso’.”

A maior virtude de Cleaver como escritor é sua honestidade. Em *Soul on Ice* conhecemos a psicologia do

homem negro, particularmente o desgastante amor/ódio pelo "Ogro" (mulher branca). De fato, o relato de Cleaver contém a maioria das ambivalências que descrevemos. Por ele nos vem alguma idéia do que era sua atitude anterior com relação às mulheres (negras), antes de apaixonar-se por uma mulher (branca):

HOMENS EM GERAL
SE REFEREM ÀS
MULHERES ASSIM

"Sempre respeitei você em segredo. Eu tinha um mau hábito, ao falar sobre as mulheres, em presença dos homens, de referir-me a elas como a putas. Essa puta aqui, aquela puta lá, você sabe. Um minuto antes, eu falava de você para um casal de assassinos e eu disse "essa puta..." E me senti muito envergonhado por isso. Julguei a mim mesmo e sofri espiritualmente depois durante dias. Isso pode parecer insignificante, mas eu atribuo muita importância ao fato, por causa da série de pensamentos que morreram com isso. Eu gosto de você, estou envolvido com você, o que é muito novo e representa uma mudança brusca para Eldridge X."

Prelúdio ao Amor — Três Cartas

Em geral, nessas cartas, originalmente escritas para uma advogada em São Francisco, Beverly Axelrod, Cleaver tenta livrar-se das "conversas moles", do engenhoso olhar convidativo que constituem a marca registrada do homem negro. Nem sempre ele é bem sucedido. Percebemos que ele tem que lutar contra si mesmo; contém-se a tempo (quase inteligentemente demais), admitindo o que ele está fazendo:

"AGORA, VIRE O DISCO E TOQUE O OUTRO LADO
Eu tentei seduzir você. Eu não sou de modo algum humilde."

Mas, quando Beverly expressa cinismo pelo amor dele, ele a convence primorosamente de que ela deve "desabafar-se" com ele, acreditar nele.

Beverly estava certa. Seu cinismo feminino, como de costume, era mais do que justificável — ela não era cínica *o bastante*. (Cleaver, para citar um exemplo, casou-

se com uma mulata, Kathleen, deixando Beverly desamparada. As últimas fotos incluem um filho pequeno.) Suas cartas para Beverly, quase tão personalizadas e honestas quanto provavelmente ele nunca escreveu para uma mulher, são seguidas de uma carta floreada (testemunho? doutrina?) Para Todas as Mulheres Negras De Todos os Homens Negros. Sua imagética genital inclui preciosidades como:

"Após o inferno nu de minha masculinidade negada, de quatrocentos anos [!], sem meu saco, hoje nos defrontamos um com o outro, minha rainha."

Lembra-a que:

"Rios de sangue escorrem hoje por entre minhas pernas..."

E finalmente, triunfante:

"Eu entrei na caverna e arranquei meu saco dos dentes de um leão que rugia..."

Suas encantações de páginas inteiras, dirigidas ao Berço Negro da África, são, é o mínimo que se pode dizer, o melhor meio de adular uma mulher.

Pois, apesar de sua saudação, à Feminilidade Negra ("Rainha-Mãe-Filha da África, Irmã da Minha Alma, Noiva Negra da Minha Paixão, Meu Eterno Amor"), Cleaver, nessa suposta carta de amor, está fixado em si mesmo e na sua "masculinidade". Não existe uma concepção da mulher negra como um ser humano com seus próprios direitos. Ela é meramente um suporte de sua própria imagem (masculina). O mesmo velho truque na aparência revolucionária: o homem definindo negativamente a si mesmo, como um homem-forte distinto da mulher-frac, em função do controle dele sobre ela — como o cafetão, que rejeita a mulher que existe dentro dele, obtendo uma falsa impressão de masculinidade (poder) através da dominação de todas as mulheres da sua vizinhança. A natureza sexual das angústias raciais de Cleaver é revelada em seu ataque a Baldwin, que não é nada

mais do que o ataque vicioso do Cafetão Negro à Rainha Negra. A Rainha preferiu renunciar totalmente à identificação (poder) masculina, em vez de aceitar a definição sexual degradante legada pelo homem branco, com isso ameaçando o Cafetão, que luta por uma batalha perdida. E, como se esse ataque não fosse suficiente, Cleaver revela sua insegurança sexual na sua imagem de Super-garanhão, o Norman Mailer negro. Alguns lançam pragas, a julgar pela histeria de seu protesto masculino.

A transformação da mulher negra na mulher passiva tradicional cria um útil pano-de-fundo negativo, contra o qual a própria definição que o homem negro dá de si mesmo como masculino (agressivo) pode se lançar. É na sua condição de trampolim ou de saco-de-pancada, a mulher negra é valiosa e deve ser "humildemente" cortejada. Sua cooperação é importante, pois o homem negro só pode ser o "homem" se alguém for a "mulher".

As mulheres negras, tão afeitas a lábias, parecem ter caído nesse "papo". Eis uma repreensão escrita por outra mulher negra, em resposta à acusação dirigida aos homens negros por Gail A. Stokes, que eu citei anteriormente. Ela é célebre por seu antifeminismo feminino:

"Certamente [os homens negros] erram, mas nós também não erramos? Isso é normal nalgum que está tentando alguma coisa nova, i.e., a liderança... Portanto, como você, Gail Stokes, pode ter a audácia de alfinetar o orgulho do homem negro? Como pode você atrever-se a tentar arruinar a sua sorte? Alguma vez já lhe ocorreu que é você, na verdade, que está errada? Olhe bem para você, irmã; uma mulher reflete o homem que ela tem."

Ela apela para o homem negro:

"Homens negros: Eu também ouvi seu brado, vibrando de dentro de seu orgulho recém-descoberto e do traje africano. E a esse brado eu respondo: Conserve seu lugar legítimo à minha frente, meu amor... Sim, meu amor negro, você é um homem de verdade, um homem raro. E em todas as suas lutas eu quero que você saiba que eu luto apenas a alguns

passos atrás de você, porque esse é o meu lugar na sua vida... Você é tudo porque eu estou aqui."

Ela então aplaca o ego alfinetado dele, assegurando-lhe sua imorredoura lealdade às suas "bolas":

"Tendo seu saco arrancado de você, e ainda tentando ser um homem! Ah, esses momentos angustiados da puberdade... esses sofrimentos crescentes... *Diga-me quantos homens foram castrados só para desafiar essa castração e deixar nascer novos sacos!*... Você precisa ser apoiado e amado e comunicado de quão maravilhoso você é realmente."

Edith R. Hambrick, "Black Woman to Black woman",
Liberator, Dezembro, 1968.

(Itálicos dela. E observe-se a capitalização do título: uma advertência à irmã para começar a "entrar na linha"?)

Mas, quando ela própria "entrar na linha", sua recompensa não será um tipo de amor personalizado (como nas cartas a Beverly Axelrod), e sim um amor impessoal, dirigido, através dela, a todo o Sexo Feminino Negro. Eis Bobby Seale na sua conhecidíssima *Carta a Minha Esposa* (como a dedicatória do poeta principiante no presente de Natal dado a sua namorada, aparecendo inevitavelmente na publicação de verão do jornal de poesia da Universidade):

"Artie, querida..."

Se eu não lhe amar agora porque eu vi outro dia alguma coisa no seu rosto que dizia que você era uma revolucionária, então algo está errado... O que Malik [o filho deles de três anos] está fazendo? Ensine-o como ajudar as pessoas com seus exemplos, Artie... Artie, espero que você não esteja sendo egoísta, conservando essa carta com você. Oh, eu sei que você a está lendo para os outros membros do partido..."

Por que motivo as mulheres negras, tão espertas em relação aos seus homens em geral, fixam-se nesse gênero de amor protetor, impessoal e insípido? Por causa do

Triângulo. Como vimos, a mulher negra representou durante séculos a Prostituta, usada e abusada pelos homens brancos (seus "trunfos") e pelos homens negros (seus "cafetões"). Todo esse tempo, ela olhou com inveja para a legitimidade e a segurança da mulher branca. Agora, tendo-lhe sido oferecida essa legitimidade, sob qualquer pretexto, ela é tentada a ter pretensões para a mesma, desconhecendo as aversões reservadas. A Esposa é a única que pode lhe revelar isto, mas elas não se dão. Pois, como vimos, cada uma aprendeu a projetar suas frustrações na outra. Seu longo antagonismo torna difícil para as duas trocar as lições valiosas (e dolorosas) que elas aprenderam a respeito do Homem. Se elas conseguissem se dar, poderiam cedo descobrir que nem a Esposa, nem a Prostituta gozam de liberdade, porque nenhum desses papéis é autodeterminado. Elas poderiam ficar alertas às admoestações de Eldridge Cleaver, visto que ele antecipa seu futuro poder masculino, num desses raros momentos de honestidade com as mulheres:

"AGORA, VIRE O DISCO E TOQUE O OUTRO LADO:

Eu tentei seduzir você. Eu não sou de modo algum humilde. Eu não tenho humildade e não temo você de modo algum. Se eu finjo ser tímido, se eu pareço hesitar, é apenas uma farsa para enganar. Representando o papel de humilde, eu tapeio meus companheiros e os seduzo, ganhando a sua confiança. E então, se isso me é vantajoso, finco o pé nisso, sem compaixão. Eu menti, quando disse que não tinha opinião sobre mim mesmo. Eu estou muito ciente de meu estilo. Minha vaidade é tão grande, quanto o alcance de um sonho, meu coração é o de um tirano, meu braço é o braço de um verdugo. A única coisa que eu temo é o fracasso das minhas tramas."

Um livro sobre o feminismo radical que não tratasse do amor seria um fiasco político. Porque o amor, talvez ainda mais que o parto, é o pivô da opressão das mulheres hoje em dia. Eu me dou conta de que isso tem implicações assustadoras. Queremos nos livrar do amor?

O pânico sentido por qualquer ameaça ao amor é um ótimo indício de seu significado político. Um outro sinal de que o amor é central em qualquer análise sobre as mulheres, ou sobre a psicologia sexual é sua omissão da própria cultura, sua relegação à "vida pessoal", (Quem ouviu falar de lógica no quarto de dormir?) Sim, ele é retratado em novelas, até na metafísica, mas nelas é descrito, ou melhor, recriado, e não analisado. O amor nunca foi *compreendido*, embora possa ter sido amplamente *experimentado*, e essa experiência ter comunicado.

Existem motivos para essa falta de análise: *As mulheres e o Amor são escoras. Examinem-se eles, e a verdadeira estrutura da cultura ficará ameaçada.*

A questão já gasta de "O que as mulheres faziam, enquanto os homens criavam obras-primas?" merece mais do que a resposta óbvia do "as mulheres eram excluídas da cultura, exploradas em seu papel de mãe". Ou o seu reverso: As mulheres não tinham necessidade de pintura, já que criavam filhos. O amor está ligado à cultura em

níveis mais profundos do que estes. Os homens pensavam, escreviam e criavam, porque as mulheres extravasavam as energias sobre esses homens; as mulheres não criam cultura, porque estão preocupadas com o amor.

O fato de as mulheres viverem para o amor, e os homens para o trabalho é um truismo. Freud foi o primeiro a tentar situar as bases dessa dicotomia na psique individual: o filho, rejeitado sexualmente pela primeira pessoa de seu interesse, a mãe, “sublima” sua “libido” — seu reservatório de energias sexuais (vitais) — em projetos a longo prazo, na esperança de receber amor, numa forma mais generalizada. Assim, ele desloca sua necessidade de amor para uma necessidade de reconhecimento. Esse processo não é o mesmo na mulher: nunca deixa de desejar o calor direto e a aprovação.

Existe também muita verdade nos chavões de que “por trás de todo homem existe uma mulher”, ou de que “as mulheres são o poder [leia-se: a voltagem] por trás do trono”. A cultura (masculina) fundou-se no amor das mulheres, e à sua custa. As mulheres forneceram a substância das obras-primas masculinas, e, por milênios, fizeram o trabalho e suportaram o preço de relações emocionais unilaterais, cujos benefícios iam para os homens, e para o trabalho dos homens. Portanto, se as mulheres são uma classe parasita, vivendo afastada e às margens da economia masculina, o inverso também é verdadeiro: A cultura (masculina) foi (e é) parasitária, alimentando-se da força emocional das mulheres, sem reciprocidade.

Além do que, tendemos a esquecer que essa cultura não é universal, mas, ao contrário, sectária, mostrando apenas metade de sua estrutura. A verdadeira estrutura da cultura, como teremos a oportunidade de ver, está saturada por essa polaridade sexual, bem como é, em todos os níveis, dirigida pelos, para, e conforme os interesses da sociedade masculina. Mas, enquanto a metade masculina é chamada de toda a cultura, os homens não se esqueceram de que existe uma metade “emocional” feminina. Ela é vivida às escondidas. Em consequência de sua luta para expulsar as mulheres existentes dentro deles (o Complexo

de Édipo, como o interpretamos), os homens são incapazes de considerar o amor seriamente, como uma questão cultural. No entanto, eles não podem passar sem ele completamente. O amor é o nervo da cultura (masculina), assim como o amor é o ponto fraco de todo homem, empenhado em provar sua virilidade nesse vasto mundo masculino de “descobertas e aventura”. As mulheres sempre souberam como os homens precisam de amor, e como eles negam essa necessidade. Talvez isto explique o peculiar desrespeito que as mulheres sentem, tão universalmente, pelos homens (“os homens são tão bobos”), pois elas conseguem compreender que seus homens posam para o mundo exterior.

I

Como esse fenômeno “amor” funciona? Contrariamente à opinião popular, o amor não é altruísta. A atração inicial é baseada no estranho encanto (hoje, mais comumente, a inveja e o ressentimento) pelo autocontrole, a unidade integrada do outro, e um desejo de tornar-se, de algum modo, parte de seu *Self* (leia-se hoje: impor-se ou dominar), de tornar-se importante para esse equilíbrio psíquico. A independência do outro origina desejos (leia-se: um desafio); a admiração (inveja) do outro torna-se um desejo de incorporar (possuir) suas qualidades. Segue-se um conflito de *selves*, no qual o indivíduo tenta repelir o crescente poder do outro sobre ele. O amor é a abertura final para o outro (ou a rendição ao seu domínio). O amante demonstra ao bem-amado como ele próprio gostaria de ser tratado. (“Eu tanto tentei fazê-lo apaixonar-se por mim, que eu mesma acabei me apaixonando por ele.”) Assim, o amor é o auge do egoísmo. O *self* tenta se enriquecer, através da absorção de um outro ser. Amar é ser fisicamente vulnerável ao outro. Trata-se de uma situação de vulnerabilidade emocional total. Portanto, não deve ser apenas a incorporação do outro, mas uma *troca de selves*. Qualquer coisa desprovida de troca mútua prejudicará uma das partes.

Não existe nada inerentemente destrutivo nesse processo. Um pouco de egoísmo saudável pode ser uma mudança restauradora. O amor entre dois iguais seria um enriquecimento, cada um expandindo a si mesmo, através do outro. Em vez de só, fechado na cela de si mesmo, exclusivamente com sua própria experiência e seu próprio ponto de vista, o indivíduo poderia participar da existência de outro — uma janela extra para o mundo. Esse é o motivo da satisfação que os amantes bem sucedidos experimentam. Eles estão temporariamente libertos do fardo de isolamento que todo indivíduo carrega.

Mas, a satisfação no amor raramente ocorre. Para cada experiência de amor bem sucedida hoje, para cada pequeno período de enriquecimento, existem dez experiências de amor destruidoras, “depressões” pós-amorosas de muito maior duração — em geral terminando com a destruição do indivíduo, ou pelo menos com um cinismo emocional que torna difícil ou até impossível amar novamente. Por que aconteceria isso, se não é, hoje, inerente ao próprio processo de amor?

Falemos do amor, no seu aspecto destrutivo — e porque ele toma esse rumo, referindo-nos uma vez mais à obra de Theodore Reik. A observação concreta de Reik coloca-o mais próximo da compreensão do *processo* de “enamorar-se”, do que muitas mentes superiores, contudo, ele perde essa compreensão, na medida em que confunde o amor, como ele existe em nossa sociedade atual, com o próprio amor. Observa que o amor é uma formação reativa, um ciclo de inveja, hostilidade e possessividade. Entende que o amor é precedido de uma insatisfação consigo mesmo, de uma ânsia de alguma coisa melhor, gerada por uma discrepância entre o ego e o ego-ideal; que a satisfação que o amor produz deve-se à resolução dessa tensão pela substituição do outro, no lugar de nosso próprio ego-ideal; e, finalmente, que o amor murcha, “porque o outro não pode, mais do que você, viver à altura de seu elevado ego-ideal, sendo a crítica tão severa, quanto mais altos forem os graus de exigência sobre si mesmo. “Assim, na visão de Reik, o amor se desgasta, do mesmo modo como se estimula: A insa-

tisfação consigo mesmo (quem já ouviu falar de apaixonar-se na semana em que se está indo para a Europa?) leva à admiração pela independência do outro, à inveja, à hostilidade, ao amor possessivo, e a voltar, de novo, a exatamente o mesmo processo. Esse é o processo do amor *hoje*. Mas por que ele se dá desse modo?

Muitos, por exemplo Denis de Rougemont, em *O Amor no Mundo Ocidental*, tentaram esboçar uma distinção entre o “apaixonar-se” romântico, com sua “falsa reciprocidade que encobre um duplo narcisismo” (o Eros Pagão), e um amor não egoísta pela outra pessoa, do jeito que essa pessoa é realmente (o Ágape Cristão). De Rougemont atribui a paixão mórbida de Tristão e Isolda (amor romântico) a uma vulgarização das correntes místicas e religiosas específicas da civilização ocidental.

Sugiro que o amor é, essencialmente, um fenômeno muito mais simples. Ele se torna complicado, corrompido, ou dificultado por um equilíbrio desigual de poder. Vimos que o amor requer uma vulnerabilidade mútua, ou se torna destrutivo. Os efeitos destrutivos do amor só ocorrem num contexto de desigualdade. Mas, por ter a desigualdade sexual permanecido uma constante — embora seu grau possa ter variado — a corrupção do amor “romântico” tornou-se uma característica do amor entre os sexos. (Resta-nos apenas explicar porque ela se intensificou solidamente nos países ocidentais, desde o período medieval. Será o que tentaremos fazer no próximo capítulo.)

De que modo o sistema de classes sexuais, baseado na distribuição desigual de poder da família biológica, afeta o amor entre os sexos? Ao discutir o freudismo, investigamos a estruturação psíquica do indivíduo dentro da família, e como essa organização da personalidade pode ser diferente do homem para a mulher, em virtude de seus relacionamentos bem diferentes com a mãe. Atualmente, a interdependência insular do relacionamento mãe/filho impõe a ansiedade tanto ao filho quanto à filha de perder o amor da mãe, do qual dependem para a sobrevivência física. Quando, mais tarde (apesar

de Erich Fromm), a criança compreende que o amor da mãe é condicional, e que, para ser recompensada, ela tem de assumir um comportamento aprovado (i.e., o comportamento de acordo com os valores próprios e a gratificação pessoal do ego da mãe — pois ela é livre para moldar “criativamente” a criança, seja lá como defina essa criatividade), a ansiedade da criança se converte em desespero. Isto, coincidindo com a rejeição sexual do filho homem pela mãe, provoca, como vimos, uma esquizofrenia no menino entre o emocional e o físico, e na menina a rejeição da mãe, ocorrendo por diferentes razões, gera uma insegurança sobre sua identidade em geral, criando uma necessidade de aprovação, por toda a vida. (Mais tarde, seu amante substituirá o pai como doador da identidade necessária sub-rogada — ela vê tudo, através dos olhos dele.) Aqui se origina a ânsia de amor que, mais tarde, lança ambos os sexos à procura, numa pessoa após a outra, de um estado de segurança do ego. Mas, por causa da rejeição primitiva, no grau em que ela ocorreu, o homem ficará aterrorizado de comprometer-se, de “desabafar-se”, e, depois, ser despedaçado. A respeito de como isto afeta sua sexualidade, vimos que: conforme o grau em que uma mulher se assemelhe à mãe dele, o tabu do incesto funciona para restringir seu compromisso sexual/emocional total. Para sentir-se a salvo do tipo de resposta total que sentiu primeiramente pela mãe, e que foi recusada, ele precisa rebaixar essa mulher para diferenciá-la da mãe. Esse comportamento, reproduzido em larga escala, explica muitos fenômenos culturais, inclusive talvez o culto do amor ideal das eras cavaleirescas, o precursor do romantismo moderno.

A idealização romântica é parcialmente responsável, ao menos da parte do homem, por uma característica peculiar do “apaixonar-se”: a mudança acontece no amante quase que independentemente da personalidade do objeto amado. Ocasionalmente, o amante, apesar de fora de si, vê através de outra parte racional de suas faculdades que, objetivamente falando, a pessoa que ele ama

não merece toda a sua dedicação cega; mas, ele é impotente para agir sobre isso, “um escravo do amor”. Na maioria das vezes, ele se engana completamente. Entretanto, os outros conseguem ver o que se passa (“Porque cargas d’água ele poderia amá-la foge à minha compreensão!”). Essa idealização ocorre muito menos frequentemente da parte da mulher, como foi confirmado pelos estudos clínicos de Reik. Um homem pode idealizar uma mulher acima de todas as outras para justificar sua descendência de uma classe social mais baixa. As mulheres não têm esse motivo para idealizar os homens. De fato, quando a vida de alguém depende da habilidade de “sacar” os homens, essa idealização pode ser realmente perigosa — embora um medo do poder masculino possa, em geral, repetir-se nos relacionamentos particulares com os homens, aparentando o mesmo fenômeno. Mas, embora saibam ser inautêntica essa “paixão” masculina, todas as mulheres, de um modo ou de outro, exigem dos homens uma prova desse amor, antes que eles possam se permitir amar (genuinamente, no seu caso) em troca. Pois esse processo de idealização funciona para equalizar artificialmente as duas partes, uma precondição mínima para o desenvolvimento de um amor não corrompido. Vimos que o amor requer uma vulnerabilidade mútua, que é impossível de se realizar numa situação de poder desigual. Desse modo, “apaixonar-se” não é mais do que um processo de deformação da visão masculina — através da idealização, da mistificação, da glorificação — que torna nula a inferioridade da classe feminina.

Contudo, a mulher sabe que essa idealização, que ela se esforça por produzir, é uma mentira, que é uma questão de tempo ela ficar “transparente” para ele. Sua vida é um inferno, oscilando entre uma necessidade obsessiva pelo amor e a aprovação masculina, para erguê-la de sua submissão de classe, e sentimentos persistentes de inautenticidade, quando ela obtém o amor dele. Assim, sua identidade total depende da balança de sua vida amorosa. Só lhe é permitido amar a si mesma, se um homem a considerar digna de amor.

Mas, se pudéssemos eliminar o contexto político do amor entre os sexos, não restaria um certo grau de idealização no próprio processo de amar? Creio que sim. Pois o processo ocorre da mesma maneira, seja quem for o escolhido pelo amor: o amante “abre-se” para o outro. Por causa dessa fusão de egos, na qual cada um pensa e se preocupa com o outro, como se fosse um novo *self*, a beleza/índole do bem-amado, talvez escondida para os estranhos sob camadas de defesas, é revelada. O “Eu me pergunto o que ela vê nele” significa, então, não só que “ela é uma tola, cega pelo romantismo”, mas que “seu amor dotou-a de uma visão de raios-X. Talvez não estejamos percebendo alguma coisa”. (Note-se que esta frase é mais comumente empregada em relação às mulheres. A frase equivalente, relativa à escravidão dos *homens* ao amor, é, em geral, mais parecida com o “ele é um brinquete nas mãos dela”, ela o envolveu de tal forma, que ele é o último a conhecer seu jogo.) A sensibilidade desenvolvida para os verdadeiros (ainda que ocultos) valores do outro, contudo, não é uma “cegueira”, ou “idealização”, mas é, de fato, uma visão mais profunda. Só a falsa idealização que descrevemos acima é que é responsável pela destruição. Assim, não é o próprio processo do amor que está errado, mas sua *política*, i.e., seu contexto de *poder* desigual. O quê, o porquê, o quando e o onde dele é que o tornam hoje um holocausto.

II

Entretanto, as abstrações sobre o amor são apenas mais um sintoma de seu estado doentio. (Como uma paciente de Reik tão perspicazmente expressou: “Os homens ou amam seriamente demais, ou então não amam seriamente o suficiente.”) Analisemos mais concretamente o fato, do modo como nós o vivenciamos hoje, em sua forma corrompida. Uma vez mais citaremos o Confessionário Reikiano. Pois se o trabalho de Reik tem algum valor, é onde ele menos poderia suspeitar, i.e., na sua insignificante ânsia feminina pela “fofoca”. Ei-lo,

justificando-se (supõe-se que seu Superego o esteja inco-modando):

“Um ‘já-era’ como eu sempre deve estar nalgum lugar, eu trabalhar nalguma coisa. Por que eu não deveria me ocupar com essas pequenas questões que, geralmente, não são colocadas e, contudo, talvez possam ser respondidas? As *petites questions* têm um lugar legítimo ao lado dos grandes e fundamentais problemas da psicanálise.”

“É preciso coragem moral para escrever sobre certas coisas, como por exemplo sobre um jogo que as meninas jogam no intervalo das aulas. Esse tema é realmente digno de um psicanalista *sério*, que já passou dos seus setenta e sete anos de idade?” (Grifos da autora)

E lembra a si mesmo:

“Mas, em psicanálise não existem pensamentos sem importância; existem apenas pensamentos que fingem não serem importantes, para não serem revelados.”

Assim ele racionaliza o que, na verdade, pode ser a única contribuição válida de seu trabalho. Eis seus pacientes, de ambos os sexos, falando eles próprios sobre suas vidas amorosas:

MULHERES:

“Mais tarde, ele me chamou de uma mulher meiga... Eu não respondi... o que eu poderia dizer?... mas eu sabia que eu não era, de modo algum, uma mulher doce, e que ele me via como alguém que eu não sou.”

“Nenhum homem pode amar uma mulher, do modo como uma mulher ama um homem.”

“Eu posso passar muito tempo sem sexo, mas não sem amor.”

“É como H₂O, em vez de água.”

“Algumas vezes eu penso que todos os homens são sexomaníacos, e indigentes sexuais.”

“Tudo o que eles conseguem pensar, quando estão com com uma mulher, é em ir para a cama com ela.”

“Eu não tenho nada a oferecer a esse homem, além deste corpo?”

"Tirei meu vestido e meu sutiã, e me deitei na sua cama, e esperei. Por alguns instantes, pensei em mim como num animal de sacrifício no altar."

"Eu não compreendo os sentimentos dos homens. Meu marido me tem. Por que ele precisa de outra mulher? O que elas têm que eu não tenho?"

"Acredite-me, se todas as esposas, cujos maridos têm casos, os deixassem, nós só teríamos mulheres divorciadas neste país."

"Depois que meu marido teve muitos casinhos, eu me enamorei da fantasia de ter um amante. Por que não? O que é bom para o pato é bom para a pata... Mas, eu era estúpida como uma pata: não admitia para mim ter uma aventura extraconjugal."

→ "Perguntei a várias pessoas se os homens também, algumas vezes, choravam, choravam, e acabavam dormindo. Eu não acredito nisso."

HOMENS (para uma ilustração adicional, ver *Screw*):
"Não é verdade que só a aparência externa da mulher tem importância. A roupa de baixo também é importante."

"Não é difícil transar com uma mulher. O que é difícil é destransar."

"A mulher me perguntou se eu me preocupava com a opinião dela. Eu estava tentado a responder que me preocupava mais com sua bunda."

"'Você já vai?', ela disse, quando abriu os olhos. Esse era um chavão de quarto de dormir, não importa se eu saísse uma hora, ou dois dias depois."

"Talvez seja necessário enganar a mulher, e fingir que você a ama. Mas, como eu enganaria a mim mesmo?"

→ "Quando ela está angustiada, ela me manda embora. Mas, quando eu estou angustiado, ela sente pena de mim, e é mais afetiva do que de costume."

→ "Não é suficiente para minha mulher que eu tenha que ouvi-la falar o tempo todo — blá, blá, blá. Ela também espera que eu ouça o que ela está dizendo."

Simone de Beauvoir disse: "A palavra amor não tem, de modo algum, o mesmo sentido para ambos os sexos, e essa é uma das causas dos sérios mal-entendidos que os separam." Acima, exemplifiquei algumas das diferenças tradicionais entre os homens e as mulheres

no amor, que vêm à tona tão freqüentemente nas discussões de sala de visitas, sobre o "double standard"*, nas quais todos concordam que: as mulheres são monogâmicas, melhores amantes, possessivas, "aderentes", mais interessadas (altamente envolvidas) nos "relacionamentos" do que no sexo em si mesmo, e que elas confundem o afeto com o desejo sexual; que os homens não se interessam, a não ser por foder (Tchau e obrigado, dona!), ou então romantizam ridiculamente as mulheres; que, uma vez seguros dela, tornam-se notórios dom-joões, nunca satisfeitos; que tomam sexo por emoção. Tudo isso confirma o que tínhamos discutido — a diferença nas organizações psicosssexuais dos dois sexos, determinada pelo primeiro relacionamento com a mãe.

Tiro três conclusões, baseada nessas diferenças:

1) Que os homens não podem amar. (Hormônios masculinos? As mulheres, tradicionalmente, esperam e aceitam uma invalidez emocional nos homens, que elas achariam intolerável numa mulher.)

2) Que o comportamento "adesivo" das mulheres é ditado por sua situação social objetiva.

3) Que essa situação não mudou significativamente do que ela sempre foi.

Os homens não podem amar. Vimos porque os homens têm dificuldade de amar, e porque, embora possam amar, geralmente eles "se apaixonam" — pela sua própria imagem projetada. Na maioria das vezes, batem um dia com força à porta de uma mulher, e, no dia seguinte, estão completamente desiludidos com ela; mas é raro as mulheres abandonarem os homens, e isso geralmente se dá por mais de uma ampla razão.

É perigoso ter pena de nosso opressor — as mulheres são especialmente propensas a essa fraqueza — mas eu estou tentada a fazê-lo nesta circunstância. Ser incapaz de amar é o inferno. É assim que isso acontece: logo que o homem sente alguma pressão do outro parceiro para que ele se comprometa, ele entra em pânico, e pode reagir de um destes vários modos:

* V. p. 260 (N.T.)

1) Pode sair correndo e foder outras dez mulheres, para provar que a primeira não tem controle sobre ele. Se ela aceita isso, ele pode continuar a vê-la nessa base. As outras mulheres verificam a (falsa) liberdade dele. Discussões periódicas mantêm-lhe o pânico a distância. Mas as mulheres são um tigre de papel, pois nada de muito profundo pode acontecer com elas, seja o que for. O homem contrabalança umas com as outras, de modo que nenhuma delas possa obter muito dele. Muitas mulheres espertas, reconhecendo que isto é apenas uma válvula de escape para a ansiedade masculina, "dão bastante rédea" a ele. Pois o problema real, por trás de todos esses medos pelas mulheres é que o homem é incapaz de comprometer-se consigo mesmo.

2) Ele pode exibir concretamente um comportamento imprevisível, faltando freqüentemente aos encontros, sendo vago a respeito da próxima data, dizendo "meu trabalho vem primeiro", ou apresentando uma variedade de outras desculpas. Isto é, embora ele sinta a ansiedade dela, ele se recusa a tranquilizá-la de qualquer modo, ou mesmo a reconhecer-lhe a ansiedade como legítima. Pois ele *precisa* da ansiedade dela como um lembrete constante de que ele ainda é livre, de que a porta ainda não está completamente fechada.

3) Quando é forçado a um compromisso (incômodo), ele a faz pagar por isso: lançando olhares para outras mulheres na presença dela, comparando-a desfavoravelmente com namoradas antigas, ou com estrelas de cinema, com lembretes maliciosos na frente de amigos de que ela é seu "fardo", chamando-a de "égua", de "puta", de "megera", ou insinuando que, se ele fosse apenas um solteirão, estaria em melhores condições. Sua ambivalência com relação à "inferioridade" das mulheres torna-se evidente: comprometendo-se com uma, ele de algum modo cedeu à abominada identificação feminina, que a partir daí ele deve negar repetidamente, se quiser manter sua dignidade dentro da comunidade (masculina). Essa constante depreciação não é totalmente encenada, pois, de fato, toda outra mulher subitamente lhe parece ser melhor. Ele não consegue deixar de sen-

tir que perdeu alguma coisa — e, naturalmente, sua mulher é a culpada. Pois ele nunca desistiu da procura do ideal; ela o forçou a renunciar a isso. Provavelmente, morrerá com a sensação de ter sido enganado, nunca se dando conta de que não existe muita diferença entre uma mulher e outra, que é o amor que cria a diferença.

Existem muitas variações para resistir à mordida. Muitos homens passam de uma aventura casual para outra, evitando o tempo todo que ela comece a esquentar. E, no entanto, viver sem amor afinal se revela intolerável para os homens, tanto quanto para as mulheres. A questão que fica para todo homem normal é, portanto, como posso conseguir que alguém goste de mim, sem exigir um compromisso igual em troca?

O comportamento "adesivo" das mulheres é ditado por sua situação social objetiva. A resposta feminina a essa situação de histeria masculina diante de qualquer perspectiva de compromisso mútuo foi desenvolver métodos sutis de manipulação, para impingir tantos compromissos quantos forem possíveis serem impingidos aos homens. Durante séculos, foram planejadas estratégias, testadas e passadas de mãe para filha, em *tête-à-têtes* secretos, circuladas nas fofocas dos chás de mulheres ("Eu nunca compreendi com que as mulheres gastam tanto tempo falando!"), ou, em tempos recentes, via telefone. Essas não são, de modo algum, sessões triviais de mexericos (como as mulheres preferem que os homens acreditem), mas estratégias desesperadas pela sobrevivência. Uma garota de colégio misto, numa conversa de uma hora ao telefone sobre os homens, mostra-se muito mais brilhante do que quatro anos depois. Também há muito mais brilhantismo nesse tipo de conversa do que na maioria das manobras políticas masculinas. Não é de admirar então que, mesmo as poucas mulheres sem "obrigações familiares" sempre cheguem exaustas à linha de partida de qualquer empreendimento sério. Requer-se o melhor de sua energia, durante a melhor parte de seus anos criativos para "agarrar um bom partido", e uma boa parte do resto de sua vida para "conservar" esse partido. ("Amar pode ser um serviço de tempo integral para as mulheres,

como a profissão é para os homens.”) As mulheres que preferem retirar-se dessa corrida escolhem uma vida sem amor, algo que, como vimos, a maioria dos *homens* não tem coragem de fazer.

Mas, infelizmente, a Caça ao Homem é caracterizada por uma urgência emocional, além desse simples desejo de anunciar um compromisso oficialmente. Ela é fundamentada, em primeiro lugar, na própria realidade de classes que produziu a incapacidade masculina de amar. Numa sociedade dirigida pelos homens, que define as mulheres como uma classe inferior e parasitária, a mulher que não obtém de algum modo a aprovação masculina é condenada. Para legitimar sua existência, uma mulher deve ser mais do que uma mulher, deve continuamente procurar uma saída para sua definição inferior;¹ e os homens são os únicos em posição de conceder-lhes esse estado de graça. Mas, por ser raramente permitido à mulher realizar-se através da atuação na sociedade (masculina) — e, quando isso acontece, raramente lhe é concedido o reconhecimento que ela merece — torna-se mais fácil tentar o reconhecimento de um homem do que de vários; e, de fato, essa é exatamente a opção que a maioria das mulheres faz. Assim, uma vez mais o fenômeno do amor, bom em si mesmo, é corrompido por seu contexto de classes; as mulheres devem amar não só

1. Assim é a situação peculiar em que as mulheres nunca fazem objeção aos insultos dirigidos às mulheres como uma classe, desde que, individualmente, estejam excluídas dela. O pior insulto para uma mulher é dizer que ela é “exatamente como uma mulher”, i.e., que ela não é superior. O maior elogio é dizer que ela tem a inteligência, o talento, a dignidade, ou a força de um homem. De fato, como todo membro de uma classe oprimida, ela própria participa dos insultos dirigidos às outras iguais a ela, esperando, com isso, tornar óbvio que ela, como indivíduo, está acima do comportamento das outras. Assim, as mulheres, como uma classe, se indispõem umas com as outras (“Separar e Vencer”), a “outra mulher” acreditando que a esposa é uma “puta”, que “não o compreende” e a esposa acreditando que a outra mulher é uma “oportunista”, que está “se aproveitando” dele — enquanto que o réu, ele mesmo, escapa furtivamente livre.

por motivos de bem-estar, mas realmente para validarem a sua existência.

Além disso, a contínua dependência econômica das mulheres torna impossível uma situação saudável de amor entre iguais. As mulheres, ainda hoje, vivem sob um sistema de patronato. Com poucas exceções, elas têm a escolher, não entre serem livres ou se casarem, mas entre serem uma propriedade pública, ou uma propriedade privada. As mulheres que se unem a um membro da classe dominante podem, ao menos, esperar que alguns dos privilégios deles possam, por assim dizer, passar para ela. Mas as mulheres sem homens estão na mesma situação das órfãs: são uma subclasse desamparada, que necessita da proteção dos poderosos. Isso é a antítese da liberdade, elas ainda serem definidas (negativamente) por uma situação de classe: pois hoje elas estão num estado de vulnerabilidade *exagerada*. Participar do domínio de alguém escolhendo o seu senhor dá em geral a ilusão de uma escolha livre; mas, na realidade, a mulher nunca é livre para escolher o amor sem motivações externas. Para ela, no momento atual, as duas coisas, amor e *status*, devem permanecer inextricavelmente entrelaçadas.

Agora, supondo que uma mulher não perca de vista esses fatores fundamentais de sua condição quando ama, ela nunca será capaz de amar gratuitamente, mas apenas em troca de segurança:

1) da segurança emocional que, vimos, ela tem motivos para exigir;

2) da identidade emocional que ela seria capaz de encontrar pelo trabalho e o reconhecimento, mas que lhe é negada — forçando-a, assim, a buscar sua definição através de um homem;

3) da segurança da classe econômica que, nessa sociedade, está ligada a sua habilidade em “fiscar” um homem.

Das dessas três exigências são condições sem validade para o “amor”, contudo são impostas a ele, sobrecarregando-o.

Assim, na sua precária situação política, as mulheres não podem se dar ao luxo do amor espontâneo. Isso

seria perigoso demais. O amor e a aprovação dos homens são importantíssimos. Amar impensadamente, antes de ter assegurado o compromisso legal, poria em risco essa aprovação. Citemos Reik:

“Finalmente ficou claro, durante a psicanálise, que a paciente tinha medo de que, se ela mostrasse a um homem que o amava, ele a consideraria inferior e a deixaria.”

Uma vez que a mulher se entrega emocionalmente, ela será incapaz de jogar os jogos necessários: seu amor surgirá primeiro, exigindo expressão. Fingir uma frieza que não sente, *então*, seria doloroso demais e, além disso, seria inútil. Ela banca a durona e com isso está visando a liberdade de amar. Mas, a fim de garantir esse compromisso, ela *deve* refrear as emoções, *deve* observar as regras. Pois, como vimos, os homens não se submetem à abertura mútua e à vulnerabilidade, a não ser que sejam forçados a isso.

Como, então, ela faz para obrigar o homem a assumir esse compromisso? Uma das suas armas mais potentes é o sexo — ela pode excitá-lo até ele chegar a um estado de tormento físico, com uma variedade de estratégias: recusando a necessidade dele, provocando-a, dando e tirando, através do ciúme, e assim por diante. Uma mulher sob análise se indaga por quê:

“Existem poucas mulheres que nunca se perguntam, em certas ocasiões, ‘Quanto eu devo ser difícil para um homem?’ Penso que nenhum homem se preocupa com perguntas desse gênero. Eles talvez perguntem-se apenas: ‘Quando ela cederá?’”

Os homens estão certos, quando se queixam de que falta discriminação às mulheres, que elas raramente amam um homem por suas características individuais, mas, antes, pelo que ele tem a oferecer (sua classe); que elas são calculistas, que usam o sexo para obter outras coisas, etc. De fato, as mulheres não estão em condição de amar livremente. Se uma mulher tem bastante sorte para encontrar “um rapaz decente” que a ame e a sustente,

ela está se saindo bem — e, geralmente, será grata o bastante para retribuir o amor dele. A única discriminação que as mulheres *são* capazes de exercer é a escolha entre os homens que as escolheram; ou opor um homem, um poder, contra o outro. Mas *provocar* o interesse de um homem, e *pegá-lo* numa armadilha, logo que ele expresse seu interesse em se comprometer, não é exatamente uma autodeterminação.

Agora, o que acontece depois que ela, finalmente, fogue seu homem, depois dele ter-se apaixonado por ela, e estar pronto a fazer qualquer coisa por ela? Ela conta com uma nova série de problemas. Agora, ela pode afrouxar o controle, abrir a rede e examinar o que pegou. Geralmente, fica decepcionada. Não é nada que a interessaria, se *ela* fosse um homem. Geralmente, está abaixo de seu nível. (Verifique isso algum dia: Fale com algumas dessas esposas serviçais.) “Ele pode não ser grande coisa, mas, pelo menos, eu consegui um homem para mim” é, em geral, a maneira como ela se sente. Mas, pelo menos, agora ela pode parar de encenar. Pela primeira vez é seguro amar. Agora, ela pode tentar furiosamente prendê-lo emocionalmente, pretendendo realmente o que sempre pretendeu. Frequentemente, é atormentada com preocupações de que ele poderá desmascará-la. Ela se sente uma impostora. É assediada por medos de que ele não a ame do jeito como ela “realmente” é — e, geralmente, está certa. (“Ela queria se casar com um homem com quem pudesse ser tão puta quanto realmente é.”)

É nesse momento que ela descobre que amor e casamento significam, para um homem, uma coisa diferente do que significam para ela. Embora os homens, em geral, acreditem que as mulheres são inferiores, todo homem tem reservado, na sua mente, um lugar especial para a única mulher que ele elevará acima de todas as outras, graças à união com ele. Até agora, a mulher, que tinha ficado de fora, implorava pela aprovação dele, morrendo de vontade de ascender a esse lugar de destaque. Mas, uma vez lá, ela se dá conta de que foi elevada acima das outras mulheres não em reconhecimento ao seu valor

real, mas só porque se adaptava primorosamente a esse pedestal. Provavelmente, ele sequer sabe quem é ela (se é que, nesse momento, ela própria o saiba realmente). Ele a admitiu não porque a amasse genuinamente, mas somente porque ela representava tão bem suas fantasias preconcebidas. Embora soubesse que o amor dele era falso, já que ela própria o maquinara, não pode deixar de sentir desrespeito por ele. Mas tem medo, em primeiro lugar, de revelar seu eu verdadeiro, pois então até esse falso amor poderia perder-se. E, finalmente, compreende que, para ele também, o casamento teve todos os tipos de motivação que nada têm a ver com o amor. Ela foi meramente a pessoa mais próxima da imagem fantasiosa dele. Foi chamada de A Atriz Mais Versátil, pela multiplicidade de papéis que assumiu na peça dele, como Alterego, Mãe de Meus Filhos, Dona de Casa, Cozinheira, Companheira. Foi adquirida para preencher um espaço vazio na vida dele; mas a vida dela é nada.

Portanto, ela não escapou de ser como as outras mulheres. Foi erguida para fora dessa classe, somente porque ela agora é um apêndice de um membro da classe dominante; e ele não pode unir-se a ela, a não ser que eleve o seu *status*. Mas ela não foi libertada. Foi promovida a “negra-da-casa”. Foi elevada, somente para ser usada de um modo diferente. Sente-se enganada. Não recebeu amor e reconhecimento, e sim possessividade e controle. É assim que ela se transforma de Noiva Ruborizada em Puta, uma mudança que, não importa quanto seja universal e previsível, ainda deixa o marido perplexo. (“Você não é a mulher com quem eu me casei.”)

A situação das mulheres não mudou significativamente do que ela sempre foi. Pois, durante os últimos cinquenta anos, as mulheres tiveram uma dupla ligação com o amor. Sob a máscara de uma “revolução sexual”, que se supõe ter ocorrido (“Ei, venha cá, garota, onde você esteve? Você não ouviu falar de revolução sexual?”), as mulheres foram persuadidas a deixar cair a couraça. A mulher moderna tem horror de ser tida por uma puta, que era exatamente o que sua avó esperava que acontecesse no decorrer natural das coisas. Também os homens,

ainda no tempo das avós, esperavam que toda mulher digna os deixaria esperando, jogaria todos os jogos normais, sem se sentir mal. Uma mulher que não protegesse seus interesses desse jeito não era respeitada. A jogada estava clara.

Mas a retórica da revolução sexual, se não trouxe melhorias para as mulheres, provou ter grande valor para os homens. Convencendo as mulheres de que os estratagemas e as exigências femininas habituais eram desprezíveis, desonestas, pudicas, antiquadas, e autodestrutivas, foi criado um novo estoque de mulheres disponíveis, para expandir o escasso suprimento de mercadorias para a exploração sexual tradicional, destituindo as mulheres até da pequena proteção que tão penosamente elas tinham conquistado. As mulheres, hoje, não se arriscam a fazer as velhas exigências, por medo de ter um novo vocabulário, criado especialmente para esse propósito, gritado para elas: “fodida”, “castradora”, “provocante”, “uma verdadeira droga”, “um baixo-astral” — o ideal é ser uma “gatinha pra frente”.

Mesmo hoje, muitas mulheres sabem o que está se passando, e evitam a armadilha, preferindo ser xingadas a serem desenganadas, em função do pouco que elas podem esperar dos homens (pois ainda é verdade que mesmo os mais avançados desejam uma “senhora” relativamente não muito usada). Mas, cada vez mais as mulheres são tragadas pela armadilha, apenas para descobrir, tarde demais, que as tradicionais estratégias femininas tinham um objetivo. Elas se chocam por se surpreenderem, aos trinta anos, queixando-se num vocabulário perigosamente próximo das antigas variedades do eu-fui-usada, os homens-são-gaviões, eles-são-todos-falsos. Eventualmente, são forçadas a reconhecer a verdade dos velhos ditos populares: uma mulher bonita e generosa é (na melhor das hipóteses) respeitada, mas raramente amada. Eis uma descrição, válida ainda hoje, da mulher “emancipada” — no caso, uma artista de seus trinta anos, do Greenwich Village — tirada de *Mosquitos*, um dos primeiros romances de Faulkner:

"Ela sempre teve aborrecimentos com seus homens... Mais cedo ou mais tarde, eles acabavam abandonando-a... Os homens nos quais ela reconhecera potencialidades passaram todos por um violento, porém temporário, período de interesse, que cessou tão abruptamente quando começou, sem deixar sequer fios de ligação com os momentos vividos a dois, como esses curtos temporais de agosto, que só ameaçam, e se dissipam, sem razão aparente, não produzindo nenhuma chuva.

"Às vezes, ela procurava, com uma imparcialidade quase masculina, uma razão para isso. Sempre tentou manter suas relações no plano que os próprios homens pareciam preferir — certamente, nenhuma mulher queria, e poucas conseguiriam, pedir menos de seus homens do que ela pediu. Nunca tomou seu tempo arbitrariamente, nunca os fez esperar, nem vê-la em casa em horas inconvenientes, nunca os fez servir de criados para ela. Ela os satisfaz e elogiou a si mesma por ser uma boa ouvinte. E, contudo, ela pensava nas mulheres que conheceu; como todas tinham, pelo menos, um homem nitidamente extasiado por elas. Pensou nas mulheres que tinha observado; como pareciam conseguir um homem, quando quisessem, e, se não conseguissem tê-lo, facilmente o substituíam por outro."

As mulheres de idéias elevadas, que acreditavam ser possível a emancipação, mulheres que tentaram, desesperadamente, libertar-se dos "grilos" femininos, que tentaram cultivar o que acreditavam ser uma integridade, uma honestidade e uma generosidade maior dos homens, foram perversamente enganadas. Descobriram que ninguém apreciava suas conversas inteligentes, suas aspirações elevadas, seus grandes sacrifícios para evitar que desenvolvessem as personalidades de suas mães. Por mais que os homens tivessem prazer em desfrutar de sua sagacidade, de seu estilo, de seu sexo, e de suas ceias à luz de vela, sempre acabavam se casando com A Puta, e então, para arrematar isso tudo, voltavam para se queixar que tinha sido tudo. As mulheres "emancipadas" descobriram que a honestidade, a generosidade, a camaradagem dos homens era uma mentira. Os homens todos tinham muito prazer em usá-las, e depois dispensá-las, em nome da verdadeira amizade. ("Eu te respeito muito e gosto mu-

to de você, mas sejamos razoáveis...") E, além disso, existem os homens que saem com elas para discutir Simone de Beauvoir, deixando as mulheres em casa com as fraldas.) As mulheres "emancipadas" descobriram que os homens estavam longe de ser os "caras legais" a quem elas gostariam de se equiparar. Descobriram que, imitando padrões sexuais masculinos (o olhar volúvel, a busca pelo ideal, a ênfase na atração física, etc.), não só não estavam conseguindo a liberação, mas estavam caindo em algo muito pior do que aquilo a que tinham renunciado. Estavam imitando. E tinham inoculado em si próprias uma doença que não havia sequer brotado de sua própria psique. Descobriram que seu novo "barato" era superficial e inexpressivo, que suas emoções estavam secando por trás disso, que envelheciam e se tornavam decadentes. Tinham medo de estar perdendo a capacidade de amar. Não tinham ganho nada imitando os homens, apenas superficialidade e imaturidade, e, ainda por cima, não eram tão hábeis quanto eles, porque alguma coisa dentro disso tudo era contra a sua natureza.

Desse modo, as mulheres que decidiram não se casar, porque eram suficientemente espertas para olhar à volta e ver aonde o casamento levava, descobriram que era uma questão de se casar ou de nada. Os homens só se comprometiam por um preço: elas participarem (arcarem) da vida deles, dependerem do pedestal dele, tornarem-se um acessório, senão... Senão, ficarem consignadas a este limbo de "gatinhas" que não significam nada, ou pelo menos nada do que a mãe pretendia. Serem a "outra mulher" até o resto da vida, usada para provocar a esposa dele, para provar sua virilidade e/ou sua independência, saboreada pelos amigos como sua última conquista "interessante". (Pois, mesmo que ela tenha renunciado a esses termos, e ao que eles representam, nenhum homem renunciou a eles.) Sim, o amor significa para os homens uma coisa inteiramente diferente do que para as mulheres. Significa posse e controle; significa ciúme, apesar dele nunca o ter demonstrado antes, mesmo que ela possa ter desejado (não importa se ela era "dura", ou se tinha sido violentada antes de pertencer oficialmente a ele; a

partir de então é que ele se torna um vulcão, um verdadeiro furacão, porque sua propriedade, a extensão de seu ego, foi ameaçada). Isso significa uma crescente perda de interesse, unida a um olhar volúvel. Quem precisa disso?

Infelizmente, as mulheres precisam. Eis, mais uma vez, as pacientes de Reik:

“Ela, algumas vezes, se sente desiludida por não ser mais perseguida pelos homens. Nesses momentos de não-perseguição ela fica muito deprimida.”

E:

“Todos os homens são egoístas, brutais e desatenciosos — mas eu gostaria de encontrar um.”

Vimos que uma mulher precisa de amor, em primeiro lugar, por sua função naturalmente enriquecedora, e, em segundo lugar, por motivos sociais e econômicos que nada têm a ver com o amor. Negar sua necessidade, é colocá-la num lugar social e economicamente extravulnéravel, bem como destruir seu equilíbrio emocional, que, diferente da maioria dos homens, é basicamente saudável. Os homens merecem isso? Decididamente não. A maioria das mulheres sente que fazer tais acrobacias por um homem seria unir a ofensa à humilhação. Eles continuam como antes, tirando o melhor partido de uma situação ruim. Se isto se torna demasiado ruim, elas optam por um afastamento (dos homens em geral):

“Uma vez perguntou-se a uma jovem paciente, durante uma consulta psicanalítica, se ela preferia um homem ou uma mulher psicanalista. Sem a menor hesitação ela disse: ‘Uma mulher, porque eu me sinto muito ansiosa pela aprovação de um homem.’”

VII. A CULTURA DO ROMANCE

Até agora não distinguimos “romance” de amor. Porque não existem dois tipos de amor, um sadio (maçante) e outro não (doloroso), e sim alguma coisa que não chega a ser amor, ou uma angústia diária. Quando o amor acontece num contexto de poder, a “vida amorosa” de todos fica afetada. Porque poder e amor não casam.

Portanto, quando falamos de amor romântico, queremos dizer o amor corrompido por seu contexto de poder — o sistema de classes sexuais — numa forma de amor doentia, que, por sua vez, reforça esse sistema de classes sexuais. Vimos que a dependência psicológica das mulheres em relação aos homens é criada pela continuidade da opressão econômica e social reais. Contudo, no mundo moderno, as bases econômicas e sociais da opressão não são suficientes em si mesmas para mantê-la. Desse modo, apela-se para o aparato do romantismo. (Parece que temos que dar uma mãozinha a ela, rapazes!)

→ O romantismo se desenvolve em proporção à libertação das mulheres de sua biologia. A medida que a civilização progride e as bases das classes sexuais desmoronam, a supremacia masculina precisa se escorar em instituições artificiais, ou em exagerações de instituições

anteriores, p.ex., enquanto a família anteriormente tinha uma forma frouxa e permeável, hoje ela se aperta e rigidifica na família nuclear patriarcal. Ou, enquanto que as mulheres outrora eram abertamente desrespeitadas, hoje elas são elevadas a estados de falsa adoração.¹ O romantismo é um instrumento cultural do poder masculino, para impedir as mulheres de conhecer sua condição. Ele é especialmente necessitado — e portanto mais forte — nos países ocidentais com maior taxa de industrialização. Hoje, com a tecnologia capacitando as mulheres a afrouxarem seus papéis de uma vez por todas — o que foi quase um malogro no início do século XX — o romantismo nunca esteve tão bem.

De que modo o romantismo funciona como um instrumento para reforçar as classes sexuais? Examinemos seus componentes, aperfeiçoados durante séculos, e os métodos modernos de sua difusão — técnicas culturais tão sofisticadas e penetrantes que até os homens são prejudicados por elas.

1) Erotismo. O principal componente do romantismo é o erotismo. Todas as necessidades animais (o afeto de um filhote que nunca sentiu calor) de amor e calor são canalizadas para a a sexualidade genital. Nunca se deve tocar pessoas do mesmo sexo, e, só se pode tocar pessoas do sexo oposto, quando nos preparamos para um encontro (“um passe”) sexual genital. O isolamento torna as pessoas ansiosas por afeição física; e, se a única forma como podem obter é a sexualidade genital, cedo isto será tudo por que elas ansiarão. Nesse estado de hipersensibilidade, o menor estímulo sensual produz um efeito exagerado, suficiente para inspirar tudo, desde as escolas de quadros célebres até o *rock and roll*. Assim, o erotismo é a concentração da sexualidade — geralmente em objetos altamente carregados (renda “Chantilly”) — significando o deslocamento de outras necessidades afetivas/sociais para o sexo. Ser carente torna você chato; desejar um

1. A galanteria é comumente definida como a “atenção excessiva dirigida às mulheres, sem finalidades sérias”, mas o objetivo dela é bem sério: através de um falso lisonjeio, impedir as mulheres de tomarem consciência de sua condição de classe inferior.

beijo é embaraçante, a não ser que seja um beijo erótico. Só o “sexo” é O.K.; na verdade, ele prova nossa fibra. A virilidade e a atuação sexual se confundem com o valor social.²

A constante estimulação erótica da sexualidade masculina, junto com a proibição de sua expansão pelos canais mais normais são planejados para incentivar o homem a olhar para as mulheres apenas como coisas cuja resistência à penetração deve ser vencida. Observe-se que erotismo opera numa única direção. As mulheres são os únicos objetos “de amor” em nossa sociedade, a tal ponto que vêm a si mesmas como eróticas.³ Isto funciona para preservar ao homem o prazer sexual direto, reforçando a dependência feminina. As mulheres só podem ser satisfeitas sexualmente pela identificação vicária com o homem que gosta delas. Portanto, o erotismo preserva o sistema de classes sexuais.

A única exceção a essa concentração de todas as necessidades emocionais em relações eróticas são as afeições (ocasionais) dentro da família. Mas aqui, também, a menos que sejam seus filhos, um homem expressa pelas crianças tão pouco afeto quanto pelas mulheres. Assim, sua afeição pelos pequenos é também uma armadilha para prendê-lo à estrutura matrimonial, reforçando o sistema patriarcal.

2. Mas, como toda mulher já constatou, um homem que parece estas forçando ter sexo geralmente fica bastante aliviado ao se eximir do desempenho literal: seu ego criou-se dependente desse contínuo submeter-se à prova, através das conquistas sexuais; mas tudo o que ele deve ter realmente desejado era o pretexto para entregar-se às afeições sem a perda do amor-próprio viril. O fato de os homens refrearem mais a manifestação de suas emoções do que as mulheres ocorre porque, como uma consequência a mais do Complexo de Édipo, expressar ternura para uma mulher significa reconhecer sua igualdade. A não ser que, é claro, ele modere essa ternura — que ele a engula — com alguma demonstração de domínio.

3. Os homossexuais são assim tão ridicularizados porque ao verem os homens como objetos sexuais, eles vão duas vezes contra a corrente atual: nem as mulheres lêem revistas *Pretty Boy*.*

* Gênero de *Play Boy* para homossexuais. (N.T.)

2) A Privatização Sexual das Mulheres. O erotismo é apenas a camada mais elevada do romantismo, que reforça a inferioridade feminina. Assim como acontece em qualquer classe baixa, a consciência de grupo deve ser amortecida para impedir seus membros de se revoltar. Nesse caso, por ser sexual a característica distintiva da exploração das mulheres como classe, deve-se descobrir um meio especial de torná-las inconscientes de que todas são consideradas sexualmente iguais ("bocetões"). Quando um homem se casa, talvez ele escolha com cuidado dentre esse grupo indistinto, já que, como vimos, ele conserva um lugar especial na sua mente para "A Única", graças à união íntima dela com ele. Mas, em geral, ele não consegue ver diferenças entre as gatinhas (louras, morenas, ruivas).⁴ E ele gosta que seja assim. ("Um balanço no seu andar. um risinho no seu falar, É DISSO QUE EU GOSTO!") Quando um homem acredita que todas as mulheres são iguais, mas quer impedi-las de pensar isso, o que ele faz? Conserva suas convicções próprias e finge, para apaziguar as suspeitas da mulher, que o que ela tem em comum com as outras é exatamente o que a faz diferente. Assim, a sexualidade dela finalmente se torna sinônimo da sua individualidade. A privatização sexual da mulher é o processo pelo qual as mulheres ficam cegas para sua generalidade como uma classe que as torna invisíveis como indivíduos aos olhos masculinos. Não é estranho que, como parte das suas funções na Casa Branca, a Primeira Dama tenha que ficar ao lado do Presidente em sua comitiva, como discreto escravo negro?

O processo é insidioso. Quando um homem diz: "Eu adoro louras!", todas as secretárias nas redondezas se aprumam nas cadeiras; elas o tomam pessoalmente, porque foram privatizadas sexualmente. A loura que cada uma traz em si se sente pessoalmente lisonjeada, porque aprendemos a medir nosso valor pelos atributos físicos

4. Quanto aos seus outros esportes", diz um anúncio publicitário recente sobre o herói do futebol Joe Namath, "ele prefere as louras.

que nos diferenciam das outras mulheres. Não se lembra mais que qualquer atributo físico que se possa mencionar é compartilhado por muitas outras, que esses são atributos acidentais, que não são uma criação sua, que sua sexualidade é compartilhada pela metade da humanidade. Entretanto, num reconhecimento autêntico de sua individualidade, sua lourice será amada, mas de um modo diferente a mulher será amada primeiro como uma totalidade insubstituível, e então sua lourice será amada como uma das características dessa totalidade.

O aparato da privatização sexual é tão sofisticado que pode ser que sejam precisos muitos anos para detectá-lo. Isto esclarece vários traços enigmáticos da psicologia feminina, que assumem as seguintes formas:

Mulheres que são lisonjeadas por seu sexo, i.e., "Tirem o chapéu para a mocinha!"

Mulheres que são chamadas de querida, doçura, candura, gatinha, anjo, rainha, princesa, boneca, mulher, quando estão vestidas de um modo habitual e impessoal.

Mulheres que são secretamente lisonjeadas por terem sido beliscadas na bunda em Roma (Elas fariam melhor em contar o número de vezes que as bundas de outras mulheres foram beliscadas.)

O prazer da provocação (manter os homens num estado de tesão constante é tido como um símbolo de valor e atratividade pessoal).

O fenômeno "varal". (Mulheres, cujos canais de escape legítimos de expressão de sua individualidade são negados, "expressam-se" fisicamente, como no "Eu quero ver alguma coisa 'diferente'.")

Essas são apenas algumas das reações ao processo de privatização sexual, a confusão da sexualidade com a individualidade. O processo é tão eficaz que a maioria das mulheres acabou por acreditar seriamente que o mundo necessita de suas contribuições sexuais específicas para ir adiante. ("Ela acha que sua xota é feita de ouro.") Mas as canções de amor ainda continuariam a ser escritas sem elas.

As mulheres podem ser iludidas, mas os homens são totalmente conscientes disso como uma técnica de mani-

pulção válida. É por isso que tomam o maior cuidado para evitar falar sobre as mulheres na frente delas (“não na frente de uma dama”) — isto revelaria seu jogo. É traumático para uma mulher ouvir por acaso uma conversa entre homens. Assim, todo esse tempo, ela foi apreciada como “traseiro”, “carne”, “boceta” ou “material”, para servir de “um pedaço de”, “essa vaca”, ou “essa puta”, para ser enganada por dinheiro, ou sexo, ou amor! Compreender, afinal, que não é melhor do que outra mulher, mas completamente indiferenciável, sobrevém não só como um choque, mas também como uma aniquilação total. Mas talvez o momento mais freqüente em que uma mulher tem que se defrontar com sua privatização sexual é numa briga de amor, quando a verdade é revelada. Então, o homem pode tornar-se menos cuidadoso e admitir que a única coisa pela qual ele realmente sempre gostou dela foram seus peitos (“Duas balas de canhão”) ou suas pernas (“Que coxinhas!”), e ele pode encontrar isso em outro lugar, se precisar.

Assim, a privatização sexual estereotipa as mulheres. Estimula os homens a verem as mulheres como “bonecas” diferenciadas exclusivamente por atributos superficiais — não da mesma raça deles — e isto cega as mulheres para sua exploração sexual como classe, impedindo-as de se unirem contra isto, e, assim, segregando efetivamente as duas classes. Um efeito colateral é sua recíproca: enquanto que as mulheres são diferenciadas apenas por atributos físicos superficiais, os homens mostram-se mais individualizados e insubstituíveis do que realmente são.

As mulheres, pelo fato do reconhecimento social só ser conferido a uma individualidade falsa, são impedidas de desenvolverem uma individualidade forte, que lhes permitiria libertar-se desse ardid. Se a existência só é admitida em sua generalidade, por que dar-se ao trabalho de desenvolver a personalidade real? É muito menos controvertido alegrar o ambiente com um sorriso — até o dia em que a “gatinha” se transforme em “bagulho”, e descubra que seu sorriso não é mais “inimitável”. *VELHA, GORDA.*

3) O Ideal de Beleza. Toda sociedade promoveu um certo ideal de beleza acima de todos os outros. Qual seja

este ideal não importa, porque todo ideal exclui a maioria. Os ideais, por definição, são moldados em qualidades raras. Por exemplo, na América, a moda atual de modelos franceses, ou o ideal erótico da Loura Voluptuosa, são moldados a partir de qualidades verdadeiramente raras. Poucas americanas são de origem francesa, a maioria não parece, nem nunca parecerá francesa. Morenas voluptuosas podem descorar o cabelo (como fez Marilyn Monroe, a rainha da sexualidade), mas as louras não podem aumentar suas curvas à vontade — e a maioria delas, anglosaxã, simplesmente não tem essa conformação. Se e quando, através de métodos artificiais, a maioria consegue espremer-se dentro da forma ideal, o ideal muda. Se ele fosse atingível, como poderia ser bom?

A exclusividade do ideal de beleza serve a uma função política clara. Alguém — na maioria mulheres — ficará de fora. E ficarão disputando, porque, como vimos, só foi permitido às mulheres alcançar a individualidade, através da aparência — atributos definidos como “bons”, não por amor à detentora deles, mas por causa de sua maior ou menor aproximação de um padrão externo. Essa imagem, definida pelos homens (e comumente por homens homossexuais, em geral misóginos da pior espécie), torna-se o ideal. O que acontece? As mulheres, em todo lugar, se apressam em comprimir-se no sapatinho de cristal, forçando e mutilando o corpo com dietas e programas de beleza, roupas e maquiagem, qualquer coisa para se tornarem a garota sonhada do príncipe João-ninguém. Mas elas não têm escolha. Se não conseguem amoldar-se, os castigos são enormes. Sua legitimidade social está em perigo.

Assim, as mulheres tornam-se cada vez mais parecidas. Mas, ao mesmo tempo, espera-se que elas expressem sua individualidade, através da aparência física. Assim, elas ficam oscilando, tentando, ao mesmo tempo, expressar sua semelhança e sua singularidade. As exigências da Privatização Sexual contradizem as exigências do Ideal de Beleza, provocando a intensa neurose feminina, em torno da aparência pessoal.

Mas, mesmo esse conflito tem uma função política importante. Quando as mulheres começam a ficar cada vez mais parecidas, diferentes apenas pelo grau em que elas se distinguem de um papel ideal, elas podem ser mais facilmente estereotipadas como classe. Elas se parecem, pensam similarmente, e, pior ainda, são tão burras, que acreditam não serem parecidas.

* * *

Estes são alguns dos principais componentes do aparato cultural do romantismo, que, com o enfraquecimento das limitações “naturais” das mulheres, faz a opressão sexual continuar intensa. Os usos políticos do romantismo, durante séculos, tornaram-se cada vez mais complexos. Funcionando sutil ou espalhafatosamente, em todos os níveis culturais, o romantismo está hoje — nessa época de maior ameaça ao papel de poder masculino — ampliado por novas técnicas de comunicação, tão penetrantes que os homens acabam presos na própria rede. Como essa ampliação atua?

Com a retratação cultural dos menores detalhes da existência (p.ex., desodorização debaixo dos braços), a distância entre a experiência e as percepções que cada um tem disso fica aumentada por uma ampla rede interpretativa. Se nossa experiência direta contradiz a interpretação dela dada por essa rede cultural, a experiência deve ser negada. Este processo, naturalmente, não se aplica só às mulheres. A penetração da imagem alterou tão profundamente nossas relações conosco mesmos, que até os homens se tornam objetos — quando mais não seja, objetos *eróticos*. As imagens se tornam extensões do indivíduo; torna-se difícil distinguir a pessoa real de sua última imagem, ainda que, na verdade, o Substrato Real da Pessoa não tenha evaporado completamente. Arnie, o garoto que sentava atrás de você na sexta série, fuchicando o nariz e contando piadas, aquele que tinha um calombo no ombro esquerdo, está perdido sob as camadas sucessivas de imagens adotadas: o Palhaço do Ginásio, o Rebelde da Universidade, James Bond, o Namorado de

Verão de Salem, e assim por diante, cada imagem atingindo novos graus de sofisticação, até que a própria pessoa não saiba mais quem ela é. Além do mais, ele lida com os outros, através dessa imagem-extensão (o Rapaz-Símbolo encontra a Namorada-Símbolo e consome um Romance-Símbolo). Mesmo que uma mulher conseguisse chegar ao que está por baixo dessa intrincada imagem de fachada — e isso levaria meses, até anos de um relacionamento doloroso, quase terapêutico — ela não encontraria gratidão por ter (dolorosamente) amado o homem por aquilo que ele é, e sim repulsa e horror da parte dele, por tê-lo desmascarado. Em vez disso, o que ele quer é a Garota-Pepsi-Cola, para sorrir amavelmente para seu Zé Johnny Walker diante da lareira de um albergue.

Mas, embora essa reificação afete igualmente tanto os homens quanto as mulheres, no caso destas ela é intensamente complicada pelas formas de exploração sexual que eu descrevi. A mulher não é apenas uma imagem, ela é uma Imagem com Sex Appeal. A estereotipação das mulheres se amplia. Agora não há mais a desculpa da ignorância. Toda mulher é constante e explicitamente informada de como “aperfeiçoar” o que a natureza lhe deu, de onde comprar os produtos para conseguir isso, e de como contar as calorias que nunca deveria ter ingerido. A competição se torna frenética, porque todo mundo, agora, está inserido no mesmo circuito. O ideal de beleza atual torna-se difundido (“As loiras são mais felizes...”).

E o erotismo se torna erotomania. Estimulado ao limite, ele atingiu um nível epidêmico, nunca igualado na História. Em toda capa de revista, tela de cinema, canal de TV, anúncio de metrô, seios balouçantes, pernas, costas, coxas. Os homens andam nas ruas num estado de constante excitação sexual. Mesmo com a melhor das intenções, é difícil concentrar-se nalguma outra coisa. Esse bombardeamento dos sentidos, por sua vez, leva a provocação sexual ainda mais longe: os meios normais de excitação perderam todo o efeito. As roupas se tornam mais provocantes: as bainhas sobem, os sutiãs são abandonados. Os materiais transparentes tornam-se comuns.

Mas, em toda essa barragem de estímulos eróticos, os próprios homens raramente são retratados como objetos eróticos. O erotismo feminino, tanto quanto o masculino, torna-se cada vez mais dirigido para as mulheres.

Uma das contradições internas desse sistema de propaganda altamente eficaz é expor, aos homens tanto quanto às mulheres, o processo de estereotipação a que as mulheres são submetidas. Embora a intenção fosse familiarizar as mulheres com seu papel feminino, os homens que ligam a TV também acabam recebendo mensagens para controlar o peso, usar cílios postigos, e ceras de assoalho (Será que ela usa... ou não usa?). Essa contradição de provocações sexuais e de revelações de coisas comprometedoras é suficiente para fazer qualquer homem odiar as mulheres, se já não odeia.

Assim, a extensão do romantismo através dos media modernos ampliou enormemente seus efeitos. Se antes a cultura mantinha a supremacia masculina através do Erotismo, da Privatização Sexual, e do Ideal de Beleza, hoje esses processos culturais são postos em prática de um modo quase que eficaz em excesso. Os media são culpados de "sobrecarregar". A reabilitação do movimento feminino neste momento da História pode ser que se deva a um tiro saído pela culatra, a uma contradição interna de nosso moderno sistema cultural de doutrinação. Pois, na sua expansão da doutrinação sexual, os media revelaram, inconscientemente, a deterioração da "feminilidade".

Concluindo, quero acrescentar uma observação sobre dificuldades específicas em atacar o sistema de classes sexuais, através de seus meios de doutrinação cultural. Os objetos sexuais são bonitos. Um ataque a eles pode ser confundido com um ataque à própria beleza. As feministas não precisam ser tão beatas em seus esforços, a ponto de sentir que devem repudiar frontalmente a beleza do rosto da capa de *Vogue*. Porque essa não é a questão. A verdadeira questão é: o rosto é bonito num sentido humano: ele concede em mostrar o crescimento, a mudança e a deterioração, ele expressa emoções tanto negativas, quanto positivas, ele se desintegra sem os suportes artificiais — ou ele imita de maneira falsa a beleza total-

mente diferente de um objeto *inanimado*, como a madeira tentando ser metal?

Atacar o erotismo cria problemas similares. O erotismo é *excitante*. Ninguém quer se desfazer dele. A vida seria enfadonha e rotineira sem ao menos essa centelha. O caso é exatamente este. Por que todo o prazer e a excitação foram concentrados, dirigidos para uma aléia estreita, difícil-de-achar da experiência humana, e todo o resto deixou-se perder? Quando exigimos a eliminação do erotismo, não queremos dizer a eliminação do prazer e da excitação sexual, mas sua redistribuição — há bastante para que seja suficiente para todos, e ele aumenta com o uso — por toda a extensão de nossas vidas.

VIII. CULTURA (MASCULINA)

A representação do mundo, assim como o próprio mundo, é tarefa dos homens; eles o descrevem segundo seu ponto de vista particular, que confundem com a verdade absoluta."

(Simone de Beauvoir)

A relação das mulheres com a cultura tem sido indireta. Examinamos como a atual organização física dos dois sexos prescreve que a maioria das mulheres gaste sua energia emocional com os homens, ao passo que os homens devem "sublimar" sua energia no trabalho. Desse modo, o amor feminino torna-se combustível para a máquina cultural. (Sem mencionar as Grandes Idéias nascidas diretamente das discussões de *boudoir* matinais.)

Além de prover seu suporte emocional, as mulheres sustentaram uma outra relação indireta com a cultura, muito importante. A Musa era feminina. Os homens de cultura foram deformados emocionalmente pelo processo de sublimação. Converteram a vida em arte; conseqüentemente, não poderiam vivê-la. Mas as mulheres, e os homens que foram excluídos da cultura, mantiveram-se em contato direto com sua experiência — serviram de matéria-prima à arte.

O fato de as mulheres terem sido essenciais para o conteúdo da cultura é confirmado por um exemplo tirado

da história da arte. Os homens são estimulados eroticamente pelo sexo oposto; a pintura era masculina; logo, o nu tornou-se um nu *feminino*. Onde a arte do nu masculino atingiu altos níveis, seja no trabalho de um artista individual, p.ex., Miguel Ângelo, seja em todo um período artístico, como o da Grécia clássica, os homens eram homossexuais.

O tema da arte, quando ele existe, é hoje ainda mais amplamente inspirado pelas mulheres. Imaginem a eliminação dos personagens femininos nos filmes populares e nas novelas, mesmo no trabalho de diretores “intelectuais” — Antonioni, Bergman, ou Godard; não restará muito. Porque, nos últimos séculos, particularmente na cultura popular — talvez ligado à posição problemática das mulheres na sociedade — as mulheres têm sido o principal tema da arte. De fato, correndo os olhos pelos anúncios publicitários até de uma produção cultural mensal, acreditaremos que as mulheres correspondem a tudo que já se pensou sobre elas.

Mas, que dizer das mulheres que contribuíram diretamente para a cultura? Não são muitas. E, nos casos em que algumas, isoladas, participaram da cultura masculina, tiveram que fazê-lo em termos masculinos. E isso se prova. Porque tinham que competir *como homens*, num jogo masculino — embora ainda compelidas a se testarem em seus papéis femininos antigos, um papel em desacordo com as próprias ambições — não é surpreendente que elas raramente sejam tão hábeis quanto os homens no jogo da cultura.

E não se trata de uma questão de ser tão competente, trata-se, também, de uma questão de ser *autêntico*. Vimos, no contexto do amor, como as mulheres modernas imitaram a psicologia masculina, confundindo-a com a saúde, e, com isso, acabaram ainda em pior situação que os próprios homens. Elas não estavam sendo verdadeiras, nem nas suas próprias doenças. E existem ainda camadas muito mais complexas nessa questão de autenticidade. As mulheres não têm meios de chegar a um conhecimento do que é sua experiência, ou mesmo de que ela é diferente da experiência masculina. A cultura, o instrumento

da representação e da objetivação de nossa experiência para que possamos lidar com ela, está tão saturada de preconceitos masculinos, que as mulheres quase nunca têm uma chance de ver-se culturalmente, através dos próprios olhos. De modo que, finalmente, os sinais de sua experiência direta, que entram em conflito com a cultura (masculina) predominante, são negados e reprimidos.

Assim, por serem as máximas culturais ditadas pelos homens, mostrando somente o ponto de vista masculino — e agora tendo-se criado uma superbarreira — as mulheres são impedidas de realizar uma imagem autêntica de sua realidade. Por que, por exemplo, as mulheres se excitam com uma pornografia de corpos femininos? Na sua experiência normal de nudez feminina, digamos num vestiário de ginásio, a visão de outras mulheres nuas poderia ser interessante (embora, provavelmente, só na medida em que elas se avaliem segundo os padrões masculinos), mas não diretamente erótica. A distorção cultural da sexualidade explica também como a sexualidade feminina se entrelaça com o narcisismo. Quando se relacionam com os homens, em vez de fazer amor diretamente com eles, as mulheres fazem vicariamente amor consigo mesmas. Às vezes, essa barreira cultural entre o homem/sujeito e a mulher/objeto dissensibiliza as mulheres para as formas masculinas, afetando-as num tal grau, que elas não chegam a sentir orgasmo.¹

Há outros exemplos de distorções na visão feminina de uma cultura exclusivamente masculina. Voltemos, mais uma vez, à história da pintura figurativa. Vimos como, na tradição do nu, as inclinações heterossexuais masculinas deram ênfase à mulher, em vez do homem, como sendo a forma mais estética e mais bela. Essa predileção de

1. A incapacidade feminina de enfocar a fantasia sexual mostrou ser a principal causa da frigidez feminina. Masters e Johnson, Albert Ellis, e outros ressaltaram a importância do “enfoque sexual” ao ensinar as mulheres frígidas a sentirem orgasmo. Hilda O'Hare, no *Jornal Internacional de Sexologia*, observa que esse problema pode manifestar-se em grande escala porque não há um correlativo feminino em nossa sociedade para os inumeráveis estimulantes da necessidade sexual masculina.

uma das duas formas sobre a outra, é baseada, é claro, numa sexualidade que em si mesma é artificial, criada culturalmente. Mas, ao menos poderíamos esperar que o preconceito oposto prevalecesse na visão das mulheres pintoras, ainda envolvidas com a tradição do nu. Este não é o caso. Em qualquer escola de arte no país vemos salas de aula cheias de moças trabalhando diligentemente com modelos femininos, aceitando que o modelo masculino é, de algum modo, menos estético, na melhor das hipóteses, talvez original, e, certamente, nunca questionando porque o modelo masculino veste uma sunga, enquanto que o modelo feminino não sonharia em aparecer nem de tanga.

Novamente, olhando para os trabalhos das pintoras célebres ligadas à escola impressionista do século XIX, Berthe Morisot e Mary Casatt, espantamo-nos com sua preocupação obsessiva com assuntos tradicionalmente femininos: mulheres, crianças, nus femininos, interiores, etc. Isso é parcialmente explicado por condições políticas da época. As mulheres pintoras já eram felizes de lhes ser consentido pintar qualquer coisa, que dirá modelos masculinos. E, no entanto, é mais do que isso. Essas mulheres, com toda sua arte majestosa e sua habilidade composicional, permaneceram pintoras menores, porque tinham “abandonado” uma série de tradições e uma visão de mundo inautêntica para elas. Trabalharam dentro dos limites do que tinha sido definido como feminino pela tradição masculina. Viram as mulheres, através de olhos masculinos, pintaram uma idéia masculina da mulher. E levaram isso a um extremo, porque estavam querendo superar os homens em seu próprio jogo. Deixaram-se seduzir pela linha (da graciosidade). E daí a falsidade que corrompe seus trabalhos, tornando-os “femininos”, i.e., sentimentais, delicados.

Seria necessário uma recusa de toda a tradição cultural para que as mulheres chegassem a produzir uma arte “feminina” verdadeira. Pois a mulher que participa na cultura (masculina) deve produzir e ser classificada segundo padrões de uma tradição de cuja feitura ela não participou — e, certamente, não há lugar nessa tradição

para uma visão feminina, mesmo que ela possa descobrir o que ela foi. Nesses casos em que uma mulher, cansada de perder no jogo masculino, tentou participar na cultura de um modo feminino, ela foi rebaixada e incompreendida, e chamada pelo establishment cultural (masculino) de “Senhora Artista”, i.e., de insignificante, inferior. E, mesmo onde se admite (com relutância) que ela é “hável”, é elegante insinuar que é hábil, porém irrelevante — um modo vulgar de indicar a “seriedade” e o refinamento de gosto de alguém.

Talvez seja verdade que uma apresentação só do lado feminino das coisas — que tende constituir um longo protesto e reclamação, em vez do retrato de uma existência ampla e substancial — seja limitada. Mas uma questão igualmente pertinente, em geral muito menos vezes levantada; é: será esta visão mais limitada do que a visão masculina predominante sobre as coisas, que — quando não é tomada pela verdade absoluta — ao menos é vista como “séria”, pertinente e importante? Mary McCarthy, em seu livro *O Grupo*, seria, de fato, uma escritora pior do que Norman Mailer em *O Sonho Americano*? Ou estaria ela talvez descrevendo uma realidade com a qual os homens, os controladores e os críticos do *Establishment Cultural*, não conseguem sintonizar?

Que os homens e as mulheres estão sintonizados com diferentes canais culturais, que de fato existe uma realidade totalmente diferente para os homens e para as mulheres — é evidente até em nossa forma cultural mais rude: as revistas de histórias em quadrinhos. De experiência pessoal: quando era pequena, meu irmão tinha uma coleção, literalmente falando, do tamanho de um quarto, de revistas de histórias em quadrinhos. Mas, embora eu fosse uma leitora voraz, essa vasta biblioteca de revistas de quadrinhos não me interessava de modo algum. Meu gosto literário era inteiramente diferente do dele. Ele preferia histórias “pesadas”, como os quadrinhos de guerra (Tra-ta-ta-tá) e o Super-Homem; e, para aliviar, histórias como “O Coelho Pernalonga”, “Tweetie and Sylvestes”, “Tom e Jerry”, e todos os leitões gagos que insistem em se manifestar numa mensagem mais do que

óbvia. Embora esses “cômicos” irritassem minha sensibilidade mais estética, eu os leria, na falta de outra alternativa. Mas, se eu tivesse tido uma mesada tão grande e uma supervisão tão pequena dos pais, teria me saciado com uma coleção de quadrinhos de amor “pesada”. (Lágrimas. Oh, Tod, não fale a Sue sobre nós, ela morreria!), um ocasional *True Confessions* e, para um “leve” descanso, Archie and Veronica. Ou as variações ocasionalmente mais imaginativas dos quadrinhos dos meninos, como O Homem-de-Borracha (Super-Homem com um braço de borracha, que poderia se estender em volta dos quarteirões), ou Tio Patinhas (Eu adorava sua extravagância egoísta. Outras mulheres [desprendidas] confessaram a mesma paixão de mocidade). Mais provavelmente até, eu não teria investido em revistas de quadrinhos de modo algum. Contos de fada, muito menos realistas, eram uma “viagem” melhor.

Meu irmão achava que o gosto das meninas era “chato”, e eu achava que ele era um grande bobalhão. Quem estava certo? Os dois. Mas ele venceu (ele tinha a biblioteca).

Essa divisão continua a operar em níveis culturais mais elevados. Eu tive que me forçar para ler Mailer, Heller, Donleavy, e outros, pelas mesmas razões pelas quais não poderia suportar a biblioteca de meu irmão. Para mim, eles pareciam apenas versões complexas (respectivamente) do Super-Homem, Tra-ta-ta-tá, e das Aventuras do Pernalonga. Mas, apenas da biblioteca “masculina” continuar a me repelir, no processo de desenvolvimento do “bom-gosto” (segundo padrões masculinos), também perdi meu amor pela biblioteca “feminina”. Na verdade, desenvolvi uma aversão; e — tenho vergonha de admitir isso — preferia longe ser apanhada com Hemingway do que com Virginia Woolf na mão.

Para ilustrar essa dicotomia cultural em termos mais objetivos não precisamos atacar os mais óbvios tigres de papel (todos os sentidos implícitos), que conscientemente apresentam uma realidade “masculina” — a saber, Hemingway, Mailer, Heller, Miller, Donleavy, e o restante. A nova Escola da Virilidade na literatura do século

XX é, ela própria, uma resposta direta, na verdade uma reação cultural masculina à crescente ameaça à supremacia masculina — Virilidade, Inc., um grupo de “garotos brigões” culturalmente excluídos, esmurrando-se, para salvar sua masculinidade. E, apenas de ganharem mais crédito, esses artistas escrevem sobre a experiência masculina não mais perceptivelmente do que Doris Lessing, Sylvia Path e Anais Nin escreveram sobre a experiência feminina. De fato, eles são culpados de uma mistificação da sua experiência, que torna falsos seus escritos.

Em vez disso, examinaremos um preconceito mais traiçoeiro (porque menos óbvio) dos escritores masculinos que honestamente tentaram descrever todo o espectro da experiência masculina/feminina — Bellow, Malamud, Updike, Roth, etc. — mas que falharam porque, em geral, sem se dar conta, descreveram esse todo a partir de um ângulo (masculino) limitado.

Examinemos brevemente uma história de Herbert Gold, um escritor que não é “masculino” nem no estilo, nem na temática. Ele escreve sobre coisas que dizem respeito às mulheres, i.e., relações de preferência masculinas/femininas, casamentos, divórcios, aventuras. Nessa história, “What’s Become of Your Creature?”, ele descreve o romance entre um problemático professor de universidade, jovem, e sua aluna loura, boêmia.

A imagem que fazemos de Lenka Kuwaila, a partir da visão do personagem masculino, é apenas sensual, ainda que sensitiva nesses termos. A história começa:

“Uma mulher. Alegre, bela e sombria, ao mesmo tempo com sinais de doçura e de crueldade. Quando ele procurou por cigarros na escrivaninha dela, havia uma pilha de calcinhas de seda, enlaçadas como flores, entontecendo-o com a alegria da primavera. Quando ela vestiu uma delas, subitamente dilatando a minúscula pétala de roupa em dois botões pares, era como se o sol tivesse forçado uma flor a um delicado florescer de páscoa. Oh, ele precisava dela, amava-a, e assim, em respeito aos dois, deixem-nos contar a verdade, tão direta como a verdade surge.”

Mas, a verdade que nós obtemos “direta como a verdade surge” é apenas a sua visão da verdade.

“*Há um momento na vida de todo homem em que ele não consegue fazer nada.* Este era o momento da vida de Frank Curtiss. O desespero com a esposa tinha sucumbido a um profundo prazer com uma bela moça. Ele até sentia-se melhor em casa. As coisas esfriavam e se acalmavam. Seu trabalho ia melhor. Mal precisava dormir, e não sofria de sua febre normal, que sentia na primavera em que conhecera Lenka. Sem resfriados, sem olhos vermelhos. Respiração expandida, visão aguçada. Curou-se da habitual dor de cabeça, causada pelo cansaço, com o toque da mão dela, com sua acolhida quando ele chegava sorrindo, mostrando-lhe os dentes, através da janela.”

Mas a verdade dela deve ter sido completamente diferente, uma verdade da qual não há traços na história, até o dia em que (inesperadamente) Lenka escreve uma longa carta para a mulher dele. O casamento fracassado, que se tinha tornado mais estável desde que Frank iniciara sua aventura com Lenka, é destruído para sempre:

“Lenka deixou Nova Iorque sem vê-lo, depois que recebeu seu telefonema angustiado: ‘Por quê? Por quê? Por que você teve que fazer isso assim, Lenka? Você não consegue perceber como isso destrói tudo entre nós, até o passado?’

‘Eu não me interesso por recordações. O que acabou não significa nada. Acabou. Você não queria senão rastejar na minha janela umas duas vezes na semana...’

‘Mas, escrever para ela daquele jeito — o que significava — como...’

‘Você se interessou muito mais por uma puta sem graça do que por mim. Só porque você tinha um filho.’

‘Por quê? Por quê?’

Ela bateu o telefone.

Ele deu de ombros. As mulheres estavam cortando suas ligações em todo lugar do mundo. Estava confuso.”

Sentindo-se traído e enganado, Frank desnorreadamente trata as feridas. Durante todo o resto da história, sentimos-lhe a perplexidade. Não compreende o que a le-

vou a fazer aquilo, não “compreende as mulheres”. Afinal, termina admitindo nela “grandes traços de crueldade” assim como de douçura.

Mas a “crueldade” de Lenka é o resultado direto da incapacidade dele de vê-la como algo além de “uma pequena” (alegre, bonita, *ou* sombria), e em vez disso vê-la talvez como um ser humano complexo, com interesses pessoais diferentes dos seus. Contudo, devido à autenticidade da narrativa dos incidentes e dos diálogos de Gold, um leitor sensível (provavelmente mulher) conseguirá ler nas entrelinhas: Lenka foi a única traída. Eis Frank, poucos dias depois, em Manhattan:

“Ele procurou uma pequena que comesse com ele uma maçã. Morderam e sugaram seu doce suco ao amanhecer, e finalmente beijaram-se como bons amigos, voltando-se de lado para dormir... Ele se sentia livre... Jogou fora o vidro de aspirinas. A visão que tinha de si mesmo como um homem casado, pesado, áspero, um búfalo cansado, deprimido, amoraçado, deu lugar a uma outra imagem — ele era magro, seu estado era bom, ele era um ágil *bon-vivant*. Quando sua primeira esposa casou-se de novo, seu último vestígio de culpa desapareceu. Livre, livre. Jogava tênis duas vezes por semana com uma francesa que pronunciava ‘Te-nís’.”

Agora um solteirão alegre, Frank um dia, impulsivamente, telefona para Lenka:

“Mas, depois de ter-lhe dito quanto tempo tinha estado em Nova Iorque, ela disse que não estava interessada em vê-lo.”

‘Eu guardei um rancor, você pode entender isso’, disse ele. ‘Eu ainda acho que você estava errada, mas lhe sou grato de alguma forma. Acabou sendo melhor.’

‘E acabou’, disse ela.”

Mais tarde, encontrou-se com ela, vendo-a acabada por drogas, prostituindo-se com um músico negro:

“Ela deve ter inventado uma mentira absurda (para convidá-lo a subir em seu quarto), mas reconheceu um brilho

de contentamento na face dele, e em seus vinte e cinco anos de hoje ela só tinha aprendido um meio de responder ao julgamento dos homens. Inclinou-se para ele, no seu rosto uma mistura de timidez e pavor, um meio-sorriso de flerte, um movimento felino, estudado e insinuante, na direção dele, seus olhos cheios de lágrimas quando os fechou, as lágrimas balançando em suas pestanas umedecidas, escorrendo pelas bochechas. 'Frank', disse ela hesitando. 'Eu me esqueci por um longo tempo, eu não sei, as coisas ficaram difíceis, eu pensei que você estivesse muito irritado... Mas eu tenho me lembrado... É porque... Perdoe...'

"Ele envolveu-a nos braços, apertou-a, porém mais confuso do que amoroso ou terno..."

"Então pensou nas cartas sobre as quais ela tinha acabado de mentir, e, subitamente, quando ela voltava a cabeça, querendo ser beijada, sua fantasia mais intensa era esta: *Ela era suja*. Seu medo irrefreável, deixava-o confuso — ilusão, doença, compaixão secreta, lama e desforra. Sem saber o que ele próprio temia, pensou apenas: sujeira, sujeira feia, sujeira grossa, mordidas, feridas. Por não poder suportar as lamentações dela, pensou: *ilusão, astúcia, e doença!*"

"Afastou-se, antes que os lábios dela o tocassem; as unhas dela arranharam seus braços, rasgando-lhe a pele. Fugiu, ouvindo os soluços dela à porta aberta, enquanto tropeçava pelos degraus contaminados da escada, descendo até encontrar o ar livre da rua."

Final: Frank acaricia a esposa recentemente grávida, indagando-se o-que-teria-acontecido-a-Lenka.

Essa não é uma história masculina no tema, nem no "estilo" — há suficiente descrição de emoções para envergonhar qualquer escritor masculino. Mas ainda é uma história "masculina", em virtude de sua peculiar limitação de visão: ela não compreende as mulheres. A sensualidade e a beleza de Lenka são determinadas pelo quanto Frank é capaz de compreendê-las. Os motivos pelos quais ela escreveu para a esposa dele, sua recusa em vê-lo, sua tentativa de sedução, descritas com tanto ódio culpado — Frank não consegue lidar com eles, exatamente como acontece na vida real com os homens ("Por não poder suportar as lamentações dela, pensou: Ilusão,

astúcia, e doença!"). Conhecer uma mulher além do nível de sua beleza era demais para ele. As mulheres são julgadas só nos termos dele, ou em termos do que elas podem lhe trazer, seja beleza e alegria, seja sofrimento e tristeza. Quaisquer que sejam esses termos, ele não os questiona; não compreendendo que seu próprio comportamento foi ou poderia ser uma influência determinante.

Podemos imaginar uma história completamente diferente sobre esse caso de amor, usando até as mesmas referências e os mesmos diálogos, só que dessa vez escrita por Lenka. Seu comportamento então não pareceria mais irracional, mas inteiramente compreensível; o personagem masculino, ao contrário, se mostraria superficial. Talvez, de fato, pudéssemos terminar com algo além de um preconceito sexual oposto. Poderíamos perceber uns três quartos do quadro (i.e., Frank é superficial *porque* é incapaz de assumir suas emoções), visto que as mulheres, em geral, em função de uma opressão prolongada, aprenderam a ser mais avançadas em psicologia masculina do que vice-versa. Mas isto raramente ocorreu em literatura, porque a maioria das Lenkas foi destruída pelo uso e abuso delas em não escrever as próprias histórias coerentemente.

Assim, a diferença entre a aproximação "masculina" e a aproximação "feminina" da arte não é, como alguns pensam, simplesmente uma diferença de "estilo" no tratamento de um mesmo tema (pessoal, emocional, descritivo *versus* vigoroso, econômico, enérgico, frio, objetivo), mas uma diferença no próprio tema. O sistema de papéis sexuais divide a experiência humana. Os homens e as mulheres vivem nessas diferentes metades da realidade. E a cultura reflete isso.

Somente alguns artistas superaram essa divisão em seu trabalho. E nos perguntamos se os homossexuais estão certos em suas reivindicações. Mas, se não o fizeram através da expressão física, então de algum outro modo os maiores artistas se tornaram mentalmente andróginos. No século XX, por exemplo, escritores da envergadura de Proust, Joyce, Kafka fizeram-no seja identificando-se fisicamente com a mulher (Proust), seja imaginariamente,

atravessando à vontade os limites entre esses mundos (Joyce), ou retirando-se num mundo imaginário raramente afetado pela dicotomia (Kafka). Mas, não só a maior parte dos artistas não superou a divisão, como sequer estava ciente da existência de uma limitação cultural baseada no sexo. É assim que a realidade masculina é aceita, tanto pelos homens quanto pelas mulheres como sendo a Realidade.

E, que dizer das mulheres artistas? Vimos que só nos últimos séculos foi concedido às mulheres participar — e apenas em bases individuais e em termos masculinos — da construção da cultura. E, mesmo assim, sua visão tornou-se inautêntica. Foi-lhes negado o uso do espelho cultural.

Existem várias razões *negativas*, pelas quais as mulheres ingressaram na arte. A riqueza sempre originou o diletantismo feminino, p.ex., a “jovem dama” vitoriana com seu talento, ou a arte das gueixas japonesas. Pois, além de servir de símbolo ao luxo masculino, a crescente ociosidade das mulheres, sob um industrialismo avançado, apresenta um problema prático: a insatisfação feminina tem que ser diminuída, para impedir as mulheres de explorar. Mas também pode ser que as mulheres estejam ingressando na arte como um refúgio. As mulheres, ainda hoje, são excluídas dos centros vitais de poder da atividade humana; e a arte é uma das últimas ocupações autodeterminadas restantes — geralmente feita na solidão. Mas, nesse sentido, são como uma Pequena Burguesa tentando abrir uma fábrica na era das Corporações Capitalistas.

Pois, ultimamente, a maior percentagem de mulheres na arte pode nos dizer mais sobre a situação da arte do que sobre a situação das mulheres. Devemos nos sentir animados pelo fato de as mulheres assumirem uma condição que breve será dispensada? (Do mesmo modo como noventa e cinco por cento de negros nos Correios não é sinal de integração; ao contrário, os indesejados estão sendo empurrados para as posições menos desejáveis: Agora, entre e bico calado!) Que a arte não é mais um centro vital que atrai os melhores homens de nossa geração pode também ser um produto da divisão masculino/feminino,

como tentarei mostrar no capítulo seguinte. Mas o entusiasmo das mulheres e dos homossexuais com as artes pode significar, hoje, a corrida dos urubus para um corpo agonizante.²

Contudo, se ainda não produziu grandes mulheres artistas, a literatura feminina criou certamente uma audiência feminina. Do mesmo modo como as audiências masculinas sempre exigiram, e receberam, uma arte masculina que reforçasse sua visão particular da realidade, assim também a audiência feminina requer uma arte “feminina”, para reforçar a realidade feminina. Daí o nascimento da grosseira novela feminina no século XX, que levou à *love story* de nossos dias, tão presente na cultura popular (o “dramalhão”); o comércio das revistas femininas; *Vale das Bonecas*. Estes podem ser começos grosseiros. Mas, de vez em quando, a realidade feminina é documentada tão claramente quanto o foi a realidade masculina, como, por exemplo, na obra de Anne Sexton.

Finalmente, devido a toda essa efervescência, talvez muito breve possamos assistir à emergência de uma arte feminina autêntica. Mas, o desenvolvimento de uma arte “feminina” não deve ser visto como reacionário, como o é seu correlativo, a Escola da Virilidade masculina. Ao contrário, ele é progressista. Uma exploração da realidade estritamente feminina é um passo necessário para corrigir a aberração de uma cultura sexualmente preconceituosa. Só depois de termos integrado a face escura da Lua em nossa visão de mundo é que poderemos falar seriamente de uma cultura universal.

* * *

Assim, toda a cultura foi corrompida, em diferentes graus, pela polarização sexual. Sintetizaremos as várias formas que essa corrupção assume, da seguinte maneira:

2. Contudo, a presença das mulheres nas artes e humanidades é ainda viciosamente sustentada pelos poucos homens restantes, em proporção à insegurança de sua própria posição — particularmente precária nas escolas tradicionais, humanistas, como a pintura figurativa.

1) *Arte de Protesto Masculino* — A arte que conscientemente glorifica a realidade masculina (contrariamente a se supor que ela constitua a própria realidade) é apenas uma manifestação recente. Vejo-a como uma resposta direta à ameaça à supremacia masculina, contida no primeiro enfraquecimento dos rígidos papéis sexuais. Essa arte é reacionária por definição. Recomendo um exame maior de sua personalidade aos homens que acreditam que essa arte expressa melhor o que eles vivem e sentem.

2) *O Ângulo Masculino* — Essa arte não consegue atingir uma visão de mundo ampla, porque não reconhece que a realidade masculina não é a Realidade, mas apenas uma metade da realidade. Assim, sua retratação do sexo oposto e de seu comportamento (metade da humanidade) é falsa: o próprio artista não compreende os motivos femininos. Algumas vezes, como na história de Herbert Gold, citada por nós, os personagens femininos podem ainda se sair bem, se o autor tiver sido honesto, ao menos no *como* — se não o foi no *porque* — de seu comportamento.

Um exemplo mais conhecido: o personagem Catarina, no filme *Jules e Jim*, de Truffaut, é tirado da vida real. Existem, em toda parte, muitas dessas *vamps* e *femmes fatales*, na realidade, mulheres que recusam aceitar sua impotência. Para conservar uma ilusão de igualdade, e ganhar um poder indireto sobre os homens, Catarina deve valer-se do “mistério” (Esfinge), da imprevisibilidade (atirando-se no Sena), e da astúcia (dormindo com o Homem Misterioso, para mantê-lo preso). Quando, no fim, como todas as mulheres, ela perde até seu poder ilegítimo, seu orgulho não admite a derrota. Ela mata o homem que ousou libertar-se dela, e depois se mata. Mas, mesmo aqui, numa arte traçada com esmero, surge o preconceito masculino. O diretor prossegue com a mística da Mulher Misteriosa; não investiga para descobrir o que está por trás dela. Além do mais, ele não quer saber: ele a usa como uma fonte de erotismo. A imagem que fazemos de Catarina só aparece através de um véu.

3) *A Mentalidade Andrógina (Cultivada Individualmente)* — Mesmo quando as limitações sexuais tenham

sido superadas pelo artista individualmente, sua arte revela uma realidade tornada feia por essa divisão. Um exemplo breve, de novo tirado do cinema: apesar dos diretores suecos serem notavelmente livres de preconceitos sexuais pessoais — as mulheres que eles retratam são primeiro humanas, e depois mulheres — a retratação que Liv Ullman faz da Nobre Esposa que acompanha fielmente o marido em sua crescente loucura (*A Hora do Lobo*, de Bergman) ou que o ama em sua degeneração moral (*Vergonha*, de Bergman), ou a sensibilidade confusa de Lena Nyman em *Eu Sou Estranha (Amarela)*, de Sjöman, são descrições não de uma sexualidade liberada, mas de um conflito ainda não resolvido entre as identidades sexual e humana.

4) *Arte Feminina* — É esta uma nova manifestação, que não deve ser confundida com a arte “masculina”, mesmo que, por enquanto, ela seja culpada do mesmo preconceito, ao inverso. Pois ela pode significar o início de uma nova consciência, em vez de uma ossificação do antigo. Dentro da década seguinte, poderemos assistir ao seu desenvolvimento em uma nova arte poderosa — talvez surgindo em conjunção com o movimento político feminista, ou inspirado nele — que, pela primeira vez, se relacionará com a realidade na qual as mulheres vivem.

Podemos também assistir a um Criticismo feminista, dando ênfase, para corrigi-las, às várias formas de preconceito sexual que hoje corrompem a arte. Contudo, em nossa terceira categoria, que fala de uma arte culpada de só refletir o valor humano de uma realidade sexualmente dividida, deverá ser tomado muito cuidado para que o criticismo seja orientado não para os artistas, em função de sua retratação (apurada) da realidade incompleta, mas para o absurdo dessa própria realidade, como foi revelada pela arte.

Somente uma revolução feminista pode eliminar completamente o cisma sexual, causador dessas distorções culturais. Até que a “arte pura” se torne uma ilusão — uma ilusão responsável, tanto pela arte inautêntica produzida até agora pelas mulheres quanto pela corrupção

da cultura (masculina) em geral. A incorporação da metade desprezada da experiência humana — a experiência feminina — no organismo cultural, para criar uma cultura abrangente, é apenas o primeiro passo, uma pré-condição. Mas, o próprio cisma da realidade deve ser destruído, para que possa haver uma verdadeira revolução cultural.

IX. DIALECTICA SEXUAL DA HISTÓRIA DA CULTURA

Por enquanto, tratamos a “cultura” como sinônimo de “artes e letras”, ou no seu sentido mais amplo de “humanidade”. Essa é uma confusão bastante comum. Entretanto, ela é surpreendente em seu contexto. Pois descobrimos que, embora relacionadas com a arte, ainda que só indiretamente, as mulheres foram totalmente excluídas de uma metade igualmente importante da cultura: a ciência. Se, ao menos no setor das artes, conseguimos encontrar material sobre a relação das mulheres com a cultura — seja indiretamente, como influência, estímulo, ou tema, seja até ocasionalmente, como participantes diretas — suficiente para preencher ao menos um capítulo, com muita dificuldade descobrimos uma relação das mulheres com a ciência, digna de discussão. Talvez no sentido mais geral, nossa afirmação de que as mulheres são a força emocional por trás de toda a cultura (masculina) seja verdadeira — mas estendemos o problema para incluir a ciência moderna, onde o método empírico, especificamente, requer a exclusão da personalidade do cientista de sua pesquisa. A satisfação de suas necessidades emocionais através de uma mulher, nas suas horas vagas, pode torná-lo mais estável, e assim mais calmo no trabalho, mas isto é forçado.

Porém mesmo que a relação indireta das mulheres com a ciência seja discutível, é certo que não existe uma relação direta entre elas. Teríamos que sondar, para encontrar uma só mulher que tenha contribuído de um modo importante para a cultura científica. Além do mais, a situação das mulheres na ciência não está melhorando. Mesmo tendo o trabalho de pesquisa passado das inteligências mais completas do passado para pequenos grupos de pesquisa pragmática nas universidades, existe um número extraordinariamente pequeno de mulheres cientistas.¹

Essa ausência de mulheres em todos os níveis das disciplinas científicas é de tal forma um lugar-comum que muitas pessoas (também inteligentes) são levadas a atribuí-lo a alguma deficiência (lógica?) das próprias mulheres. Ou às próprias predileções das mulheres pelo emocional e o subjetivo em vez do prático e do racional. Mas a questão não pode ser tratada assim tão simplesmente. É verdade que as mulheres, na ciência, estão em território alheio — mas, como esta situação evoluiu? Por que existem disciplinas, ou ramos de pesquisa que só requerem uma mente “masculina”? Por que uma mulher, para se qualificar, precisa desenvolver uma psicologia alheia? Quando e por que a mulher foi excluída desse tipo de pensamento? Como e por que a ciência veio a ser definida e restrita ao “objetivo”?

Proponho que não só as artes e as humanidades foram corrompidas pela dualidade sexual, mas também a ciência moderna foi determinada por ela. E além disso que *a cultura reflete essa polaridade na sua própria organização.* C.P. Snow foi o primeiro a observar o que se

1. Eu fiquei engasgada com isso num recente seminário do Women's Liberation programado pelo departamento de ciências de uma universidade de alto nível do Leste. Das cinquenta mulheres presentes, apenas uma ou duas estavam envolvidas com pesquisa, sem falar na pesquisa de alto nível. As outras eram técnicas de laboratório, assistentes de titulares, professoras de ciência no ginásio, esposas de catedráticos, etc.

tornava cada vez mais óbvio: uma profunda fratura na cultura — as artes liberais e as ciências tinham-se tornado incompreensíveis umas para as outras. Além disso, embora o homem universal da Renascença seja muito lamentado, a especialização não pára de se intensificar. Esses são alguns dos modernos sintomas de uma longa doença cultural, baseada no dualismo sexual. Examinemos a história da cultura, de acordo com esta hipótese: de que existe uma dialética do sexo subjacente a ela.

1. *Os Dois Modos da História Cultural*

Para efetuar nossa análise, precisamos definir a cultura do seguinte modo: *a cultura é a tentativa dos homens de realizar o imaginável no possível.* A consciência que o homem tem de si mesmo, dentro de seu meio-ambiente, distingue-o dos animais inferiores, e transforma-o no único animal capaz de fazer cultura. Essa consciência, sua faculdade mais elevada, permite ao homem projetar mentalmente estados de ser que não existem no momento. Capaz de construir um passado e um futuro, ele se torna uma criatura do tempo — um historiador e um profeta. Mais do que isso, ele pode imaginar objetos e estados de ser que nunca existiram e podem nunca chegar a existir no mundo real — ele se torna um fazedor de arte. Assim, por exemplo, embora os gregos antigos não soubessem voar, ainda assim eles poderiam imaginá-lo. O mito de Ícaro foi a formulação, na fantasia, da concepção dos gregos do estado de “voar”.

Mas o homem não foi somente capaz de projetar o imaginável na fantasia. Também aprendeu a impô-lo à realidade. Acumulando conhecimentos, aprendendo, através da experiência, sobre essa realidade, e a como manipulá-la, ele pode moldá-la a seu gosto. Esse acúmulo de habilidades para controlar o meio-ambiente, a tecnologia, é um outro meio de atingir o mesmo objetivo, a realização do concebível no possível. Assim, em nosso exemplo, se, na era a. C. o homem podia voar no tapete má-

gico do mito ou da fantasia, no século XX sua tecnologia, o acúmulo de suas habilidades práticas, tornou possível para ele voar na realidade — ele inventou o avião. Outro exemplo: na lenda bíblica, os judeus, um povo agricultor desamparado durante quarenta anos no deserto, foram supridos de maná por Deus, uma substância milagrosa que poderia ser transformada em alimentos de qualquer cor, textura ou sabor. O processo moderno de nutrição, sobretudo com a “revolução verde”, provavelmente criará em breve uma produção de alimentos totalmente artificiais, talvez com esses atributos do camaleão. Além disso, na lenda antiga, o homem podia imaginar espécies mistas, p.ex., o centauro ou o unicórnio, ou pássaros híbridos, como um animal nascido do homem, ou uma concepção imaculada. A revolução biológica em curso, com seu crescente conhecimento do processo de reprodução, poderia agora — mesmo que somente nos estágios mais grosseiros — criar essas “monstruosidades” na realidade. Duendes e gnomos, o Golem do saber medieval judaico, o monstro de Mary Shelley em *Frankenstein* foram construções imaginárias que precederam em vários séculos o acume tecnológico correspondente. Muitas outras construções fantásticas — os fantasmas, a telepatia, a idade de Matusalém — aguardam a sua realização pela ciência moderna.

Essas duas respostas diferentes, a idealista e a científica, não coexistem apenas paralelamente; há um diálogo entre elas. A construção imaginária precede a tecnológica, embora freqüentemente ela não se desenvolva antes que o know-how tecnológico esteja “em circulação”. Por exemplo: a arte da ficção científica se desenvolveu, principalmente, somente meio século na frente da revolução científica, e agora coexiste com ela, que a está transformando em realidade — um exemplo (inofensivo): o voo à Lua. As expressões “way out”, “far out”, “spaced”,* a observação “é como se fosse uma ficção científica” são linguagem comum. Na resposta estética, pelo fato de ela sempre se desenvolver antecipadamente, e assim ser o produto

de uma nova era, a mesma realização pode assumir uma forma sensacional ou fantástica, p. ex., o monstro de Frankenstein, oposta, por assim dizer, às máquinas faz-tudo da General Electric: CAM (Máquinas Antropomórficas Cibernéticas). (Um artista pode nunca chegar a saber, antecipadamente, como sua visão poderia ser articulada na realidade.)

A cultura é, portanto, a soma e a dinâmica entre os dois modos através dos quais a mente tenta sobrepor-se às limitações e às contingências da realidade. Esses dois tipos de respostas culturais produzem diferentes métodos para alcançar o mesmo fim, a realização do concebível no possível. Inicialmente,² o indivíduo nega as limitações da realidade dada, fugindo dela completamente, para criar seu próprio possível. Nos territórios da imaginação, objetivada de alguma maneira — quer através do desenvolvimento de uma imagem visual dentro de algum limite artificial, digamos quarenta centímetros quadrados de tela, quer através de imagens visuais projetadas através de símbolos verbais (poesia), ou com sons ordenados numa sequência (música), ou idéias verbais ordenadas em progressão (teologia, filosofia) — o homem cria um mundo ideal, governado exclusivamente por uma ordem e harmonia artificialmente impostas por ele, uma estrutura na qual ele conscientemente relaciona cada parte estável (e, portanto, “eterna”). O grau em que ele abstrai sua criação da realidade não tem importância, pois mesmo quando mais parece imitar, ele cria uma ilusão dirigida por seu próprio — talvez secreto — conjunto de leis artificiais. (Degas disse que o artista tinha que mentir para dizer a verdade.) Essa busca pelo ideal, realizada através de um meio artificial, podemos chamar de Modo Estético.

No segundo tipo de resposta cultural, as contingências da realidade são vencidas, não através da criação de uma realidade substitutiva, mas através do domínio do próprio funcionamento da realidade. As leis da natureza

* Referem-se estas expressões a pessoa “viajando” ou “desligada” em função do uso de drogas. (N.T.)

2. O modo idealista, que corresponde grosseiramente ao modo de pensamento “metafísico”, supra-histórico e não-materialista, contra o qual Marx e Engels se revoltaram.

são descobertas, e depois voltadas contra ela, para moldá-la de acordo com a concepção do homem. Se existe um veneno, o homem supõe que existe um antídoto; se existe uma doença, ele procura a cura. Todo fato da natureza que é compreendido pode ser usado para modificá-la. Mas, para realizar o ideal através desse procedimento é preciso muito tempo e é infinitamente mais árduo, sobretudo nos primeiros estágios do conhecimento. Pois a vasta e intrincada máquina da natureza pode ser inteiramente compreendida — e existem sempre camadas novas e imprevistas de complexidade — antes de poder ser completamente controlada. Assim, antes que qualquer solução para as contingências mais profundas da condição humana, p.ex., a morte, possa ser descoberta, os processos naturais de crescimento e decomposição devem ser catalogados, as leis mais simples serem relacionadas às mais complexas. Esse método científico (também tentado por Marx e Engels em seu enfoque materialista da História) é a tentativa do homem de dominar a natureza, através da compreensão total de sua mecânica. A coação da realidade para conformá-la à concepção ideal do homem, mediante a aplicação da informação extrapolada dessa própria realidade, chamaremos de Modo Tecnológico.

Definimos a cultura como a soma e a dialética entre os dois modos diferentes através dos quais o homem pode resolver a tensão criada pela flexibilidade de suas faculdades mentais dentro das limitações de seu meio-ambiente dado. A correspondência desses dois modos culturais diferentes respectivamente com os dois sexos é inconfundível. Observemos como as poucas mulheres que criaram diretamente a cultura tenderam para as disciplinas dentro do Modo Estético. Existe uma boa razão para isto: a resposta estética corresponde ao comportamento “feminino”. A mesma terminologia pode ser aplicada a qualquer dos dois: subjetivo, intuitivo, introvertido, fantasista, sonhador, relativo ao inconsciente (ao *id*), emocional, até temperamental (histérico). Analogamente, a resposta tecnológica é a resposta masculina: objetiva, lógica, extrovertida, realista, relativa à mente consciente (ao *ego*), racional, mecânica, pragmática e terra-a-terra, estável. Assim,

a estética é a recriação cultural daquela metade da estrutura psicológica que foi reservada às mulheres, enquanto que a resposta técnica é a magnificação cultural da metade masculina.

Assim como admitimos que a divisão biológica dos sexos em função da procriação é a dualidade “natural” fundamental a partir da qual nasce toda a divisão de classes ulterior, assim admitimos agora que a divisão sexual é também a raiz dessa divisão cultural fundamental. A interação entre essas duas respostas culturais, o Modo Tecnológico “masculino” e o Modo Estético “feminino”, recria ainda, num outro nível, a dialética dos sexos — bem como sua superestrutura, a dialética de classes econômicas e raciais. E assim como a fusão das distintas classes sexuais, raciais e econômicas é uma precondição para a revolução respectivamente sexual, racial ou econômica, assim a fusão da cultura estética com a tecnológica é a precondição para uma revolução cultural. E assim como a meta revolucionária das revoluções sexual, racial e econômica é, em vez de um mero nivelamento dos desequilíbrios de classe, uma eliminação total das categorias de classe, assim o resultado final de uma revolução cultural deve ser, não meramente a integração das duas correntes da cultura, mas a eliminação de todas as categorias culturais, a eliminação da própria cultura, como nós a conhecemos. Mas, antes de discutir a revolução cultural definitiva, ou mesmo o estado da divisão cultural na nossa época, vejamos como esse terceiro nível da dialética do sexo — a interação entre os Modos Tecnológico e Estético — operou para determinar o fluxo da história cultural.

Inicialmente, o conhecimento tecnológico se acumulou lentamente. Gradualmente o homem aprendeu a controlar os aspectos mais rudes de seu meio-ambiente — descobriu a ferramenta, o domínio do fogo, a roda, a fundição do minério para fazer armas e arados, até, finalmente, o alfabeto — mas essas descobertas foram muito poucas, em virtude de ele ainda não dispor de nenhum modo sistemático de iniciação. Contudo, finalmente acumulou suficiente conhecimento prático para

construir sistemas complexos, p.ex., a medicina ou a arquitetura, para criar instituições jurídicas, políticas, sociais e econômicas. A civilização evoluiu de uma horda de caçadores primitivos para uma sociedade agrícola, e, finalmente, através de estágios progressivos, para o feudalismo, o capitalismo e as primeiras tentativas de socialismo.

Mas, durante todo esse tempo, a habilidade do homem de imaginar um mundo ideal esteve bem à frente de sua habilidade de criá-lo. As formas culturais primárias das civilizações antigas — a religião e suas ramificações, a mitologia, a lenda, a arte e a magia primitivas, a profecia e a história — aconteciam no Modo Estético. Elas impuseram apenas uma ordem artificial, imaginária a um universo ainda misterioso e caótico. Mesmo as teorias científicas primitivas eram apenas metáforas poéticas do que mais tarde seria realizado empiricamente. A ciência, a filosofia e a matemática da antiguidade clássica, precursoras da ciência moderna, através de proezas imaginativas simples, operando num vácuo, independentes de leis materiais, anteciparam muito do que foi comprovado mais tarde. O átomo de Demócrito e a “substância” de Lucrecio prenunciaram milhões de anos antes as descobertas da ciência moderna. Mas elas foram realizadas somente no domínio do Modo Estético, um domínio imaginário.

Na Idade Média, a herança judaico-cristã foi assimilada à cultura pagã, produzindo a arte religiosa medieval, a metafísica de Tomás de Aquino e da Escolástica. Embora, simultaneamente, a ciência árabe, um produto do Período Alexandrino Grego (século III a.C. ao século VII d.C.) estivesse acumulando informação considerável em áreas como a geografia, a astronomia, a fisiologia, a matemática — uma tabulação essencial para o empirismo posterior — havia muito pouco diálogo. A ciência ocidental, com sua alquimia, sua astrologia, os “humores” da medicina medieval, era ainda um estágio “pseudocientífico”, ou, em nossa definição, ainda operava de acordo com o Modo Estético. Essa cultura estéti-

ca medieval, formada pelas heranças clássica e cristã, culminou no Humanismo da Renascença.

Até a Renascença, a cultura aconteceu no Modo Estético, porque antes dessa época a tecnologia tinha sido muito rudimentar, o corpo do conhecimento científico estava muito longe de ser completo. Em termos da dialética sexual, esse longo estágio da história cultural corresponde ao estágio matriarcal da civilização: o Princípio Feminino — escuro, misterioso, incontrolável — reinava, exaltado pelo próprio homem ainda em respeito à insondável Natureza. Os homens de cultura eram os principais sacerdotes do culto. Até e durante a Renascença todos os homens de cultura foram profissionais do Modo Estético idealista, portanto num certo sentido artistas. A Renascença, o apogeu do humanismo cultural, foi a idade de ouro do Modo Estético (feminino).

E também o início de seu fim. Por volta do século XVI a cultura sofria uma mudança tão profunda quanto a mudança do matriarcado para o patriarcado, em termos da dialética sexual, e correspondente ao declínio do feudalismo na dialética de classes. Essa foi a primeira fusão da cultura estética com a tecnológica, representada na criação da ciência (empírica) moderna.

Na Renascença, a Escolástica Aristotélica tinha-se conservado poderosa, embora já fossem visíveis as primeiras fendas na represa. Mas foi só depois de Francis Bacon, quem primeiro propôs usar a ciência para “estender mais além os limites do poder e da grandeza do homem”, que a união dos Modos foi consumada. Bacon e Locke transformaram a filosofia, a tentativa de compreender a vida, de uma especulação abstrata desligada do mundo real (metafísica, ética, teologia, estética, lógica) em uma descoberta das leis *reais* da natureza, através da experiência e da demonstração (ciência empírica).

No método empírico proposto por Francis Bacon, o *insight* e a imaginação deveriam ser usados exclusivamente nos primeiros estágios da investigação. Seriam concebidas hipóteses experimentais pela indução a partir dos fatos, e, em seguida, as conseqüências seriam deduzidas logicamente e testadas pela consistência entre elas e pela

conformidade com os fatos elementares e com os resultados de experimentos *ad hoc*. As hipóteses só se tornariam uma teoria aceita depois de terem passado por todos os testes, e permanecerem, ao menos até prova em contrário, uma teoria capaz de predizer os fenômenos num alto grau de probabilidade.

A visão empírica sustentava que, registrando e tabulando todas as observações e experimentos possíveis dessa maneira, a Ordem Natural automaticamente emergiria. Embora inicialmente a pergunta sobre o “porquê” fosse ainda mais freqüentemente solicitada do que a pergunta sobre o “como”, logo que a informação começou a acumular-se, cada descoberta somando-se à anterior para completar o quebra-cabeça, os especulativo, o intuitivo e o imaginativo gradativamente tornaram-se menos valiosos. Outrora, quando os fundamentos iniciais foram assentados por homens da estatura de Kepler, Galileu e Newton — pensadores ainda inspirados na tradição científica “estética” — centenas de técnicos anônimos puderam se deslocar para preencher os espaços vazios, o que levou ao início de uma idade de ouro da ciência, em nossa própria época — i.e., ao Modo Tecnológico, correspondente ao que o Modo Estético tinha sido para a Renascença.

2. As Duas Culturas Hoje

Agora, na década de 1970, estamos experimentando uma ruptura científica importante. A nova física, a relatividade, e as teorias astrofísicas da ciência contemporânea foram já formuladas na primeira parte deste século. Agora, na última parte, estamos chegando, com a ajuda do microscópio eletrônico e de outros instrumentos novos, a feitos semelhantes na biologia, na bioquímica, e em todas as ciências da vida. Descobertas importantes são feitas anualmente por pequenas equipes de trabalho, espalhadas por todos os Estados Unidos, bem como por outros países — da magnitude do DNA em

genética, ou do trabalho de Urey e de Miller, no início da década de 50, sobre as origens da vida. Estamos perto do domínio total do processo reprodutivo, e houve avanços significativos na compreensão do processo básico da vida e da morte. A natureza do envelhecimento e do crescimento, do sono e da hibernação, o funcionamento químico do cérebro e o desenvolvimento da consciência e da memória tudo está começando a ser compreendido em sua totalidade. Essa aceleração promete continuar por talvez um outro século, não importa quanto tempo seja preciso para realizar a meta do Empirismo: a compreensão total das leis da natureza.

Essa acumulação surpreendente de conhecimentos concretos em apenas algumas centenas de anos é o resultado do desvio da filosofia de um Modo Tecnológico. A associação da ciência “pura”, a ciência do Modo Estético, com a tecnologia pura provocou um progresso na direção da meta da tecnologia — a realização do concebível no mundo real — maior do que tinha sido alcançado em milhões de anos da história anterior.

O próprio Empirismo é apenas o método, uma técnica mais penetrante e mais eficaz, para a realização da meta cultural máxima da tecnologia: a construção do ideal no mundo real. Um de seus ditados básicos é de que uma certa quantidade de material pode ser reunida e arrumada em categorias, antes que qualquer comparação decisiva, análise ou descoberta possa ser feita. Em vista disso, os séculos de ciência empírica ultrapassaram um pouco, em termos de tempo, o período da construção dos fundamentos para as rupturas de nossa própria época e do futuro. O acúmulo de informação e de compreensão das leis e dos processos mecânicos da natureza (“pesquisa pura”) é meramente um meio para um objetivo mais amplo: a compreensão total da Natureza, a fim de controlá-la finalmente.

Nesse panorama do desenvolvimento e dos objetivos da história cultural, a meta final de Engels, citada anteriormente, no contexto da revolução política, é outra vez digna de citação:

"A esfera total das condições de vida que envolvem o homem, e que até agora o dirigiram, fica agora sob o domínio e o controle do homem, que pela primeira vez se torna o verdadeiro e consciente Senhor da Natureza."

A ciência empírica representa para a cultura o que a mudança para o patriarcado foi para a dialética sexual, e o que o período burguês é para a dialética marxista — um estágio moderno antes da revolução. Além disso, as três dialéticas estão integralmente relacionadas entre si, tanto vertical quanto horizontalmente. A ciência empírica originária da burguesia (o período burguês é em si mesmo um estágio do período patriarcal) sucede ao humanismo da aristocracia (o Princípio Feminino, o matriarcado), e, com seu desenvolvimento do método empírico para armazenar conhecimento legítimo (o desenvolvimento da indústria moderna para acumular capital), finalmente acaba por expulsar a si mesma da História. O corpo das descobertas científicas (os novos modos produtivos), consegue finalmente superar o modo empírico (capitalista) de usá-las.

E, assim como as contradições internas do capitalismo se tornarão necessariamente cada vez mais visíveis, o mesmo deverá acontecer com as contradições internas da ciência empírica — como no caso do desenvolvimento do conhecimento puro, quando ele chega ao ponto de assumir uma vida própria, p.ex., a bomba atômica. Enquanto o homem estiver empenhado somente com os métodos para sua realização final — o registro das condições da natureza, a acumulação de conhecimento "puro" — o controle da natureza, que é o saber do homem, pelo fato de não ser completo, será perigoso. Tão perigoso que muitos cientistas se perguntam se deveriam pôr um limite em certos tipos de pesquisa. Mas esta solução é irremediavelmente inadequada. A máquina do empirismo tem seu próprio *momentum* e, para estes fins, está completamente fora de controle. Poderíamos decidir realmente o que descobrir ou não descobrir? Isto é, por definição, antitético ao processo empírico total acionado por Bacon. Muitas das mais importantes descober-

tas foram praticamente acidentes de laboratório, com implicações sociais compreendidas somente pelos cientistas que esbarraram com elas. Por exemplo: há apenas cinco anos, o professor F. C. Steward, de Cornell, descobriu um processo chamado *cloning*: ao colocar uma simples célula de cenoura numa substância nutriente rotativa, ele conseguiu produzir uma lâmina inteira de células de cenoura idênticas, a partir das quais finalmente recriou a mesma cenoura. A compreensão de um processo análogo referente a células animais mais evoluídas, no caso de escapar ao controle — como aconteceu com as experiências com drogas "alucinógenas" — poderia ter algumas implicações aterradoras. Ou, além disso, imaginem a partenogênese, o parto da virgem, como é praticado por um gênero de insetos, aplicado de fato à fertilidade humana.

Uma outra contradição no interior da ciência empírica: a visão-de-mundo mecanicista, determinista, científica "fria", que é o resultado dos métodos, mais do que dos objetivos finais (inerentemente nobres e geralmente esquecidos) do Empirismo, a saber, a realização do ideal na realidade.

O próprio cientista paga um preço particularmente elevado, desumanizando-se, tornando-se pouco mais que um técnico cultural. Pois, ironicamente, para acumular apropriadamente a informação que leva a um conhecimento concreto e amplo do universo é preciso uma mentalidade ampla e integrada. Embora, no fim de tudo os esforços individuais dos cientistas possam levar à dominação do meio-ambiente em benefício da humanidade, temporariamente o método empírico requer de seus próprios praticantes que se tornem "objetivos", "mecanicistas", superpreciosos. A imagem pública do Dr. Jekyll vestido de branco, sem sentimentos por seus pacientes, simples porquinhos-da-índia, não é totalmente falsa. Não existe lugar para os sentidos no trabalho do cientista. Ele é obrigado a eliminá-los ou a isolá-los, lidando apenas com riscos ocupacionais. Na melhor das hipóteses, ele pode resolver esse problema, separando seu eu profissional de seu eu pessoal, compartimentando sua emo-

ção. Assim, embora geralmente bem versado num sentido acadêmico em artes — a frequência disso é, pelo menos, maior do que a de artistas bem-versados em ciência — o cientista geralmente não está em contato com suas emoções e sensações diretas, ou, na melhor das hipóteses, é emocionalmente dividido. Sua vida “privada” e sua vida “pública” são divididas; e, por sua personalidade não ser integrada, ele pode ser surpreendentemente convencional. (“Querida, eu descobri hoje como reproduzir pessoas no laboratório. Agora, já podemos sair para esquiar.”) Ele não sente contradição por viver convencionalmente, nem mesmo por ir à igreja, pois nunca integrou o espantoso material da ciência moderna com sua vida cotidiana. Geralmente, é preciso que sua descoberta seja usada impropriamente para alertá-lo para esta conexão, que está há muito tempo sepultada em sua mente.

O catálogo de vícios científicos é bem conhecido: ele em geral duplica, exagera o catálogo de vícios “masculinos”. Isto era de esperar. Se o Modo Tecnológico evoluiu do Princípio Masculino, então deduz-se que seus praticantes desenvolveriam as deformações da personalidade masculina ao extremo. Mas deixemos a ciência por um momento, querendo acelerar a revolução cultural definitiva, para compreender o que, nesse meio-tempo, tinha acontecido à Cultura Estética propriamente dita.

Com a filosofia, entendida no sentido clássico mais geral — incluindo a ciência “pura” — a imperfeita cultura estética tornou-se cada vez mais limitada e encravada, reduzida às artes e às humanidades, no sentido refinado em que nós as conhecemos hoje. A arte (daqui em diante referente às “artes liberais”, especialmente às artes e letras) sempre foi, na sua própria definição, uma busca pelo ideal, separada do mundo real. Entretanto, nos seus primórdios, ela foi a serva da religião, articulando o sonho comum, objetivando “outros” mundos da fantasia comum, p.ex., a arte dos túmulos egípcios, para explicar e justificar esta última. Assim, embora tenha-se afastado do mundo real, ela serviu a uma importante função social: satisfaz artificialmente aqueles desejos da sociedade que não podiam ainda ser realizados na realidade. Em-

bora tenha sido patrocinada e sustentada exclusivamente pela aristocracia, a elite culta, ela nunca esteve tão desligada da vida quanto mais tarde se tornou. Pois a sociedade daqueles tempos era, para todos os fins práticos, sinônimo da classe dominante, fosse ela o sacerdócio, a monarquia ou a nobreza. As massas nunca foram consideradas pela “sociedade” como parte legítima da humanidade. Elas eram escravas, nada mais do que animais humanos, zângãos, ou servos, sem o trabalho das quais a pequena elite culta jamais se teria conservado.

A pressão gradual exercida sobre a aristocracia pela nova classe média, a burguesia, assinalou a erosão da cultura estética. Vimos que o capitalismo intensificou as piores características do patriarcado, por exemplo, como a família nuclear emergiu do vasto e impreciso lar do passado para reforçar o enfraquecido sistema de classes sexuais, oprimindo as mulheres e as crianças ainda mais profundamente do que antes. O modo cultural favorecido por esta nova burguesia excessivamente patriarcal foi o Modo Tecnológico “masculino” — objetivo, realista, concreto, de “senso comum” — em vez do afeminado, espiritual Modo Estético “romântico idealista”. A burguesia, buscando o ideal no real, cedo desenvolveu a ciência empírica que descrevemos. Quando admitiam alguma utilidade remanescente na cultura estética, isto ocorria apenas na arte “realista”, oposta à arte “idealista” da antiguidade clássica, ou à arte abstrata religiosa dos períodos primitivos ou medievais. Interessaram-se, durante algum tempo, por uma literatura que descrevesse a realidade — melhor exemplificada pela novela do século XIX — e por uma arte de cavalete decorativa: naturezas-mortas, retratos, cenas de família, interiores. Foram construídos museus e livrarias públicas, ao lado dos velhos salões e galerias privadas. Mas, com sua solidificação como uma classe segura, até principal, a burguesia não precisou mais imitar a cultura aristocrática. Com o rápido desenvolvimento de sua nova ciência e tecnologia, o pouco valor prático que atribuía à arte se eclipsou. Tomemos, por exemplo, o desenvolvimento científico da máquina fotográfica. Logo a burguesia deixou de precisar

dos pintores de retrato; a câmara se mostrou muito mais precisa do que os pintores e novelistas.

A arte “moderna” foi uma represália (*épater le bourgeois*) violenta, embora responsável afinal pelo próprio malogro, dirigida contra estes danos; a evaporação da função social da arte, o rompimento do cordão umbilical social, a redução das fontes antigas de patronato. A tradição da arte moderna, associada inicialmente a Picasso e Cézanne, e incluindo todas as principais escolas do século XX — cubismo, construtivismo, futurismo, expressionismo, surrealismo, expressionismo abstrato, e assim por diante — não constitui uma expressão autêntica da modernidade, por mais que seja uma reação ao realismo da burguesia. O pós-impressionismo rejeitou deliberadamente todas as convenções afirmadoras da realidade. Na verdade, o processo começou com o próprio impressionismo, que destruiu a ilusão em seus valores formais, engolindo a realidade e cuspidando-a de novo como arte, e finalmente levou a um purismo da “arte-pela-arte”, a uma negação total da realidade que acabou tornando-a inexpressiva, estéril e até absurda. (Os motoristas de táxi são filisteus; eles reconhecem uma sacanagem quando a vêem.) A deliberada violação, deformação e fraturamento da imagem, chamada arte “moderna”, não foi senão uma destruição de ídolos durante cinquenta anos, que acabou levando ao impasse cultural do presente.

No século XX esgotou-se a energia e nulificou-se completamente a função social da arte. Ela é despejada nas classes ricas remanescentes, constituídas por aqueles *nouveaux riches* — particularmente os da América, que ainda sofriam um complexo de inferioridade cultural — empenhados em provar que tinham “acontecido”, evidenciando um gosto pela cultura. Vários fatos testemunham a morte do humanismo estético: o seqüestro dos intelectuais em universidades-torres-de-marfim, onde, excetuando o caso das ciências, seu trabalho teve muito pouca repercussão no mundo exterior, independente do brilhantismo de cada um (e eles não são brilhantes, porque não dispõem do *feed-back* necessário para sê-lo); o obscuro — em geral literalmente ininteligível — jargão das ciên-

cias sociais; as literaturas de panelinhas, publicadas trimestralmente, com sua poesia esotérica; as galerias e museus chiques da 57th Street (não é por acaso que elas ficam ao lado da Saks Fifth Avenue e de Bonwit Teller), sustentadas, na sua maioria, por tipos sofisticados de homens desmunhecados; e também o estabelecimento crítico vulturino, que prospera à custa dos vestígios do que outrora foi uma cultura grande e vital.

Nos séculos em que a ciência galgou novas alturas, a arte decaiu. Seu nascimento forçado transformou-a num código secreto. Por definição escapista da realidade, a arte hoje se voltou a tal ponto para si mesma, que corroe seus próprios órgãos vitais. Tornou-se doente — com uma autocompaixão e timidez neuróticas, concentrando-se no passado (em oposição à orientação futura da cultura tecnológica) e assim congelando-se em convenções e academias, ortodoxias das quais a “vanguarda” é apenas a mais recente. Sustentam-na as lembranças de glórias passadas, os Grandes Velhos Tempos Em Que a Beleza Ainda Florescia. Tornou-se pessimista e niilista, cada vez mais hostil à sociedade em geral, os “filisteus”. E, quando a jovem e arrogante Ciência tentou cortejar a Arte na sua torre — eventualmente um sótão — de mármore, com falsas promessas de um amante cortejador (“Você agora já pode descer, estamos tornando o mundo cada dia melhor”), a arte recusou-se, mais veementemente do que nunca, a lidar com ela, muito menos aceitou seus presentes corruptos, retirando-se ainda mais em suas fantasias: neoclassicismo, romantismo, expressionismo, surrealismo, existencialismo.

O artista e o intelectual viram-se, individualmente, tanto como um membro de uma elite invisível, de uma *intelligentsia*, quanto como um “marginal”, misturando-se com quem quer que fosse julgado a escória da sociedade. Em ambos os casos, seja fazendo o papel de Aristocrata, seja o de Boêmio, ele estava à margem da sociedade como um todo. Ser artista tinha-se tornado um capricho. Sua crescente alienação do mundo a sua volta — o novo mundo criado pela ciência era, sobretudo em seus estágios primitivos, incrivelmente horrível, intensifi-

cando a necessidade dele de fugir para o mundo ideal da arte — a falta de uma audiência, tudo isso o levou a uma mística do “gênio”. Esperou-se do Gênio do Sótão — mais parecido com um Saint Simeon ascético em seu pedestal — que criasse obras-primas num vácuo. Mas sua artéria de ligação com o mundo exterior tinha sido cortada. Seu trabalho, cada vez mais impossível de ser realizado, geralmente o compelia literalmente à loucura, ou ao suicídio.

Preso num canto, sem nenhum outro lugar para onde ir, o artista conseguiu iniciar um acordo com o mundo moderno. Ele não serve para nada nesse mundo: semelhante a um inválido, confinado durante muito tempo, não conhece nada sobre o mundo: nem política, nem ciência, nem sequer como viver ou amar. Até o momento, e mesmo agora, embora cada vez menos, a sublimação, aquela deformação da personalidade, fora recomendável: era o único meio (se bem que indireto) de alcançar satisfação. Mas o processo artístico quase que sobreviveu à utilidade dela. E o preço dela é alto.

As primeiras tentativas para enfrentar o mundo moderno foram, na sua maior parte, mal dirigidas. A Bauhaus, famoso exemplo, fracassou em seu objetivo de suplantir uma irrelevante arte de cavalete (a morte desta é indicada por apenas algumas ilusões de óptica e cadeiras com um ar de *design*), acabando num hibridismo, nem arte nem ciência, e certamente não a soma das duas. Seus planejadores falharam porque não compreenderam a ciência nos próprios termos dela. Para eles, que enxergavam através do modo estético antigo, ela era meramente um novo tema rico, a ser digerido totalmente pelo sistema estético tradicional. Era como se alguém visse um computador apenas como uma série harmoniosamente organizada de luzes e sons, escapando-lhe completamente a função propriamente dita. O experimento científico não é apenas harmonioso, uma estrutura elegante, uma peça adicional de um quebra-cabeça abstrato, alguma coisa a ser usada na próxima colagem — embora os cientistas também vejam, a seu próprio modo, a ciência como essa abstração divorciada da vida. Ele tem um sen-

tido intrínseco, real, próprio, semelhante, embora não o mesmo, à “presença”, ao “*en-soi*” da pintura moderna. Muitos artistas cometeram o erro de tentar anexar a ciência, de incorporá-la a sua própria estrutura artística, em vez de usá-la para expandir esta estrutura.

Seria desolador o estado atual da cultura estética? Não. Houve algumas evoluções na arte contemporânea. Fizemos referência a como a tradição realista na pintura morreu com o aparecimento da máquina fotográfica. Esta tradição tinha evoluído, num processo que durou séculos, para um nível de ilusionismo, obtido com a pincelada, que foi equivalente e até melhor — observe-se Bougereau — do que a fotografia primitiva, considerada na época apenas como um novo meio gráfico, como era o caso da gravura em água-forte. O início da nova arte do cinema se sobrepôs à tradição realista da pintura atingindo o clímax na obra de artistas como Degas, que usou uma câmara em seu trabalho. Depois a arte realista seguiu um novo curso. Ou se tornou decadente, acadêmica, desligada de qualquer mercado e significação, p.ex., os nus que subsistem nas aulas de arte e nas galerias de segunda categoria, ou ela foi fraturada pela imagem expressionista ou surrealista, postulando uma realidade interna alternativa ou uma realidade fantástica. Contudo, enquanto isto, a jovem arte do cinema, baseada numa síntese verdadeira dos Modos Estético e Tecnológico (como tinha sido o próprio Empirismo) levou avante a tradição realista fundamental. E assim como a ciência empírica frutificou com o casamento dos Princípios Feminino e Masculino, antes separados, assim também aconteceu com o cinema. Mas, ao contrário de outros suportes estéticos do passado, ele destruiu a divisão entre o artificial e o real, entre a cultura e a própria vida, na qual o Modo Estético está baseado.

Outros desenvolvimentos relacionados com isso: a exploração de materiais artificiais, p.ex., o plástico; a tentativa de confrontar a própria cultura do plástico (pop art); o esgotamento das categorias tradicionais de *media*

DIALÉTICA DA		REVOLUÇÃO TRANSIÇÃO META FINAL			
HISTÓRIA ESCRITA		CLÁSSICA	RENASCENÇA	MODERNA	
SEXO CASTA <i>Extensivo a: idade e raça</i> BASEADO NA DIVISÃO BIOLÓGICA EM SEXOS PELA: REPRODUÇÃO DAS ESPÉCIES	♀ MATRIARCADO ♂ PATRIARCADO Várias formas de organização social através da história, todas baseadas na unidade biológica da família — incluindo o clã, a raça, a nação, etc.		REVOLUÇÃO SEXUAL REVOLTA FEMINISTA (TAMBÉM DAS CRIANÇAS E DA JUVENTUDE, RAÇAS OPRIMIDAS)		LIBERDADE SEXUAL TOTAL DESAPARECIMENTO DA DISTINÇÃO CULTURAL DE SEXO, IDADE E RAÇA E DA PSICOLOGIA DO PODER (INCLUINDO A "NEUROSE" "SUBLIMAÇÃO", ETC.) (ELIMINAÇÃO FINAL DA INFÂNCIA, DA VELHICE E DA MORTE) DESENVOLVIMENTO DA REPRODUÇÃO ARTIFICIAL OPÇÕES SOCIAIS MÚLTIPLAS (INCLUINDO O "HOUSEHOLD" REPRODUTIVO) MONOGAMIA DE "PADRÃO ÚNICO"
	CLASSE BASEADA NA DIVISÃO DO TRABALHO PELA: PRODUÇÃO DE MERCADORIAS E SERVIÇOS	NÔMADAS ("SELVAGERIA" DE ENGELS)	AGRICULTORES ("BARBARISMO" DE ENGELS) CÔNTROLE PROGRESSIVO DA NATUREZA	CIVILIZAÇÃO ♀ ARISTOCRACIA ELITE ♂ CLASSE BAIXA CLASSE MÉDIA CLASSE OPERÁRIA	REVOLUÇÃO ECONÔMICA REVOLTA DO PROLETARIADO (INCLUINDO O TERCEIRO MUNDO CONTRA O IMPERIALISMO)
CULTURA BASEADA NA DIVISÃO PSICOLÓGICA DE REAÇÕES A: REALIZAÇÃO DO CONCEBÍVEL NO POSSÍVEL	Controle de: <i>ferramentas...fogo...roda...minério</i> } <i>espada arado...alfabeto</i> ARQUITETURA JUSTIÇA E GOVERNO, ETC. ♂ MODO TECNOLÓGICO (PRAGMÁTICO) ♀ MODO ESTÉTICO (IDEAL) ————— RELIGIÃO ————— ARTE E MÁGICA PRIMITIVA...PROFECIA... HISTÓRIA		GOV., JUSTIÇA & COMÉRCIO } ARQUITETURA } CLASSICA MEDIEVAL MEDICINA } CIÊNCIA } FILOSOFIA } ARTE }	INDÚSTRIA MODERNA ("Ciência aplicada") CIÊNCIA EMPÍRICA ("Pesquisa pura") ARTE MODERNA ("Arte pela arte")	REVOLUÇÃO CULTURAL RUPTURA CIENTÍFICA RUPTURA DAS CATEGORIAS CULTURAIS
			SOCIALISMO DITADURA DO PROLETARIADO		AUTODETERMINAÇÃO E AUSÊNCIA DE FRONTEIRAS ("ANARQUIA COMUNISTA") DESAPARECIMENTO DA DISTINÇÃO DE CLASSES E DO ESTADO (INACIONALISMO E IMPERIALISMO)
				FUSÃO DA ARTE COM A REALIDADE	REALIZAÇÃO DO CONCEBÍVEL NO REAL DESAPARECIMENTO DA "CULTURA"

(*média mistos*) e das distinções entre arte e realidade ("*happenings*", "*environments*"). Todavia, eu acho difícil chamar, sem reservas, de progressistas a estes últimos desenvolvimentos. Até agora eles produziram trabalhos altamente pueris e inexpressivos. O artista ainda não sabe o que é a realidade, e muito menos como agir nela. Xícaras de papel enfileiradas numa rua, pedaços de jornal lançados num terreno baldio, não importa o número de críticas ponderadas que esses trabalhos consigam tirar da *Art News*, continuam sendo uma perda de tempo. A total inutilidade dessas tentativas desajeitadas corresponde ao grau de esgotamento das "belas"-artes, do qual elas são sinais.

A fusão do Modo Estético com o Modo Tecnológico gradativamente sufocará por completo a elevada arte "pura". O primeiro esgotamento das categorias, a reincorporação da arte com uma realidade (tecnologizada) indica que estamos agora num período pré-revolucionário de transição, no qual as três correntes separadas, a tecnologia ("ciência aplicada"), a "pesquisa pura" e a moderna arte "pura" se fundirão, junto com as rígidas categorias sexuais que elas refletem.

A dualidade sexual da cultura ainda causa muitas vítimas. Se até o cientista "puro", p.ex., o físico nuclear (sem falar do cientista "aplicado", p.ex., o engenheiro) sofre de uma "masculinidade" excessiva, tornando-se autoritário, convencional, emocionalmente insensível, incapaz de compreender o próprio trabalho dentro do quebra-cabeça científico — e muito menos do cultural ou do social — o artista, em termos da divisão sexual, incorporou todos os desequilíbrios e padecimentos da personalidade feminina: é temperamental, inseguro, paranóide, derrotista, limitado. E a recente recusa em aceitar reforços da retaguarda (a sociedade em geral) exagerou enormemente tudo isto. O "id" superdesenvolvido do artista não deixa nada de quebra para contrabalançá-lo. Enquanto que o cientista puro é "esquizado", ou pior, totalmente *ignorante* da realidade emocional, o artista puro

rejeita a realidade por causa de sua falta de perfeição, e, nos séculos modernos, por causa de sua feiura.³

E quem sofre mais, o cego (cientista) ou o aleijado (artista)? No plano cultural, tivemos em vista somente a escolha entre um ou outro papel sexual. Ou a marginalidade social, levando à inibição, à introversão, ao derrotismo, pessimismo, hiper-sensibilidade, e falta de contato com a realidade, ou uma personalidade "profissionalizada" partida, a ignorância emocional, as vistas estreitas do especialista.

CONCLUSÃO:

A REVOLUÇÃO CULTURA-ANTICULTURA

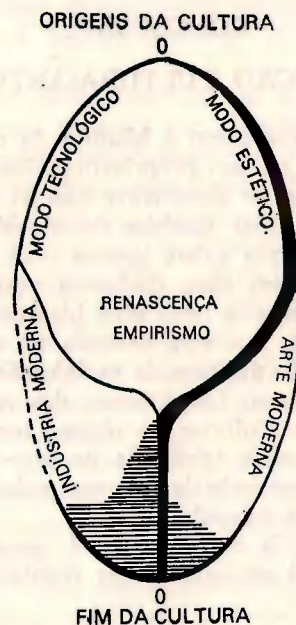
Tentei mostrar como a história da cultura reflete a dicotomia sexual na sua própria organização e desenvolvimento. A cultura se desenvolve não só a partir da dialética econômica, mas também da dialética sexual mais profunda. Assim não existe apenas uma dinâmica horizontal, mas também uma dinâmica vertical. Cada um desses três estratos cria mais uma história dentro da dialética da História, que está baseada no dualismo biológico. Atualmente, atingimos os estágios finais do Patriarcado, do Capitalismo (capitalismo das grandes corporações) e das Duas Culturas ao mesmo tempo. Brevemente, teremos uma série triplicada de precondições para a revolução, cuja inexistência foi responsável pela falência das revoluções do passado.

A discrepância entre o que é quase possível e o que já existe está gerando forças revolucionárias.⁴ Esta-

3. Um pintor abstrato que eu conhecia, que tinha experimentado os horrores dos campos de batalha norte-africanos durante a Segunda Guerra Mundial — campos de homens (camaradas) apodrecendo ao sol com ratos saindo do estômago — passou anos movendo um simples círculo bege em volta de um simples quadrado bege. Desse modo, a arte "moderna" nega a feiúra da realidade (ratos no estômago de companheiros) em favor de harmonias artificiais (círculos dentro de quadrados).

4. Os revolucionários, por definição, são visionários do Modo Estético, os idealistas da política (pragmática).

mos nos aproximando — acredito que chegaremos lá, talvez dentro de um século, se a bola de neve dos conhecimentos empíricos não se despedaçar antes com a sua própria velocidade — de uma revolução cultural, bem como de uma revolução sexual e econômica. A revolução cultural, assim como a revolução econômica, deve pregar a eliminação do dualismo (sexual), que está na origem não só das classes, mas também da divisão cultural.



Como seria essa revolução cultural? Ao contrário das “revoluções culturais” do passado, não deve ser meramente uma progressão quantitativa, mais e melhor cultura, no sentido em que a Renascença foi um ponto alto do Modo Estético, ou no sentido em que a ruptura tecnológica atual é o resultado da acumulação de séculos de

conhecimento básico sobre o mundo real. Grandes como foram, a cultura Estética e a Tecnológica, mesmo em seus respectivos apogeu, nunca atingiram a universalidade porque ou foram totalistas, mas divorciadas do mundo real, ou obtiveram “progresso” à custa da esquizofrenia cultural e da falsidade e aridez da “objetividade”. O que precisamos ter na próxima revolução cultural é a reintegração do Masculino (Modo Tecnológico) com o Feminino (Modo Estético). É criar uma cultura andrógina, que vá além não só de cada uma dessas correntes culturais tomadas individualmente, como também da soma de sua integração. Mais do que um casamento, é preciso a abolição das próprias categorias culturais, uma anulação mútua, uma explosão matéria-antimatéria, que ponha fim à própria plôft! cultura.

Não sentiremos sua falta. Não precisaremos mais dela. A essa altura, a humanidade terá dominado completamente a natureza, terá realizado seus sonhos na *realidade*. Com a realização total do concebível no real, não será mais necessário o substituto da cultura. O processo de sublimação, um desvio da realização dos desejos, dará lugar à satisfação direta na experiência, o que hoje só é experimentado pelas crianças, ou pelos adultos drogados.⁵ (Embora os adultos normais “representem” em graus variados, o exemplo que ilustra mais imediatamente o nível intenso desta experiência futura é o ato

5. As tentativas recentes da cultura { hippie
jovem para voltar a
de drogas

esse estado de simplicidade — mesmo se nos tornarmos “drogados” por meios artificiais de estimulação química — estão fadadas a fracassar. As pessoas desenvolveram camadas de repressão e de defesas, exclusivamente porque *precisam* viver em nosso atual mundo real. Hoje, na melhor das hipóteses, só podemos chegar a uma “experiência direta” (“afetada e tímida”) através do “escapismo”, ignorando o mundo real, por exemplo, indo para o Colorado (por volta de 1878) com pessoas de mentalidade parecida, e esperando ansiosamente que não se interessem em jogar bombas ali. Isso é ingênuo — e reacionário, regressivo, aistórico, utópico, etc. — acima de tudo, porém, é ineficaz.

sexual — ele vale zero numa escala de realização, pois “não se pode mostrá-lo”, mas sempre vale a pena de alguma forma.) Não será mais necessário o controle e o adiamento da satisfação do “id” pelo “ego”; o *id* poderá viver livremente. O prazer brotará diretamente no processo da experiência, no próprio ser e agir, em vez de brotar da qualidade da realização. Quando o Modo Tecnológico masculino puder, afinal, produzir na realidade o que o Modo Estético feminino tinha imaginado, teremos eliminado a necessidade de qualquer um dos dois.

X. O FEMINISMO NA ERA DA ECOLOGIA

A ciência empírica deixou repercussões na esteira de seu caminho: o súbito avanço da tecnologia transtornou a ordem natural das coisas. Mas o interesse recente pela ecologia, o estudo do relacionamento do homem com o meio-ambiente, surgido por volta de 1970, pode ser que tenha chegado tarde demais. Certamente, é tarde demais para o conservacionismo, a tentativa de restabelecer os equilíbrios naturais. O que é preciso é um programa ecológico revolucionário, que tente estabelecer um equilíbrio artificial (feito pelo homem), em lugar do equilíbrio “natural”, realizando, assim, a meta original da ciência empírica: o total domínio da natureza.

As mais recentes e melhores correntes da ecologia e do planejamento social concordam com os objetivos feministas. A coincidência aparente que marcou a erupção destes dois fenômenos ilustra uma verdade histórica: as novas teorias e os novos movimentos não se desenvolvem no vácuo; surgem como pontas-de-lança das soluções necessárias para os novos problemas, gerados por contradições no meio-ambiente. Neste caso, ambos os movimentos surgiram em resposta à mesma contradição: vida animal segundo uma tecnologia. No caso do feminismo, o problema é moral. A unidade da família biológica sempre oprimiu as mulheres e as crianças, mas

agora, pela primeira vez na História, a tecnologia criou as precondições reais para vencer essas condições “naturais” opressivas, juntamente com seus reforços culturais. No caso da nova ecologia, percebemos que, *independentemente de qualquer postura moral*, exclusivamente por motivos pragmáticos — de sobrevivência — tornou-se necessário libertar a humanidade da tirania de sua biologia. A humanidade não pode mais permitir-se permanecer no estágio de transição entre a simples existência animal e o controle total da natureza. E estamos, certamente, muito mais próximos de um salto evolucionário maior, no sentido de dirigir nossa própria evolução, do que de uma volta ao reino animal, do qual nós viemos.

Assim, em termos da moderna tecnologia, um movimento ecológico revolucionário terá o mesmo objetivo do movimento feminista: o controle da nova tecnologia para fins humanos, o estabelecimento de um equilíbrio “humano” proveitoso entre o homem e o novo meio-ambiente que ele está criando, que venha substituir o equilíbrio “natural” desfeito.

Quais são as preocupações da ecologia que têm interesse direto para o movimento feminista? Discutirei brevemente dois temas da nova ecologia que têm uma ligação particular com o novo feminismo: a reprodução e seu controle, incluindo a seriedade do problema da explosão demográfica e dos novos métodos de controle da fertilidade, e a cibernética, o futuro encargo de funções cada vez mais complexas legado às máquinas, alterando a velha relação do homem com o trabalho e com os salários.

Previamente fiz anotações detalhadas, escrevi registros completos sobre a explosão demográfica, citando todos os tipos de estatística alarmantes sobre a marcha do crescimento populacional. Mas, pensando bem, pareceu-me que eu já tinha ouvido falar em tudo aquilo antes, assim como todo mundo. Talvez, em função dos objetivos deste livro, fizéssemos melhor discutir porque estas estatísticas são ignoradas tão consistentemente. Porque, apesar dos pronunciamentos cada vez mais terríveis de todos os especialistas nesse campo, poucas pessoas estão

seriamente preocupadas com o problema. Na verdade, a euforia pública e o *laissez faire* parecem atualmente crescer na proporção direta à necessidade de uma ação imediata que previna um desastre futuro.

A relação entre as duas situações é direta. A incapacidade de enfrentar ou de ocupar-se do problema cria uma falsa segurança, cujo grau foi corroborado por recente pesquisa do Instituto Gallup (3 de agosto de 1968), no qual, à pergunta “Na sua opinião, qual o problema mais urgente que a nação enfrenta hoje?” menos de 1% da amostra nacional de adultos interrogados mencionou o problema da população. E contudo, para não dizer que não citamos os especialistas em população, estas são as palavras de Lincoln H. Day e de Alice Taylor Day em seu livro *Too Many Americans*: “Para suportar um novo crescimento de 180.000.000 (mais quarenta e quatro anos, no ritmo atual), este país teria que sofrer mudanças nas suas condições de vida tão radicais quanto as que ocorreram desde Colombo.” Esta é a mais conservadora das estimativas. A maioria dos demógrafos, biólogos e ecologistas são consideravelmente mais pessimistas. A todo momento são publicados livros sobre o assunto, cada um com uma nova opinião sobre o terror da explosão demográfica (Se tivéssemos nos reproduzido na mesma velocidade desde a época de Cristo, agora teríamos... Se continuarmos nessa velocidade, a fome será... no ano... Um número x de ratos congestionados num quarto produz um comportamento xyz...). Os títulos dos livros são *Fome Coletiva, 1975, A Explosão Populacional*, e assim por diante. Os próprios cientistas estão em pânico. Diz-se que um conhecido biólogo da Universidade Rockefeller deixou de falar com sua própria filha depois do nascimento de sua terceira criança. Seus alunos multiplicam-se, pondo a si próprios em perigo.

Contudo, o público permanece convencido de que a ciência pode resolver o problema. Uma razão pela qual o homem da rua acredita tão ardentemente que “eles” podem manobrar o problema — além da existência da Mística do Feiticeiro, que insinua que “eles” sempre pa-

recem encontrar uma resposta para tudo — é o fato de a informação vir cuidadosamente filtrada do alto para baixo. Por exemplo: o público só começou a tomar conhecimento da “revolução verde” quando os cientistas deixaram de acreditar nela, vendo-a como uma medida tapa-buraco para adiar a fome coletiva mundial até a geração seguinte. Mas, em vez de causar o alarme geral, provocar a ação imediata, esta informação agiu como um clichê.

O Milagre-da-Nova-Ciência é apenas um dentre todo um estoque de argumentos, que continuam aflorando incessantemente, apesar de serem refutados um sem-número de vezes. Há o argumento da Comida Excedente, o argumento das Vastas-Extensões-de-Terra-Despovoadas, o argumento Econômico (a população aumenta a capacidade de defesa, cf. o Boogy-Woogy) e muitos outros mais, variando em sua sofisticação, de acordo com o meio social de seus sugestores. É inútil argumentar — e por isso eu não o farei aqui. Pois não se trata absolutamente de um problema de corrigir a informação ou a lógica. O importante é que há alguma coisa além disso que une todos estes argumentos. Que coisa é essa?

Por baixo de todos estes argumentos está o chauvinismo peculiar que se desenvolve na família. Nos capítulos anteriores discutimos alguns dos componentes dessa psicologia: a mentalidade patriarcal, preocupada exclusivamente com os próprios interesses e com a sua descendência, somente enquanto ela é a herdeira e a extensão de seu ego, na sua busca individual de imortalidade (por que preocupar-se com o bem-estar social, se — que bela frase — Na hora em que a grande catástrofe chegar *Você e os Seus* estarão felizes?). Outros componentes são: o chauvinismo do Nós-Contra-Eles (o sangue vale mais); a divisão entre o abstrato e o concreto, o público e o privado (o que poderia ser mais abstrato e público do que uma estatística demográfica? o que poderia ser mais privado e concreto do que nossa própria reprodução?); a privatização da experiência sexual; a psicologia do poder, e assim por diante.

Infelizmente, os esquerdistas e os revolucionários não são uma exceção a esta pseudopsicologia universal, gerada pela família. Entregam-se excessivamente ao Nós-Contra-Elesismo, apesar de agora ele estar invertido. Se “Nós”, a classe superior e a *intelligentsia* com pretensões intelectuais, argumenta que “É melhor não haver uma redução no índice de nascimentos, senão a ralé e/ou os débeis mentais predominarão”, “Eles”, o “zé-povinho” (ultimamente conhecidos como “lunatic fringe”*) opõem-se paranoicamente ao controle da natalidade — “Genocídio do Terceiro Mundo e dos Indesejados em Casa”. Este medo é bem fundado. Contudo, ele também é responsável por uma falta de capacidade da Esquerda de enxergar, por baixo dos efeitos prejudiciais do controle da natalidade, um problema ecológico genuíno, que nenhum número de argumentos fantasiosos e de estatísticas forjadas pode apagar. É verdade que os governos capitalistas imperialistas têm muitíssimo prazer em distribuir planos de controle da natalidade entre o Terceiro Mundo ou entre os negros e os pobres dos U.S.A. (particularmente entre as mães filiadas à Previdência Social, que são freqüentemente cobaias das últimas experiências), enquanto que, na sua própria casa, eles não se preocupam por ter condenado um homem a dez anos de prisão porque ele deu uma espuma anticoncepcional para uma aluna de colégio misto jovem, branca e solteira. É verdade que uma redistribuição das riquezas e das reservas do mundo aliviaria enormemente o problema — mesmo que ela *pudesse* ocorrer amanhã. Mas o problema ainda permaneceria, porque ele existe independentemente da política e da economia tradicionais. Essas complicações políticas e econômicas são apenas *agravantes* de um legítimo problema de ecologia. Uma vez mais os radicais não foram capazes de pensar com suficiente radicalidade. O capitalismo não é o *único* inimigo, a redistribuição das riquezas e das reservas não é a *única* solução, as tentativas de controlar a população não são *apenas* uma Supressão do Terceiro Mundo dissimulada.

* Ver nota à p. 41. (N.T.)

Mas, geralmente, existe um erro mais sério: o *uso impróprio* das conquistas científicas é muitas vezes confundido com a própria tecnologia. (Mas será que as militantes negras que advogam a fertilidade não controlada para as mulheres negras admitem que *elas próprias* são oneradas com ventres pesados e tantos meses de amamentação? Deduz-se que elas encontrem no controle da natalidade algum auxiliar na manutenção de seus programas de pregação ativa.) Como foi demonstrado na questão do desenvolvimento da energia atômica, os radicais, em vez de esbravejarem contra a imoralidade da pesquisa científica, foram muito mais eficientes concentrando *todas* as suas energias em exigências de controle das descobertas científicas pelo e para o povo. Pois, assim como a energia atômica, o controle da fertilidade, a reprodução artificial e a cibernetização são, em si mesmos, libertadores, a *menos que* sejam usados imprópriamente.

Quais são os novos desenvolvimentos científicos relativos ao controle dessa reprodução perigosamente prolífera? Já existe mais e melhor controle da natalidade do que nunca houve antes na História.¹ A velha intervenção “força-barra” na concepção (diafragmas, camisas-de-vênus, espumas e geléias) foi apenas o início. Breve teremos uma compreensão perfeita de todo o processo reprodutor, em toda a sua complexidade, incluindo a sutil dinâmica dos hormônios e de todos os seus efeitos no sistema nervoso. O uso de anticoncepcionais orais feito atualmente é apenas um estágio primitivo (imperfeito), apenas um dentre os vários tipos de controle da fertilidade em experimentação hoje. A inseminação e a ovulação artificiais já são uma realidade. A escolha do sexo do feto, a fertilização em proveta (quando o tempo de vida do esperma dentro da vagina for totalmente compreendido) estão a um passo. Várias equipes de cientis-

1. Devo pedir ao leitor que me perdoe aqui — este capítulo foi escrito antes de Pill Hearings (*Interrogatórios sobre as Pílulas*), na verdade antes da propagação do próprio movimento ecológico. Essa é a marcha das comunicações modernas — um livro é ultrapassado antes mesmo de estar no prelo.

tas estão trabalhando no desenvolvimento de uma placenta artificial. Até a partenogênese — o parto virginal — poderá ser desenvolvida muito breve.

Estão as pessoas, os próprios cientistas, preparadas para qualquer uma dessas descobertas? Decididamente não. Recente pesquisa de Harris, citada na revista *Life*, representativa de uma ampla amostra de americanos — incluindo, por exemplo, fazendeiros de Iowa — revelou um surpreendente número de pessoas dispostas a considerar os novos métodos. O único empecilho estava em que esses métodos só seriam levados em consideração enquanto reforçassem e promovessem os valores atuais da vida em família e da reprodução, p.ex., para ajudar uma mulher estéril a ter um filho de seu marido. Qualquer questão que pudesse ser interpretada como sendo um incentivo a uma “revolução sexual” era meramente rejeitada como antinatural, de modo categórico. Mas, note-se que não foi o bebê de “tubo de vidro” que foi tido como antinatural (25 por cento das pessoas concordou, sem hesitação, em usarem elas próprias este método, geralmente sob a condição de serem observadas as condições que descrevemos). Só o novo sistema de valores, baseado na eliminação da supremacia do homem e da família, é que foi visto como antinatural.

É claro que, hoje, esta pesquisa na área da reprodução está sendo impedida de se desenvolver por causa do atraso cultural e dos preconceitos sexuais. O mesmo acontece com a verba distribuída para tipos específicos de pesquisa — os tipos de pesquisa já concluídos quando muito interessam apenas incidentalmente às mulheres. Por exemplo, ainda é preciso justificar a pesquisa para desenvolver uma placenta artificial, sob o pretexto de que ela poderia evitar o nascimento prematuro de crianças. Assim, embora seja tecnicamente muito mais fácil transferir um embrião jovem do que um bebê já quase que totalmente desenvolvido, todo o dinheiro vai para a última pesquisa. Ou, por outro lado, o fato de as mulheres serem excluídas da ciência é diretamente responsável pelo adiamento da pesquisa de anticoncepcionais orais para os homens (será possível que se pense que as mulheres

são melhores cobaias por que são consideradas “inferiores” pelos cientistas homens? Ou isso se dá exclusivamente porque os cientistas homens cultuam a fertilidade masculina?) São muitos os exemplos desse tipo.

Os medos em relação aos novos métodos de reprodução são de tal modo difundidos que, até há bem pouco tempo, o assunto era ainda um tabu, fora dos círculos científicos. Até mesmo várias mulheres do movimento de libertação feminina (women's lib) — e talvez especialmente estas mulheres — têm medo de expressar qualquer interesse sobre o assunto, para evitar que se confirmem as suspeitas de todo mundo de que elas são “antinaturais”. Assim, gastam grande quantidade de energia negando serem contra a maternidade, ou a favor da reprodução artificial, e assim por diante. Falando francamente:

A gravidez é uma barbaridade. Eu não acredito, como muitas mulheres dizem hoje, que a gravidez seja vista como feia devido a perversões estritamente culturais. A reação imediata da criança: “O que que aquela Senhora Gorda tem?”, a diminuição culpada do desejo sexual do marido; as lágrimas das mulheres diante do espelho aos oito meses de gravidez — tudo isso são reações instintivas, que não podem ser explicadas como hábitos culturais. A gravidez é a deformação temporária do corpo do indivíduo, em benefício da espécie.

Além disso, o parto dói. E isso não é bom. Há três mil anos atrás, as mulheres que tinham um parto “natural” não tinham necessidade de simular que a gravidez era uma verdadeira viagem, um orgasmo místico (aquele olhar longínquo). A Bíblia dizia: sofrimento e trabalho. O êxtase era desnecessário: as mulheres não tinham escolha. Elas não ousavam dar gritos. Mas, finalmente, foi-lhes possível gritar tão alto quanto quisessem durante as horas do parto. E quando este terminava, e mesmo durante ele, elas eram admiradas, dentro de um certo limite, por sua coragem. O valor delas era medido pelo número de crianças (filhos) que elas conseguiam suportar botar no mundo.

Hoje, tudo isso foi confundido. O próprio culto do parto natural nos mostra como ficamos distante da verdadeira identidade com a natureza. O parto natural é

apenas mais uma faceta do reacionário Retorno-à-Natureza hippie-rousseaniano, e tão forçado quanto ele. Talvez a mistificação do parto o torne mais fácil na realidade para a mulher comprometida. Os exercícios pseudo-iogas, vinte mulheres grávidas respirando profundamente sobre o chão, pode ser até que ajudem algumas mulheres a desenvolverem atitudes “apropriadas” (como “eu nunca mais berrei”). O marido que se contorce à cabeceira da cama, tal como acontece nas dores de parto empáticas de membros certas de tribos (“Veja como eu sofro com você, querida!”), pode fazer uma mulher sentir-se menos só durante sua provação. Mas o fato permanece: o parto é, na melhor das hipóteses, necessário e tolerável. Não é divertido.

(É como fazer um cocô do tamanho de uma abóbora, disse-me um amigo, quando eu lhe perguntei sobre a Grande-Experiência-Que-Você-Está-Perdendo. O-que-há-de-errado-em-cagar-cagar-pode-ser-agradável, diz a Escola (masculina) da Grande Experiência. Dói, ela responde. Qual-o-problema-de-sentir-uma-pequena-dor-de-parto-se-ela-não-te-mata? responde a Escola. É chato, diz ela. A-dor-pode-ser-interessante-como-experiência, responde a Escola. Não é um preço muito alto que se paga por essa experiência interessante?, diz ela. Mas-você-ganha-uma-recompensa, fala a Escola: um-bebê-todo-seu-para-você foder-como-quiser. Bem, isto já é alguma coisa, diz ela. Mas como eu posso saber se ele vai ser um homem, como você?)

A reprodução artificial não é inerentemente desumanizante. De qualquer maneira, o exercício de uma opção poderá tornar possível um reexame honesto do antigo valor da maternidade. No momento, é fisicamente perigoso para uma mulher declarar-se por princípio abertamente contra a maternidade. Ela só escapará imune se acrescentar que é neurótica, anormal, que tem aversão a crianças, sendo, portanto, “incapaz”. (“Talvez mais tarde. . . quando eu estiver mais preparada.”) Isto é apenas uma atmosfera de inquisição livre. Até o tabu se dissipar, até que a decisão de não ter filhos ou de não tê-los de um modo “natural” seja considerado, pelo menos, tão legítima quan-

to o parto tradicional, as mulheres estarão sendo coagidas dentro de seus papéis femininos.

Um outro avanço científico que achamos difícil de ser absorvido pelo nosso sistema tradicional de valores é o início da cibernetização, o encargo de função de trabalho assumido por máquinas que, brevemente, poderão igualar ou superar o homem no pensamento e na solução de problemas. Embora seja possível argumentar, como no caso da reprodução artificial, que essas máquinas mal passaram do estágio especulativo, lembremo-nos de que há apenas cinco ou dez anos atrás os especialistas prediziam que cinco ou seis computadores seriam suficientes para suprir permanentemente as necessidades de todo o país.

A cibernetização, do mesmo modo que o controle da natalidade, pode ser uma faca de dois gumes. Imaginá-la, assim como a reprodução artificial, nas mãos dos poderes atuais é o mesmo que imaginar um pesadelo. É preciso não aperfeiçoar. Todo mundo está familiarizado com 1984: com a crescente alienação das massas, com o intensificado papel da elite (talvez cibernetista), com as fábricas de bebês, a crescente eficiência governamental (o Grande Irmão), e assim por diante. Nas mãos da sociedade atual não há dúvida de que a máquina poderia ser usada — e o está sendo — para intensificar o aparelho da repressão e para intensificar o poder estabelecido.

Mas, por outro lado, como no caso da exploração demográfica e do controle da natalidade, a distinção entre o *uso impróprio* da ciência e o valor da própria ciência, em geral, não é deixada clara. Nesse caso, embora talvez a reação possa não ser tão histérica e evasiva, nós ainda geralmente tendemos mais a uma concentração pouco imaginosa nos males da própria máquina, do que a um reconhecimento de seu significado revolucionário. São abundantes os livros e pesquisas a respeito de como evitar 1984 (p.ex., *Privacidade e Liberdade*, de Alan Weston). Mas existem muito poucas reflexões sobre como lidar efetivamente com as mudanças qualitativas no estilo de vida que a cibernetização trará.

Os dois temas do controle demográfico e da cibernetização geram o mesmo tipo de resposta nervosa e superficial, porque em ambos os casos o problema básico não tem precedentes. Trata-se de mudanças qualitativas nas relações básicas de produção e reprodução da humanidade. Precisaremos quase que de pernoitar para podermos lidar com os profundos efeitos do controle da fertilidade e da cibernetização, uma nova cultura baseada numa redefinição radical das relações humanas e do lazer para as massas. Para redefinir de um modo tão radical nosso relacionamento com a produção e a reprodução é preciso destruir simultaneamente o sistema de classes, assim como a família. Estaremos além de discussões do tipo “quem vai ganhar o pão” — ninguém vai ganhar o pão, porque ninguém estará “trabalhando”. A discriminação em função do emprego não terá mais nenhum fundamento para existir numa sociedade, na qual as máquinas executam o trabalho melhor do que seres humanos de qualquer tamanho ou habilidade. Assim, as máquinas poderiam agir como equalizadores perfeitos, destruindo o sistema de classes baseado na exploração do trabalho.

Qual poderia ser o impacto imediato da cibernetização sobre a posição das mulheres? Resumidamente, podemos prever o seguinte: 1) Embora inicialmente a automação continue a prover novos empregos para as mulheres, p.ex., operador de perfuração, programador de computadores, etc., essas posições provavelmente não durarão muito (precisamente porque as mulheres, a força de trabalho transitória *por excelência*, são procuradas para preenchê-las). Finalmente, esses controles especializados de máquinas darão lugar a um conhecimento de seu controle usual e mais difundido e, ao mesmo tempo, nos níveis mais altos, a um conhecimento especializado e intensificado de suas funções mais complexas, dominado por uma nova elite de engenheiros, os cibernetizadores. Os tipos de trabalho em que as mulheres foram bem-vindas, situados nos níveis mais baixos dos serviços de escritório, também serão cibernetizados. Ao mesmo tempo, os trabalhos domésticos serão automatizados de um modo mais completo, reduzindo ainda mais as funções de trabalho legiti-

mamente femininas. 2) A erosão do *status* do “cabeça da casa”, particularmente na classe proletária, pode abalar ainda mais profundamente a vida familiar e os papéis sexuais tradicionais. 3) Crescerá a grande inquietação dos jovens, dos pobres, e dos desempregados. Como os trabalhos se tornarão mais difíceis de conseguir, e não haverá um amortecimento do choque cultural através de educação para o lazer, o fermento revolucionário provavelmente se tornará primordial. Assim, no todo, a cibernetização poderá agravar a frustração que as mulheres já sentem em seus papéis, impelindo-as à revolução.

Uma revolução feminista poderá ser o fator decisivo no estabelecimento de um novo equilíbrio ecológico. A atenção dada à explosão demográfica, o deslocamento de ênfase da reprodução para o controle da natalidade, e as exigências de um desenvolvimento total da reprodução artificial proporcionarão uma alternativa para as opressões da família biológica. Mudando as relações do homem com o trabalho e com os salários, e substituindo o trabalho pela diversão (atividade feita em seu próprio benefício), a cibernetização permitirá uma redefinição total da economia, incluindo a atividade familiar e sua capacidade econômica. A dupla maldição, de que o homem terá que cultivar o solo com o suor de seu rosto e de que a mulher deverá suportar as dores e o trabalho do parto, serão dissipadas pela tecnologia, para tornar o viver humano pela primeira vez uma possibilidade. O movimento feminista tem a missão essencial de criar uma aceitação cultural para o novo equilíbrio ecológico necessário à sobrevivência da raça humana no século XX.

CONCLUSÃO A REVOLUÇÃO DEFINITIVA

1. Imperativos Estruturais

Antes de falar sobre as alternativas revolucionárias, façamos um resumo de tudo o que foi visto — para determinar as coisas específicas que precisam ser cuidadosamente excluídas de todas as novas estruturas. Em seguida podemos avançar até “especulações utópicas” orientadas, ao menos, por pautas negativas.

Vimos como as mulheres, no plano biológico, são diferenciadas dos homens, e no plano cultural são diferenciadas do “humano”. A natureza produziu a desigualdade fundamental — metade da raça humana deve nutrir e educar as crianças de toda a raça — que foi, mais tarde, consolidada e institucionalizada, em benefício dos homens. A reprodução da espécie custa muito às mulheres, não só emocional, psicológica e culturalmente, como também em termos estritamente materiais (físicos). Antes do aparecimento recente dos métodos anticoncepcionais, os partos sucessivos levaram as mulheres a experimentarem constantes “males femininos”, ao envelhecimento precoce e à morte. As mulheres eram a classe escrava que mantinha a espécie, a fim de que a outra metade fosse libe-

rada para o trabalho — geralmente admitindo-se os aspectos escravizantes disso, mas certamente também todos os aspectos criativos.

Essa divisão natural do trabalho continuou somente à custa de um grande sacrifício cultural: os homens e as mulheres desenvolveram apenas uma metade de si mesmos, em prejuízo da outra metade. A divisão da psique em psique masculina e feminina, estabelecida com o fim de reforçar a divisão em função da reprodução, resultou trágica. A hipertrofia nos homens do racionalismo, do impulso agressivo e a atrofia de sua sensibilidade emocional representaram um desastre tanto físico (guerra), quanto cultural. O emocionalismo e a passividade das mulheres aumentou seu sofrimento (não podemos nos referir a elas de um modo simétrico, já que elas foram vitimadas pela divisão como uma classe). Sexualmente, os homens e as mulheres foram canalizados para uma heterossexualidade altamente organizada — no tempo, no lugar, no procedimento, e até no diálogo — e restrita aos genitais, em vez de espalhada pelo corpo inteiro.

Proponho, então, que a primeira exigência para qualquer sistema alternativo deva ser:

1) *A libertação das mulheres da tirania de sua biologia reprodutora, através de todos os meios disponíveis, e a distribuição do papel de nutrição e educação das crianças entre a sociedade como um todo, tanto entre os homens, quanto entre as mulheres.* Há muitas etapas nisto. Já existe uma aceitação (conseguida com dificuldade) do “planejamento familiar”, ainda que não da contracepção em si mesma. São iminentes as propostas de creches que atendam durante o dia, talvez até durante vinte e quatro horas, com equipes mistas. Mas, na minha opinião, tudo isso é tímido como uma transição, se não for totalmente inútil. Estamos falando de uma mudança radical. E apesar de, na verdade, ela não poder surgir de repente, os objetivos radicais devem ser o tempo todo mantidos em vista. As creches liberam as mulheres. Aliviam uma opressão imediata, mas não se pergunta porque essa opressão é feita sobre as mulheres.

No outro extremo se situam as soluções mais distantes, baseadas nas potencialidades da embriologia moderna, i.e., a reprodução artificial, possibilidades ainda tão aterrorizantes que raramente são discutidas com seriedade. Vimos que o medo é, até certo ponto, justificável: nas mãos da sociedade atual e sob o controle dos cientistas de hoje (poucos dos quais são mulheres ou mesmo feministas), qualquer tentativa de usar a tecnologia para “libertar” alguém é suspeita. Mas estamos preparando-nos para falar sobre sistemas especulativos, e, para os fins de nossa discussão, devemos supor que haja flexibilidade e boas intenções nos que estão elaborando a mudança.

Assim, libertar as mulheres de sua biologia significaria ameaçar a unidade social, que está organizada em torno da reprodução biológica e da sujeição das mulheres ao seu destino biológico, a família. Nossa segunda exigência surgirá também como uma contestação básica à família, desta vez vista como uma unidade econômica:

2) *A total autodeterminação, incluindo a independência econômica, tanto das mulheres, quanto das crianças.* Para atingir esta meta serão necessárias mudanças fundamentais em nossa estrutura social e econômica. É por isso que precisamos falar de um socialismo feminista. No futuro imediato, sob a orientação do capitalismo, na melhor das hipóteses poderá ocorrer uma integração derivativa das mulheres na força de trabalho. Isto porque se descobriu nas mulheres um suprimento de mão-de-obra altamente especializado e transitório, extremamente útil e barato,¹ sem mencionar o valor econômico de sua função tradicional, a reprodução e a educação das crianças, um trabalho para o qual elas recebem regalias de

1. A maioria dos patrões fracassaria totalmente se tivesse que assumir o trabalho de suas secretárias ou se tivesse que trabalhar sem elas. Conheço várias secretárias que assinam sem pensar o nome de seus patrões embaixo de suas próprias resoluções (até brilhantes). As habilidades das mulheres das universidades custariam uma fortuna se calculadas em termos materiais de trabalho masculino.

seus padrões, mas não são pagas. Mas estas são funções econômicas essenciais, sejam elas reconhecidas ou não oficialmente. As mulheres, nessa condição atual, são os verdadeiros alicerces da superestrutura econômica, vitais para a existência desta.² As odes à abnegação da maternidade encontram um fundamento na realidade: a Mãe é vital para o *american way of life*, bem mais do que a torta de maçãs. Ela é uma instituição sem a qual o sistema realmente se desintegraria. Nos termos capitalistas oficiais, a fatura por seus serviços econômicos³ pode custar tão alto quanto um quinto do produto nacional bruto. Mas o pagamento não é a solução. Pagá-la, como é freqüentemente discutido na Suécia, é uma reforma que não contesta a divisão fundamental do trabalho, e, conseqüentemente, nunca poderia erradicar as desastrosas

2. Margaret Benston ("A Polícia Econômica da Libertação das Mulheres", *Monthly Review*, setembro de 1969) ao tentar mostrar que a opressão das mulheres é na verdade econômica — embora as análises econômicas anteriores tenham sido incorretas — faz distinção entre a economia de superestrutura masculina, baseada na produção de mercadorias (propriedade capitalista dos meios de produção e trabalho assalariado) e a economia reducativa pré-industrial da família, a produção para uso imediato. Pelo fato de a última não fazer parte da economia contemporânea oficial, geralmente se faz vista grossa para sua função na base dessa economia. Falar em arrastar as mulheres para a economia de mercadorias da superestrutura falha em lidar com tremenda quantidade de produção necessária do tipo tradicional hoje realizada pelas mulheres sem receber pagamento. Quem a fará?

3. Juliet Mitchell, em "Women: The Longest Revolution" (*New Left Review*, dezembro de 1966), afirma que "o trabalho doméstico é enorme se qualificado em termos de trabalho produtivo. Na Suécia, 2,340 milhões de horas ao ano são gastas por mulheres nos serviços domésticos, comparadas aos 1.290 milhões de horas gastas por uma mulher na indústria". O The Chase Manhattan Bank estima em 99,6 horas uma semana inteira de trabalho doméstico feito pela mulher. Margaret Benston calcula a sua estimativa mínima relativa a uma mulher casada sem filhos em 16 horas, perto de metade de uma semana regular de trabalho. Uma mãe precisa gastar pelo menos seis ou sete dias na semana, trabalhando cerca de 12 horas.

conseqüências psicológicas e culturais desta divisão do trabalho.

Quanto à independência econômica das crianças, trata-se realmente de um sonho, até agora não realizado em nenhum lugar do mundo. E, no caso das crianças, também estamos falando de mais do que de uma justa integração na força de trabalho; falamos da abolição da própria força de trabalho sob um socialismo cibernético, da reestruturação radical da economia de modo que o "trabalho", i.e., o trabalho assalariado não seja mais relevante. Em nossa sociedade pós-revolucionária, tanto os adultos quanto as crianças seriam atendidos nas suas necessidades de subsistência, independentemente de suas contribuições sociais, no primeiro caso na História de uma distribuição justa de riqueza.

Com isso atacamos a família numa frente dupla, contestando aquilo em torno de que ela está organizada: a reprodução das espécies pelas mulheres, e sua conseqüência, a dependência física das mulheres e das crianças. Eliminar estas condições já seria suficiente para destruir a família, que produz a psicologia de poder. Contudo, nós a destruiremos ainda mais.

3) *A total integração das mulheres e das crianças em todos os níveis da sociedade.* Todas as instituições que segregam os sexos, ou que excluem as crianças da sociedade adulta, p.ex., a escola moderna, devem ser destruídas.

Estas três exigências afirmam uma revolução feminista baseada na tecnologia avançada. E, se as distinções culturais entre homem/mulher e adulto/criança forem destruídas, nós não precisaremos mais da repressão sexual que mantém estas classes díspares, sendo pela primeira vez possível uma liberdade sexual "natural". Assim chegaremos à:

4) *Liberdade para todas as mulheres e crianças usarem a sua sexualidade como quiserem.* Não haverá mais nenhuma razão para não ser assim. (Razões passadas: a sexualidade plena ameaçava a continuidade da reprodução necessária para a sobrevivência humana, e, assim, a sexualidade tinha que ser restringida, através da reli-

gião e de outras instituições culturais, a fins reprodutores, sendo todo o prazer sexual não-reprodutor considerado um desvio, ou coisa pior; a liberdade sexual das mulheres poderia colocar em dúvida a paternidade da criança, ameaçando assim o patrimônio; a sexualidade infantil tinha que ser reprimida porque constituía uma ameaça ao precário equilíbrio interno da família. Estas repressões sexuais cresceram em proporção ao grau de exageração cultural da família biológica.) Em nossa nova sociedade, a humanidade poderá finalmente voltar a sua sexualidade natural “polimorfamente perversa” — serão permitidas e satisfeitas todas as formas de sexualidade. A mente plenamente sexuada, realizada no passado apenas em alguns indivíduos (sobreviventes), tornar-se-ia universal. A realização cultural, feita artificialmente, não seria mais a única via para a auto-realização sexual. Nós poderíamos nos realizar plenamente então, simplesmente no processo de ser e agir.

2. Medos e Considerações

Estes imperativos categóricos devem constituir a base de um programa feminista radical ainda mais específico. Mas nossas exigências revolucionárias provavelmente vão dar com alguma coisa, desde uma leve oposição (“utópico... irreal... afetado... muito distante no futuro... impossível... bem, isso pode ser uma droga, mas vocês não conseguiram nada melhor...”) até a histeria (“desumano... antinatural... doentio... corrompido... comunista... 1984... o quê? a maternidade criativa destruída por bebês em tubos de vidro, monstros feitos pelos cientistas?, etc.”) Vimos porém que essas reações negativas podem paradoxalmente significar o tanto que estamos atingindo o íntimo das pessoas. O feminismo revolucionário é o único programa radical que faz estourar imediatamente os estratos emocionais subjacentes à política “séria”, reintegrando assim o pessoal com o público,

o subjetivo com o objetivo, o emocional com o racional — o princípio feminino com o masculino.

Quais são os principais componentes desta resistência que está impedindo as pessoas de experimentarem alternativas para a família, e de onde vem essa resistência? Estamos todos familiarizados com os detalhes do Admirável Mundo Novo: frias organizações coletivistas, onde o individualismo é abolido, o sexo, reduzido a um ato mecânico, onde as crianças se tornam robôs, o Grande Irmão se intromete em todos os aspectos da vida privada, onde existem filas de bebês alimentados por máquinas impessoais, uma eugenia manipulada pelo Estado, o genocídio dos inválidos e dos retardados em benefício de uma super-raça criada por técnicos de avental branco, onde toda emoção é considerada fraqueza, o amor é destruído, e assim por diante. A família (que, apesar da opressividade do poder do estado, é no momento o último refúgio deste poder abusivo, um abrigo que supre o pouco de calor emocional, de privacidade e de conforto individual viáveis agora) será destruída, deixando o medo penetrar dentro de casa.

Paradoxalmente, uma das razões pelas quais o Pesadelo de 1984 ocorre tão freqüentemente é o fato de ele originar-se diretamente dos males de nossa cultura supremacista masculina atual, representando um exagero dela. Por exemplo, muitos de seus detalhes são tirados diretamente dos orfanatos e das instituições públicas, para crianças dirigidas pelo Estado.⁴ O Pesadelo é o resultado

4. Embora seja verdade que as crianças dos orfanatos não recebem sequer o calor e a atenção que os pais dão ao filho, com resultados danificantes — os testes revelaram que o QI das crianças em instituições era mais baixo, o desajustamento emocional era maior, e até, como no famoso experimento com macacos desprovidos de cuidado maternal, o funcionamento sexual é danificado ou destruído — aqueles que citam estas estatísticas tão triunfantemente só para desmerecer as alternativas radicais, não reconhecem que o orfanato é uma consequência daquilo que nós estamos tentando corrigir.

O orfanato é o subterrâneo da família, assim como a prostituição é o produto direto da instituição do casamento patriarcal.

direto da tentativa de imaginar uma sociedade na qual as mulheres tornaram-se iguais aos homens, aleijadas de modos idênticos, destruindo-se assim um equilíbrio delicado de interdependências.

Contudo, estamos sugerindo o oposto; em vez de concentrar o princípio feminino num refúgio "privado", no qual os homens, como patos, periodicamente "mergulham na água" para descansar, em vez disso queremos reespalhá-lo — criando pela primeira vez a sociedade de baixo para cima. O difícil triunfo do homem sobre a natureza tornou possível restaurar o verdadeiramente natural: ele poderia invalidar as maldições de Adão e de Eva, e restabelecer o Jardim do Eden na Terra. Mas, em seu longo afã, a imaginação lhe foi sufocada: ele teme um aumento de sua lida com a incorporação da maldição de Eva à sua própria maldição.

No mesmo sentido em que a prostituição complementa o casamento, o orfanato é o mal complementar necessário de uma sociedade na qual a maioria das crianças vive sob um sistema de patronato, de pais genéticos. De um lado, porque as mulheres vivem sob o patronato, as mulheres desamparadas pagam um preço especial; do outro lado, porque as crianças são possessões de indivíduos específicos, em vez de serem membros livres da sociedade, as crianças desamparadas sofrem.

Os órfãos são essas crianças infortunadas que não têm pais numa sociedade que dita que todas as crianças *precisam* ter pais para sobreviver. Quando todos os adultos são monopolizados pelos seus filhos genéticos, não sobra ninguém para cuidar dos desamparados. Contudo, se *ninguém* tivesse relações exclusivistas com as crianças, então *todas* estariam livres para *todas* as crianças. O interesse natural pelas crianças se espalharia por todas as crianças, em vez de se concentrar estreitamente na própria criança de cada um.

Os males deste sistema de orfanato, a existência-tipo-quartel, a impessoalidade, o anonimato surgem porque estas instituições são *depósitos* para os rejeitados num sistema familiar exclusivista; ao passo que nós queremos espalhar as emoções familiares por toda a sociedade. Assim, as instituições para crianças e suas conseqüências estão entre os passos mais distantes nas alternativas revolucionárias porque elas violam quase que todos os nossos postulados essenciais: a integração das crianças numa sociedade total, e a concessão de plena liberdade econômica e sexual.

Mas existe uma razão mais concreta pela qual essa imagem subliminar de horror funciona no sentido de destruir as sérias considerações do feminismo: o malogro das experiências sociais do passado. Os experimentos radicais, quando aconteceu de solucionarem os problemas totalmente, criaram uma série de problemas inteiramente novos — e não necessariamente melhorada — em seu lugar. Lancemos um breve olhar sobre alguns destes experimentos radicais, a fim de determinar as causas de seu fracasso — porque eu acredito que o fiasco não foi de modo algum surpreendente, dados os postulados originais do experimento, e seu contexto social específico. Podemos depois usar essa informação como uma pauta negativa nova e valiosa, que nos instrua sobre o que mais deve ser evitado em nosso próprio programa.

O mais importante malogro de todas as experiências sociais modernas foi o das comunas russas. (O fracasso da Revolução Russa é, em geral, um espinho na vida de todo partido radical; mas raramente é observada a relação direta entre a sua frustração e a das comunas.) Isto levou, ironicamente, à suposição de existência de uma conexão causal entre a abolição da família e o desenvolvimento de um estado totalitário. Nessa visão, a reinstalação do sistema da família nuclear, feita posteriormente pela Rússia, é vista como uma tentativa desesperada de recuperar os valores humanistas — a privacidade, o individualismo, o amor, etc., naquela altura em rápido desaparecimento.

Mas trata-se do oposto: *O fracasso da Revolução Russa se atribui diretamente à derrota de suas tentativas para eliminar a família e a repressão sexual.* Este fracasso, por sua vez, como vimos, foi causado pelas limitações de uma análise revolucionária de óptica masculina, fundamentada exclusivamente em classes econômicas, que não considerou em nenhum momento a família na sua função de unidade econômica. *Além disso, todas as revoluções sociais até esta data malograram ou malograrão precisamente por estas razões.* Qualquer liberação inicial, sob o socialismo atual, deverá sempre reverter à repressão, porque a estrutura da família é a *fonte* da

opressão psicológica, econômica e política. As tentativas socialistas de suavizar a estrutura de poder dentro da família, através da incorporação das mulheres na força de trabalho ou no exército, não passam de reformistas. Assim, não é uma surpresa o fato de o socialismo, como ele é hoje constituído nas várias partes do mundo, não só não representar nenhuma melhoria em relação ao capitalismo, como ser freqüentemente pior do que ele.

Assim se desenvolve um componente importante da imagem do Pesadelo: a destruição da família, o último refúgio da intimidade, do conforto, da privacidade, do individualismo, etc., e a intrusão total da economia da superestrutura em todos os aspectos da vida, a convocação das mulheres para um mundo masculino, em vez da eliminação total das distinções de classes sexuais. Pelo fato de nenhuma medida ter sido tomada para restabelecer o elemento feminino no mundo exterior, para incorporar o "privado" no "público", e ainda porque o princípio feminino foi menosprezado ou eliminado, em vez de ser difundido de modo a humanizar a sociedade, o resultado foi um horror.

Wilhelm Reich, em seu livro *A Revolução Sexual*, sintetizou as razões objetivas específicas do fracasso das comunas russas, numa das melhores análises já feitas até hoje:

1) Confusão dentro da liderança e evasão do problema.

2) A árdua tarefa de reconstrução geral, dados o atraso cultural da Velha Rússia, a guerra e a fome coletiva.

3) Falta de Teoria. A Revolução Russa foi a primeira de seu gênero. Nenhuma tentativa foi feita para lidar com os problemas emocionais-sexuais-familiares existentes na formulação da teoria revolucionária fundamental. (Ou, nos nossos termos, houve falta de um "aumento de consciência" relativo à opressão das mulheres/crianças e falta de uma análise feminista radical, antes da própria revolução.)

4) A estrutura psicológica sexual-negativa do indivíduo, criada e reforçada através de toda a História pela

família, impediu a liberação do indivíduo dessa mesma estrutura. Como propõe Reich:

"Deve ser lembrado que os seres humanos têm um medo enorme daquele gênero de vida por que eles tanto anseiam, mas que diverge de sua própria estrutura."

5) As complexidades concretas e explosivas da sexualidade.

No quadro que Reich descreve da época, sentimos a imensa frustração das pessoas tentando se libertar, mas não dispondo de uma ideologia bem-estruturada para orientá-las. No fim das contas, o fato de terem tentado tanto sem haver um preparo adequado tornou seu fracasso ainda maior. *Destruir o equilíbrio da polarização sexual sem eliminá-lo totalmente foi pior do que não fazer absolutamente nada.*

Um outro sistema comunitário experimental, muito elogiado, é o *kibbutz* em Israel. Aqui, contudo, não existe um fracasso total. Geralmente se diz que as crianças do *kibbutz* carecem de individualismo, que existe um "grupismo" na sua psicologia, que é o preço da eliminação da família ("E se você quiser pagar o preço, bem...") Nesse caso eu prefiro falar da minha própria experiência, embora haja vários livros sobre a matéria. Esta é a minha impressão da vida no *kibbutz*:

A divisão do trabalho é tão pronunciada quanto sempre foi (uma mulher explicou-me que dirigir um trator é capaz de arruinar a natureza feminina). As moças estrangeiras são as únicas que ainda discutem porque as mulheres não estão no campo, e sim confinadas à cozinha, à lavanderia, à sala de costura, ou, na melhor das hipóteses, ao galinheiro.⁵ As crianças identificam-se in-

5. Durante curta estada, observei o seguinte: Uma amiga minha americana, embora fosse uma enfermeira registrada, não poderia, apesar de uma disputa infundável, conseguir um emprego na enfermagem — porque todas as mulheres eram necessárias na cozinha. Um emprego numa loja de sandálias foi dado a um rapaz inexperiente, preferido a uma moça especializada em artesanato.

tenosamente com seus pais genéticos (ouvem-se repetidamente as palavras “Emma Sheli”, “Abba Sheli”, “Minha mãe”, “Meu pai”, no mesmo tom em que toda criança em todo quarteirão dos EUA diz: “Se você não fizer isso eu vou falar com meu pai”, ou “Minha mãe vai te bater”). Os laços familiares permanecem fortes, ainda que suas piores conseqüências sejam evitadas.

Acima de tudo, as crianças ainda são segregadas, tendo até facilidades, fazendas, horários de refeição e atividades especiais. O conceito de infância permanece, incluindo as atividades próprias a ela. O ensino segue o modelo europeu, ainda que alguns de seus piores aspectos, como a graduação, tenham sido eliminados. As salas de aula se mantêm, na proporção de um adulto para vinte crianças, sendo ainda o seu objetivo final a aprovação do adulto, em vez da aprendizagem em si mesma.

Os modelos de papel sexual são adotados vigorosamente, a segregação sexual não foi eliminada (há banheiros diferentes para homens e mulheres) e a homo ou a bissexualidade são tão desconhecidas que, quando eu trouxe o assunto à baila, várias mulheres saíram da sala em sinal de protesto. Apesar dos rumores em contrário, o *kibbutz* é cada vez mais conservador em relação ao sexo (é embaraçante para uma mulher solteira pedir pílulas anticoncepcionais, e as doenças venéreas são consideradas uma vergonha), e qualquer união que não seja a união a-longo-prazo com um parceiro aprovado socialmente é vista com maus olhos. A sexualidade no *kibbutz* continua sendo estruturada de modo convencional, pouco diferente da sexualidade da sociedade em geral. O tabu do incesto e suas conseqüências simplesmente foram estendidos da família ao grupo que a substitui.

Na verdade, o *kibbutz* não representa uma experiência radical, mas um comunismo limitado, instituído para fins agrícolas específicos ulteriores. O *kibbutz* não é nada mais do que uma comunidade de pioneiros da lavoura, forçados a sacrificar temporariamente as estruturas sociais tradicionais para se adaptarem a um conjunto de condições específicas nacionais. Se e quando estas condições mudarem, o *kibbutz* voltará ao “normal”.

Por exemplo: no *kibbutz* de extrema esquerda em que eu fiquei, as mulheres preocupavam-se em exigir cozinhas particulares adicionais à da comunidade, que servia refeições seis vezes ao dia. Elas ainda estavam confiadas ao papel da Esposa Perfeita, mas não dispunham das condições apropriadas para desempenhá-lo. Seu interesse pelas roupas, moda, maquilagem, charme, não muito fácil de saciar, parecia e na verdade era a aspiração da moça da roça pelos vícios da cidade grande — tanto mais intensa na fantasia porque difícil de se realizar na prática. Atravessando a seção residencial do *kibbutz*, ao início do entardecer, eu poderia sem nenhum esforço imaginar que estava caminhando por um subúrbio tranqüilo ou por uma cidadezinha dos EUA. As casas padronizadas são cuidadas com a atenção das propriedades privadas de qualquer pequeno burguês, com a mesma decoração zelosa dos apartamentos. (O retorno à propriedade me foi justificado como sendo “apenas realista”. Anteriormente os membros do *kibbutz* tinham repartido entre si até as próprias roupas, mas logo ficaram saturados.) A propriedade ainda é uma importante extensão do *self* — porque as crianças ainda são uma propriedade. A fila dos Pequeninhos seguindo a Super-Mãe num passeio fora da Casa das Crianças é igual a todos os jardins-de-infância de todo o mundo. As crianças ainda continuam oprimidas.

É extraordinário que, apesar da falta de radicalismo da experiência do *kibbutz*, ela tenha funcionado tão bem. Os resultados proporcionais ainda que de um enfraquecimento apenas da divisão do trabalho, da mentalidade de propriedade, da família nuclear, da repressão sexual, etc. são espetaculares. Minha impressão foi de que as crianças eram física, mental e emocionalmente mais saudáveis do que as crianças que viviam na estrutura familiar americana; que não eram mais amistosas e generosas, com uma grande curiosidade pelo mundo exterior; que seus pais não eram tão nervosos e briguentos, conseqüentemente capazes de manter melhores relações com elas; e que sua

criatividade e individualidade eram incentivadas tanto quando era possível de serem custeadas pela comunidade.⁶

Uma outra experiência, limitada porém mais elogiada do que esta, que produziu bons resultados de um modo desproporcionado, é Summerhill, de A. S. Neill. No famoso livro sobre sua pequena escola experimental ao norte da Inglaterra, intitulado *Summerhill: A Radical Approach to Childrearing* (um livro obrigatório na estante de todo pai liberal digno, radical, boêmio, e/ou universitário), ele descreve a transição das crianças normais para crianças “livres” que se autodirigem. Mas Summerhill não é um enfoque “radical” sobre a educação das crianças — é um enfoque liberal. Neill, uma espécie de diretor de escola benevolente e honesto, em vez de um verdadeiro inovador social,⁷ construiu um pequeno refúgio para aquelas vítimas de nosso sistema atual, cujos pais tinham o dinheiro e a visão liberal necessários para mandá-las para lá. Dentro deste abrigo, as crianças são poupadas dos efeitos mais prejudiciais do autoritarismo existente na estrutura familiar. Há uma aparência de igualdade entre as crianças e os que dirigem o lugar (o voto de Neill conta como sendo somente um, embora eu imagine que numa crise real a decisão não seja determinada por voto. Em todo caso, as crianças sempre sabem quem é o chefe, por mais benevolente que ele seja), e a educação obrigatória é abrandada; embora as crianças aprendam somente quando querem, a estrutura das aulas, ainda que mais flexível, permanece inalterada. Apesar da masturbação não ser vista com maus olhos, certamente as relações sexuais não são incentivadas (afinal, observa Neill, com muita propriedade, “eles” fechariam

6. Num *kibbutz* encontrei um rapaz de dezessete anos que tinha construído seu próprio ateliê de artista, onde ele ia com seus amigos pintar regularmente. Isto foi feito, tipicamente, como o seu projeto inteiro.

7. Neill fala de si mesmo: “Embora escreva e diga o que penso da sociedade, se eu tentasse reformar a sociedade *pela ação* a sociedade me mataria como sendo uma ameaça pública... [Acredito] que meu trabalho primordial não é a reforma da sociedade, mas levar felicidade para algumas poucas crianças.”

a escola). E o que é pior: os papéis sexuais não começaram a ser eliminados,⁸ o que estaria um pouco além dos objetivos desta experiência, visto que as crianças já estão psicosssexualmente formadas pela família na época em que entram na escola, aos cinco anos de idade ou mais. Em todos os aspectos — psicológico, sexual, educacional — temos então apenas um abrandamento de alguns dos mais severos aspectos do sistema.

O problema não foi atacado em suas raízes. Legalmente, as crianças ainda estão sob a jurisdição dos pais, que podem fazer delas o que quiserem. (E as crianças não podem encomendar pelo correio pais do tipo dos que as enviarão para Summerhill.) Neill queixa-se continuamente dos pais, que podem desfazer todo o seu trabalho nas férias, ou arrastar os filhos para fora da escola, no momento em que os piores efeitos da vitimação tiverem desaparecido. Ele tem medo do poder deles sobre si mesmo. Afinal, ele está às suas ordens: se não

8. Neill comenta sobre a volta às divisões de papéis sexuais com um pouco de frustração, mas com uma aceitação geral. Na verdade, ele e sua esposa Ena agem dentro dos papéis de modelos benevolentes, embora talvez para uma família maior. Eis Neill falando sobre o assunto: “Num dia bom pode ser que você não veja os meninos “*gangsters*” [?] de Summerhill. Eles estão em cantos distantes nas suas *aventuras*. Mas você verá as meninas. Elas estarão dentro ou perto de casa, e nunca muito longe dos *mais velhos*.”

Você geralmente encontrará a Sala de Artes cheia de meninas pintando e fazendo coisas em tecidos. Contudo, principalmente eu creio que os meninos menores são mais criativos; pelo menos eu nunca ouvi um menino dizer que está aborrecido porque não sabe o que fazer, enquanto que de vez em quando eu ouço as meninas dizerem isso.

Talvez eu ache os meninos mais criativos do que as meninas porque a escola deve estar melhor equipada para os meninos do que para as meninas. As meninas de dez ou mais anos têm pouca utilidade para uma sala de ferro e madeira... Elas têm seus trabalhos de arte, que incluem cerâmica, cortar moldes de linóleo, pintura, costura, mas para algumas isto não é suficiente.

As meninas tomam parte menos ativa nas reuniões da escola do que os meninos, e não encontro qualquer explicação para o fato.” (Grifos da autora)

estão satisfeitos com O Produto, os “eles” obscuros ainda têm a palavra final. Mesmo quando acontece serem os pais seguidores devotos da filosofia de Summerhill,⁹ eles incomodam com as suas constantes visitas e perguntas. As crianças têm que se acostumar a viver num zoológico, entre os dois, os visitantes admirados e os investigadores cheios de dúvidas (incluindo todo um exército de investigadores oficiais), o que constitui uma mudança ínfima em seu *status* habitual de objeto.

E como poderia deixar de ser assim? Summerhill é um refúgio isolado, onde as crianças estão ainda mais — e não menos — segregadas dos adultos e até da vida da cidade. E a escola depende totalmente, até para existir, da boa vontade dos pais legais e dos doadores liberais. Ela não passa de uma comunidade auto-suficiente com uma economia própria e, conseqüentemente, está propensa a se tornar um acampamento que funciona durante o ano todo para atender a crianças-problema, cujos pais foram arrastados para o liberalismo como um último recurso. Pelo fato de as crianças serem muito mais numerosas do que os adultos, e constituírem a razão central da existência de todo o projeto, seus desejos e opiniões são observados e “respeitados” mais do que na maioria dos outros lugares no mundo, mas trata-se de um respeito artificial, sem bases numa verdadeira integração em uma comunidade legítima.

9. Se a experiência escolar isolada de Summerhill funciona num grau “limitado”, a “casa” Summerhill falha gritantemente. Não há nada mais triste do que o espetáculo dos pais tentando iniciar sua versão particular própria de Summerhill na sua vida familiar, nunca compreendendo a profunda contradição entre a família nuclear e a verdadeira liberdade da criança. Eu estive em casas em que as mães restringiam-se a implorar aos filhos para pararem de bater nas visitas (eu) — elas não se atreviam a usar o poder que o filho, pelo menos, *sabia* que estava lá e de fato estava provocando. Há outras famílias em que as crianças são arrastadas periodicamente para conselhos de família; e assim por diante. Mas no entanto, apesar de todas estas medidas progressivas, as crianças instintivamente sabem — e agem a partir desse conhecimento — que quaisquer decisões serão baseadas em realidades práticas, *que os pais controlam*.

E se, só com essas reformas superficiais, as crianças já mostram um comportamento notavelmente aperfeiçoado, sendo substituídas a sua agressão, repressão e hostilidade pela cortesia autêntica, pela liberalidade psicológica e pela honestidade, imagine-se então o que poderíamos esperar sob condições verdadeiramente revolucionárias.

Um estudo detalhado destas e de outras experiências, feito a partir de um ponto de vista feminista radical constituiria uma contribuição valiosa para a teoria feminista. Fomos breves por necessidade. Discutimos algumas das mais importantes experiências sociais modernas, em primeiro lugar para mostrar que elas não preenchem as quatro condições mínimas apresentadas por nós para uma revolução feminista.

Sintetizemos as causas do fracasso:

1) Os laços especiais das mulheres com a reprodução biológica e a educação das crianças, que levam a uma divisão desigual do trabalho, ao estabelecimento de classes baseadas no sexo, à psicologia do poder e a outros males, nunca foram rompidos. Os papéis femininos foram ampliados, em vez de redefinidos. As mulheres podem ter sido (parcialmente) integradas na economia masculina da superestrutura, e isto geralmente só para preencher uma necessidade de trabalho específica e usualmente transitória, mas nunca o papel feminino foi difundido pela sociedade como um todo. Assim, as mulheres conservaram seus antigos papéis e, em alguns casos, meramente acrescentaram um papel novo a estes.

2) Em alguns casos, como em Summerhill, a experiência dependia da economia — e da boa vontade — de uma comunidade (repressiva) mais ampla, e conseqüentemente era parasitária, e de fundamentos fracos. Contudo, naquelas comunidades que tinham o socialismo na base de sua experiência o problema não foi tanto este. As crianças das comunas e do *kibbutz* sentem-se tão dependentes da comunidade em geral quanto de qualquer pessoa específica. Frequentemente elas participam até do trabalho produtivo. Essas experiências só são ainda falhas na divisão do trabalho, e isto, sabemos, deriva de outras razões.

3) A contínua segregação das crianças e uma falta de reestruturação radical da escola ou de dar um fim nela. Os métodos de segregação têm variado, desde o extremo dos orfanatos do tipo quartel, até a sua versão mais liberal, o acampamento isolado de um Summerhill, ou de uma *Beit Yeladim*, a Casa das Crianças do *kibbutz*. Mas, apesar de seu impacto destrutivo poder ter sido amortecido, em nenhuma circunstância foi discutido o conceito de infância, ou foi abandonado completamente o aparato da infância (a escola moderna, as roupas especiais para crianças, etc.).

4) A repressão sexual continuou a atuar, em parte por causa do fracasso em cortar as conexões especiais existentes entre as mulheres e as crianças, e em parte porque os pioneiros não foram capazes de superar suas próprias estruturas "sexuais negativas".¹⁰

5) Não houve o desenvolvimento de uma consciência e de uma análise feminista, anteriores ao início da experiência. O melhor exemplo dessa deficiência são nossas experiências comunitárias americanas, feitas atualmente, que meramente expandem a estrutura da família de modo a incluir um maior número de pessoas. A divisão do trabalho permanece atuando, porque não foi questionado o papel da mulher junto ao berço (da criança) ou junto à cozinha, nem o papel do homem como provisor. E, uma vez que a relação "mãe/filho" permanece intacta, não é de surpreender que, quando acontece uma comuna se dissolver, desapareçam todos os "padrinhos", bem como o próprio pai genético, deixando a mãe engasgada — sem sequer a proteção de um casamento normal.

Assim, nunca houve um exemplo verdadeiro de uma associação ampla de mulheres e crianças na sociedade

10. Reich discute a incapacidade russa de lidar com os primeiros sinais de uma sexualidade livre infantil. O sexo na criança foi interpretado em termos puritanos como o sinal de uma decadência moral, em vez de como o primeiro estágio da volta a uma sexualidade natural.

em geral. A experiência social moderna, semelhante ao estágio matriarcal da história humana, significa apenas um afrouxamento relativo dentro do movimento mais amplo em direção à consolidação da supremacia masculina através da História. Ela nunca alterou a condição fundamental de opressão sexual. Alguns benefícios que reverteram para as mulheres e as crianças foram incidentais diante dos outros objetivos sociais — que, eles próprios, foram dificultados pelo vasto e irreconhecível substrato da opressão sexual. Porque sua ideologia não estava fundada nas quatro mínimas premissas feministas afirmadas anteriormente, estas experiências nunca chegaram a realizar sequer os objetivos democráticos mais limitados que seus teóricos (homens) e líderes haviam predito. Contudo, seu êxito dentro de esferas limitadas mostra que a unidade da família biológica é receptiva à mudança. Mas teremos que controlar totalmente as suas instituições para que a opressão seja eliminada completamente.

Contudo — para ser justa — só recentemente, nos países industriais mais adiantados é que começaram a existir aquelas condições autênticas, necessárias para uma revolução feminista. Pela primeira vez está sendo possível atacar a família, não só em bases morais — por ela reforçar as classes sexuais baseadas na biologia, colocando os homens, que são posteriormente divididos entre si em função da raça e do privilégio de classe, numa posição acima das mulheres de todas as idades e da infância masculina — mas também em bases funcionais: a família não é mais necessária ou útil como unidade social básica da reprodução e da produção. Não existe mais uma necessidade de reprodução universal, ainda que o desenvolvimento da reprodução artificial não venha logo substituir a própria reprodução biológica em questão. A cibernetização, ao alterar não só a relação do homem com o trabalho, mas também a sua necessidade de trabalho, finalmente arrancará qualquer valor prático remanescente na divisão do trabalho, que está na origem da família.

3. A Morte Lenta da Família

A crescente erosão das funções da família, gerada pela tecnologia moderna, poderia já ter produzido agora alguns sinais de seu enfraquecimento. Contudo, a situação não é absolutamente esta. Embora a instituição seja arcaica, foram importados, para escorá-la, alguns reforços culturais artificiais: sermões sentimentais, manuais de liderança, colunas diárias em jornais e revistas, cursos especiais, serviços e instituições para casais (profissionais), pais e educadores infantis, nostalgia, advertências às pessoas que questionam a família ou que a abandonam, e, finalmente, uma reação verdadeira, incluindo uma perseguição implacável aos inconformistas, no caso de o número de deserções se tornar uma ameaça séria à família. Isto só não aconteceu ainda porque não foi realmente necessário.

O casamento encontra-se na mesma situação da Igreja. Ambos, do ponto de vista funcional, estão virando cadáveres, por mais que seus pregadores andem por aí anunciando um renascimento, angariando avidamente conversões num dia de pavor. E, exatamente como se declarou a morte de Deus muitas vezes, e ele sempre encontra este modo furtivo de ressurgir, assim também todo mundo desmascara o casamento, mas acaba se casando.¹¹

O que é que mantém o casamento de pé? Chamei a atenção para alguns dos baluartes culturais do casamento no século XX. Vimos como a tradição romântica do amor não-conjugal, o hetairismo que foi um auxiliar indispensável na manutenção do casamento monogâmico, foi propositalmente confundida com esta instituição mais

11. Noventa e cinco por cento das mulheres americanas ainda se casam e noventa por cento têm filhos, na maioria das vezes mais de dois. As famílias com crianças em número médio (dois a quatro) são tão predominantes como sempre, o que não é mais atribuível ao surto de bebês do pós-guerra.

pragmática do que qualquer outra, tornando-a mais atraente — e conseqüentemente impedindo os indivíduos de experimentarem outras formas sociais que poderiam satisfazer suas necessidades emocionais de um modo igual ou melhor do que este.

Sob uma pressão crescente, minadas as bases pragmáticas da instituição do casamento, os papéis sexuais afrouxaram a um tal ponto, que teria causado vergonha a qualquer vitoriano. *Ele* não sofria dúvidas torturantes em relação ao seu papel, nem em relação à função e ao valor do casamento. Para ele, o casamento era simplesmente um acordo econômico em seu próprio benefício, que poderia satisfazer mais facilmente as necessidades físicas e reproduzir seus herdeiros. A esposa também estava certa de seus deveres e recompensas: devia a ele, durante toda a vida, a propriedade de si mesma e de todos os seus serviços sexuais, psicológicos e domésticos, em troca de apoio e proteção a longo prazo de um membro da classe dominante, e por sua vez ele lhe devia um controle limitado sobre um lar e sobre os filhos dela até eles atingirem uma certa idade. Hoje em dia, este contrato baseado em papéis separados foi tão dissimulado pelo sentimentalismo que se tornou completamente irreconhecível para milhões de recém-casados, e até para a maioria dos casais mais antigos.

Mas, este enfraquecimento do contrato econômico e a conseqüente confusão dos papéis sexuais não aliviou a opressão da mulher num grau significativo. Em muitos casos, ele apenas a colocou numa posição mais vulnerável ainda. Com o acordo de casamento tratado pelos pais quase abolido, uma mulher, considerada ainda parte de uma subclasse, deve, hoje, jogar um jogo desesperado para ganhar o apoio e a proteção indispensáveis de um homem, perseguindo até pegar machos entendiados, que aparentam contudo serenidade. E mesmo uma vez casada, qualquer sobreposição de papéis geralmente acontece do lado da mulher e não do marido. A cláusula “trate com carinho e proteja” é a primeira coisa a ser esquecida — ao passo que a esposa ganhou o privilégio de ir trabalhar para “ajudar”, e até o de obrigar o marido a

ir à escola. Mais do que nunca ela arca com o impacto do casamento, não só no plano emocional, mas também em todos os seus aspectos mais práticos. Ela simplesmente somou o trabalho dele ao dela.

Um segundo suporte cultural dessa instituição obsoleta é a privatização da experiência do matrimônio. Cada cônjuge inicia o matrimônio convencido de que aquilo que aconteceu com seus pais, de que aquilo que aconteceu com seus amigos não poderá nunca acontecer com ele. Embora o Naufrágio do Casamento tenha-se tornado um *hobby* nacional, uma obsessão universal — como é testemunhado pela proliferação de manuais para o casamento e o divórcio, pela indústria de revistas femininas, por uma classe afluyente de consultores matrimoniais, pelos repertórios completos de piadas do gênero “Ball-and-Chain”*, e pelos produtos culturais tais como a novela de rádio, o gênero casamento-e-família da TV, p.ex., *I Love Lucy* ou *Papai Sabe-Tudo*, os filmes e peças de teatro como *Faces*, de Cassavetes, e *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?* — ainda encontramos em todo lugar um sinal desafiante de otimismo do gênero “Nós somos diferentes”, que cita habitualmente o único caso de um bom casamento (mesmo que exemplar externamente) na comunidade para provar que *isto* é possível.

O processo de privatização é caracterizado por observações do tipo “Bem, eu sabia que daria uma ótima mãe.” É inútil chamar a atenção para o fato de que *todo mundo* diz isso, que os pais ou amigos hoje repudiados como “maus” pais e “pobres” parceiros de casamento, todos começaram o casamento e a paternidade exatamente com o mesmo espírito. Afinal, será que alguém *escolhe* um casamento “ruim”? Será que alguém *escolhe* ser uma mãe “ruim”? E, mesmo que se tratasse de uma questão dos “bons” *versus* os “maus” cônjuges ou pais, sempre haveria tantos destes quanto daqueles. Sob o atual sistema de casamento e paternidade universal, o número de esposas e crianças que podem tirar a sorte boa só pode

* A expressão refere-se ao gênero clássico de piadas girando em torno da imagem da corrente presa a uma bola usada pelos presos. (N.T.)

ser exatamente o mesmo das de sorte má. Na verdade, todas as classificações de “bom” e “mau” estão fadadas a se reproduzirem em proporções idênticas.¹² Assim, o processo de privatização funciona no sentido de fazer que as pessoas continuem a culpar a si mesmas, em vez de culpar a instituição por este fracasso. Apesar da instituição revelar-se bastante insatisfatória e até podre, ela incita as pessoas a acreditar de algum modo que sua situação específica será diferente. As advertências podem não surtir nenhum efeito, porque não existe nenhuma lógica no por-quê as pessoas se casam. Todo mundo tem os próprios olhos, os próprios pais. Se alguém prefere bloquear qualquer evidência, é porque precisa disso. Num mundo descontrolado, as únicas instituições que lhe dão uma *ilusão* de controle, que parecem oferecer alguma segurança, proteção ou calor são as instituições “privadas”: a religião, o casamento/família, e, mais recentemente, a terapia psicanalítica. Mas, como vimos, a família não é nem privada, nem é um refúgio; está, sim, diretamente relacionada — sendo até a sua causa — aos males da sociedade em geral, males que o indivíduo não é mais capaz de enfrentar.

Mas os baluartes culturais que acabamos de examinar — a confusão do romance com o casamento, o enfraquecimento das suas funções econômicas e de seus papéis sexuais rígidos, o processo de privatização, a ilusão de controle e de refúgio, todos os quais exploram os medos do indivíduo moderno vivendo dentro de um meio

12. Mas o que realmente significa essa dicotomia do bom/mau? Talvez, afinal, ela seja apenas uma distinção eufemística de *classes*: sensíveis e educados, opostos aos ineducados, desprotegidos, esgotados e portanto indiferentes. Mas, embora mesmo uma criança nascida de pais educados e da classe alta seja mais feliz em todos os aspectos, e esteja capacitada a receber um bom número de privilégios em virtude de sua classe, de seu nome, e da propriedade, que ela está apta a herdar, a distribuição das crianças é igual em todas as classes — se de fato as crianças nascidas dos infortunados não excederem em número às outras — desse modo reproduzindo a proporção idêntica da desigualdade original.

ambiente cada vez mais hostil — não são ainda a resposta completa ao porquê a instituição do casamento continua a florescer. É pouco provável que esses pontos negativos pudessem manter sozinhos a unidade familiar como uma instituição vital. Também seria fácil demais atribuir a continuidade da estrutura familiar unicamente a um reflexo. Revendo o casamento em relação às nossas quatro exigências mínimas feministas, descobriremos, e eu temo isto, que ele preenche (a seu modo miserável) pelo menos uma parte dessas exigências de um modo pelo menos igual ou melhor do que o da maior parte das experiências sociais que discutimos.

1) A libertação das mulheres da tirania da reprodução e da função de educar as crianças mal é preenchida. Contudo, as mulheres freqüentemente têm atenuados os seus trabalhos mais pesados através da classe das empregadas — e, no casamento moderno, através da ginecologia moderna, do “planejamento familiar”, e da crescente atribuição à escola, às creches diurnas, e outras mais, da função de educação das crianças.

2) Apesar de geralmente não ser concedida a *independência* financeira às mulheres e às crianças, existe um substituto para ela: a *segurança* física.

3) As mulheres e as crianças, segregadas da sociedade como um todo, estão integradas dentro da unidade familiar, único lugar onde ocorre esta integração. O fato de a pequena interação existente entre os homens, as mulheres e as crianças estar concentrada numa única unidade social torna esta unidade tanto mais difícil de ser abandonada.

4) Apesar de a família ser a fonte da repressão sexual, ela garante ao casal um suprimento sexual estável, senão satisfatório, e supre os outros membros de relações “inibidas quanto ao alvo”, que, em muitos casos, serão as únicas relações a longo prazo que esses indivíduos terão.

Assim, estas são vantagens práticas do casamento, às quais as pessoas se apegam. Não se trata absolutamente de uma propaganda cultural. Numa escala de vantagens, o casamento — pelo menos na sua versão liberal

desesperada — funciona tanto quanto a maioria das alternativas experimentais tentadas até aqui, e que, como vimos, também preencheram algumas das exigências e não outras, ou preencheram todas elas apenas parcialmente. E o casamento tem somada a vantagem de ser uma quantidade conhecida.

E contudo o casamento, por sua própria definição, nunca será capaz de preencher as necessidades de seus participantes, porque ele se organizou em torno de uma condição biológica fundamentalmente opressiva, que ele reforça, e que somente agora saberíamos corrigir. Enquanto houver a instituição, subsistirão condições opressivas nas quais ela se baseia. Precisamos começar a falar de novas alternativas que satisfaçam, melhor que o casamento, as necessidades emocionais e psicológicas que ele, arcaico como é, ainda satisfaz. Mas qualquer proposta em nossa escala feminista deve ser pelo menos melhor que a do casamento, senão, apesar de todas as advertências, as pessoas continuarão presas a ele — na esperança de que ao menos essa vez, exatamente com elas, o casamento dará certo.

4. Alternativas

A armadilha clássica para apanhar qualquer revolucionário é sempre a mesma: “Qual a alternativa que você apresenta?” Mas mesmo que você *pudesse* oferecer um plano ao interrogador, isto não significa que ele o usaria. Na maioria dos casos ele não é sincero quando demonstra querer saber. Na verdade, este é um ataque comum, uma técnica para desviar a ira revolucionária e voltá-la contra si mesma. Além do mais, os oprimidos não têm o dever de convencer todas as pessoas. Tudo o que eles precisam saber é que o sistema atual os está oprimindo.

Mas, apesar de ser necessário que qualquer direção específica surja organicamente da própria ação revolucionária, eu ainda me sinto tentada a lançar aqui algumas

propostas concretas “perigosamente utópicas” — não só em solidariedade aos meus próprios dias pré-radicais, quando a Linha Não-Responsável-Pelos-Projetos me deixou perplexa, mas também porque estou ciente dos perigos políticos decorrentes do fracasso peculiar da imaginação em criar alternativas para a família. Existem, como vimos, várias razões justificáveis para esse fracasso. Em primeiro lugar, não há precedentes de uma revolução feminista na História — certamente houve mulheres revolucionárias, mas foram usadas pelos homens revolucionários, que raramente sequer faziam protestos pela igualdade das mulheres, muito menos por uma reestruturação radical feminista da sociedade. Além do mais, não nos foi dada sequer uma imagem literária dessa sociedade futura; não existe nem mesmo uma literatura feminista *utópica*. Em terceiro lugar, a natureza da unidade é tal que ela penetra no indivíduo num nível mais profundo do que qualquer outra organização social nossa: ela literalmente o toca “no ponto certo”. Mostrei como a família molda a psique do indivíduo de acordo com sua estrutura — até que finalmente ele a imagina absoluta, soando-lhe a referência a qualquer outra alternativa como uma perversão. Finalmente, a maioria das alternativas insinua uma perda até do pouco calor emocional proporcionado pela família, colocando o indivíduo em pânico. Contudo, o modelo que eu vou traçar agora está sujeito às limitações de qualquer plano disposto num papel por um único indivíduo. Mantenham em mente que estas não pretendem ser respostas finais, que na verdade o leitor provavelmente poderá redigir um outro plano que atenda tanto ou melhor do que o meu aos quatro imperativos estruturais expostos anteriormente. As propostas que se seguem são portanto um esboço, que pretende estimular o pensamento a operar em áreas arejadas, em vez de ditar a ação.

* * *

Qual seria a alternativa para 1984, se nos fosse possível realizar a tempo nossas próprias exigências?

A característica mais importante a ser mantida em qualquer revolução é a *flexibilidade*. Proporei, então, um programa de opções múltiplas, algumas transitórias, outras distantes no futuro, que existiriam simultaneamente, combinando-se umas às outras. Uma pessoa deve escolher um “estilo de vida” por um período de uma década, e preferir um outro estilo no período seguinte.

1) *Profissões de Solteiro* — Uma vida de solteiro, organizada em torno das exigências de uma escolha profissional, em que as necessidades sociais e emocionais do indivíduo sejam satisfeitas através da própria estrutura ocupacional particular dessa profissão, poderá constituir uma solução atraente para muitos indivíduos, especialmente no período de transição.

As profissões de solteiro praticamente desapareceram, apesar do incentivo à reprodução não ser mais uma preocupação socialmente válida. Os papéis antigos de solteiro, como a vida religiosa celibatária, os papéis cortesãos — de bufão, músico, mensageiro, cavaleiro e escudeiro real — os vaqueiros, marinheiros, bombeiros, choferes de caminhão, detetives, pilotos, tinham um prestígio todo próprio. Não havia nenhum estigma ligado ao fato de ser profissionalmente solteiro. Infelizmente, estes papéis raramente foram franqueados às mulheres. A maioria dos papéis femininos de solteiro (como tia solteirona, freira, ou cortesã) eram ainda determinados por sua natureza sexual.

Vários cientistas sociais estão hoje propondo como solução para o problema demográfico o incentivo de “estilos de vida anormais” que por definição implicam a não-fertilidade. Richard Meier sugere que as atraentes profissões de solteiro, previamente atribuídas somente aos homens, poderiam agora ser abertas às mulheres, como, por exemplo, a de “astronauta”. Observa que quando essas ocupações são entregues às mulheres, é porque elas estão baseadas nos atrativos sexuais de uma moça, e conseqüentemente não podem ser consideradas senão como estações intermediárias limitadas no caminho em direção a um melhor emprego ou ao casamento. E acrescenta, “tantas são as limitações impostas [ao trabalho das mu-

lheres fora de casa]... que chegamos a suspeitar da existência de uma conspiração, na qual está envolvida toda a cultura, no sentido de tornar o papel profissional tão desagradável que 90 por cento ou mais das mulheres preferirão os afazeres domésticos, por verem neles uma alternativa melhor". Através de uma ampliação de seja quais forem os papéis de solteiro ainda existentes em nossa cultura de modo a incluir as mulheres, através da criação de uma quantidade maior destes papéis, e de um programa de incentivos que torne estas profissões compensadoras, poderíamos, sem muito esforço, reduzir o número de pessoas interessadas pela paternidade ou pela maternidade.

2) "Morar Junto" — Inicialmente praticado exclusivamente entre os círculos boêmios ou intelectuais, e agora cada vez mais pela população em geral — especialmente pela juventude das metrópoles — "morar junto" está se tornando uma prática social comum. "Morar junto" é a forma social maleável na qual duas ou mais pessoas, de qualquer sexo, entram num acordo não-legalizado de convivência baseada no sexo e/ou companheirismo, e cuja duração varia conforme a dinâmica interna do relacionamento. O contrato é feito somente entre essas pessoas; a sociedade não interessa, já que nem a reprodução, nem a produção — dependência de uma parte sobre a outra — estão implicadas nele. Esta não-forma bastante flexível poderia ser expandida até se tornar a unidade padrão, que seria adotada pela maioria das pessoas, durante a maior parte de suas vidas.

Inicialmente, no período de transição, as relações sexuais seriam provavelmente monogâmicas (dessa vez no estilo feminino *single standard*),* mesmo que o casal decidisse viver com outras pessoas. Poderíamos até ter a continuação dos acordos de moradia entre grupos de caráter estritamente não-sexual ("companheiros de quarto"). Contudo, depois de várias gerações de um modo de vida não-em-família, nossas estruturas psicossexuais poderiam

* Expressão usada para indicar os direitos atribuídos socialmente às mulheres, em comparação aos direitos muito maiores atribuídos aos homens (*double standard*). (N.T.)

se transformar de um modo tão radical que o casal monogâmico, ou os relacionamentos "inibidos quanto ao alvo" se tornariam obsoletos. Só nos é possível tentar adivinhar que tipo de relação poderia substituir estas — talvez "grupos matrimoniais" verdadeiros, casamentos entre grupos transexuais que também envolveriam as crianças mais velhas? Não sabemos.

As duas opções que sugerimos até agora — as profissões de solteiro e o "morar junto" — já existem, mas somente fora do padrão geral de nossa sociedade, ou durante breves períodos na vida do indivíduo normal. Precisamos *ampliar* essas opções de modo a incluir nelas um número muito maior de pessoas e durante períodos maiores de suas vidas, e de modo a transferir para essa nova opção todos os incentivos culturais que sustentam o casamento atualmente — tornando finalmente estas alternativas tão comuns e aceitas quanto o casamento é hoje.

Mas, e as crianças? Não é verdade que todo mundo deseje ter filhos ao menos uma vez na vida? Não se pode negar que as pessoas hoje sintam um desejo autêntico de ter filhos. Mas não sabemos até que ponto isto é o produto de uma afeição autêntica pelas crianças, e até que ponto representa um deslocamento de outras necessidades. Vimos que as necessidades parentais só são possíveis de serem satisfeitas através do aleijamento do filho. A tentativa de criar uma extensão do ego através dos filhos — no caso do homem, significando a "imortalização" do nome, da propriedade, da classe, e da identificação étnica, e no caso da mulher, significando a maternidade como a razão de ser de sua existência, e a consequente tentativa de viver através do filho, de ter o filho-como-um-projeto — acaba prejudicando ou destruindo conforme seja o caso ou a criança, ou o pai, ou ambos no caso de nenhum deles vencer.

Talvez quando a paternidade for despida dessas outras funções seja descoberto um instinto verdadeiro de paternidade, até mesmo da parte dos homens, nada mais do que um simples desejo físico de associar-se aos novos. Mas se isso acontecer, nós não teremos perdido nada, já que uma das exigências básicas de nosso sistema alter-

nativo é a existência de alguma forma de interação íntima com as crianças. Se existe de fato um instinto de paternidade, ele poderá atuar até mais livremente, quando se desligar das responsabilidades práticas da paternidade, que a tornam hoje um inferno agonizante.

Mas, e se, ao contrário, descobrirmos que não existe afinal um instinto de paternidade? Talvez todo esse tempo a sociedade tenha persuadido os indivíduos a terem filhos, através do deslocamento para a paternidade de interesses do ego que não encontram uma saída adequada. Isto pode ter sido impossível de evitar no passado — mas talvez agora seja o momento de começarmos a satisfazer de um modo mais direto essas necessidades do ego. Enquanto a reprodução natural for ainda necessária, poderemos planejar incentivos culturais menos destrutivos. Mas é provável que, uma vez eliminados os investimentos do ego na paternidade, a reprodução artificial seja desenvolvida e amplamente aceita.

3) *Households** — Descreverei agora, em linhas gerais, um sistema que, acredito, satisfará quaisquer necessidades remanescentes de ter filhos, depois que os interesses do ego deixarem de fazer parte de nossas motivações. Suponhamos que uma pessoa ou um determinado casal deseje, a certa altura da vida, viver ao redor de crianças, numa unidade tipo família. Embora a reprodução não mais represente o objetivo vital do indivíduo normal — vimos como os estilos de vida não-reprodutivos adotados por uma pessoa solteira ou por um grupo podem ser ampliados de modo a se tornarem satisfatórios para muitas pessoas, seja durante toda a vida, ou apenas durante um bom período dela — algumas pessoas podem ainda preferir o grupo estilo-comunidade de duração permanente, e outras podem querer experimentá-lo durante algum momento de suas vidas, especialmente no começo da infância.

* Optei aqui por conservar o termo em inglês, porque as palavras que poderiam traduzi-lo, como lar e comunidade, já trazem em nossa língua uma carga cultural que alteraria o sentido do original. O termo se refere a um tipo de estrutura substitutivo à família, proposto pela autora. (N.T.)

Assim, em qualquer momento, uma parte da população desejará viver dentro de estruturas sociais reprodutivas. Analogamente, a sociedade em geral ainda necessitará da reprodução, embora menos do que antes, e mesmo que só para criar uma geração nova.

Esta proporção da população será automaticamente constituída por um grupo selecionado, com um mais alto grau de estabilidade, porque ela terá tido liberdade de escolha que hoje é, em geral, inviável. Hoje, aqueles que não se casam, ou que não têm filhos até uma certa idade são punidos por isto. Sentem-se sozinhos, excluídos e miseráveis, à margem de uma sociedade na qual todos além deles se encontram compartimentalizados em famílias baseadas na continuidade geracional, no chauvinismo e no exclusivismo, suas características principais. (Em Nova Iorque, o único lugar em que a vida de solteiro chega a ser apenas tolerável é Manhattan, e mesmo isso pode ser discutido.) A maioria das pessoas ainda é compelida ao casamento pela pressão da família, pelo “casamento-relâmpago”, pelas considerações econômicas, e por outras razões que nada têm a ver com a escolha de um estilo de vida. Contudo, em nossa nova unidade reprodutora de contrato limitado (ver adiante), onde a educação das crianças estará espalhada a ponto de ser praticamente eliminada, onde não haverá considerações econômicas, onde o ingresso de todos os membros participantes será feito com bases exclusivamente na preferência pessoal, nessa unidade desaparecerão as estruturas sociais reprodutoras “instáveis”.

A essa unidade devo chamar de *household*, em vez de família ampliada. A distinção é importante. A palavra *família* implica reprodução biológica e em algum grau de divisão do trabalho em função do sexo, consequentemente nas dependências tradicionais e nas relações de poder decorrentes, prorrogadas durante gerações. Embora o tamanho da família — nesse caso, o número maior da família “ampliada” — possa afetar a força dessa hierarquia, ele não altera sua definição estrutural. Contudo, o *household* significa apenas um vasto agrupamento de pessoas que vivem juntas por um tempo e numa série de

relações interpessoais não especificados. Como funcionaria um *household*?

Contrato Limitado. Se o *household* substituísse o casamento, talvez inicialmente ele seria legalizado do mesmo modo — se isto fosse absolutamente necessário. Um grupo de mais ou menos dez adultos de idades variadas¹³ poderia requerer uma licença de grupo, do mesmo modo que hoje um casal jovem requer uma licença para casar, talvez até se submetendo a alguma forma de cerimônia ritual, e então procedendo da mesma forma para montar casa. A licença do *household* valeria, contudo, somente por um período determinado, talvez de sete a dez anos, ou por qualquer que fosse o tempo decidido como sendo o tempo mínimo durante o qual as crianças necessitam de uma estrutura estável para crescer — mas provavelmente este período seria muito mais curto do que agora imaginamos. Se no fim deste período o grupo decidisse continuar junto, ele poderia sempre obter uma renovação do contrato. Contudo, nenhum indivíduo estaria comprometido a continuar depois deste período; talvez alguns membros da unidade pudessem sair, ou membros novos pudessem entrar. Ou então a unidade poderia debandar completamente.

Existem várias vantagens nos *households* a curto prazo, unidades composicionais estáveis, durando apenas por períodos de dez anos: o fim do chauvinismo da família, firmado durante gerações, e dos preconceitos passados de uma geração para outra; a inclusão de pessoas de todas as idades no processo de educação das crianças; a integração de grupos de várias idades numa única unidade social; a amplitude da personalidade decorrente da sua exposição frente a muitas, em vez de a (idiossincrasia de) poucas pessoas, e assim por diante.

Crianças. Uma percentagem regular de cada *household* — digamos um terço — seria constituída de crian-

ças. Mas não importa se, inicialmente, elas seriam os filhos genéticos criados pelos casais dentro do *household*, ou se, nalgum futuro — depois de algumas gerações de vida em *household* terem cortado as ligações especiais dos adultos com “seus” filhos — elas seriam produzidas artificialmente, ou seriam adotadas. A responsabilidade (mínima) pela dependência física inicial das crianças estaria igualmente distribuída entre todos os membros do *household*.

Mas, embora ele possa ser estruturalmente sólido, devemos nos dar conta de que enquanto usarmos métodos de parto natural, o *household* nunca poderá ser uma forma social totalmente liberadora. Uma mulher que suporta uma gravidez de nove meses provavelmente sentirá que o produto de todo aquele sofrimento e desconforto “pertence” a ela (“E pensar no que eu sofri para ter você!”) Mas precisamos destruir essa possessividade, junto com seus reforços culturais, de modo que nem um só filho seja favorecido *a priori* sobre outro, de modo que os filhos sejam amados pelo que eles são.

Mas, e se existir um instinto de gravidez? Eu duvido. Uma vez abandonadas as superestruturas culturais, pode ser que descubramos um instinto sexual, cujas conseqüências normais *levam* à gravidez. E talvez haja também um instinto de proteção às crianças, logo que elas venham. Mas, um instinto de gravidez em si seria supérfluo — poderia a natureza prever o controle da reprodução pelo homem? E se, quando tivessem sido abandonadas as falsas motivações da gravidez, as mulheres não quisessem mais “ter” filhos de modo algum? Isto não seria um desastre, dado que a reprodução artificialmente ainda não está aperfeiçoada? Mas as mulheres não têm uma obrigação especial de reproduzir a espécie. Se elas não quiserem mais reproduzir, então terão que ser desenvolvidos apressadamente métodos artificiais de reprodução, ou, ao menos, terão que ser fornecidas compensações satisfatórias — que não sejam investimentos destrutivos do ego — que valham a pena para a mulher.

Os adultos e as crianças mais velhas tomarão conta dos bebês enquanto eles necessitarem disso. Mas, já que

13. Uma vantagem adicional do *household* é que ele possibilita que as pessoas mais velhas, que já passaram dos seus anos de fertilidade, possam participar plenamente na paternidade quando o quiserem.

haverá muitos adultos e crianças mais velhas dividindo as responsabilidades — do mesmo modo que na família ampliada — nenhuma pessoa jamais ficará involuntariamente presa por isso.

As relações adulto/criança se desenvolverão exatamente como as melhores relações de hoje. Alguns adultos poderão preferir certas crianças a outras, assim como algumas crianças poderão preferir certos adultos a outros. Estas poderiam se tornar ligações para toda a vida, concordando os indivíduos envolvidos em permanecer juntos, talvez para formar algum tipo de unidade não-reprodutora. Assim, todas as relações seriam baseadas exclusivamente no amor, sem serem corrompidas por dependências objetivas, nem pelas conseqüentes desigualdades de classe. As relações duradouras entre pessoas de idades bastante diferentes se tornariam comuns.

Direitos Legais e Transferências. Com o enfraquecimento e o rompimento dos laços de parentesco, a hierarquia de poder da família seria destruída. A estrutura legal — enquanto ela fosse ainda necessária — refletiria essa democracia na raiz de nossa sociedade. As mulheres seriam iguais aos homens diante da Lei. As crianças não seriam mais “menores” sob a proteção dos pais — teriam plenos direitos. As desigualdades físicas que permanecessem poderiam ser compensadas legalmente. Por exemplo: se uma criança fosse espancada, talvez ela pudesse notificar isso a um tribunal especial e simplificado de *household*, onde poderia obter imediatamente compensações legais.

Outro direito especial concedido às crianças seria o direito de transferência imediata. Se a criança, por qualquer motivo, não gostasse do *household* onde tinha nascido de um modo tão arbitrário, poderia ser ajudada a se transferir dele. Por outro lado, um adulto — que tivesse vivido um pequeno período num *household* (sete a dez anos) — teria que apresentar suas alegações ao tribunal, que decidiria, como fazem hoje os tribunais de divórcio, se ele tinha motivos justos para anular seu contrato. Um certo número de transferências, dentro do período estabelecido de sete anos, poderia ser necessário

ao bom funcionamento do *household* e não seria prejudicial à sua estabilidade como unidade, desde que fosse mantido um núcleo. (De fato, a entrada, de vez em quando, de pessoas novas poderia trazer mudanças revitalizantes.) Contudo, a unidade, em função de um melhor rendimento, poderia ter que estabelecer um teto de transferências, relativo ao número de entradas e saídas, para evitar o esgotamento, o crescimento excessivo e/ou os atritos.

Afazeres. No que tange aos serviços domésticos, este grupo (provavelmente cerca de quinze pessoas), de tamanho maior que a família padrão, seria mais prático. Seriam eliminados o desgaste e a repetição que caracterizam os afazeres domésticos na unidade-a-dois da família nuclear, p.ex., fazer compras e cozinhar para uma família pequena, sem a perda de intimidade que ocorre na experiência com comunidades maiores. Provisoriamente, qualquer serviço doméstico teria que ser feito em rodízio; a cibernetização porém, finalmente, automatizaria quase todos os afazeres domésticos.

Planejamento da Cidade. O planejamento da cidade, a arquitetura, a mobília, todos seriam alterados de modo a refletir a nova estrutura social. A tendência para as moradias feitas-em-série provavelmente continuaria, mas a habitação teria que ser desenhada e até construída (talvez com elementos pré-fabricados) por pessoas que morassem nelas, de modo a atender às suas próprias necessidades e gostos. A privacidade poderia ser construída no interior: ou através de cômodos privados em cada *household*, ou através de “retiros” dentro da cidade, a serem compartilhados por pessoas de vários *households*, ou ambos. O conjunto todo poderia ter o tamanho de uma cidade pequena, ou de um *campus* extenso. Talvez um *campus* seja a melhor imagem. Poderíamos ter pequenas unidades de habitações autogestantes — as partes pré-fabricadas podendo ser montadas ou desmontadas fácil e rapidamente de modo a atender às necessidades do contrato limitado — bem como edifícios centrais permanentes que atendessem às necessidades da comunidade como um todo, i.e., talvez o equivalente de uma “união

de estudantes” pela socialização, e restaurantes, uma grande agência de computadores, um centro moderno de comunicações, uma livraria e um centro de cinema computalizados, “centros de instrução” dedicados a vários interesses específicos, e tudo o mais que pudesse ser necessário numa comunidade cibernética.

A Economia. O fim da estrutura familiar exigiria o surgimento de mudanças simultâneas na economia. Não só a reprodução, mas também a produção seria qualitativamente diferente. Assim como tivemos que purificar as relações com as crianças de todas as considerações externas, teremos inicialmente que ter, para obter pleno êxito em nossos objetivos, o socialismo de um estado industrial cibernético, visando não só à redistribuição eqüitativa do trabalho pesado, como também eliminá-lo, enfim, completamente. Com o desenvolvimento posterior e o uso inteligente das máquinas, as pessoas poderão ser libertas do trabalho pesado, sendo o “trabalho” desvinculado dos salários e redefinido. Então tanto os adultos quanto as crianças poderiam entregar-se a um “divertimento” sério tanto quanto quisessem.

No período de transição, enquanto ainda tivermos uma economia baseada no dinheiro, as pessoas deverão receber uma renda anual garantida pelo estado para cuidar das necessidades físicas básicas. Esses rendimentos, distribuídos eqüitativamente entre homens, mulheres e crianças, independente da idade, função, prestígio e nascimento, por si só uniformizariam, de uma só vez, o sistema de classes econômicas.

Atividade. O que as pessoas fariam dentro dessa utopia? Acho que isso não será um problema. Se tivermos realmente eliminado todos os trabalhos enfadonhos, as pessoas terão tempo e energia para desenvolver interesses sadios. O que hoje só acontece dentro de uma elite, a busca de interesses específicos por si mesmos, provavelmente se tornaria a norma.

No que tange às nossas instituições educacionais: a inadequação do sistema de escolas públicas praticamente garantirá a sua destruição num futuro próximo. Talvez pudéssemos substituí-lo por “centros de instrução” não

obrigatória, que combinariam as funções atuais das instituições educacionais de nível mais baixo, ou seja, o ensino de habilidades rudimentares, com as das de nível mais alto, a ampliação do conhecimento, e que incluiriam pessoas de qualquer idade ou nível, crianças e adultos.

Sim, e as habilidades básicas? Como, por exemplo, uma criança sem nenhum treino continuado formal poderia ser admitida num currículo superior como a arquitetura? Mas, a aprendizagem tradicional a partir de livros, a memorização de fatos, que constitui a parte mais substancial do currículo de nossas escolas elementares, seriam alteradas radicalmente sob o impacto da cibernetização — o que constituiria uma diferença qualitativa, uma mudança no aparato cultural ao menos tão significativa quanto foi a imprensa, e até tão importante quanto o alfabeto. McLuhan chamou a atenção para o início de uma inversão caracterizada pelo uso de meios visuais, em lugar de meios literários no processo de absorção de conhecimentos. Podemos esperar o aumento dessa e de outras consequências no desenvolvimento dos *media* modernos visando a rápida transmissão de informação. E até a *quantidade* necessária de conhecimentos automatizados tanto para as crianças quanto para os adultos será imensamente reduzida, já que deveremos dispor de agências de computadores de fácil acesso. Afinal, para que armazenar fatos na cabeça, se as agências de computadores poderão fornecer informações mais sutis e mais amplas instantaneamente? (Hoje em dia as crianças já se perguntam porque devem aprender tabuadas de multiplicação, em vez de aprenderem a operar uma máquina de somar.) Qualquer armazenamento mental de fatos ainda necessário poderá ser prontamente realizado por novos meios mecânicos, máquinas de ensinar, discos e fitas magnéticas, e assim por diante, os quais, quando se tornarem facilmente acessíveis, permitirão a extinção do ensino obrigatório de habilidades básicas. Como estudantes estrangeiros em busca de uma profissão especializada, a criança pode aprender, nas horas vagas, qualquer “língua” básica necessária, através desses métodos suplementares de máquinas. Mas é mais provável que as habilidades e os conhecimentos

fundamentais necessários sejam os mesmos para os adultos e para as crianças: a habilidade de operar máquinas novas. Programar especializações pode se tornar uma coisa universalmente requerida, mas em vez de ser feito através de anos de escolarização, isso teria que ser aprendido (rapidamente) somente em conjunção com as exigências de dominar uma disciplina específica.

No que tange à “indecisão profissional”: hoje, as pessoas cujo *hobby* inicial da infância sobreviveu intacto até tornar-se sua “profissão” adulta, lhe dirão, na maioria das vezes, que desenvolveram seu interesse nisso antes dos nove anos.¹⁴ Enquanto ainda houvesse especializações profissionais, elas poderiam ser trocadas com a mesma frequência com que os adultos trocam títulos ou profissões hoje em dia. Mas se a escolha profissional não se apoiasse em motivos sobrepostos, e sim em motivos baseados exclusivamente no interesse pela própria matéria, provavelmente haveria muito menos mudanças no-meio-do-caminho. A incapacidade de desenvolver interesses sólidos é hoje na maioria das vezes o resultado da corrupção da cultura e de suas instituições.

Assim, nossa concepção de trabalho e de educação estaria mais próxima do aprendizado direto de uma disciplina, característico da Idade Média, do qual participavam pessoas de todas as idades e em todos os níveis. Como nas universidades de hoje, a dinâmica interna das várias disciplinas criaria sua própria organização social, fornecendo os meios de contatar com outras pessoas de interesses iguais, e de partilhar das atividades intelectuais e estéticas acessíveis então só a uns poucos escolhidos, a *intelligentsia*. O tipo de meio-ambiente social hoje só encontrado nos melhores departamentos das melhores universidades poderia tornar-se o estilo de vida das massas, que estariam livres para desenvolver seu potencial desde o início. Enquanto que hoje só os felizardos ou os perseverantes chegam (geralmente só aparentam) a “fazer suas

14. Se hoje fosse dada às crianças uma idéia realista das profissões disponíveis — não exatamente bombeiro/enfermeira — elas poderiam chegar a um interesse especial até mais cedo.

coisas”, então todos teriam a oportunidade de desenvolver seu potencial ao máximo.

Ou de não desenvolvê-lo, se assim o quisessem — mas isso seria pouco provável, já que toda criança desde o início mostra curiosidade pelas pessoas, pelas coisas, pelo mundo em geral e pelo que o faz girar. É somente porque a realidade desagradável *atrofia* a sua curiosidade que a criança aprende a reduzir seus interesses, tornando-se então o afável adulto médio. Mas, se pudéssemos remover esses obstáculos, então todas as pessoas se desenvolveriam tão completamente quanto só as classes mais ricas e uns poucos “gênios” isolados foram capazes de se desenvolver. Cada pessoa contribuiria para a sociedade como um todo, não em função de salários ou outros incentivos de prestígio e poder, mas porque o trabalho que ela escolheu fazer lhe interessa em si mesmo, e também, mas talvez só incidentalmente, porque esse trabalho tenha um valor social para outros (tão saudavelmente egoísta quanto só a arte o é hoje). O trabalho que só tivesse um valor social e não um valor pessoal teria sido eliminado pela máquina.

* * *

Assim, no amplo contexto de um socialismo cibernético, o estabelecimento do *household* como a alternativa para a família, no plano da reprodução das crianças, combinado com todos os estilos de vida imagináveis para aqueles que decidam viver sós ou em unidades não-reprodutoras, resolveria todos os dilemas básicos que hoje se originam da família, impedindo a felicidade humana. Examinemos nossas quatro exigências mínimas para ver como nossa construção imaginária aconteceria.

1) *A libertação das mulheres da tirania de sua biologia, através de todos os meios disponíveis, e a distribuição do papel de nutrição e educação das crianças entre a sociedade como um todo, tanto entre os homens, quanto entre as mulheres.* Isto foi corrigido. A nutrição das crianças poderia ser assumida pela tecnologia, e se isso se mostrasse excessivamente contra a nossa tradição pas-

sada, e a nossa estrutura psíquica (o que certamente ocorreria de início), então teriam que ser desenvolvidos incentivos e compensações adequados — outros que não as gratificações do ego em possuir um filho — para recompensar as mulheres por sua contribuição social específica: a gravidez e o parto. A maior parte da *educação das crianças*, como vimos, tem a ver com a manutenção de relações de poder, a internalização forçada das tradições familiares, e muitos outros interesses do ego que lutam contra a felicidade da criança. Esse processo repressivo de socialização seria desnecessário numa sociedade na qual os interesses do indivíduo coincidissem com os da sociedade em geral. Qualquer responsabilidade restante pela educação das crianças seria espalhada de modo a incluir igualmente tanto os homens e as outras crianças, quanto as mulheres. Além disso, os novos métodos de comunicação imediata diminuiriam os nexos de dependência da criança até com essa unidade primária igualitária.

2) *A independência econômica e a autodeterminação de todos*. Sob o socialismo, ainda que numa economia de mercado, o trabalho estaria dissociado dos salários, a propriedade dos meios de produção estaria nas mãos de todos, e as riquezas seriam distribuídas com base nas necessidades, independentemente do valor social da contribuição do indivíduo para a sociedade. Visariamos eliminar a dependência das mulheres e das crianças do trabalho dos homens, assim como todos os outros tipos de exploração do trabalho. Cada pessoa poderia escolher seu estilo de vida à vontade, mudando-o de modo a satisfazer seus gostos, sem com isso incomodar seriamente qualquer outra pessoa. Ninguém estaria preso a nenhuma estrutura social contra a vontade, já que cada pessoa seria totalmente independente, logo que fosse fisicamente capaz.

3) *A total integração das mulheres e das crianças na sociedade em geral*. Isto foi cumprido. O conceito de infância foi abolido, tendo as crianças plenos direitos legais, sexuais e econômicos, e não sendo suas atividades educacionais e de trabalho diferentes das dos adultos.

Durante os poucos anos de sua infância, substituímos a “paternidade” genética psicologicamente destrutiva de um ou dois adultos arbitrários pela difusão da *responsabilidade* pela saúde física entre um número maior de pessoas. A criança ainda continuará estabelecendo relações de amor íntimas, mas em vez de fortalecer laços estreitos com uma “mãe” e um “pai” legais ela poderá criar *essos* laços com pessoas de sua própria escolha, de qualquer idade ou sexo. Assim, todas as relações entre adultos e crianças serão escolhidas mutuamente — relações sem desníveis, íntimas e livres de dependências materiais. Analogamente, embora haja menos crianças, elas não serão monopolizadas, e sim participarão livremente de toda a sociedade, em benefício de todos, satisfazendo assim o desejo legítimo de estar junto com os jovens, em geral chamado de “instinto” reprodutor.

4) *Liberdade sexual, amor, etc.* Por enquanto não falamos muito sobre o amor, nem sobre a liberdade sexual, porque não há razão para isso ser um problema: não haverá nada os impedindo. Com uma licença total, as relações humanas finalmente seriam redefinidas para melhor. Se uma criança não conhece a própria mãe, ou pelo menos não atribui a ela um valor especial em relação às outras pessoas, é pouco provável que ela a escolha como seu primeiro objeto de amor apenas para depois ter que desenvolver inibições em relação a esse amor. É possível que a criança estabeleça suas primeiras relações físicas íntimas com pessoas de seu próprio tamanho, por mera conveniência física, exatamente como os homens e as mulheres podem preferir um ao outro em vez de pessoas do mesmo sexo, por mera conveniência física. Mas, se ao contrário ela escolhesse se relacionar sexualmente com os adultos, mesmo que isso se desse com a sua própria mãe genética, não haveria razões *a priori* para ela rejeitar seus avanços sexuais, uma vez que o tabu do incesto teria perdido valor. O *household*, forma social transitória, não estaria sujeito aos perigos da endogamia.

Assim, sem o tabu do incesto, os adultos poderiam voltar, dentro de poucas gerações, a uma sexualidade

mais natural “polimorfamente perversa”, a concentração na sexualidade genital e no prazer orgásmico dando lugar a relações físicas/emocionais totais que os *incluíssem*. As relações com as crianças incluiriam o grau de sexualidade genital que as crianças fossem capazes de ter — provavelmente bem mais do que nós imaginamos hoje — mas pelo fato de a sexualidade não ser mais o foco dos relacionamentos, a ausência de orgasmo não constituiria um problema sério. Os tabus referentes à sexualidade entre adultos/crianças e à homossexualidade desapareceriam, tanto quanto as amizades não-sexuais (o amor “inibido quanto ao alvo”, de Freud). Todas as relações íntimas incluiriam o relacionamento físico, desaparecendo de nossa estrutura psíquica o conceito de relações físicas exclusivas (monogamia), bem como a imagem de um Parceiro Ideal. Mas permanecem em conjuntura o tempo que levaria para essas mudanças acontecerem e as formas que elas tomariam. Os casos específicos não nos interessam aqui. Necessitamos apenas estabelecer as precondições para uma sexualidade livre. As formas que ela assumirá representariam seguramente um progresso dentro do que temos agora, “natural” no seu sentido mais autêntico.

Na fase de transição, a sexualidade genital adulta e a exclusividade dos casais poderão ter que ser mantidas dentro do *household*, para que a unidade possa funcionar tranqüilamente, com um mínimo da tensão interna gerada pelos atritos sexuais. É irreal querer impor teorias sobre o que se *deveria* passar numa psique já fundamentalmente organizada em torno de necessidades emocionais específicas. E é por isso que as tentativas individuais para eliminar a possessividade sexual são hoje sempre inautênticas. Faríamos muito melhor em nos concentrar na mudança das estruturas sociais que produziram essa organização física, o que permitiria finalmente — senão na nossa época — a reestruturação (ou devo dizer desestruturação) fundamental de nossa psicosssexualidade.

Acima, redigi apenas um plano muito grosseiro, com vista a tornar mais clara a direção geral de uma revolução feminista. A produção e a reprodução das espécies

seriam simultaneamente reorganizadas de um modo não-repressivo. O parentesco das crianças com uma unidade que se dispersaria ou se recomporia tão cedo as crianças fossem fisicamente capazes de ser independentes, e que seria destinada a atender às necessidades imediatas, em vez de transmitir poderes e privilégios (a base do patriarcado é a herança da propriedade adquirida através do trabalho), eliminaria a psicologia do poder, a repressão sexual e a sublimação cultural. O chauvinismo da família, o privilégio de classe baseado no nascimento, seria eliminado. Os laços de parentesco da mãe para com o filho seriam finalmente rompidos — se de fato existe uma inveja do parto “criativo” no homem, breve teremos meios de criar a vida independentemente do sexo — de modo a que a gravidez, hoje abertamente reconhecida como deselegante, ineficiente e dolorosa, seria considerada apenas um arcaísmo fútil, exatamente como as mulheres hoje vestem o branco virginal em suas núpcias. Um socialismo cibernético eliminaria as classes econômicas, e todas as formas de exploração do trabalho, pela concessão a todas as pessoas de uma subsistência baseada apenas em necessidades materiais. Finalmente, os trabalhos pesados (empregos) seriam eliminados em favor da diversão (complexa), atividade feita por seu próprio valor, tanto para os adultos, quanto para as crianças.

A revolta contra a família poderia acarretar a primeira revolução bem sucedida, ou o que era tido pelos antigos como a Idade Messiânica. A dupla maldição lançada contra a humanidade quando ela comeu a Maçã do Conhecimento (o conhecimento crescente das leis do meio-ambiente indo gerar a civilização repressiva), de que o homem teria que trabalhar com o suor do seu rosto para viver, e de que a mulher suportaria dores e o trabalho do parto pode ser agora desfeita, mediante as realizações do homem no trabalho. Agora temos conhecimento para criar de novo um Paraíso na Terra. A alternativa para isso é o nosso próprio suicídio através desse conhecimento, a criação de um Inferno na Terra, seguido do perdão.